

VALENTINA



No limite do desejo

Para ir
além de
50 tons
de cinza

EVIE BLAKE



Valentina

No limite do desejo

Evie Blake

Sobre este Livro



Uma história apaixonante, cheia de sensualidade e erotismo

2012. Valentina Rosselli foi convidada a expor suas fotos eróticas em Londres. A proposta é irrecusável: além da oportunidade profissional, ela terá a chance de reencontrar seu grande amor, que vive na capital inglesa. Ao chegar à cidade, no entanto, a fotógrafa descobre que Théo está envolvido com outra mulher.

1948. Maria deixa a Itália para estudar balé contemporâneo em Londres e, pela primeira vez, se apaixona perdidamente. Acompanhando o namorado, ela percorre a Paris do pós-guerra, onde seus mais íntimos desejos afloram, e descobre que o amor pode superar limites com que jamais sonhou.

Enquanto tenta reconquistar seu amor, Valentina desvenda a história de Maria, revelando conexões que a levam a resgatar suas origens e questionar seus princípios. Deve fazer concessões em nome da paixão? Será que tem coragem o suficiente para romper as fronteiras de seus desejos?

Sobre a Autora



Evie Blake é o pseudônimo da escritora e roteirista britânica Noëlle Harrison. Nascida em Londres, ela atualmente vive em Bergen, na Noruega. Autora de uma série de peças de teatro, estreou na literatura com o romance Beatrice, de 2004. Escreveu também os romances A Small part of me (2005), I Remember (2008) e The Adulteress (2009), além da novela The Secret loves of Julia Caesar (2012). Seus livros estão publicados no Reino Unido e também na Alemanha, Holanda, Hungria e Itália.

Título original em inglês: *Valentina on the edge*
Copyright © Noelle Harrison 2013
Inspirado na personagem Valentina de Guido Crepax
Ilustrações Guido Crepax, Crepax Estate.
Todos os direitos reservados

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL
RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121

São Paulo, SP

<http://www.europamet.com.br>

ISBN 978-85-7960-194-1

Editor e Publisher Aydano Roriz

Diretor Executivo Luiz Siqueira

Diretor Editorial Mário Fittipaldi

Tradução Melina dos Santos Revuelta

Revisão Patrícia Zagni

Edição de Arte Jeff Silva

Foto da capa ©Maria Pavlova, iStockphoto

Sumário

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Próximo Episódio](#)

[Agradecimentos](#)

"Em meus sonhos, eu danço."
Louise Brooks

Para S.L.

MARIA
1955

NA NOITE PASSADA, ela voltou a sonhar com Paris. Caminhava pelas vielas de Saint-Germain-des-Prés ao anoitecer, na época em que costumavam sair para jogar; a cidade ainda bruta, ainda sob a tensão da recente libertação. Procurava por ele. Em meio à luz cada vez mais escassa, sombras cor de malva transmutavam o caminho, induzindo-a em direção a uma pista falsa. Ela descia as ruas correndo, escorregando nas pedras do asfalto, desesperada pela necessidade de encontrá-lo.

Procurou por ele no *Le Flore*, mas o café estava praticamente vazio. Apenas Monsieur Boubal estava atrás do balcão, secando taças com um guardanapo de seda, vigiando-a friamente.

“Você não pertence mais a esse lugar”, foi o que ela leu em seu olhar altivo.

Procurou por ele em todas as boates: a violência do jazz acelerando as batidas de seu coração cada vez que se espremia em meio à multidão de jovens parisienses e americanos; os meninos com barba por fazer e as garotas com cabelão liso e franja sem corte. Todos a encaravam com indiferença.

“O que é que você está fazendo aqui?”

Ela sabia no que eles estavam pensando.

“Você não faz mais parte do nosso grupo.”

De volta às ruas escuras, ela corria, corria. Viu o mosteiro surgir ao dobrar uma esquina e, em seguida, chegou ao hotel onde ficavam. Rendeu-se. Será que o encontraria lá? Correu pelo lobby, ignorando Madame Paget e seu olhar repleto de ressentimento.

“Saia”, ela imaginou-a dizendo. “Você não é uma de nós.”

Subiu e subiu naquele elevador vacilante que mais parecia uma gaiola. Como poderia esquecê-lo? Pelo corredor escuro, apressada, ela desceu. Deparou-se com a porta do quarto deles aberta, o coração vindo à boca, mas o cômodo estava vazio. Devastada, ela entrou: os lençóis emaranhados, os três gerânios mortos na garrafa de vinho vazia sobre o umbral da janela, a caixa vazia no chão e, repousando sobre a cadeira, como se estivesse esperando por ela, a máquina fotográfica dele. E, no entanto, ele não estava lá. Ela entrou no quarto e recolheu

a câmera, embalando-a em seus braços. “Ele vai voltar. Ele tem quê.” Sentou-se na cadeira, sem forças, e sua memória voltou na forma de imagens sucessivas, piscando, projetadas acima da cabeceira da cama, como em um dos filmes que fizeram. Ela vê seus seios, seus mamilos sendo acariciados pelas mãos dele; vê seus lábios se tocando e o corpo dele sobre o seu, dentro de si. Tudo parece distante e ligeiramente fora de foco, porém as imagens dilaceraram seu coração como se fossem lâminas de faca. Tinha entregado cada parte de si ao amor.

Tinha sido possuída por esse sentimento. Como poderia viver sem ele?

Maria acordou pegando fogo, com a boca seca e o corpo banhado em suor. Ela fremia de desejo. Sentia uma dor profunda no ventre. Alcançou-o com as mãos, que foram descendo até o meio das pernas. Quis se masturbar. Não! Arrancou os lençóis com veemência e deitou-se de costas, deixando a atmosfera daquele quarto acalmá-la até que seu coração batesse mais devagar e ela voltasse a si — dentro de um corpo que tinha quase esquecido o lado negro da paixão.

Cuidadosamente, ela deixou a cama. O chão gelado sob seus pés quentes a trouxe de volta à realidade. Tropeçou na saída do quarto, em direção ao hall. O silêncio pairava no apartamento, não se ouvia barulho vindo das ruas. Milão ainda não tinha acordado. Olhou para a cruz pendurada sobre a mesa do hall. Ela fechou os olhos com força, juntou bem as mãos e rezou para Jesus, seu zeloso salvador, pedindo que trouxesse paz para ela. Ainda assim, Ele não podia consolá-la. Em noites como essa, só uma coisa era capaz de reconfortá-la.

Ela abriu a porta do quarto de sua filha e entrou na ponta dos pés. Uma lâmpada incandescia no canto da parede, pois a menina tinha medo do escuro. O quarto era um santuário dourado. Prateleiras repletas de livros e bonecas, fotos de fadas e mágicos decorando a parede; o sonho de conto de fadas de uma menina de seis anos de idade. Ela se sentou na cadeira perto de sua filha e a contemplou. Sentiu uma pontada de culpa por perturbá-la quando tirou-lhe o cabelo da testa e abaixou-se para beijá-la. Os olhos da menina se entreabriram e vislumbraram a mãe, confusa e sonolenta. Maria deitou-se na cama de Tina e segurou-a nos braços. Puxou sua filha para tão perto de si que é como se o coração das duas batesse como um só. A menina choramingou. Estava cansada, irritadiça por estar sendo acordada. Maria cochichou na conchinha de sua orelha.

Contou histórias sobre um grande amor. Mas não era a história de Maria. Ela narrou o conto de sua própria mãe: Belle e Santos, um amor nascido na majestosa cidade de Veneza, um casal desgraçado, destinado a não ser. A história fez a pequena chorar e, ainda assim, era uma história em que se acreditar — a de que um dia seu príncipe virá. Maria apertou Tina ainda mais. Era melhor encher a cabeça dela com bobagens em vez de contar a verdade sobre o amor e sobre

como ele podia subverter a alma de uma garota e levá-la a um lugar de libertação que era aterrorizante. Após experimentar esse tipo de amor, tal entrega e êxtase, era difícil voltar a se contentar com qualquer coisa que fosse inferior àquilo.

Mas, e se o homem que você amasse não pudesse nunca ser seu? Nesse caso, você viveria em uma prisão pelo restante da vida.

Por mais que ela conte histórias de princesas para sua filha, Maria sabe que não ajuda. À medida que a garota envelhece, ela vê. Cada vez que olha dentro dos olhos resolutos de Tina, percebe o mesmo fogo do espírito que queima dentro de si e de sua mãe. E vê além, pois reconhece o pai da menina — um eco dele — nos traços de seu rosto. E, quando o vê, ela tem medo.

VALENTINA
2012

VALENTINA ESTÁ DEITADA de bruços, virando a página de seu livro. Ela sente o cheiro reconfortante do papel quando relê o parágrafo. Anaïs Nin descreve uma dançarina brasileira que pinta seu sexo com batom. A mulher está rodeada por admiradores e nenhum deles pode tocá-la, apenas observar. A imagem penetra na imaginação criativa de Valentina. Anaïs Nin se empolga na descrição dos sedutores lábios vaginais da dançarina, pintados de vermelho como uma flor tropical em esplendor, e Valentina não consegue deixar de se impressionar. Começa a se contorcer em cima do cobertor, cruzando as pernas com força, mas ainda assim se sente esquentar. Tem um desejo quase irresistível de se pintar.

Ouve um ruído de papel quando seu parceiro vira a página de seu livro. Então se vira para olhar para ele, debruçando-se sobre a cama.

— O que você está lendo? — ela pergunta.

— Edgar Allan Poe — Leonardo responde, piscando para ela por trás de seus óculos. — “Os Assassinatos na Rua Morgue”.

— Ah, já li — diz Valentina, lembrando que esse era um dos favoritos de Théo. — Dizem que foi o primeiro romance policial, não é isso?

Leonardo concordou, levantando a cabeça.

— Como está indo com Anaïs Nin?

— Quente.

Ele balança a cabeça, com os olhos levemente entretidos.

— Só isso?

Ela vê que ele está olhando seu corpo, contemplando seu bumbum. Leonardo já disse mil vezes que ela tem a bunda perfeita para uma submissa: redonda, mas firme, volumosa e ideal para levar umas palmadas. Ela sabe que ele está tentando provocá-la, mas a verdade é que ela aprendeu a adorar os jogos que fazem juntos. Isso a ajuda a esquecer-se de Théo.

Faz apenas cinco meses que Théo e Valentina estiveram juntos em Veneza; apenas cinco meses após aquele encontro apaixonado. No entanto, no dia seguinte, tudo ruiu. Lembra-se do quão perto ela esteve de se entregar totalmente a ele, de admitir que o amava. Théo tinha passado meses mostrando que a amava, que a aceitava como ela era e que não queria que ela mudasse nunca.

Claro, ele precisava que ela desse algo em troca, era o justo. Ainda assim, algo a impediu de dizer que o amava. Até agora, ela não entende por quê. Esse momento de hesitação foi o suficiente para destruir a vida dos dois juntos. Porque, apesar da insistência dela em não querer sequer ser chamada de sua namorada, eles *tinham* compartilhado uma vida em Milão. Até Théo ir embora, ela não tinha percebido o quanto ele fazia parte dela.

Quando ele terminou a relação, em Veneza, Valentina decidiu que iria reconquistá-lo. Só que, quando ela voltou para Milão, ele já tinha partido. Como conseguiu? Fez as malas e foi embora em menos de vinte e quatro horas, deixando as chaves do apartamento em um envelope branco selado na sua caixa de correio. Não deixou uma linha sequer escrita. Teria ele voltado para os Estados Unidos? Tudo o que ela sabia era que os pais dele moravam no Brooklyn, em Nova York. Não tinha nenhum endereço ou telefone.

Evidentemente, Leonardo sabia onde Théo estava. Eram amigos de longa data. Para surpresa de Valentina, ele contou que Théo tinha, de fato, deixado a Itália. Porém, em vez de voltar para sua terra natal, Nova York, ele estaria morando e trabalhando em Londres. Primeiro, ela ficou furiosa. Théo não deu nenhuma chance para que ela o reconquistasse. Tinha desistido no final. Ele disse que a amava, mas como foi capaz de fazer o que fez? Será que não poderia ter tentado mais um pouco, então? Porém, lá no fundo, Valentina sabia que Théo tentara de tudo, menos implorar. Ele tinha seu orgulho, afinal. Certamente, é por isso que ela se sentiu atraída por ele no início: autoconfiança e força. Ele nunca iria apelar para ela.

Durante aquelas primeiras semanas miseráveis, Leonardo disse para ela ir atrás de Théo. “Você o ama; ele te ama. Vocês estão esperando o quê?”, questionou.

No entanto, Valentina estava inflexível: “Não, vai acabar mal. Deixa assim. Nunca daria certo. Ainda que tentássemos por um tempo, pra quê? Nenhum relacionamento pode durar pra sempre”, continuou explicando para Leonardo. Sabia que estava ecoando as palavras de sua mãe. Ela que tanto quis não ser como ela, mais parecia uma cópia: uma mulher incapaz de se comprometer com qualquer homem.

— Você realmente acredita nisso, Valentina? — Leonardo perguntou.

— Claro! Você não?

Leonardo olhou para ela, pensativo.

— Sou como você, Valentina. Somos iguais. Amigos com privilégios.

É assim que Valentina e Leonardo se chamavam. Nenhum laço entre eles. Para começar, Leonardo tem Raquel — sua namorada glamourosa com corpo de violão, que já tinha convidado Valentina para um *ménage à trois* com eles em

diversas ocasiões. Valentina não se excita com a ideia. Apesar de Raquel e Leonardo terem um relacionamento aberto, não consegue deixar de pensar que um pertence ao outro, por assim dizer. Ela pensa em um triângulo diferente: ela, outra mulher sem nenhuma ligação — como a nova amiga, a dançarina Célia — e Leonardo. Os três significam a mesma coisa uns para os outros. Sem laços. Essa transa já estava prometida havia muito, mas Célia estava em turnê pelos Estados Unidos e levaria algumas semanas para voltar.

Leonardo faz círculos em forma de caracol com a ponta dos dedos no ventre de Valentina e vai descendo. Ela segura a mão dele e o encara.

— Não — diz com firmeza.

— Tem certeza? — ele pergunta.

Ela beija seus lábios delicadamente.

— Você é um amigo tão atencioso, mas não. Já deveria ter me levantado.

— Por quê? Hoje é domingo.

Ele tem razão, mas ela não consegue mais ficar na cama. Domingo era o dia em que ela e Théo ficavam vadiando o dia todo — transando muito, saindo apenas para comer e beber, e voltando para baixo das cobertas. Ela sabe que Leonardo precisa ir embora logo. Ele é esperado em casa; a família de Raquel vem passar o dia com eles. Ela não suporta a ideia de ficar sozinha na cama o dia todo, lendo Anaïs Nin e se sentindo mais e mais frustrada.

— Você vai ao clube amanhã? — ele pergunta.

Valentina tem passado cada vez mais tempo no esconderijo noturno de Leonardo — o exclusivo clube de sadomasoquismo que ele dirige em Milão, frequentado apenas por sócios. Ela vai lá, sobretudo, por razões profissionais: desenvolver composições fotográficas eróticas com alguns dos membros que assim consentirem. De vez em quando, nas noites em que ela mais sente falta de Théo, a culpa e a raiva a levam a tentar bloquear seus sentimentos por ele e a divertir-se com jogos S&M. Mas ela só jogava com Leonardo e mais ninguém. Ele era o único em quem confiava.

Leonardo senta na ponta da cama e calça as meias. Ela olha para a nuca dele; o cabelo escuro e encaracolado está tão comprido que quase chega aos ombros.

— Você precisa cortar o cabelo — diz ela, tocando a nuca dele com o dedo.

— Raquel gosta dele comprido.

— Bom, graças a ela, você está parecendo um daqueles gigolôs sujos!

Leonardo se vira rapidamente e, com um movimento certo, a imobiliza na cama.

— Você está me chamando de repugnante, *Signorina* Valentina? — ele começa a fazer cócegas embaixo dos seus braços.

— Não, não... Como poderia dizer isso... — ela segura o riso, olhos

arregalados simulando inocência — você é o cara mais gostoso de Milão.

Leonardo se apoia sobre os calcanhares e, por um segundo, Valentina vê um lampejo de desapontamento em seus olhos.

— Só de Milão? Não do mundo todo? — ele desafia.

Ela balança a cabeça. E se olham em silêncio. Por um momento, ela se pergunta se estariam fazendo a coisa certa, sendo tão amigos e transando.

— Então — Leonardo tenta outra vez. — Você vem?

— Amanhã? Com certeza. Antonella quer vir comigo.

Leonardo resmunga.

— Meu Deus, ela é uma maníaca.

— Sim, parece que descobriu seu lado dominatrix — Valentina provoca.

Leonardo está na porta, vestindo seu paletó. De repente, ela é tomada por uma necessidade de não o deixar partir. Ela não quer ficar sozinha o dia todo. Não de novo.

— Você gostaria de tomar café antes de ir? — diz, vestindo seu quimono e indo em direção a ele.

— Desculpe, querida; tenho que ir.

— Tem certeza? Posso preparar um *espresso* rapidinho.

Leonardo dá um passo adiante e a abraça rapidamente.

— Não posso. Raquel está me esperando.

Após ele ter ido, Valentina vaga pelos corredores de seu apartamento. Às vezes, pensa em deixar esse lugar. Ela passou a vida toda lá. Pertencia à sua mãe. Quando ela se mudou para os Estados Unidos, disse para Valentina que ela podia ficar com ele — até mesmo vendê-lo. Ela sabe que vale uma fortuna. Poderia comprar um lugar incrível em outro lugar, em outro país. Não era *obrigada* a morar em Milão. Ela é fotógrafa, poderia trabalhar em qualquer lugar do mundo. Ainda assim, as memórias que a perseguem também a sustentam e, às vezes, ela imagina que ainda consegue ouvir Théo em seu estúdio, digitando em seu computador, com acordes de um denso concerto para violoncelo suspensos no hall.

Valentina para na frente da porta do estúdio e abre-a lentamente. Passa pela soleira e observa as paredes descobertas, os vãos nas estantes de onde Théo retirou seus livros, uma escrivaninha vazia.

Ela sente doer o coração, mas cerra os dentes e entra no cômodo. Não vai chorar. Tem de esquecer Théo, seguir adiante. Ela é uma pessoa de espírito livre e Théo queria comprometimento. Mas, apesar das suas necessidades, ele a compreendeu. E fez tudo o que pôde para mostrar isso a ela. Ela anda pelo estúdio, sente o chão de mármore gelado sob os pés descalços. Aproxima-se

escrivaninha, senta-se de frente à ela, levanta as pernas e gira vagarosamente. O perfume dele ainda está no ar: aquele cheiro penetrante, seco e revigorante de Bulgari que trava a garganta e ainda a deixa excitada. Valentina fecha os olhos e vai parando de girar. Coloca a sola dos pés de volta no chão e afasta as pernas. Primeiro, ela se imagina como a dançarina de Anaïs Nin, se pintando e se exibindo para seus admiradores. Então, aos poucos, os olhares vão se dissipando até restar apenas um homem olhando para ela: Théo. Ela escorrega o dedo para dentro de si.

“Théo”, ela sussurra. Aqui, na intimidade do estúdio dele, ela pode dizer o seu nome. Nessas horas ela se vê pegando um avião para Londres para reconquistar seu homem. Usa a ponta dos dedos em movimentos circulares, cada vez mais intensos, imaginando que é Théo que a toca. Nunca esqueceu o toque dele. Ela se contorce na cadeira e chama por ele.

“Volta. Por favor, volta”, geme enquanto se inclina para a frente, gozando. Em uma fração de segundo, vai da leveza para a desolação. Ela se ajeita na cadeira, abraçando os joelhos. Sabe o que é isso. É sofrimento — diferente da desilusão com Francesco porque era uma dor vingativa e perversa. Não, esse sentimento era diferente — como se ela tivesse deixado escorregar a coisa mais valiosa que já teve na vida. Está quebrado para sempre, irreparável.

Ela se senta totalmente reta, fecha os punhos com força e se levanta. Precisa se recompor e seguir em frente. Marcha para fora do estúdio, batendo a porta atrás de si, e vai para a cozinha preparar um chá. Tem que tirar Théo da sua cabeça. *Acabou*. Ele não ligou nem escreveu nesses cinco meses. Ela tem que reencontrar a Valentina que existia antes dele. Pensa em ligar para Antonella para um passeio atrás de pechinchas no Canal Navigli. Tem passado muito mais tempo com ela, já que Marco se mudou para Nova York e Gaby está esperando um bebê.

A gravidez de Gaby foi um choque para todos. Valentina nem sabia que sua antiga colega de escola tinha conhecido alguém depois de terminar com seu amante casado, Massimo. Estava tão empenhada em esquecer Théo — o que incluía muitas escapadas na boate de Leonardo — que, na noite em que conheceu o novo namorado de Gaby, Ângelo, eles já anunciaram que ela estava grávida. Era véspera de Natal e os amigos saíram juntos. Marco tinha sido o primeiro a se recuperar da novidade inesperada de Gaby.

— Brava, Gaby! — ele disse enquanto dava um tapinha nas costas de Ângelo. — É maravilhoso. Parabéns!

Valentina ficou paralisada. Primeiro, olhou para sua amiga, que estava radiante de alegria; depois, para Ângelo, não tão feliz, mas ainda assim com os braços em volta dos ombros dela, em sinal de proteção. Ela pensou que ele

deveria se sentir como que perante a inquisição: os amigos mais antigos de Gaby.

— *Mamma mia!*— Antonella gritou, articulando os pensamentos de Valentina.
— Vocês estão loucos? Acabaram de se conhecer.

Gaby disparou um olhar fatal para Antonella.

— Estamos juntos há dois meses. Além disso, pouco importa há quanto tempo estamos saindo — ela pegou a mão de Ângelo possessivamente. — Quando você sabe que ele é o cara, você simplesmente sabe. Não é isso, Valentina?

Por que ela estava perguntando isso? Gaby sabia da opinião de Valentina sobre bebês, casamento e tudo o mais.

Valentina tomou um gole de vinho e desviou o olhar de sua amiga. O que ela poderia dizer? Gaby estava a caminho do desastre. Ela sabia.

— Amigas, vocês já têm quase trinta anos. Esta é a hora de começarmos a pensar em ter filhos, sossegar... — Gaby começou.

— Você está falando sério? — Antonella se indignou. — Meu Deus, se um dia eu sossegar, *please*, me matem.

Marco sorriu meio amarelo, dando um tapinha na mão de Gaby, confortando-a. Ela ficou vermelha; o namorado dela, Ângelo, olhou para Antonella horrorizado. Mas Valentina poderia ter dito exatamente a mesma coisa que Antonella. Ela poderia ter dito a Gaby o que realmente pensava — que tudo terminaria em lágrimas. Como é que Gaby podia sequer pensar em ter um filho com um homem que ela conhecia havia tão pouco tempo? Será que ela tinha alguma ideia das dificuldades que estava prestes a enfrentar? Claro, Valentina nada disse. Ela amava Gaby. Tinha que se sentir feliz por ela.

Apesar disso, desde o anúncio, a amizade delas já não estava tão forte. Gaby ia a todos os lugares acompanhada de Ângelo. Valentina só esteve sozinha com ela uma vez recentemente, numa exposição sobre Matisse. Estar com sua antiga amiga de escola foi como um pesadelo: de cinco em cinco minutos, ela reclamava que estava com vontade de vomitar e dizia a Valentina que não imaginava que o enjoo de início de gravidez fosse tão terrível. Valentina sabia.

Mas é claro que ela não iria contar isso para Gaby. Há apenas uma pessoa no mundo que sabe que ela engravidou uma vez. E ela nunca mais vai vê-lo, certo? Foi por isso também que ficou puta com Gaby naquele dia. A amiga dela vivia trazendo a memória de Théo de volta — tentando fazer com que ela falasse sobre ele, dizendo para ela ligar para ele, alertando-a para não permitir que ele saísse da vida dela.

Na cozinha, Valentina prepara uma xícara de chá inglês antes de sentar à mesa. Não tem notícias de Gaby há algumas semanas. Poderia ligar para ela —

saber se está tudo bem. Deveria se importar com o fato de sua amiga estar grávida, mas não quer pensar nisso. Na verdade, se for honesta consigo mesma, tem é ódio de Gaby estar esperando um bebê. Ela irá perdê-la também, exatamente como perdeu Théo.

Valentina abre o laptop. Ela não lê seus e-mails há alguns dias. Gosta da ideia de não estar disponível o tempo todo. Às vezes, ela se imagina tendo coragem de atirar seu celular do alto do Duomo só para vê-lo se espatifar no chão da praça, mas sabe que isso seria um suicídio profissional. Tem uma quantidade considerável de e-mails, todos chatos em sua maioria, mas uma mensagem na caixa de entrada atrai sua atenção. Ela olha o assunto com interesse: “Exposição de Fotografia Erótica.”

Quando abre a mensagem, precisa ler duas vezes para entender. Ela está sendo convidada para fazer parte de uma exposição coletiva sobre fotografia erótica na Lexington Gallery, no Soho, em Londres, no final do mês que vem! Finalmente, toda a sua dedicação e perseverança estão valendo a pena. No inverno passado, nas semanas após o término com Théo, ela passou dias organizando portfólios e enviando-os para galerias em Londres. Fez isso porque sempre quis expor lá, porém, para ser honesta consigo mesma, também passou pela cabeça dela o fato de ser a mesma cidade em que Théo estava morando. Sem hesitar, Valentina pegou o telefone. Que se dane o jantar de família da Raquel, ela precisa falar com Leonardo. Agora.

— Leonardo, adivinha? Estou em uma exposição na Lexington Gallery, em Londres! — ela anuncia antes que seu amigo sequer tivesse tempo de atender ao telefone direito.

— Valentina, isso é ótimo, mas não posso falar agora — Leonardo soa excepcionalmente tenso.

— Ah, desculpe...

Valentina se sente um pouco magoada, não consegue evitar. Imagina Leonardo e sua voluptuosa esposa, Raquel, à mesa de jantar, com a família dela: o cheiro de comida caseira, muito vinho, conversas sobre jovens e velhos, crianças se escondendo sob a mesa, entre as pernas dos adultos. Uma cena da qual, em toda a sua vida, ela nunca participou.

— Eu te ligo mais tarde — ele diz com a voz mais animada. — Muito bem; de verdade, é uma ótima notícia.

Finalmente, está acontecendo na vida dela algo que possa desviá-la do sofrimento por Théo. Enfim, seu perfil como fotógrafa de arte, e não fotógrafa de moda, começa a deslancar. Isso a livra da sombra de sua mãe — Tina Rosselli era a fotógrafa de moda ícone de Milão nos anos sessenta e setenta —,

de comparações com sua mãe, agora que está num universo só dela. Talvez seja por isso que ela continue tirando aquelas fotos.

Seus episódios na boate de Leonardo fazem com que se sinta melhor. Ela não é ela mesma, disfarçada em algum traje com sua câmera. É uma estranha observando estranhos, tirando fotos deles enquanto revelam seu lado mais obscuro, seus desejos secretos, suas próprias sombras. A honestidade dessas cenas nunca deixa de mexer com ela. E esses são os únicos momentos em que consegue se esconder da sua dor. Então, continua clicando, consumida pela seguinte missão: fazer algo esteticamente transcendental, lindo e estimulante, tendo o sexo como tema.

Senta de volta na cadeira, o coração vai disparando. Em menos de um segundo, ela se decide. Rapidamente, responde ao e-mail, aceitando o convite.

Finalmente, ela poderá escapar de Milão por um tempo, assim como das memórias dela e de Théo, que assombram os cômodos do apartamento. Em Londres, ela poderá se reinventar. E, claro, a verdade é que Valentina sabe que não é só com a ideia da exposição que ela está empolgada. Agora, ela tem uma desculpa para ir a Londres, uma cidade enorme, com milhões de habitantes e, além de tudo, o novo lar de Théo. Em Londres, ela estará mais perto dele.

MARIA
1948

ESTÁ CHOVENDO NO dia em que Maria vai embora. Um aguaceiro intenso cai sobre elas, como só é possível em Veneza, enquanto caminham em direção ao ferry. A laguna transborda sobre a calçada, misturando-se com as poças formadas pela chuva. Ela tem os pés encharcados antes mesmo de partir.

A embarcação já está atracada. Maria segura a alça de sua maleta e sente o couro duro queimando a palma da mão. Respira de modo contido. Finalmente, está indo embora. Sua mãe coloca as mãos sobre os seus ombros, aperta-os e olha intensamente dentro de seus olhos. Está sem chapéu e usa o cabelo curto, como se fosse um capacete preto brilhoso.

— Nunca se esqueça de quem você é — diz para Maria.

Ela desvia do olhar de sua mãe. É tão intenso que assusta. Começa a sentir-se arrependida. Está segura em Veneza, então por que esse desejo de partir?

— Será muito diferente em Londres — a mãe continua. — É uma cidade muito grande, muito maior do que Veneza. E foi devastada pela guerra. As coisas serão difíceis.

Pina avança e coloca a mão sobre os braços da mãe de Maria, tranquilizando-a.

— Ela vai ficar bem, Belle — diz, delicadamente.

Instintivamente, Maria se entrega ao abraço das duas. Respira o intenso perfume de rosas de sua mãe e o aroma mais reconfortante de baunilha com açúcar queimado de Pina.

A sineta toca, anunciando a partida. Maria sabe que é agora ou nunca. Se não subir naquele navio, nunca mais poderá se libertar do amor de sua mãe. Essa separação é tão dolorosa, mas sonhara tanto com este momento durante anos: quando do medo sombrio da guerra, quando passava horas dançando sozinha nos *palazzi* desérticos de Veneza, vendo seu corpo jovem e flexível cintilando diante de espelhos manchados e janelas empoeiradas. Sabe que, logicamente, sua mãe também deseja que ela vá. Sempre a estimulou a dançar, lembrando-a constantemente de que sua avó paterna fora uma bailarina espanhola — a dança estava em seu sangue.

“É a sua vocação, minha querida” — sua mãe dissera.

A fé de sua mãe, no entanto, articulava-se por meio de palavras, mas não de ações. Foi Pina quem viabilizou os meios práticos para que Maria perseguisse seu sonho. Foi ela que encontrou a professora de dança ideal para Maria: uma judia franco-americana, Jacqueline, a quem deram esconderijo durante a guerra, e que fora a instrutora de Maria não apenas na dança, mas também em francês e inglês. Jacqueline tinha partido havia mais de um ano. Não tinham recebido notícias dela até dois meses atrás, quando escrevera para Belle e Pina, contando que havia conseguido uma colocação como professora na *Lempert Dance School*, em Londres. Graças a uma indicação de Jacqueline, o diretor da escola de dança, Bruno Lempert, concedera uma vaga para Maria. Era uma oportunidade que não poderia negar: fazer parte da Ballets Jooss, uma das companhias de dança contemporânea mais vanguardista da Europa.

— Lembre-se de trabalhar muito — Pina diz, com uma expressão séria. Maria sabe que ela está tentando esconder a emoção pelo bem de Belle.

— Ah, não sei... Talvez eu devesse ficar. — Maria tem medo.

Sua mãe balança a cabeça impetuosamente, embora lágrimas estejam brotando em seus olhos.

— De jeito nenhum, mocinha — diz, pegando sua maleta e praticamente empurrando a filha para a embarcação. — Você não está fazendo isso apenas por você, mas por todas nós.

Elas se separam: sua mãe e Pina no cais e ela na extremidade oscilante da embarcação.

— Tome cuidado — Pina a instrui.

Maria franze as sobrancelhas. — Com o quê?

— Ela quer dizer pra você tomar cuidado com os *homens* — diz sua mãe, sorrindo, apesar das lágrimas. — Ela tem razão, minha querida; não deixe que se aproveitem de você.

— Claro que não — Maria responde, levando a maleta até o peito. Ela acredita no que diz, pois tenta não se interessar por homens. Por mais que sua mãe idolatrasse o seu pai — nunca disse nada de ruim a respeito dele —, até onde Maria sabia, elas teriam sido abandonadas por ele. Ele nunca conhecera a própria filha. Belle diz que ele morreu, mas quando Maria pergunta onde e como, ela não consegue precisar. Se sua mãe não sabe ao certo, logo é possível que ele esteja vivo em algum lugar, não é? Pode ser que, simplesmente, ele nunca tenha se dado ao trabalho de voltar, deixando-as pensar que está morto.

Pina sempre fez parte da vida delas. Maria foi perfeitamente feliz vivendo na casa de sua mãe e da amante dela. Parece o relacionamento ideal: duas mulheres

que, é claro, se entendem completamente. “Tanta harmonia e sem confusão patriarcal.” É o que Pina sempre dizia. Ao menos se gostasse de mulheres, mas Maria tinha que admitir que não se sentia atraída por elas e que, às vezes, se pegava lançando olhares para algum homem — normalmente, bem mais velho, por alguma razão — até se recompor e desviar o olhar. Sabe que se quiser obter sucesso como bailarina, deve dedicar sua vida a este sonho. Apaixonar-se por um homem poderia destruir tudo. Ainda assim, por mais que Maria tente se convencer de que não quer isso, às vezes não consegue bloquear fantasias sobre como seria amar e ser amada. Qual a sensação de ser a princesa de um homem? A embarcação começa a mover-se e ela acena em despedida. Sua garganta aperta e ela não sabe ao certo se está chorando ou não; seu rosto está tão molhado de chuva. Pina e sua mãe dão os braços e acenam de volta, mandando beijos. Maria recebe-os no coração. “Os beijos de minha mãe irão proteger-me”, pensa. Está assustada com o mundo que está prestes a descobrir: Londres, uma cidade destruída pela guerra, com seu povo frio e arrogante. Além de tudo, ela é italiana. Não é tão ruim quanto ser alemã, mas, ainda assim, foram inimigos até livrarem-se de Mussolini. Maria morde a boca e sente o cheiro úmido da lagoa enquanto a cidade vai diminuindo diante de seus olhos e a imagem de Pina e de sua mãe vai desaparecendo. A mágica de Veneza está se desfazendo, como se Maria estivesse envolta em um tapete mágico durante todos esses anos. As novas sensações de sua vida — o início de sua independência — correm pelas veias.

— Ela é tão inocente — Belle sussurra enquanto vê sua filha desaparecer diante de si, como se a extensa lagoa a engolisse.

— Como todas nós já fomos um dia — diz Pina, trazendo sua amada para perto de si. Beija o rosto úmido de Belle, coloca a mão sobre o coração de sua amante e sente-o bater rápida e dolorosamente. — Vamos pra casa.

No entanto, Belle não consegue afastar um pensamento negro — de que Maria é jovem demais para ir para Londres, que talvez ela não esteja pronta para viver esse grande sonho ambicioso de ser bailarina. Não consegue deixar de pensar que não deveria tê-la deixado partir. Sua filha é muito inocente. Ela será a mesma quando voltar para Veneza?

VALENTINA

— Posso ir junto?

Antonella pede com um olhar suplicante, se inclinando para frente e segurando a mão de Valentina. Está literalmente espremida em seu espartilho trançado, cujo decote amplo toca de leve o peito de Valentina e suas unhas compridas estão cravadas na palma da mão da amiga.

— Vou ficar poucos dias — diz Valentina, tentando tirá-la da jogada.

— Por favor, Valentina — Antonella implora. — Milão está tão sem graça agora que Marco foi pra Nova York e Gaby está toda apaixonada.

Valentina hesita. Imaginou-se sozinha em Londres — uma oportunidade para se reinventar.

— Por favor — Antonella insiste, roçando os cílios postiços na amiga.

— Não sei... ainda nem tenho certeza de onde vou ficar...

— Minha tia tem uma baita casa em Kensington, acho que poderíamos usar. É bem opulenta — Antonella diz com certa presunção, pois sabe muito bem que Valentina não tem um parente tão propício em Londres.

— Você tem que me deixar ir com você. Posso ajudar com a curadoria de sua exposição... Você sabe que sou boa nisso. No mais — ela passa a língua nos lábios — tem umas boates bem bacanas em Londres. A gente podia se divertir tanto!

Valentina não pode dizer não à amiga; talvez fosse uma boa levar alguém. Se Antonella estiver ao seu lado, poderá não ficar tão tentada a procurar Théo. Isso é algo que, definitivamente, não deve fazer. Não pode voltar para toda aquela dor.

— OK — diz —, mas vamos falar sobre isso depois. Você não acha que é melhor a gente entrar?

Antonella levanta e se alonga. Apesar de estar calçando um par de sapatos de salto *stiletto*, continua menor que Valentina. Arruma o corselete, ajustando os peitos. Está usando uma calcinha rendada fio dental vermelha tão minúscula que é o mesmo que nada. Valentina ainda acha bizarro ver sua amiga vestida desse jeito e, além do mais, fotografá-la quando sua persona dominatrix está em pleno voo.

— Não tem problema deixá-lo esperando... sou *eu* quem manda esta noite —

Antonella declara, desfilando pela recepção do clube de Leonardo e descendo pelo corredor de mármore preto.

— Bem, isso é discutível — Valentina rebate, equiparando-se —, já que é da minha cena que você está participando.

— Ah, sim, uma das suas composições fotográficas eróticas — Antonella anda em volta da amiga, com os olhos cintilando. — Está vendo, você *tem que* me levar pra Londres: sou uma das estrelas do show!

Na sala Submundo de Veludo, tudo está do jeito que Valentina deixou à tarde, quando montou o set para o ensaio, a não ser pela rede que pendurou e que, agora, está ocupada. Hoje, pretende expandir seu estudo ilustrado de uma dominatrix, como sempre usando Antonella como protagonista. Conseguiu convencer Leonardo e criou um arreio suspenso, cujas extremidades foram presas às quatro colunas da cama, formando uma espécie de rede. Removeu todos os elementos de cor rubra ou violeta que estavam ao redor da cama, cobrindo a superfície com um lençol branco virginal. Retirou as cortinas rebuscadas e substituiu-as por véus esvoaçantes à luz de velas. Posicionou dois arcos de luz, um em cada canto do cômodo, projetando sombras dramáticas da rede nas paredes e no teto.

Passou semanas procurando o material ideal para a rede. Essa foto é tão importante porque, finalmente, Valentina está conseguindo superar a aversão à cena dominatrix. Apesar de ter aprendido a responder a vários níveis de dor prazerosa enquanto submissa, ainda tem dificuldade em ver como erótico o ato de causar dor em outra pessoa, por mais que Leonardo diga que ela está sendo egoísta, pois todos aqueles que estão participando querem ter as mesmas sensações extremas. Ainda sente calafrios quando se lembra da primeira vez em que entrou no Submundo de Veludo. Foi só com Antonella que conseguiu entender um pouco sobre o que excita uma dominatrix.

— Não é só pelo poder —, contou a amiga. — É o controle. É muita responsabilidade saber até onde ir, especialmente quando estão usando uma mordaca e não podem falar. Você tem que conseguir ler o corpo do outro... precisa ser muito sensível.

— Mas por que isso te excita? — Valentina perguntou. — Não sinto nenhum tesão.

— Bem, você é assim, tudo bem. O que me excita é poder desenvolver minha própria fantasia. A ideia não é machucar os homens, Valentina. O tesão está em ver a vulnerabilidade dentro de um homem, a fragilidade dele. Amo isso.

Foi quando ela explicou dessa forma que Valentina começou a entender. Então, preparou-se para organizar uma cena que revelasse o núcleo frágil da

sexualidade masculina e não o seu lado masoquista. Não sabia ao certo no que ia dar.

Construiu a rede com tiras de seda cor de marfim. O parceiro de Antonella desta noite já estava dentro dela, com o rosto para baixo. Contornos de seu corpo nu eram visíveis através da seda.

— Nossa, Valentina... é a sua cara — Antonella sussurra, apontando para sua lingerie frente única na forma de body, cor marfim, amarrada por uma única fita de seda.

Valentina retira a câmera de onde havia a deixado mais cedo. O peso em suas mãos acalma a batida nervosa de seu coração. Não consegue evitar, mas, sempre que está nesse quarto, se sente um pouco assustada. Talvez porque fique observando toda a parafernália pendurada nas paredes: chicotes e açoites, correntes e cordas grosseiras e pesadas.

— Lembra-se do que te falei pra fazer? — sussurra para Antonella.

A amiga aquiesce. — Claro, mas tenho liberdade para seguir meus instintos, certo?

Valentina balança a cabeça, resignando-se. Às vezes, Antonella extrapola os limites artísticos da fotografia de Valentina.

Antonella caminha em direção à cama e sobe. Mostra um certo desequilíbrio no início — os saltos do sapato dela são incrivelmente altos —, mas recupera a estabilidade rapidamente. Agora, está parada acima do homem na rede, olhando para ele, para baixo. É o atual amante dela, Mikhail: outro artista com espírito experimental, exatamente como Antonella.

Valentina tira uma foto dela apenas olhando para ele, contemplando o que está prestes a fazer. Ainda não diz nada, e Valentina prefere assim. Para ela, a maioria das frases provocativas de uma dominatrix é tão clichê e, sinceramente, nada sexy.

Mikhail tem o rosto virado para baixo na rede. Valentina observa Antonella acariciá-lo, primeiro o torso nu e o bumbum, em seguida passando os pelos da perna entre seus dedos. Volta a massagear a bunda, apertando a carne firme em movimentos circulares repetidos. Passeia seu dedo para cima e para baixo, entre as nádegas, afasta-as e começa a massageá-lo mais profundamente. Valentina ouve o gemido de Mikhail que, imagina, é de prazer. Antonella para abruptamente.

— Você sabe o que vou fazer com você? — Antonella iça Mikhail. Desce da cama e vagueia pelo quarto, inspecionando alguns chicotes e açoites pendurados na parede. Mikhail estica-se para vê-la, mas mal consegue se mexer na rede. Ele sequer reconhece a presença de Valentina.

Antonella encontra o que quer e volta a subir na cama. Cambaleia no colchão,

segurando um plugue comprido de borracha com uma extremidade curvada em uma mão e um tubo de gel na outra. Ela espirra um pouco de gel em Mikhail e começa a massagear a bunda dele, enquanto, cuidadosamente, insere o *sex toy* nele. Mikhail respira fundo e Valentina observa o trabalho minucioso de Antonella, levando o amante cada vez mais perto do limite. Ver essa mulher controlando esse homem começa a tocar Valentina, que se sente amolecer. Imagina se ela e Leonardo poderiam tentar algo desse gênero e esse pensamento a surpreende, uma vez que ela só conseguia pensar em Théo desde que ficou sabendo da exposição em Londres.

Antonella leva Mikhail até onde queria e, então, tira o objeto, fazendo-o implorar por mais. Abaixa-se e beija-o nos lábios.

— Nada disso, querido — diz para ele. — Você tem que me ver agora.

Antonella começa a puxar a rede de seda e, como planejado, algumas tiras se rompem, liberando os mamilos dele, que ela belisca com suas unhas compridas. Em seguida, segura o pau dele. Está duro e pronto. Ela fica de joelhos e o toma na boca, pressionando-o com os lábios. Mikhail treme.

Agora ela engatinha sob ele e deita de costas na cama, bem abaixo dele. A rede está baixa ambos estão muito próximos, mas não o suficiente para que haja contato. Ela tira o fio dental vermelho e abre as pernas, totalmente imersa na personagem. Que *performer* que a amiga de Valentina é. Começa a se masturbar, enquanto Mikhail se contorce para soltar o braço e, enfim, levar a mão ao pau. Valentina faz uma foto dele e da amiga se masturbando juntos. Ela tenta não ficar muito excitada, mas é difícil ficar impassível. Contém seu desejo de juntar-se a eles na cama. De verdade, seria complicado demais transar com Antonella também.

Os dois chegam ao ápice do prazer em sincronia e Valentina registra a cena do sêmen de Mikhail sobre a amiga, pérolas brilhando sobre a pele macia no centro da foto.

Valentina junta suas coisas e deixa o quarto. Agora, devia deixá-los a sós. A última cena é a de Mikhail saindo da rede enquanto Antonella grita de prazer.

Valentina entra no corredor exatamente na mesma hora em que Leonardo sai da Câmara Escura: o quarto mais sagrado do clube, onde os clientes de Leonardo podiam realizar suas fantasias mais íntimas. Ele está nu, a não ser pela máscara de cetim preta sobre seus olhos. Sua pele brilha de óleo e suor.

— Trabalhando bastante? — Valentina diz, apontando a cabeça em direção à porta de aço, notando que soa atrevida.

— Como sempre — seu amigo responde. — Como foi?

— Bom... é... acho que foi bom.

— Você participou?

Ela sente os mamilos ainda duros dentro da lingerie de seda.

— Deus, não. Não tenho desejo de transar com a Antonella por alguma razão.

— Ela fala demais — Leonardo diz.

Os dois estão parados no corredor e Valentina sabe que deveria se mexer, mas não deixa de notar a reação de Leonardo ao vê-la quase nua.

— Fiquei com tesão... — sussurra.

— Talvez a gente possa tentar um dia — Leonardo diz, dando um passo em direção a ela. Sente seu pau roçar na barriga dela. — Você gostaria de me dominar?

— Acho que prefiro o contrário — diz, aproveitando para pegar no pau dele assim que o sentiu contra seu corpo.

Leonardo entende a dica e puxa a calcinha dela, que escorrega toda pelo corpo. Está nua e é toda dele... Leva as mãos ao meio das pernas dela e a toca.

— Ah, Valentina; sempre molhadinha — diz, dando um tapinha de leve. Repentinamente, ele a vira e prende seu corpo contra a parede.

Uma das regras do clube é: nada de sexo fora da segurança das salas. Como o próprio Leonardo disse inúmeras vezes, seu clube não é um bordel ou algo pior. Aquele era um lugar claramente italiano: explícito, sim, mas com algum decoro; sempre a portas fechadas. E agora, estava quebrando sua própria regra cardinal e Valentina queria isso. Está tão atordoada com sua ida para Londres e confusa a respeito de contatar Théo ou não que precisa abandonar toda a normalidade, ainda que por um instante. Empina o bumbum e ele a pega por trás, com força, pela cintura. Ela se apoia na parede gelada e seu corpo implora para ser preenchido por ele. Quer que ele vá bem fundo.

Leonardo a penetra com força, provocando um gemido. Percebe que Valentina ficou mais excitada do que imaginava com o jogo de Antonella e Mikhail. Ela já está vibrando, o deseja mais e mais fundo. A transa é curta, mas intensa e animal — sexo proibido. O corpo dela responde no ritmo das metidas dele. Ela vai subindo, subindo, até que eles gozam juntos, escorrendo pela parede e caindo no chão, enrolados um no outro.

Valentina se vira e tira a máscara de Leonardo. Os olhos dele estão fechados e ele está respirando profundamente.

— Que foi isso? — ela pergunta. — Não deveríamos fazer isso aqui.

Ele abre os olhos e lança um olhar apologetico.

— Eu sei... não sei o que deu em mim... Desculpe...

— Não seja bobo; eu quis tanto quanto você.

Ele a puxa pelo pé.

— Vamos tomar banho, beber um chá e nos acalmar.

* * *

Valentina descansa nas águas borbulhantes da jacuzzi. Deixa o vapor perfumado envolver seu corpo. Não se sente tão relaxada há semanas. Leonardo também está na água, de frente para ela. Ele se vira para servir um pouco de chá de menta de um bule que descansa ao lado da piscina e oferece um copo fumegante. Ela pega o copo com as mãos e bebe delicadamente, olhando seu amigo de perto. Nota que há algo errado. As mãos dele tremem quando passa o chá e está evitando olhá-la nos olhos.

— O que é, Leonardo? — pergunta.

Ele suspira e olha para ela, passando a mão pelo cabelo grosso e encaracolado, que ele tira da testa, revelando pequenas gotas de suor na pele.

— Estou pensando em fechar o clube — anuncia, de repente.

Valentina fica tão chocada que quase engasga com o chá.

— Você não está falando sério! — exclama, ainda tossindo. — Está indo tão bem.

— Esse é o problema: muitas pessoas sabem do clube.

Na hora, Valentina pensa em Antonella. Desde que foi apresentada ao clube *privé* de Leonardo, não para de falar a respeito disso toda vez que saem em Milão.

— Sinto muito por Antonella; ela é tão linguaruda.

Leonardo repousa seu chá e afunda mais na água, deixando só a cabeça acima das borbulhas.

— Queria que continuasse exclusivo, mas, agora, cada vez mais pessoas querem participar.

— Você pode expandir — Valentina interrompe, repousando seu copo de chá e afundando nas borbulhas também.

— Não quero... é complicado demais.

— É uma pena. É tão bom pra Milão ter um lugar como esse...

— Tenho certeza de que alguém vai suprir a necessidade — Leonardo faz uma pausa, como se quisesse dizer mais alguma coisa. No entanto, submerge na água e tudo o que Valentina consegue ver é o contorno dele desfocado abaixo dela. Não pode acreditar que Leonardo queira fechar. O que ela vai fazer se não puder mais ir lá?

Ele emerge da água, balançando a cabeça como um cachorro molhado, respingando gotinhas d'água em Valentina. Ela espirra água de volta nele, mas vê que Leonardo não está para brincadeira. Parece sério.

— Tem mais alguma coisa, né? — pergunta instintivamente.

— Raquel quer um filho — ele diz sem meias-palavras. — Então,

convenhamos, este lugar não é o ambiente mais apropriado para uma criança.

— Vocês vão ter um bebê!

Valentina se sente desapontada. Não consegue evitar. Mais um de seus amigos “formando família”! E, ainda por cima, Leonardo.

— Ela não está grávida ainda. Estamos tentando. Sabe como é; ela tem trinta e seis anos e teme que o tempo se esgote.

— Meu Deus, ela não aparenta — Valentina se lembra da última vez em que viu o corpo perfeito de Raquel, que não tinha celulite nem nas coxas. Imaginou que tivessem a mesma idade.

Leonardo pega a mão de Valentina e puxa-a em sua direção, dizendo em seguida:

— Ela diz que sempre sonhou em ser mãe.

Valentina flutua na água na frente dele. Não consegue pensar numa resposta.

— Você parece chocada — Leonardo diz finalmente. — Acha que vou ser um bom pai?

— Claro! Olha como você cuidou de mim...

Ele sorri, pesaroso.

— Hum, isso tudo parece meio perverso, Valentina.

Valentina não consegue se sentir feliz por ele. Não consegue evitar. Sabe que está sendo egoísta, mas não quer que Leonardo tenha um filho com Raquel.

— Mas o que você irá fazer se fechar o clube? — diz, tentando deixá-lo em dúvida com relação à decisão.

— Acredite, tenho outros atributos fora da indústria do sexo.

— Nunca duvidei disso — responde delicadamente.

— Sou um hábil massagista... — ri dela. — Como você já sabe muito bem, aliás. Também tenho me dedicado à ioga ultimamente. Acho que gostaria de aprender a ensinar.

A última coisa pela qual Valentina pensou que Leonardo se interessaria é ioga. Ele não faz o tipo meditativo. Não consegue imaginá-lo de jeito nenhum: Leonardo se equilibrando, de cabeça para baixo.

— Ioga não é um pouco calmo e lento demais pra você?

— Depende do tipo de ioga praticada, Valentina. Uma aula de *ashtanga*, por exemplo, não é nada lenta, assim como *bikram yoga* não é calma...

Valentina não pôde acreditar. Tentou até aprender algumas posições de ioga com Gaby, que praticara por um tempo, mas achou tudo muito chato. Não tinha paciência para isso.

— Se você diz... — resmunga, se afastando dele na água, deixando as ondas perfumadas acariciarem seu corpo.

— Você deveria experimentar. É muito bom pra vida sexual — Leonardo diz.

— Minha vida sexual vai muito bem, como você sabe.

Os dedos de Valentina estão ficando enrugados. Levanta da piscina, deixando a água escorrer pelo seu corpo macio.

— Então, quando você vai pra Londres? — ele pergunta.

— Segunda — ela sai da piscina com cuidado, virando as costas. Não quer que ele veja a expressão de seu rosto. — Queria te perguntar... — a voz treme de leve. — Você tem o telefone do Théo em Londres?

Leonardo fica mudo por um segundo. Ela procura a toalha, confusa pela forma espontânea como fez a pergunta. Na verdade, não vai ligar para Théo, mas, caso mude de ideia, não faz mal ter o telefone dele, certo? Escuta Leonardo saindo da água. Decide não se virar de volta. Por alguma razão, se sente um pouco tímida, por mais que os dois conheçam cada centímetro do corpo um do outro.

— Claro — diz Leonardo finalmente. — Te mando por SMS.

Enrola a toalha em volta de si, aperta bem e vira-se para ele. Leonardo está usando um robe felpudo branco. O cabelo preto encaracolado está com os cachos molhados. Ela o entende. Quando for pai, nunca mais irá querer se divertir com ela. Ela não precisa perguntar para saber a resposta. Mesmo porque, na verdade, isso não tem importância, não é mesmo? Eles nunca foram um casal; podem continuar a ser amigos depois que ele tiver um filho. Ainda assim, ela sabe que nunca mais poderá gozar das mesmas prerrogativas que a amizade deles teve até agora. De repente, queria que fosse Leonardo, e não Antonella, a ir com ela para Londres. Se estivesse ao lado dele, certamente não se sentiria tentada a ligar para Théo.

— Você virá pra Londres na abertura da exposição? — pergunta, tentando seu amigo.

Leonardo parece surpreso.

— Talvez. Se precisar de mim, eu vou. Não se preocupe, Valentina — ele a abraça. — Por que você parece sempre tão triste?

— Não sei — a voz dela soa abafada. Esconde o rosto na segurança do peito macio dele e sente seu cheiro. Sente-se protegida no abraço de Leonardo e uma parte dela quer esconder-se em Milão e não ter que enfrentar o desafio londrino, nem seu dilema de procurar ou não Théo. Seu ex-parceiro já não estaria em outra? Ligar para ele não fazia sentido. Ainda assim, há uma dor em seu coração que diz o contrário. Como um amor desses poderia morrer tão rápido?

MARIA

A LUZ DE Veneza se foi. Mesmo quando chove, Maria sente que sua cidade natal tem uma luminosidade especial. Não tinha percebido isso até deixá-la para trás, mas tem pensando nisso durante sua longa viagem a caminho da Inglaterra.

É primavera em Londres, porém o céu está cinza e o ar úmido cheira a vazio. O aroma salgado de sua casa evaporou-se. Anda por entre árvores repletas de flores de cerejeira, mas não consegue sentir o cheiro delas. Sente-se agredida pelo barulho dos carros: não está acostumada com a violência na forma de buzinas, poluição, brecadas abruptas e alta velocidade nas ruas. E a poluição sufocante dos escapamentos invade seus pulmões, fazendo-a sentir-se envenenada. Odeia isso. Sua mãe havia comparado os barcos de Veneza a carros, mas, definitivamente, não são a mesma coisa. Os barcos estão em harmonia com o ambiente ao seu redor, deslizando pelos canais, balançando no ritmo das ondas. Todos esses carros, caminhões e ônibus são incompatíveis com toda e qualquer natureza que possa existir na cidade.

Ainda assim, apesar de toda a intimidação — barulho, multidão e tamanho superlativo —, Londres a excita. Até mesmo caminhar por uma rua que ainda guarda sinais do bombardeio alemão da Segunda Guerra parece ser uma afirmação de vida.

Tiveram sorte em Veneza, pois os tesouros da cidade protegeram-na contra ataques significativos a bomba. Lembra-se de ter visto apenas um ataque ao cais. Ela, sua mãe e Pina subiram até o telhado do apartamento, apesar das limitações de Pina. Lá, estavam totalmente seguras, exatamente como sua mãe disse que seria. As bombas caíram quase que verticalmente, mirando dois grandes navios no cais. Quando os navios explodiram, foi como assistir a uma queima de fogos espetacular, e, para a cidade, as perdas resumiram-se a algumas janelas quebradas.

Londres é outra história. Maria pode ver a destruição sofrida bem claramente. Tenta imaginar como deve ter sido esconder-se no subsolo imundo noite após noite e, um dia, ao sair do esconderijo, descobrir que sua casa, sua rua e seus vizinhos haviam desaparecido. E, ainda assim, as pessoas que ela vê nas ruas de Londres em 1948 não parecem destruídas. Venceram a guerra. O espírito dos

britânicos sobreviveu à Blitz. Maria acha esse orgulho nacional fascinante. Lembra-se de sua infância, do ódio que sua mãe e Pina tinham de Mussolini e da vergonha que tinham da aliança entre Itália e Alemanha. Diziam que aquela não era a Itália *delas*, sobretudo quando os judeus começaram a ser vitimados.

“Os italianos nunca foram racistas!”, sua mãe dizia em alto e bom som. “Para onde esse idiota quer nos levar?”

Sua mãe fizera todo o possível para sabotar Mussolini e, num segundo momento, os alemães — nunca de modo aberto, sempre secretamente. Ajudou tantos judeus quanto pôde — não apenas Jacqueline — a fugirem ou esconderem-se. Arriscou a vida de todos ao fazê-lo, mas tiveram sorte. As “mães” de Maria não foram consideradas suspeitas nenhuma vez, já que os alemães nunca levaram Belle e Pina a sério. Eram apenas duas mulheres de meia-idade vestidas com roupas estranhas, tirando fotos dos turistas — e, durante a guerra, de inúmeros nazistas —, desfrutando as paisagens da cidade.

* * *

Maria para no cruzamento. Pega o envelope do bolso do casaco e abre-o. Observa a placa na esquina da rua e lê: Ebury Bridge Street. As coordenadas escritas por sua mãe indicam uma pequena rua perpendicular a esta. Finalmente, está quase lá. Sente as costas doerem devido à longa viagem e também tem certeza de que está cheirando um pouco mal. Anseia por um banho.

Vira na rua e começa a contar os números dos predinhos. Jacqueline mora no de número dezoito. A rua é tão diferente dos canais tortuosos de Veneza. É uma linha reta com construções de tijolo vermelho, todas parecidas. Para na frente do número certo; sua nova casa. O imóvel é bem mais grandioso do que ela esperava. Bem, pelo menos por fora. A fachada de tijolos vermelhos possui janelas compridas. Conta quatro andares. A porta principal é de um tom azul desbotado e ostenta uma aldrava em forma de cabeça de leão. “Um leão bem inglês”, ela pensa. Vai até a porta da frente; seus lábios estão um pouco secos. Torce para que Jacqueline esteja em casa. Maria não tem a menor ideia de quem mais vive nesse lugar magnífico.

Alguns segundos após a terceira batida, a porta é aberta por um homem de aspecto esquelético, com cabelo crespo e selvagem. Olha-a de forma desconfiada, sem o menor sinal de um sorriso, seu rosto obscurecido pelos óculos redondos e pelo amplo bigode.

— Sim?

Maria tosse, empregando o melhor do seu inglês em uma frase. — Boa tarde — diz formalmente. — Procuro pela senhorita Jacqueline Mournier.

— Ela não está em casa. Quem é você?

— So... sou... — gagueja, tensa pela pergunta direta. — Meu nome é Maria Brzezinska.

— Polonesa? — o tom é interrogativo. — Você não parece polonesa.

Maria começa a sentir-se um pouco incomodada. Que direito esse homem tem de questioná-la?

— Posso entrar, por favor? Gostaria de esperar por Jacqueline aí dentro.

O jovem inclina a cabeça para um lado e continua ponderando sobre sua nacionalidade, como se ela não tivesse dito nada. — Inglesa você não é, tenho certeza. De onde você é, afinal?

Maria suspira internamente. Já está sendo questionada sobre sua nacionalidade. Não faz sequer vinte e quatro horas que está em Londres.

— Sou italiana.

Subitamente, para sua surpresa, o homem dá um sorriso. Seu rosto se transforma. “Se tirasse os óculos e o bigode, até que poderia ficar bem charmoso”, Maria pensa.

— Eu também — ele diz em italiano. Reclinando-se com uma saudação, ele pega a mala dela e a conduz pela casa. — Bem-vinda, Maria Brzezinska. Meu nome é Guido Rosselli e sou vizinho de Jacqueline.

Apesar da grandeza do exterior do prédio, dentro é outra história. A entrada é iluminada por uma lâmpada fraca, sem lustre e cuja intensidade varia, dando um aspecto assustador e negligenciado ao lugar. Não há carpete no hall de entrada, apenas linóleo — bem gasto — e o papel de parede está descascando com a umidade. Há um cheiro desagradável — não apenas de umidade, mas de algo podre e penetrante. Maria tem que pegar seu lenço para cobrir o nariz.

— Desculpe pelo fedor — Guido diz. — Temo que seja nossa única moradora inglesa, Sra. Renshaw. Pedimos para que não deixe o repolho fervendo durante muito tempo, mas ela parece imune ao cheiro. Acho que está tentando tirar todo o sabor com tanta fervura. Não consigo imaginar o gosto disso.

Guido a conduz escada acima e para no terceiro lance, apontando para uma porta atrás dele. — É aqui que eu moro — diz a ela.

Ela aquiesce, sem saber o que dizer. De repente, sente-se com muita vergonha. Não está acostumada a falar com meninos.

— Jacqueline não está aqui no momento. Porém, disse para que eu a deixasse entrar caso você aparecesse enquanto ela estivesse fora — tira uma chave do bolso da calça e a balança acima da cabeça. — Venha. Só falta mais um lance de escada.

No último andar — o de Jacqueline, Maria supõe —, a obscuridade do prédio parece melhorar. Consegue ver uma pequena claraboia que exhibe um quadrado

de céu acima de suas cabeças. É um pequeno punhado de azul, mas é um pouco de cor, pelo menos. O cheiro do repolho fervido também não é tão forte lá em cima.

Guido destranca a porta do apartamento de Jacqueline e entra. Imediatamente, Maria dirige-se para uma das janelas, de onde se descortina a vista de uma Londres devastada e arruinada pela Blitz e, ainda assim, próspera. Pode sentir sua atividade industrial e isso a anima. É uma energia tão diferente de Veneza; é como se Londres marchasse adiante: ferida, porém heroica.

— Aceita uma xícara de café? — Guido pergunta a ela seriamente, em inglês.

— Que tal chá inglês? — Maria arrisca.

Guido balança a cabeça, como quem pede desculpas.

— Sinto muito, acho que o chá de Jacqueline acabou. Tudo ainda é estritamente racionado aqui. Chá é um luxo. É mais fácil conseguir café, já que não é tão popular entre os ingleses.

— Nesse caso, muito obrigada. Adoraria uma xícara de café — Maria tira o chapéu e repousa-o sobre o aparador, junto com as luvas e a maleta.

Guido desaparece pela porta lateral que, Maria imagina, dá para a cozinha. Olha ao redor da sala de sua mentora. É bem desprovida — o que não a espanta, pois Jacqueline é uma refugiada. Durante a guerra, sua infância fora destruída quando finalmente conseguiu voltar para Bordeaux. Ainda assim, apesar da escassez do cômodo — uma mesa, duas cadeiras e uma estante de livros —, Jacqueline conseguiu trazer algo de exótico para seu apartamento. Uma das paredes é uma pintura impressionante, de cores vibrantes. Maria se pergunta se Jacqueline conhece o artista, pois seria a cara dela. Na outra parede, há uma série de fotografias preto e branco de bailarinas. Maria as estuda, examinando seus rostos. Em todas elas, as dançarinas estão vestindo fantasia e com a maquiagem carregada — Maria tem dificuldade para identificar Jacqueline. As posições são diferentes de qualquer pose tradicional de balé. Em uma imagem, ela vê uma mulher com *legging*, sem sapatos e usando um top, com a cabeça encoberta por uma echarpe, fazendo pose de árvore, esticando os braços para longe do corpo: um com a mão para cima e outro com a mão apontando para baixo. Na frente dela, duas outras bailarinas estão de costas, com as pernas no ar, pés nus flexionados, tocando na silhueta em forma de árvore com seus braços. A imagem de mulheres mortais e comuns é quase feia se comparada às lindas fotografias de bailarinas que Maria estava acostumada a ver.

A porta atrás dela faz um clique e se abre: Guido volta com um bule de café e duas xícaras sobre uma bandeja, que leva até o aparador. Maria vê a bandeja tremendo em suas mãos e controla-se para não correr até ele e pegá-la, mas não quer insultá-lo. Ele repousa a bandeja que balançava de um lado para o outro e

Maria nota que suas mãos ainda estão tremendo. Olha para o rosto dele de novo, que está compenetrado enquanto serve o café. Apesar do bigode, parece ter apenas dois ou três anos a mais do que ela. Pergunta-se o que ele estaria fazendo em Londres.

— Então, de onde você vem? — Guido pergunta ao passar uma xícara de café para ela, sempre com as mãos trêmulas.

O café respinga no pires, mas, cortesmente, Maria nada diz, sentando em uma das cadeiras de Jacqueline e segurando o pires e a xícara com ambas as mãos.

— Veneza.

Os olhos de Guido se iluminam.

— Fui pra Veneza quando menino, com minha mãe e meu pai... — faz uma pausa, desviando o olhar. — Antes da guerra.

— E de onde você é? — Maria pergunta.

— Sou de Milão. Mas estudo na Universidade de Londres.

— O que você estuda?

— Física. Meu pai me mandou para Inglaterra antes da guerra... ele era um cientista e viu que minha paixão era nesse sentido também, então me mandou estudar aqui na Inglaterra. Aí, a guerra estourou e não consegui ir pra casa.

— Você já voltou desde então?

Guido dá um gole de café e responde com expressão de raiva.

— Não.

A rispidez da resposta dele a silencia. Maria sente que fica vermelha de vergonha. Não sabe o que dizer para esse garoto. Queria que ele a deixasse esperar por Jacqueline sozinha.

— Ela me disse para recebê-la — Guido fala de repente, como se estivesse lendo os pensamentos de Maria. — Somos amigos.

— Obrigada — Maria responde rapidamente, ainda sem saber o que dizer. Os olhos de Guido piscam atrás dos óculos, impossíveis de serem lidos.

Subitamente, levanta-se e desliza o pires e a xícara de volta para a bandeja.

— Entendemos como é sentir-se como um estranho — Guido diz. — Jacqueline e eu somos iguais.

Vira-se de costas para ela, anda até e a janela e cruza as mãos atrás das costas. Maria pode ver como ele é delgado — seus ombros, suas costas, seus quadris —, como se ainda não tivesse ganhado corpo de homem.

— Sem família — ele circula — então, fazemos nossa própria família aqui. Todos que moram nesse prédio são uma espécie de alma abandonada...

As palavras começam a fluir.

— A Sra. Renshaw, por exemplo: toda a sua família foi assassinada durante uma noite da Blitz. Marido, mulher, filhos... ela ainda não consegue entender

por que foi poupada. É por isso que não ligamos muito para o repolho. É necessário fazer concessões quando se vive aqui, sabe?

Maria balança a cabeça em concordância. A intensidade de Guido Rosselli faz com que ela se sinta desconfortável. Não quer saber dos outros moradores do lugar. Nem dele ela quer saber. Sente que ele tem um passado triste e pesaroso e não está pronta para ouvir tal infortúnio. Está cansada e suja. Quer apenas tomar um banho e descansar enquanto espera por Jacqueline. De repente, deseja ter ficado em casa, em Veneza. Não é como sua mãe, Belle, apesar de ter pensado que era. Não é uma aventureira. É mais como Pina, que anda com os pés no chão.

— E, no segundo andar, temos Monsieur Leduc — Guido dá uma gargalhada curta. — Espere até conhecê-lo! — exclama, enfiando as mãos nos bolsos e medindo os passos pelo quarto. Parece ter esquecido que ela está lá e continua. — Ele amava tanto a França dele que sacrificou tudo, mas tem que morar em Londres. Tem como explicar isso? — reclina a cabeça e encara Maria, mas não está olhando para ela, e sim, através dela.

Ela se mexe na cadeira.

— Desculpe-me, Guido, onde é o banheiro?

— Oh! — pula como se tivesse acordado de um sonho. — Você tem que descer as escadas até o andar de baixo. É a porta ao lado da minha — passa a mão pelo cabelo espesso, parecendo distraído.

— Obrigada.

Maria pega a maleta e foge em direção ao banheiro. Sente-se um pouco enjoada. Coloca a mão sobre a barriga e respira fundo, tentando acalmar o estômago. Está louca para tomar um banho ou lavar-se, mas não pode demorar, então faz sua toalete do melhor jeito que pode. Há apenas uma toalha de mão e ela não sabe a quem pertence. Lava as mãos e joga água no rosto, reaplicando a maquiagem em seguida. Coloca muito blush no rosto e tira o excesso com seu lenço. Olha-se no espelho. Parece cansada e com calor.

Sua mãe e Pina sempre dizem que ela é linda, que, com seus olhos azuis, maçãs do rosto rosadas e cabelo encaracolado, se parece muito com seu pai. Mas Maria acha que parece um espantalho hoje. Preferia ter herdado a elegância de sua mãe — seu cabelo negro sedoso e seus traços de porcelana — e não os cachos selvagens e as bochechas cor-de-rosa. Não quer nada do pai, já que pensa que ele nunca pareceu se interessar por ela. Nunca revelou esses sentimentos para sua mãe, pois Belle fala de seu pai como se ele fosse algum tipo de Deus. Porém, Maria costuma ver a expressão de Pina retrair-se quando Santos Devine é mencionado: sua cara diz que seu pai não foi um homem tão maravilhoso.

Maria usa a escova para tentar domar o cabelo. Mas será em vão,

independentemente de seu esforço para alisá-lo ou para modelar os cachos.

Ao subir as escadas de volta para o apartamento, Maria ouve vozes. Anima-se subitamente, pois Jacqueline deve estar em casa. Abre a porta e lá está sua mentora de dança, a mulher que a ensinou a sonhar.

— Maria! — Jacqueline exclama e a levanta, dando-lhe um abraço apertado. — Minha querida Maria — ela umedece seu rosto com tantos beijos e Maria vê a curiosa expressão no rosto de Guido quando olha para ele por cima dos ombros de Jacqueline. — Bem-vinda a Londres.

Jacqueline afasta-se e analisa sua protegida.

— Nossa, você ficou ainda mais espetacular desde a última vez que nos vimos. Ela não é linda, Guido?

Maria sente-se ruborescer. Olha para o chão.

— Imagine, Jacqueline. Só fiquei um pouquinho maior.

— Sim, quanto tempo faz? Quase dois anos, minha querida, desde que te vi pela última vez. Mas você não está maior, nem um pouco. Perdeu toda a gordurinha que tinha. Agora, você aparenta a bailarina que realmente é — Jacqueline coloca a mão sobre os quadris, sorrindo de satisfação. — Mal posso esperar para apresentá-la a Lempert.

Maria sente um nó de apreensão no estômago.

— Não tive uma professora de dança decente desde que você partiu, Jacqueline.

— Ele irá entender — diz, dando um tapinha nas costas de Maria e falando de forma confiante. — Ele confia em minha opinião — Jacqueline anda pelo quarto, pegando o pires e a xícara abandonados por Maria e colocando-os de volta na bandeja. — Agora, você tem que me contar sobre sua mãe querida e Pina. Como vão? Devem ter ficado tristes com a sua partida.

Maria sente-se estranha na presença de Guido. Não quer falar de sua mãe e de Pina na frente desse estranho.

— Elas estão bem. Mandaram beijos.

Jacqueline balança a cabeça, feliz.

— Sabe, Guido — vira-se para ele —, devo minha vida à mãe de Maria, Belle, e à sua amiga, Pina. Elas me esconderam durante a guerra.

Guido fecha os olhos levemente e olha para Maria. Não parece impressionado, mas diz:

— Foi muito corajoso da parte delas.

— Sim, foi... mas você tinha que conhecer essas mulheres. Elas são simplesmente incríveis!

Maria fica sem jeito.

— Elas fizeram o que qualquer pessoa de bem faria.

— Mas não há tantas pessoas assim no mundo — diz Guido ao expirar.

— Agora, minha querida — Jacqueline diz, conduzindo Maria pelo quarto —, infelizmente tenho pouco espaço, então seu quarto é, na verdade, a despensa. Era isso ou o chão da sala. Achei que você iria preferir um pouco de privacidade.

Jacqueline abre uma pequena porta, que revela um cômodo minúsculo e baixo. Nele há apenas um colchão com roupa de cama e cobertores, uma prateleira feita com uma tábua de madeira e, acima, uma pequena claraboia.

— Deixei sem cortinas. Imaginei que você gostaria de ver as estrelas à noite.

— É perfeito, Jacqueline — Maria diz educadamente, mas, na verdade, está um pouco horrorizada com a sensação de confinamento. Sempre detestou espaços pequenos.

— Com licença — Guido diz em voz alta —, mas tenho que ir agora. Preciso trabalhar.

— Ah, sim. Obrigada por entreter Maria para mim, Guido. Gostaria de comer conosco mais tarde?

— Infelizmente, não. — Tenho um trabalho para redigir...

Assim que ficam sozinhas, Maria finalmente começa a relaxar. Por que a presença de homens sempre a deixa tensa? Quando está com mulheres, sente-se à vontade.

— Quem era aquele homem? — pergunta para Jacqueline.

— Guido Rosselli. Ele não se apresentou pra você?

— Sim, se apresentou... Mas... Ele é italiano. Fiquei tão surpresa... — ela despista, sentindo-se um pouco tola.

— Ela parece estranho, Maria, mas é só porque é solitário.

— Por que ele não volta pra Milão?

— No momento, ele não pode. Os pais dele morreram... Londres é a casa dele agora, até que termine os estudos. — Jacqueline faz uma pausa, parece triste. — Ele é como eu: um órfão da guerra.

Maria se sente como se tivesse apunhalado sua amiga. — Desculpe, Jacqueline... não queria chateá-la.

Mas Jacqueline a interrompe, sacode a tristeza dos ombros e abraça-a, enchendo-a de beijos novamente, mais e mais.

— Fico tão feliz em vê-la. Senti muito sua falta.

Maria se aninha no pescoço de Jacqueline, sente o seu perfume e isso traz muitas memórias: momentos em que ela e Jacqueline sonhavam enquanto desciam o Grande Canal de barco, as duas deitadas de costas, alheias a todo o restante, falando sobre dança. Lembra-se de como se sentiam. Sim, ao voltar

para aquela época, Maria pensa em como a revelação da dança a transformou.

Quando dançava, Maria sentia-se livre. Nem a guerra, nem o amor sufocante de sua mãe, a racionalidade de Pina, ou o abandono de seu pai poderiam contê-la. Jacqueline tinha dado esse presente a ela, tinha dito que parecia um pássaro quando dançava. E, quando dançavam juntas, eram dois pássaros pairando pelo céu.

Enquanto falam sobre dançarem juntas, Maria se lembra por que veio a Londres. Não foi apenas para aprender a dançar. Foi para se libertar.

VALENTINA

VALENTINA VAI VIAJAR para Londres esta noite. Ao menos uma vez na vida, está pronta e com as malas feitas. Tem o dia todo livre. Senta-se no parapeito com sua xícara de café e assiste à caótica rua abaixo de sua janela.

De novo, tem vontade de cancelar a viagem a Londres e ficar em Milão, onde pode continuar sua vida, despreocupada. Será que não poderiam expor seu trabalho sem que ela estivesse presente no vernissage? No mundo ideal, ela gostaria de participar da curadoria, mas isso não é absolutamente necessário.

Valentina morde os lábios, pensativa. Claro, tem que ir. Não pode deixar que o medo do desconhecido que ela está sentindo atrapalhe sua carreira. É uma boa oportunidade e, a menos que ligue para Théo, ela sequer vai vê-lo. Londres é enorme.

Mas é exatamente isso que ela teme: sua própria curiosidade, o desejo de ouvir a voz dele mais uma vez, descobrir o que ele anda fazendo. Será que ele já a esqueceu? Ele disse que a amava, e não foi só uma vez. Ela não conseguiu fazer o mesmo por ele. Foi isso que os separou: o fato de Valentina não ter conseguido dizer “eu te amo”.

Chegou tão perto de abrir-se para Théo em Veneza, mas ele foi embora furioso. Agora, é como se ela tivesse enterrado seus sentimentos tão fundo dentro de si que, talvez, nunca tenha coragem suficiente para expressá-los. Porém, a decisão de ir para Londres — decisão que ela tomou num piscar de olhos — não se deve apenas à oportunidade de expor seu trabalho, mas a Théo. Tem que admitir isso para si mesma. Por alguma razão inexplicável, a esperança bate em seu peito como um pássaro frenético. Tem uma sensação louca de que vai ficar tudo bem.

Valentina dá um gole em seu café. O líquido quente a acalma. Envolve a xícara morna com as mãos e cheira a bebida. Conseguiria reconquistar Théo? Pela primeira vez, se permite considerar essa possibilidade. Ela se sacode, lembrando-se de seu mantra: nada dura para sempre. É só olhar para seus pais, por exemplo: a união deles não durou, não é? Seu pai deixou sua mãe quando Valentina ainda era uma menina e ela nunca mais o viu.

Pensar no pai faz com que ela se lembre de algo que descobrira em Veneza,

meses atrás — um lampejo de memória desagradável, que a irritava muito. O inspetor de polícia Garelli disse-lhe que seu pai teria orgulho dela. Garelli é a única pessoa que diz conhecer seu pai, além de sua mãe e seu irmão, claro. Sempre foi inflexível quanto a não querer conhecê-lo. Se ele nunca se dera ao trabalho de contatá-la, por que ela tentaria procurá-lo, então? Sua mãe diz que não tem ideia de onde ele esteja e seu irmão, Mattia, diz o mesmo. Então, Valentina nunca pensou muito em seu pai — ao menos não até a conversa que teve com o inspetor Garelli na noite em que ela e Théo estiveram juntos pela última vez.

Valentina repousa sua xícara de café. Levanta-se e vai até a escrivaninha. Puxa a primeira gaveta e enfia a mão no bolo de papéis, lápis, borrachas e folhinhas de Post-it. Da última vez que viu o cartão de visitas de Garelli, tem certeza de que foi lá. Inclina-se, vasculhando o fundo da gaveta, onde finalmente o encontra, já meio comido por traças. As informações estão claras. Dá uma olhada no relógio pendurado na parede. Ainda faltam seis horas para encontrar Antonella — tempo mais do que suficiente para ligar para Garelli e falar com ele antes de viajar. Claro que ela poderia fazer isso quando voltasse de Londres, mas, agora, de repente, simplesmente tem que saber o que Garelli quis dizer com esse comentário. Afinal, de onde ele conhece o pai dela?

Valentina bate levemente o salto no chão do Bar Magenta enquanto espera. Alisa seu vestido listrado preto e branco com as mãos, sorrindo internamente pela escolha do visual. Será impossível para Antonella não a encontrar no aeroporto. Está usando um par de botas pretas com salto de plataforma Carl Scarpa e jaquetinha de couro estilo motociclista. O vestido era de sua mãe que, na opinião de Valentina, cuidava melhor de suas roupas que de seus filhos. Estava em tão bom estado que parecia novo. Passa a mão na testa nervosamente e dá um gole em seu Negroni. Talvez seja uma má ideia. Afinal de contas, há menos de seis meses, Théo era suspeito de furto de obra de arte. Será que ela poderia ser acusada como cúmplice por ter transportado o quadro de Milão até Veneza? Talvez devesse esquecer aquilo tudo.

Mas, quando está terminando de beber seu drink e juntando suas coisas para ir embora, Garelli entra no bar. Seus olhos se iluminam ao vê-la e ele abre um sorriso largo, como se fossem velhos amigos.

— Valentina — ele diz, abaixando-se e cumprimentando-a com dois beijos. — Você está linda como uma pintura, como sempre. Deixe-me oferecer uma bebida a você.

— Não, obrigada. Estou bem.

— Mas você acabou de terminar o seu... Eu insisto.

* * *

Valentina toma um bom gole. Agora que Garelli está de frente para ela, olhando-ansiosamente, ela não sabe muito bem por onde começar. Confusa, finge prestar atenção em sua bebida.

— Bom, Valentina — Garelli diz, enfim, obviamente impaciente. — Como posso ajudá-la?

Ela olha para ele, tentando resumir as palavras. Por algum motivo, fica sem jeito, quase envergonhada, de perguntar a esse homem, um estranho, praticamente, onde seu pai está.

— Talvez você tenha mais informações sobre o senhor Théo Steen? — diz, levantando as sobrancelhas. — Apesar de que acredito que ele não esteja mais em Milão... Ou seja, para ser direto, não é mais nosso problema — diz com um olhar complacente.

Valentina se sente incomodada. Que arrogância!

— Não, não quero falar sobre Théo — diz.

— Então?

— Quando nos vimos em Veneza, você disse uma coisa pra mim... sobre meu pai — balbucia.

Garelli apenas a assiste se contorcer à sua frente e espera que ela continue.

— Você disse que ele teria orgulho de mim. E que você o conhecia.

— Sim — Garelli balança a cabeça afirmativamente. Eu o conheci — parece surpreso.

— Como você o conheceu?

— Nós trabalhamos juntos — Garelli toma um gole de vinho. — Ele nunca te contou isso?

Valentina abaixa a cabeça, olha para a mesa de madeira e segura sua extremidade com uma das mãos.

— Eu não o conheço — diz em voz baixa, constrangida.

— Sério?

Ela levanta a cabeça e vê Garelli olhando pra ela, estupefato. Então confessa:

— Ele nos deixou quando eu tinha seis anos de idade.

Garelli franze a testa. — Esse não é o tipo de postura do homem que conheci — diz.

— Bom, me conte, por favor, que tipo de homem ele é — Valentina retruca, como que irritada com o jeito cerimonioso dele — porque eu não tenho a menor ideia.

Ela toma um enorme gole de sua bebida e quase se engasga.

— Philip Rembrandt é o cara — Garelli diz simplesmente, balançando a

cabeça. — Eu o conheci quando seu irmão, Mattia, era pequeno. Philip era muito dedicado a ele.

— Mas de onde você o conhece?

— Conhecia — Garelli corrige. — Não o vejo há anos, desde que foi embora de Milão — diz nostalgicamente. — Não queria ter perdido o contato, mas sabe como é... — fica melancólico, mas volta a si. — Valentina, nós trabalhamos juntos.

— Meu pai era policial?

— Não — Garelli diz. — O Phil, não. Ele era um excelente jornalista investigativo. Me ajudou em alguns grandes casos sobre a Máfia.

Isso é novidade para Valentina. Sua mãe havia dito que seu pai era professor na universidade. Nunca disse nada sobre ele ser um jornalista investigativo. A imagem que ela tinha de um fumante de charuto, escritor de arte desorganizado, estava mudando em sua cabeça. Seu pai era um jornalista investigativo. Pensa em Dustin Hoffman e Robert Redford interpretando Woodward e Bernstein em *Todos os Homens do Presidente*, desvendando o escândalo Watergate. Eles eram hiperativos, corajosos, inteligentes e ousados. É difícil acreditar que seu próprio pai tinha sido assim. Com certeza sua mãe teria usado esse fato para se gabar, não?

— Tem certeza? Quero dizer... não é isso que me contaram.

— Claro, tenho certeza — Garelli confirma. — Pegamos um cara chamado Caruthers juntos. Foi um caso famoso na época. Era um dos chefões da máfia, estabelecido em Nova York, mas trabalhando aqui na Itália também — Garelli olha para ela. — O que posso dizer, Valentina? Seu pai salvou minha vida.

Valentina está boquiaberta; olha para Garelli sem saber o que dizer.

— No ano passado, estava apenas de olho em você pela amizade que tive com seu pai... não tinha certeza sobre o senhor Steen.

— Você estava tentando me proteger?

— Acho que sim. Mas, obviamente, você não precisava da minha ajuda — Garelli ri.

Ela fica mexendo em um de seus anéis, tensa com a próxima pergunta.

— Você disse que meu pai teria orgulho de mim?

— Por causa de seu vigor, Valentina; você é exatamente como sua mãe.

Faz cara feia quando sua mãe é mencionada.

— Se ele gostava tanto do vigor dela, por que a abandonou?

— Imagino que deva ser mais complicado do que isso — Garelli responde enigmaticamente — Mas, naquela época, já não trabalhava mais com seu pai. Eu estava morando na Espanha e não o vi desde que você nasceu.

— Ela o afugentou — Valentina resmungou — exatamente como afugenta

todos ao seu redor.

Garelli fez uma pausa e então disse, com voz mais suave:

— Não acho que tenha sido bem o caso.

Valentina examina Garelli. Tem a impressão de que ele está escondendo algo, mas sua expressão é impassível. Termina sua bebida. Tem a sensação de que revelou muito de si para este homem, de quem nem gosta. Sente-se exposta, estranha. Queria nunca ter ligado para ele. Deveria esquecer esse assunto do seu pai. A razão a diz para deixar isso de lado, pois, certamente, se seu pai quisesse saber dela, poderia tê-la facilmente encontrado. Ainda assim, não consegue conter a curiosidade.

— Tenho que ir — Valentina diz, apontando para as malas e se levantando. — Vou para Londres. Podemos nos reencontrar quando eu voltar? Você me dirá mais a respeito de meu pai?

— Claro que podemos, mas você sabe que pode falar com ele diretamente, não?

Ela congela.

— Você sabe onde ele está?

Imaginou que, como Garelli não esteve em contato com seu pai durante todos esses anos, não teria a menor ideia de onde ele estaria agora.

— Tivemos que ficar de olho nele... por causa dessa história. Até onde sei, ele não se mudou.

— E onde ele está?

Garelli a encara. Ela vê um sorriso se formando em seu rosto.

— Londres.

MARIA

— Minha intenção é trazer a imagem de várias forças de vida interagindo em constante mutação — Bruno Lempert fala como se estivesse lendo um livro didático e Maria tem dificuldade em acompanhar o inglês dele. — Recriar essas forças da natureza requer um instrumento refletor lapidado e purificado.

Maria sofre para manter as costas esticadas, mas todos os dançarinos estão sentados estáticos. É como se estivessem ouvindo palavras proferidas pelo próprio Deus. Os olhos dele são redondos com pálpebras pesadas, mas, apesar da cor castanha rica e profunda, Maria acha que parecem frios. Está um pouco assustada com seu novo professor. Ele fala por enigmas.

— É isso que eu preciso que você, bailarina, seja. Preciso que, com seu corpo, reflita diversos elementos. Quando está dançando, não pode ser você mesma.

Ele olha dentro dos olhos de Maria, que se sente ruborescer. Tem vontade de fugir da escola de dança, mas não pode. Depois de todo o trabalho que sua mãe e Pina tiveram para que ela pudesse estar lá — e Jacqueline também... como ela gostaria que Jacqueline fosse sua professora e não esse homem austero. Mas parece que o trabalho de Jacqueline é ir para escolas e ensinar *balé* para as alunas de Londres: trabalho básico. O professor de Maria não é ninguém menos do que Lempert, fundador e presidente desta nova escola de dança, além de colega e amigo de Kurt Jooss. Dançou nos balés de Jooss. Sabe do que está falando e esse grupo de vinte e poucos homens e mulheres foi escolhido a dedo. Mas, dentro de Maria, há uma pequena voz se rebelando, pois o único momento em que sente que é ela mesma é quando está dançando. Se ele pedir que ela abandone isso, não sobrá alma dentro dela para dançar.

— Evidentemente, há um processo pelo qual isso pode ser alcançado — Lempert continua. — Para refletir tais elementos naturais, temos que estudar a dinâmica deles dentro de nosso corpo, nossa mente e nossa alma. Então, por meio do movimento, iremos externá-los.

Uma garota loira sentada ao lado de Maria espirra e tira um lenço da manga de seu *collant* para assoar o nariz. Maria olha para ela. A garota fica cor de beterraba de tanta vergonha e, imediatamente, Maria sente empatia por ela. Elas se olham e sorriem, voltando a prestar atenção no professor em seguida.

— Mas, antes de tudo — ele diz, andando em volta deles em círculo, de modo

que Maria não sabe se deve se virar para vê-lo ou se fica imóvel —, temos que começar pelo começo e isso requer uma desconstrução do corpo, o que irá libertá-lo de todos os gestos habituais.

Ele está na frente deles e, quando bate palmas, após uma breve hesitação, o grupo se levanta. Maria balança as pernas duras.

— Por favor, aqueles que já estudaram balé clássico levantem as mãos.

Todos levantam as mãos, a não ser Maria, a moça loira do nariz escorrendo, uma mulher com o cabelo preto e curto — que parece um pouco mais velha do que os outros — e dois dos quatro homens da sala.

Lempert faz uma careta e, mais uma vez, Maria sente o rosto esquentar. É a primeira aula e ela já se sente envergonhada pela sua falta de prática. Como ela poderia pensar que teria um pedigree comparável ao dos outros? Olha para a garota loira e elas sorriem novamente, em afinidade.

— Por favor — Lempert diz, direcionando o pequeno grupo —, venham e fiquem deste lado da sala. — Então, ele manda os outros dançarinos para o fundo do estúdio e, para sua surpresa, Maria vê-se com seus companheiros à frente dos demais.

— Agora — Lempert diz, com as mãos sobre os quadris e direcionando a fala para o grupo de dançarinos de balé — vocês terão que trabalhar muito mais do que esses dançarinos porque, devido ao estudo clássico, seus corpos têm certos hábitos. Alguns grupos musculares só vão se coordenar com outros grupos musculares específicos. Teremos que trabalhar para que seus corpos alcancem um grau de relaxamento que vocês não conseguem com seus hábitos clássicos.

— Você está dizendo que o balé clássico está errado? — Uma garota ruiva de cabelo encaracolado perguntou em nome do grupo de dançarinos de balé.

— Claro que não, Alicia — Lempert balança a cabeça. — Como poderia ser tão simplista? O fato é que o balé clássico está amparado em anos e anos de tradição. No Ballets Jooss, estamos tentando fazer algo diferente. Por exemplo, se você observar os temas de nossos balés, como você os descreveria?

— Revolucionários — diz a mulher de cabelo curto ao lado de Maria.

Lempert movimenta-se pela sala.

— Realmente — diz. — São políticos, sociais, humanistas... Eles articulam intelecto e coração. E é isso que estamos tentando fazer aqui: combinar espírito, mente e corpo. Gente, queremos nos comunicar.

A cabeça de Maria começa a pesar. É muita teoria. Ela só quer dançar.

Tem um lampejo de memória: está no piso térreo do abandonado *palazzo* com sua mãe, Pina e Jacqueline. Jacqueline está tocando um pequeno piano antigo que Belle desenterrou de algum lugar e Maria está dançando para elas. O sol do inverno veneziano penetra pelas janelas cobertas por tábuas até a metade,

revelando grãos de poeira suspensos no ar ao redor de seus pés descalços. Sua mãe e Pina estão assistindo; no entanto, apesar de seus olhares repletos de admiração, não é para elas que está dançando, mas para um fantasma sentado ao lado delas — seu pai, Santos Devine, marinheiro e aventureiro.

Para seu alívio, Lempert bate palmas, indicando que o grupo se juntasse novamente.

— Agora — ele diz —, chega de falar. Vamos começar.

Para sua surpresa, Lempert os instrui a tirar os sapatos. Sente as tábuas de madeira frias sob a sola dos pés descalços.

— Sem dança — ele instrui. — Só quero movimento.

Ele acena para o pianista, posicionado na estante de regente embaixo de uma pequena galeria, no fundo do estúdio.

— Quando eu contar quatro, quero que comecem a andar pela sala. Sem contato visual, olhando para o chão, por favor. Um, dois, três, quatro...

Maria começa a andar sem olhar para os outros dançarinos, curiosa para saber o que estão pensando. Uma parte dela está aterrorizada com a ideia de fazer papel de boba, mas a outra está entusiasmada. Começa a captar o que o professor está dizendo.

— Quero que vocês andem com a emoção da hesitação — ele desafia.

O piano desacelera e, em resposta, Maria começa a arrastar os pés pelo estúdio.

— Andem com satisfação.

Ela segue desapressada. Por algum motivo, se imagina como um homem gordo com a barriga grande, bem alimentado, pesado de satisfação. Levanta o estômago e coloca as mãos sobre ele.

— E com alegria.

Agora está de volta a Veneza: é uma gato preto, saltando entre os telhados, desfilando sob a luz dos postes, parando para lambar o creme na ponta do nariz.

— Com liberdade.

Está deslizando sobre um rio congelado. Pensa como deve ser, pois nunca patinou na vida. Mas a imagem parece mágica: mover-se no gelo, com graça, velocidade e equilíbrio perfeitos.

Enquanto desliza pela sala, acaba notando sua amiga loira, que está andando na ponta dos pés. Como suas visões de liberdade são diferentes!

Apesar de ser o primeiro dia de aula, Lempert não os poupa. Após passar duas horas desconstruindo seus corpos, todos estavam sem fôlego e energia. O *collant* de Maria estava grudado em seu corpo suado.

— Chega! — Lempert anuncia de repente. — Todas as manhãs, teremos aula

técnica e, todas as tardes, estudaremos outros assuntos relacionados à notação de dança, teoria, exercício de palco, maquiagem e projeto de vida. É um ensino circular da dança — uma abordagem orgânica.

Há um burburinho de surpresa entre os dançarinos.

— Faremos uma pausa para o almoço agora. Estejam de volta às duas para a aula teórica.

As meninas lotam o pequeno vestiário. Não há janelas e o cômodo úmido é iluminado por uma única lâmpada. Apesar de todo o tumulto ao seu redor, Maria não se apressa. Tem sanduíches que Jacqueline preparou para ela esta manhã: um tipo de patê de carne escuro entre duas fatias preciosas de pão integral racionado. Não sabia aonde ir para comer seu lanche e é tímida demais para perguntar às outras. Pouco a pouco, o vestiário vai ficando vazio, até que ela é a última que resta.

Pendura seu *collant* preto encharcado de suor. Felizmente, tem outro limpo para usar à tarde. Veste a saia e a malha, abotoa o casaco e pega sua bolsa. Bem, tinha ao menos que pegar um pouco de ar fresco e, com certeza, encontraria um parque para sentar-se. Não tem fome alguma. Talvez dê seus sanduíches para as pombas de Londres, se bem que sabe que, com a falta e o racionamento de comida, isso não seria algo muito ético.

Sai da escola de dança, uma casa antiga de tijolos azuis, não muito diferente da casa de Jacqueline, e fica parada por um momento do lado de fora, pensando para qual lado vai.

— Oiê — diz uma voz atrás dela.

Vira-se e vê a garota loira da aula, ajustando seu chapéu enquanto se aproxima dela. A garota estende a mão.

— Joan.

— Maria.

— Prazer em conhecê-la. De onde você é, Maria?

As meninas começam a andar pela rua. Parecem estar se afastando do rio.

— Itália — Maria fala quase que sussurrando, esperando pela hostilidade, afinal Joan fala de um jeito bem britânico.

— Ah, Itália! — Joan a surpreende com seu tom impressionado. — Sorte a sua. De onde na Itália?

— Veneza.

— Não acredito, jura? Meu Deus, sempre sonhei em ir pra Veneza. É tão lindo quanto dizem?

Maria pensa em sua cidade natal enquanto descem a Rua Kennington, com carros e caminhões passando por elas, expelindo fumaça. Era impossível ser

mais diferente do que essa selva urbana.

— Ah, sim — ela se entusiasma. — É um lugar mágico.

— Adoro o seu jeito de falar inglês. É tão doce. Lembra um pouco o inglês americano — Joan dá um sorriso-risada.

— Aprendi com Jacqueline... — Maria se aborrece.

— E ela é meio-americana, não? Isso explica — Joan diz. De repente, ela para e coloca a mão no braço de Maria. — Eu sei quem você é! Você não é a filha daquela mulher incrível a respeito da qual Jacqueline sempre fala? Belle?

— Sim, sou eu.

— Ela parece tão corajosa, ajudou tantos judeus a fugir durante a guerra. Você deve ter orgulho dela.

— Sim, claro que tenho — mas o que Maria se lembra daquela época não é o quão corajosa sua mãe tinha sido, mas o quão tensa ela ficava. Não conseguia deixar de ajudar as pessoas, por mais que sempre temesse ser descoberta. Pensando bem, Belle arriscou a própria vida e a vida de Pina para salvar estranhos. Sabe que não é muito nobre pensar dessa forma, mas é a verdade.

— Que tal irmos tomar uma xícara de chá e um bolinho? Você gostaria? Há um café no fim da rua.

Joan é um tanto tagarela, e Maria gosta disso. É tão amigável e calorosa, bem diferente de outros ingleses que conheceu até agora.

— Então, o que você acha do Lempert? — pergunta para Maria.

— Estou tendo dificuldade para entender a abordagem dele, para ser sincera...

— Ah, não se preocupe; você vai entender muito em breve, quando começarmos a dançar de verdade — os olhos de Joan brilham. Abre a cigarreira e oferece um cigarro para Maria. — Claro, estou apaixonada por ele — Joan diz dramaticamente —, mas também estou apaixonada por muitos outros — suspira com desenvoltura. — Me apaixono muito facilmente — tira o cigarro da boca e dá outro gole em seu chá.

Maria olha para a marca de batom vermelho na xícara.

— Nunca me apaixonei — diz, de repente, chocada com a confissão que fez para a nova conhecida.

— Ah, mas você é muito jovem, só está começando. Quantos anos você tem?

— Dezoito. Mas você não parece ser muito mais velha do que eu — Maria protesta.

— Vinte e dois, querida; e isso faz toda a diferença, acredite — Joan apaga o cigarro e dá mais uma mordida em seu bolo de passas. — Se bem que eu tinha dezessete anos quando me apaixonei pela primeira vez. Mas foi durante a guerra. Cresce-se muito rápido durante a guerra. As coisas são diferentes.

— De que jeito?

— Ah, com certeza você deve saber. Viver em um território ocupado e tão ameaçado... escondendo todas aquelas pessoas como Jacqueline e ajudando-as a fugir.

— Não fui eu. Foi minha mãe quem fez isso. Eu era muito nova pra ter consciência de algo diferente daquilo. Era tranquilo na maior parte do tempo. Veneza só foi bombardeada uma vez e nem foi na cidade.

— Bem, não foi tranquilo por aqui, devo dizer. Queria estudar dança e estava em Dartington Hall, com Lempert e Jooss. Joan corta o bolo com as mãos e come um pedacinho por vez, saboreando cada mordida.

— Onde é? — Maria pergunta.

— É um lugar incrível em Devon, uma escola de arte. Eu amava — Joan suspira, pegando os últimos farelos de seu prato com a ponta dos dedos. — Mas aí, sabe, era durante a guerra e decidi vir para Londres. Queria fazer parte, sabe — o sorriso de Joan começa a desaparecer. — Deus, com certeza fiz parte...

Ela toma mais um gole de chá e se recompõe.

— Então, quando os americanos vieram, tínhamos essas danças incríveis. Foi quando conheci Stan. Ele era piloto de um avião de bombardeio. Parecia Clark Gable, te juro que era a cara dele. Era um sonho e caí de amores por ele. Despenquei, na verdade.

— E o que aconteceu? — Maria pergunta.

Joan cruza as mãos sobre o peito e diz dramaticamente:

— Ele partiu meu coração.

Maria está gostando desta história de amor. Durante sua vida com Belle e Pina não houve um romance masculino e a conversa sobre o piloto americano, Stan, a entusiasma.

— Ele morreu em combate? Foi considerado desaparecido? O que aconteceu? — pergunta, ofegante.

— O canalha era casado em Ohio. Só me contou depois que comeu minha cereja.

— Como assim?

Joan dá uma risadinha.

— Você sabe... tirou minha inocência... — pisca para Maria, que fica vermelha. — Eu sei, parece que fui fácil demais, mas era tão diferente durante a guerra. Quando se conhecia alguém e se percebia alguma afinidade, o amor vinha junto. Afinal, podia não haver dia seguinte — toma o último gole de chá. — Então, dei a coisa mais preciosa que tinha. Como um talismã, esperei que pudesse mantê-lo vivo e acho que consegui, só que não para mim, e sim para a mulherzinha dele, em casa, nos Estados Unidos — Joan disse, agora com uma

certa mágoa.

— Não acho que seja capaz de te ver como uma dona de casa americana — Maria diz confiante, tentando fazer sua nova amiga se sentir melhor.

Joan olha para ela.

— É isso mesmo, minha querida; você está coberta de razão. Definitivamente, não estou pronta para estabelecer família. Quero me divertir.

Maria balança a cabeça, sem saber o que responder. Até então, sua vida foi protegida. Sem danças com soldados americanos ou romances de qualquer outro gênero.

Joan olha para o relógio:

— Acho que devemos voltar.

As garotas pegam suas coisas. Quando saem do café, Joan pega na manga de Maria e aperta seu braço com força.

— Estou tão feliz por estarmos conversando. Todas as outras garotas são metidas. Vai ser bom ter uma amiga de verdade.

Maria olha para Joan, surpresa. Acabaram de se conhecer, como ela já pode chamá-la de amiga?

— O que vai fazer hoje à noite? — Joan pergunta, ignorando sua reação. — Quer sair comigo pra dançar? Conhecer alguns homens?

VALENTINA

O TÁXI CORTA as ruas congestionadas de Londres e a cidade parece um enorme monstro metropolitano, com vapores de escapamento fumegando sob a chuva. O ritmo da cidade é ainda mais frenético do que o de Milão.

— Mikhail quer que eu vá pra Rússia com ele — Antonella vai dizendo, sentada ao seu lado no banco traseiro do tradicional táxi preto.

— Ele quer te apresentar pra família dele? — Valentina só está ouvindo sua amiga parcialmente, pois a outra parte dela está voltada para o lado de fora da janela, observando a chuva cair sobre os londrinos que seguem apressados pelas ruas.

Apesar do aspecto frio da cidade, seu coração bate forte de emoção. Ela está em Londres. E Théo também. Ele poderia estar na próxima esquina. Ela o imagina andando na chuva, segurando um grande guarda-chuva, protegido do tempo deprimente, levando um jornal inglês embaixo do braço. Sabe que o pensamento é ridículo. Milhões de pessoas vivem em Londres; ainda assim, ela espera ver a figura dele emergindo das cortinas de chuva e neblina a cada nova esquina.

— Não, claro que não — Antonella continua. — Ele quer tirar fotos de mim na Rússia. Nua.

— Por que ele não pode fazer isso em Milão? — volta-se para a amiga, finalmente dando mais atenção a ela. — Além disso, nunca soube que Mikhail é fotógrafo.

— É uma nova frente de trabalho. Ele diz que está entediado com a pintura — Antonella bufa. — Acho que é por sua causa e de suas fotos. Acho que você o inspirou.

É inevitável que Valentina se sinta lisonjeada, apesar de sua amiga estar irritada. Olha para ela, admirada com o seu visual arrebatador. Antonella se produziu toda para a viagem. Leva o cabelo ruivo lustroso preso no alto da cabeça, com mechas caindo em todas as direções; olhos esfumados e batom carmim combinando com o cabelo. Está vestindo uma jaqueta preta estilo militar, sem botões, com o abundante colo destacado por uma camisa de seda vermelha. Suas unhas, pintadas de vermelho bem escuro, quase preto, não estão mais longas.

— OK — Valentina diz. — Mas por que na Rússia?

— A ideia dele é que eu esteja nua na natureza, próxima do lugar de onde ele veio — coça a cabeça. — Onde mesmo? Não muito longe de São Petersburgo, acho. Ele me disse que tem um monte de floresta e também uma pequena cabana de madeira no meio do nada. Quer que eu pose do lado de fora da cabana segurando um machado — dá um riso malicioso. — Ele tem muitas ideias. Quer que eu monte em um cavalete de serrador, mostrando a bunda pronta pra cavalgar! — ri.

— Parece sexy.

— Também parece frio. Parece que ainda está nevando em alguns pontos da Rússia — Antonella suspira. — Mas eu o amo de verdade, é um querido. Acho que vou fazer isso por ele.

Valentina olha para a amiga, pensativa. Com que facilidade ela dizia que amava um homem. Será que realmente sentia aquilo que dizia? Ou falava isso de todos os homens com quem dormia?

O táxi para em um pequeno parque protegido por portões. Valentina analisa as mansões neoclássicas ao redor do parque. A tia de Antonella com certeza não morava em um desses imóveis, certo? Parecem embaixadas e não casas de particulares.

— Chegamos, Valentina — diz, apertando o braço da amiga. — Bem-vinda a South Kensington.

— Meus Deus! Sua tia é milionária ou algo do tipo?

— Não, nada disso! Titia é rica em propriedades, mas pobre de grana. Não sei direito como conseguiu essa casa, nem mesmo se é dela de fato. Acho que pertenceu a um dos amantes dela...

Valentina sai do carro, desorientada. Só esteve em Londres uma vez, com sua mãe, quando tinha onze anos de idade, acompanhando-a em uma sessão de fotos. Na época, ficaram em um lugar bem central, mas ela não consegue lembrar o nome. Lembra-se de ter andado de metrô e que tinha muita gente — muito mais do que em Milão. Também se lembra de ter passado uma tarde maravilhosa no Museu Britânico, vendo todas as múmias egípcias. Adoraria voltar lá.

— Ei, vamos ao Museu Britânico durante nossa estada? — Valentina sugere enquanto sobem com as malas até o grande pórtico de entrada da casa da tia de Antonella.

Antonella torce o nariz de desgosto.

— Não, obrigada! Não vim até Londres pra visitar museus fedorentos... O que eu quero fazer é ir ao Torture Garden!

— Posso imaginar muito bem que tipo de lugar é esse — Valentina resmunga.

— Ah, Valentina, foi você quem me estimulou a deixar meu lado dominatrix

aflorar. Estamos em Londres! Temos que ir lá.

— Pode ser, mas odeio aquelas fantasias de látex. Seria bom se pudéssemos usar nossas próprias coisas. Na verdade, gostaria mesmo de ir nua, apenas com uma capa vermelha, como O.

— Como quem?

— Como O, de *A história de O*, de Pauline Réage. É o romance erótico mais famoso que existe. Vai me dizer que nunca leu?

— Você sabe que não gosto de livros — Antonella confessa. — De qualquer forma, o bacana de ir a um lugar como o Torture Garden é justamente poder usar borracha — Antonella dá um tapinha no bumbum de Valentina. — Vamos lá! Mexa esse corpinho submisso até o elevador que eu estou doida para tomar um drink com Tia Isabella.

Valentina abre o guia *Londres de A a Z* e vê o mapa de novo. Deixou Antonella com tia Isabella na casa de South Kensington, acompanhadas de uma garrafa de Soave já na metade e beliscando azeitonas recheadas. Está claro de qual parte da família vem o lado selvagem da amiga. Apesar de ter o dobro da idade dela, Isabella ainda tem cabelo e temperamento pirofágicos, como sua sobrinha. É a irmã do pai de Antonella, Alexandro, que abandonou a família quando ela tinha dez anos de idade, para fugir com uma mulher mais nova. Isabella, uma editora de revistas, tomou para si a figura paterna da vida da sobrinha e nunca perdeu o contato com ela, mesmo morando em Londres. Tem a mesma exuberância sexual que Antonella — e a mesma assertividade brutal. Já interrogou Valentina a respeito de suas fotografias eróticas, insistindo para ver seu trabalho na tela do computador. Aparentemente, ficou encantada com as fotos de nu de sua própria sobrinha e quis saber se considerava que esse trabalho tinha um lado que explorava as mulheres. Sua última pergunta a incomodou:

— E o que sua mãe acha das suas fotos?

Valentina deixou bem claro que não mostrou seu trabalho para sua mãe e que não pretende fazê-lo. Isabella não respondeu nada, mas arqueou as sobrancelhas, surpresa. Valentina sabe que Isabella e sua mãe foram boas amigas quando ambas moravam em Milão nos anos sessenta e setenta. O apreço entusiasta de Isabella faz Valentina se perguntar sobre o que sua mãe acharia de sua exposição em Londres. Não se deu ao trabalho de contar para ela. Na verdade, sequer contou para Mattia. Tem evitado falar com seu irmão desde que terminou com Théo, por mais que tenha tido que contar quando ele ligou no Natal. Tem vergonha de admitir sua incapacidade de comprometimento para seu irmão, que tem um casamento feliz há dois anos. Ainda que Mattia tenha visto Théo uma única vez, ela sabe que ele gostou dele. Já até deu a entender que ele poderia ser

o cara. “Se é que isso possa acontecer”, Valentina pensa, mal-humorada.

A chuva parou e a luz começa a cair enquanto Valentina percorre as ruas úmidas. Então, este é o Soho. Não é como ela imaginava. Estava esperando *sex shops* escancarados e casas de *peep shows*, mas tudo o que vê são cafés descolados, alfaiatarias, bistrozinhos e galerias. Ainda assim, sente um ar de criatividade e energia que a atrai. É como um pequeno labirinto. Fica andando em círculos até encontrar a Rua Lexington. A galeria fica no final da rua. Dá uma olhada em seu relógio: são seis da tarde. Perfeitamente em ponto. Toca a campainha e espera alguns minutos até o interfone responder.

— Valentina Rosselli para Kirsti Shaw.

A porta é destravada e Valentina entra. Passa por uma recepção deserta e vai até um grande espaço da galeria, um salão quadrado todo branco. Vê que a exposição está em processo de montagem. Há uma escada encostada em uma parede vazia, enquanto a parede ao lado já tem quadros pendurados. Dois refletores estão posicionados para iluminar as imagens. Anda pelo espaço, analisando os outros trabalhos. A mostra parece ter cerca de dez artistas, cada um expondo seis obras. Vê suas fotografias empilhadas ao lado de uma parede distante. Também há uma mesa comprida no outro lado da sala, coberta de fotos. Onde estão todos?

Abaixa-se e começa a verificar suas fotos. Valentina acha que a galeria fez uma seleção bem aleatória de seu trabalho. Há dois retratos da nova amiga de Valentina, a dançarina Célia, com a amiga dela, Rosa. Um mostra Célia na ponta dos pés, a perna esticada para trás, em posição de arabesco, sendo acariciada por Rosa, e a outra é das duas juntas, presas por uma echarpe antiga, enquanto uma masturba a outra. Há uma de suas primeiras composições fotográficas eróticas: um autorretrato nu, em tom de sépia, mostrando seu corpo refletido em um canal veneziano. E há três trabalhos mais recentes. Um foi inspirado em sua experiência com Leonardo. É o close de uma bunda, a de Célia, sobre a qual pingam gotas de cera de vela, o sexo visível. As duas últimas fotos são de Antonella e Mikhail. Uma é um close preto e branco do rosto de Antonella com o pau de Mikhail na boca, e a outra é de Mikhail, que segura os seios e beija um dos mamilos da parceira. São simples, mas impressionam pela força da exibição explícita.

Valentina sabe que algumas pessoas vão classificar suas fotos de pornografia. Em sua opinião, não há negação da beleza: a exposição crua de seus objetos de desejo, da necessidade implícita neles retratada como pura estética. Não são apenas corpos nus e sexo. É poético, é indescritível. Valentina acredita que todos aqueles que criticam o que ela e seus colegas fotógrafos estão fazendo têm medo. Todos têm um lado sombrio. Todos têm desejos obscuros. Ela tem certeza

disso.

Folheia as fotos novamente. Tem a sensação de que falta algo na seleção, mas não consegue indicar o quê.

Escuta a risada de uma mulher e passos se aproximando. Nota outra porta de frente para a recepção, que revela outro espaço da galeria. Uma luz pisca e há duas mulheres nessa sala. A primeira a falar é alta, esbelta, com cabelos pretos muito compridos. Está usando um vestido de seda reto e sem mangas de cor marrom e Valentina não consegue deixar de notar seus braços magérrimos e os ombros ossudos.

— Valentina? — a mulher diz, vindo em sua direção. — Sou Kirsti Shaw. Muito prazer em conhecê-la — ela tem um leve sotaque americano. Kirsti estende a mão, mas Valentina só olha para ela de relance enquanto se cumprimentam. Está completamente distraída pela outra mulher presente na sala, pois a companheira de Kirsti parece ter acabado de sair de uma performance de uma casa de fetiche. A mulher tem os cabelos loiros, com grandes ondas, estilo Marilyn Monroe, só que mais volumosos. A pele é perfeita, mais clara que a de Valentina, com olhos de um azul profundo, emoldurados por um traço de delineador grosso e cílios postiços. Seus lábios perfeitamente *pink* combinam com a roupa. Está vestindo um bustiê de cor fúcsia com fitas pretas traçadas em toda a parte da frente e uma saia combinando, justa nos quadris e nas coxas. Tem um corpo de violão: seios fartos, cinturinha fina e bumbum redondo. Para completar o *look*, está usando luvas *pink* até o cotovelo, meia-calça arrastão e um par de sapatos de salto *stiletto*, no mesmo tom das luvas. Carrega uma bolsinha também *pink* com alça de corrente. O visual está chamativo, tipo *femme fatale*. Valentina faz de tudo para não a encarar, mas não consegue.

— Valentina — Kirsti diz —, gostaria de apresentá-la a uma de nossas expositoras, Anita Chappell. Anita, essa é Valentina Rosselli.

Anita se vira e estende a mão.

— É um grande prazer conhecê-la — diz com sotaque inglês perfeito. Sua voz não corresponde à aparência de anos cinquenta de Hollywood. — Ouvi muito a seu respeito — pisca os cílios postiços. — Adoro suas fotos.

— Obrigada — Valentina balbucia, tentando imaginar que tipo de fotos Anita faz.

— Anita é uma das dançarinas burlescas mais famosas de Londres — Kirsti explica para Valentina.

— Não sou bem uma fotógrafa como você — Anita diz para Valentina. — Nem acredito que o meu trabalho foi escolhido.

— Bom, você é a estrela do seu próprio show, não é? Claro que haverá interesse pelo seu trabalho artístico, especialmente se levarmos em consideração

a sua herança — Kirsti a lisonjeia.

Valentina se pergunta o que Kirsti Shaw queria dizer com isso. O que pode ser a herança de uma artista burlesca?

— Eu achava que não teria chance, mas meu namorado me convenceu a enviar as fotos e, sobretudo, o vídeo — continua Anita.

— Ainda bem, é um registro memorável — Kirsti diz. — Não só fascinante do ponto de vista histórico, mas também do erótico.

Anita vira-se para Valentina:

— Acho que devo explicar. Meu avô era colecionador de arte, especializado em erotismo. Ele possuía alguns filmes eróticos rodados em Paris no final dos anos quarenta e incorporei essas filmagens ao meu trabalho artístico.

— É muito interessante — Kirsti diz para Valentina. — Não temos a projeção do filme ainda, mas você gostaria de dar uma olhada nas fotos de Anita?

— Seria maravilhoso saber sua opinião — Anita complementa. — Sou grande fã do seu trabalho.

— Lógico — Valentina balança a cabeça, estupefata com as duas mulheres.

Anita a leva para o outro lado da galeria, onde há aquela mesa comprida com fotografias emolduradas.

— Estávamos falando sobre elas — Kirsti diz —, tentando decidir onde as pendurar.

Valentina observa as fotos de Anita. Todas são autorretratos. Tem que admitir que são incríveis. A primeira imagem é de Anita deitada de lado, usando um vestido de cor violeta, botas de cadarço de cano longo pretas — até as coxas — e meias sete oitavos rendadas. Seus cabelos loiros estão soltos e os lábios cor de ameixa combinam com o vestido. Apenas um pedaço do bumbum está à mostra na foto. Na segunda imagem, Anita está toda de preto. É um close dela se olhando no espelho, segurando a câmera, com um guarda-chuva oriental cobrindo parte de seu rosto. Só a parte de cima dos seios pode ser vista e os mamilos passam através das fendas da roupa S&M de látex. A terceira foto traz o corpo inteiro de Anita refletido contra um espelho. Está deitada sobre uma pilha de almofadas de seda branca e calça um par de *mules* de saltinho adornados com pérolas. Os pés estão juntos e a base dos sapatos toca o espelho. Suas pernas fazem um arco nos joelhos, que estão virados para fora, refletindo o restante do corpo no espelho: os seios nus, os lábios contraídos e o olho esquerdo fechado para tirar a foto. Apesar de suas pernas estarem abertas, ela não está completamente exposta porque um lenço de *chiffon* lilás recai sobre elas, ocultando seu sexo.

— É a minha favorita — diz Anita quando Valentina pega a foto para examinar. — Acho que é um pouco mais sutil do que as outras.

As outras três fotos são ainda mais gráficas. Uma mostra Anita iluminada por três arcos de luz, posicionados de forma triangular ao redor dela. Está de joelhos, girando a câmera para tirar a foto. Seu cabelo está solto, caindo sobre o rosto como um véu loiro, mas deixando à mostra seus lábios entreabertos e seus olhos fechados.

Em outra composição preto e branco, ela está deitada de costas sobre faixas de seda preta, olhando para um espelho, pernas com meias sete oitavos arrastão cruzadas, mostrando apenas seus lábios vaginais abertos.

— Ah, essa é a minha favorita — diz Kirsti, pegando a última foto, para surpresa de Valentina. Obviamente, a americana não é tão recatada quanto parece. Dizer que a foto é confrontadora seria um equívoco. Anita está deitada de costas, as pernas estão para cima, envoltas em meias cor de pérola — quase o mesmo tom de sua pele —, e seu bumbum está voltado para o espelho. A não ser pelas meias, Anita está completamente nua. Sua cabeça está inclinada para a direita e olhando para o espelho, vigiando o observador, e a câmera está equilibrada em seu braço estendido, de modo que ela pode colocar tudo na foto. Está totalmente exposta.

— São ótimas — Valentina diz.

Anita parece verdadeiramente agradecida. — Mesmo? Significa muito para mim — ela diz.

— Bom, mas não sou experiente em arte erótica...

— Sim, mas você vem de uma família tão famosa... Sua mãe é um ícone!

Valentina endurece com a menção ao nome de Tina Rosselli.

— Senhoritas, devíamos estourar uma garrafa de espumante — diz Kirsti, corada. — Se me ajudarem, poderia decidir onde pendurar tudo. Você tem tempo, Anita?

— Eu me apresento hoje à noite — Anita diz —, mas será bem mais tarde. E é no final dessa rua. Posso ligar pro meu namorado vir me buscar.

— Ótimo. E você, Valentina? Tem um pouco de tempo livre? — Kirsti ainda segura a foto de Anita enquanto fala. As pernas nuas da dançarina brilham sob a luz da lâmpada atrás delas.

— Claro — Valentina se vê dizendo. — Não tenho planos.

Tem certeza de que, nesse momento, Antonella e Isabella já deram a largada em uma noite de bebedeira e lembranças de velhas histórias. Valentina fica feliz em se ver livre disso. Não quer ter que escutar Isabella entretendo-as com histórias de como ela e a mãe de Valentina se divertiam nos anos sessenta e setenta.

Duas horas depois, a exposição está praticamente toda pendurada. Valentina espera que tenha sido um bom trabalho, apesar de suspeitar de que as três

chegaram a um ponto em que estão embriagadas demais para saber. Surpreendentemente, Anita é a que parece estar mais sóbria. O vestido tubinho de Kirsti está levantado e ela dá um sorrisinho malicioso enquanto beberica seu espumante. Já estão na terceira garrafa.

— Então, aqui estou em minha maior e mais suprema fantasia com meninas — diz. — Tomando espumante com as duas mulheres mais sensuais que já conheci.

Anita e Valentina se entreolham. Valentina nunca se sentiu atraída pelo estilo *femme fatale*, mas Anita tem algo a mais... algo doce e atraente...

— Fala pra mim, Valentina — Kirsti diz —, você está usando algo por baixo desse vestido? É tão incrivelmente colado no corpo... — ela avança e passa a mão pela fenda do vestido, subindo até a coxa.

— Não — diz Valentina, paralisada, pensando se seria rude de sua parte tirar a mão de Kirsti. — Não dá pra usar nada por baixo, é muito justo. Qualquer coisa fica marcada.

— Dá para ver — diz Anita, com um sorrisinho. — Adorei, tão ousado com essas listras em preto e branco — muito anos sessenta e arrojado. Já eu estou toda presa pela minha lingerie... e você, Kirsti? Você está usando alguma ceroula? — Anita provoca.

Kirsti começa a rir, tira a mão das pernas de Valentina e, de repente, levanta o vestido. Valentina pode ver que ela é completamente depilada e sua pele é pálida e macia. É surpreendente, pois destoa dos cabelos pretos compridos que usa. Tira uma tanguinha minúscula com seus dedos longos e elegantes.

— Não mais, querida — diz lentamente.

— Você é safada, hein? — Anita provoca.

— Você dançaria pra gente, Anita? — Kirsti pede. — Uma dança exclusiva pra mim e pra Valentina?

— Não tenho música — Anita diz, chateada.

— Você não pode simplesmente imaginar? Nós podemos, não? — Kirsti olha para Valentina com um sorriso sugestivo.

— Tenho que ir — Valentina diz, hesitante.

— Ah não, por favor — Kirsti insiste. — Você tem que ver Anita dançando.

— Tudo bem, mas não é a mesma coisa sem música, vocês sabem. — Anita termina seu espumante.

Valentina está paralisada, incapaz de levantar-se. Por alguma razão, não quer ofender Anita.

Anita se levanta, calça os sapatos *stiletti* de volta e pega uma cadeira, que coloca na frente das duas mulheres. Percorre a galeria, desligando todas as luzes, deixando apenas uma lâmpada acesa, iluminando a cadeira. Posiciona-se sob a

luz: seu cabelo loiro brilha em esplendor, sua pele branca tem cor de pérola e ela faz um biquinho com os lábios. Começa a mover os quadris e vai girando sobre o salto, empinando a bunda para elas.

“Será que ela vai mesmo fazer um *strip-tease*?”, Valentina pensa. Parece tão ridículo e fora de moda, mas Valentina sente que Kirsti, que está ao seu lado, está gostando do show. Observa a dona da galeria. Na escuridão do salão, vê a mão dela escorregando entre as pernas e imagina que esteja com os lábios entreabertos de expectativa.

Vagarosamente, Anita tira cada uma das luvas e abre o fecho de sua saia, puxando-a para baixo do bumbum. Valentina tem que admitir que é muito sexy. Anita continua a se despir, vagarosamente desabotoando a jaquetinha *pink*, que ela tira e joga no meio da sala. Está usando uma minúscula calcinha fio dental de paetês, meias sete oitavos, cinta-liga e um espartilho. Desata o espartilho, que cai e revela um sutiã todo trabalhado. Por baixo de todas as camadas de roupas, Anita tem um corpo lindo: a cintura naturalmente fina, bundinha redonda perfeita — não muito grande, como a de Valentina — e seios atrevidos, arredondados. Valentina sente seu corpo esquentar por dentro em resposta à visão dessa mulher maravilhosa. Anita tira os saltos, sorrindo para Kirsti. Levanta uma das pernas e coloca o pé na cadeira. Vai enrolando a meia e movendo o bumbum ao mesmo tempo. Vira-se e senta na cadeira, levantando a outra perna no ar e vagarosamente tirando a meia. Valentina ouve a respiração de Kirsti acelerar, mas não consegue vê-la claramente no ambiente turvo. A experiência é surreal. Não estava esperando por isso quando foi lá hoje à tarde: presenciar uma dona de galeria se masturbando enquanto assiste a um show de *strip-tease*.

Dentro de sua cabeça, ouve a voz de Théo: “Bem-vinda a Londres, Valentina”. Lembra-se do quanto ele tentou estimulá-la a abandonar suas inibições e se divertir. Apesar de não desejar transar com nenhuma dessas mulheres, fica excitada e sente saudades de ser tocada por um homem — pelo seu homem. Sem pensar, escorrega a mão pela fenda do seu vestido e se toca. Treme com a sensação de leveza. Sabe que anda muito tensa. Toda essa expectativa — a exposição, Théo...

Anita abre a cinta-liga, ficando quase nua. Então, sobe as mãos até as costas e desabotoa o sutiã, que cai e mostra seus seios — nus, a não ser por dois tapamamilos de paetê. Levanta as pernas no ar e se inclina para trás no exato momento em que Valentina escuta Kirsti arfar enquanto goza.

Cuidadosamente, Valentina retira sua mão. Está muito perto, mas não quer continuar se masturbando agora que Anita acabou sua dança e que Kirsti obviamente conseguiu o que queria. Espera na escuridão da galeria que uma

delas diga alguma coisa. Anita se senta e começa a vestir o sutiã. Está toda profissional agora. Valentina ainda escuta Kirsti respirar profundamente ao seu lado. Gostaria de saber se ela está envergonhada ou se continua bêbada de espumante. Um celular toca. Anita procura sua bolsinha *pink*. Está meio vestida, apenas com as meias e a lingerie.

— Oi, querido. Você chegou? Ok, vamos abrir para você entrar.

Anita acende a luz e se volta para Kirsti.

— É meu namorado. Você pode destravar a porta para ele?

Kirsti se levanta e pega sua calcinha do chão. Está cheia de compostura, como se nada fora do normal tivesse acontecido. Sai da sala; Valentina ouve a porta se abrir e um homem falando baixo.

— Então, o que você achou da minha performance? — Anita pergunta seriamente para Valentina enquanto se recompõe e fecha o zíper da saia.

— Posso dizer, com toda sinceridade, que você estava muito sexy.

Anita fica feliz.

— Obrigada — ela acena para a porta com a cabeça, abotoando a jaquetinha *pink*. — Coitada da Kirsti; sempre pede para eu dançar pra ela. Vivo dizendo que ela tem que arrumar uma namorada.

— Acho que é de você que ela gosta — diz Valentina.

Anita balança a cabeça.

— Bom, ela não vai se dar bem. Sinto muito, mas ela decididamente não faz meu tipo — lança um olhar de flerte. — Além disso, estou comprometida no momento. Acabei de conhecer alguém.

Anita olha ansiosamente para o corredor atrás de Valentina, que dá para a galeria. Valentina escuta os saltos de Kirsti batendo no chão de madeira e sente a presença do namorado de Anita quando vê os olhos dela se dilatarem.

— Falando do diabo, eis que ele aparece! — Anita exclama, sorrindo de alegria.

Valentina se vira, curiosa para saber como era o namorado da estonteante Anita. Porém, quando o vê, seu mundo inteiro desaba diante de si. A galeria gira e todo o espumante que tomou faz com que ela tropece para frente. Seu corpo está tomado pelo choque. Na sua frente, igualmente abalado, está ninguém mais, ninguém menos que Théo.

MARIA

MARIA PERDEU JOAN de vista. Normalmente, saem juntas. No último mês, costumavam sair duas ou três vezes por semana para ouvir música vinda dos Estados Unidos e dançar. Ela inspeciona a boate lotada. É difícil distinguir as pessoas, é tão escuro lá dentro e o ar, denso devido à fumaça, turva a vista. Só é possível enxergar a banda. Maria vê o trompetista se inclinar para trás e levantar o instrumento cintilante em direção ao teto, explodindo o som. Toca um novo tipo de jazz, ágil e selvagem. Faz a pulsação dela acelerar e ela não consegue conter os quadris, que balançam apesar de sua ansiedade. No entanto, tem que encontrar Joan agora. Elas têm escola de dança pela manhã e já passa da meia-noite.

Perpassa a multidão. Homens olham para ela, um ou dois tentam contê-la, falam com ela.

— Procurando por mim, querida?

Mas a maioria dos homens está escutando a música, seus rostos extasiados como se estivessem em transe.

Aliviada, Maria avista sua amiga em uma mesa no canto. Por que mudou de lugar sem avisá-la? Há dois homens sentados com ela. Um está ao lado de Joan, com o braço sobre os ombros dela, e o outro está de costas para Maria. Seu coração apertado. A noite estava sendo boa até então: tinham ido dançar no Astoria e vieram para cá em seguida, para esta pequena boate no Soho, a fim de curtir a música que Joan diz trazer memórias de seu namorado americano, Stan. Porém, agora, Maria está cansada e quer ir para casa dormir. Prometeu a Jacqueline que voltaria antes da meia-noite. Já está atrasada. A última coisa que quer é ter que se esquivar da atenção indesejada de um homem.

Vê Joan acenando enquanto se aproxima da mesa.

— Aí está você — diz Joan, sorrindo para ela com doçura. — Aonde você foi?

— Você trocou de mesa — Maria reclama, sentando na cadeira ao lado do estranho.

— Ah, é, me desculpe — Joan dá um riso amarelo. — Ralph e seu amigo queriam se sentar conosco. Você não se importa, né? Eles pegaram um drink pra você.

Joan acena com a cabeça para o companheiro dela. Maria tem que admitir que é muito atraente: cabelos negros, bigode esculpido e sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Parece um aristocrata russo. Também está bem bêbado, mal notando a presença de Maria enquanto diz algo no ouvido de Joan, fazendo-a rir ainda mais. Maria senta-se bem rígida em sua cadeira, não ousando olhar para o homem ao seu lado, até que ele tosse — o que a obriga a falar com ele.

— Prazer em conhecê-la, Maria. Meu nome é Douglas.

Ele tem uma daquelas caras pálidas de inglês, cabelos cor de areia, olhos azul-turquesa e sardas. Ela aperta as mãos frouxas dele e dá um gole em seu drink, tossindo em seguida.

— Você está bem? — Douglas pergunta.

— Sim, tudo bem — Maria responde. — Simplesmente não sei o que estou bebendo, é só isso.

— Gin tônica — Douglas pega seus cigarros e oferece um a ela. — Não é isso que todas as garotas bebem hoje?

— Até hoje só bebi vinho.

— Entendi. Achei mesmo que você parecia ser europeia. De onde você é?

— Itália.

Douglas parece desconfortável por um momento.

— Preferia que você tivesse dito que é francesa ou espanhola — diz finalmente.

— Por quê?

— Lutei contra os italianos na Abissínia durante a guerra — Douglas chacoalha a cabeça e olha para a banda, que acaba de começar outra sessão.

Maria fica sem palavras. Agora, sente-se ainda mais desconfortável do que antes. Talvez ela possa sair e voltar a pé para a casa de Jacqueline. Ficaria tudo bem se ela abandonasse Joan? Maria olha para sua amiga. Ela está *muito* bêbada. Vê Ralph escorregar a mão por baixo da saia de Joan. Já chega: ela tem que a tirar de lá antes que algo aconteça.

Levanta-se abruptamente e pega a mão da amiga.

— Vamos embora. Está tarde.

Joan franze a testa.

— Não quero ir — diz, puxando a mão — Está começando a ficar divertido.

— Acho que devemos ir. Temos aula amanhã cedo.

— O que vocês estudam, meninas? — Ralph pergunta com a voz arrastada.

— Somos alunas de dança, querido — Joan passa a mão pelo rosto dele.

— Ah, bailarinas! Isso explica... — Ralph olha para Maria com olhos semicerrados. Faz com que ela se sinta como uma prostituta barata. Como ele ousa?

— Joan — Maria diz com firmeza —, estou indo embora agora e acho que você deveria vir comigo.

Joan acena para que ela vá.

— Não se preocupe, querida. Estou bem. Sou uma mulher do mundo.

* * *

Maria não pode fazer mais nada. Segue para fora da boate. Está brava com sua amiga por estar tão bêbada e por ser tão burra. Também está brava com Ralph, por subestimá-las. Mas também se sente frustrada. É incapaz de evitar que Joan se comporte mal e uma parte dela se sente como uma boba, uma desmancha-prazeres. Sai para a rua fria e respira o ar fresco profundamente. Nossa, como aquele lugar estava esfumaçado.

— Posso levá-la para casa?

Vira-se surpresa. Douglas está atrás dela, segurando sua bolsa de noite. Na afobação de sair, esqueceu-se de pegá-la da mesa.

— Ah, obrigada — diz, enquanto ele passa a bolsa para ela, que a coloca sob o braço. Fica olhando para ela com aqueles olhos azuis apáticos e, apesar de ser uma noite amena, ela treme involuntariamente. — Posso ir andando.

— Que bobagem. Não me sentiria bem, a não ser que a visse segura em casa com meus próprios olhos — Douglas diz. — Vamos. Parei o carro logo na esquina.

Maria agarra a bolsa, tentando controlar a ansiedade com relação a Joan enquanto Douglas dirige a toda velocidade pela Rua Pall Mall e passa o Palácio de Buckingham.

— Você conhece bem o Ralph? — pergunta para ele.

Ele lança um olhar para ela, analisando-a friamente.

— Ah, sim. Servimos juntos na África. Posso garantir que ele é um cavalheiro.

Maria não tem tanta certeza. Lembra-se dele correndo as mãos por baixo da saia de Joan e da nuvem embriagada no olhar da amiga. Fica preocupada com ela. Não deveria tê-la deixado sozinha.

— E se voltássemos para buscar Joan? — ela arrisca.

Douglas coloca a mão sobre o joelho dela, que fica perplexa, como se tivesse sido marcada a ferro quente.

— Sinceramente, acho que sua amiga sabe muito bem como se cuidar. Ela não é inocente... Não como você.

Maria olha para Douglas, mas ele está olhado através do vidro dianteiro, e sua expressão é indiscernível. Ela se vira para o outro lado de modo que a mão dele escorrega do seu joelho. Deseja muito chegar à casa de Jacqueline enquanto

Douglas acelera na Estação Victoria, na total escuridão que caracteriza a Londres pós-guerra à noite.

Quando chegam à rua dela, Douglas insiste em estacionar. Sai do carro e abre a porta para Maria. Ela sai do carro meio desajeitada, sem querer pegar na mão dele.

— Obrigada — diz, olhando para o último andar do prédio. As cortinas estão fechadas e não há luz acesa. Jacqueline deve estar dormindo.

Espera que ele volte para dentro do carro, mas ele fica parado na rua deserta.

— Bem, boa noite — Maria diz, procurando a chave da porta da frente em sua bolsa.

— Posso convidá-la para jantar? — Douglas diz de repente. — Sábado à noite?

— Oh — ela balbucia. — Desculpe, tenho compromisso no sábado.

Há algo de errado no jeito com que esse homem olha para ela. A faísca nos olhos desbotados dele a irrita. Não consegue pensar em nada pior do que sair com ele para um encontro.

— Bom, e domingo, então?

— Não posso, desculpe — balança a cabeça negativamente.

— Segunda?

Agora ela não tem mais nenhuma opção além de ser direta.

— Não, obrigada. Sabe, estou muito atarefada com meus estudos de dança.

— Você disse “não”?

Maria nota pela voz que Douglas se sentiu afrontado. Ele a segura no braço, imobilizando-a e forçando-a a virar-se para ele e olhar bem nos seus olhos.

— E um beijo de boa noite, então? — ele quase ameaça, rangendo os dentes e levantando os lábios como se fosse um cachorro raivoso.

— Desculpe — Maria tenta se soltar. — Eu realmente tenho que ir agora. Boa noite — diz com firmeza.

Em vez de deixá-la ir, Douglas a segura com mais força e puxa-a em sua direção.

— Me deixe ir! — Ela se prepara para gritar, mas ele abafa sua boca com a mão.

Maria sente o gosto salgado da mão de Douglas, que ferve contra seus lábios. Luta para se desvencilhar dele, mas é empurrada para a calçada e para a lateral do prédio, em uma pequena rua que dá para os fundos. Está tão perto de Jacqueline, de pedir ajuda, mas não consegue chamá-la. Está na escuridão, tentando se livrar desse homem, mas ele é muito mais forte que ela e a empurra contra a parede de tijolos, pressionando-a e imobilizando-a com seu corpo.

Maria sente uma coisa dura contra sua barriga. Está enojada. Tenta tirar a mão dele de sua boca para poder gritar, mas seus braços estão presos pela pressão do corpo de Douglas. Ele então afasta a mão e esfrega sua boca contra a dela, forçando os lábios para enfiar a língua. Ela sente engulhos devido ao hálito impregnado de álcool do rapaz. Quer vomitar; mal consegue respirar.

Sente-o levantar o seu vestido. “Meu Deus, não desse jeito, por favor”, reza consigo mesma. Pensa em sua mãe e em Pina, no que elas fariam com esse homem se soubessem que ele a estava violentando. Queria tanto um pai — alguém — para protegê-la. Gira a cabeça e morde a língua dele com toda sua força.

Douglas recua em choque.

— Sua puta italiana! — ele bufa, estapeando-a no rosto com força com uma mão e levantando sua saia até a cintura com a outra. Então, puxa a sua calcinha violentamente, rasgando-a. — Vou te foder até você morrer — ri repulsivamente.

Agora que tem a boca livre, Maria aproveita a chance para gritar com toda a força:

— Jacqueline! Socorro! Socorro!

Douglas bate nela outra vez e volta a tapar sua boca.

— Não tem ninguém aqui pra te ajudar — sussurra no ouvido dela — Vou te fazer pagar, Maria, pelos seus compatriotas e pelo que eles fizeram comigo...

Maria fica horrorizada quando ele desfivel o cinto e baixa as calças. O pau duro de Douglas é o primeiro órgão sexual masculino que ela vê na vida. Sabe que ele vai machucá-la com aquele pedaço de carne. Treme só de imaginá-lo dentro dela, rompendo-a. Tenta manter as pernas fechadas, mas ele crava as unhas nas suas coxas para afastá-las. Ela fecha os olhos, sabe que não há mais nada que possa fazer para evitar. Ele é forte demais. Melhor abstrair e esperar até que esteja acabado. Melhor rezar para que ele não a machuque ainda mais depois.

Tudo acontece muito rápido. Num instante, o pau dele está no meio das suas coxas, no limite de penetrá-la; no instante seguinte, ele é arrancado para longe dela. Ela abre os olhos, chocada e aliviada de ver outro homem esmurrando-o. Douglas cai. O estranho chuta o corpo dele sem parar. Douglas implora para que ele pare, mas o estranho é impiedoso. Maria está paralisada. Mergulha no chão, tremendo descontroladamente. Vê Douglas já inconsciente e ainda recebendo chutes.

— Pare! — balbucia. — Você vai matá-lo.

Ela fecha os olhos com força e lambe os lábios.

Uma mão pousa sobre seus ombros. Abre os olhos e o estranho está agachado em frente a ela.

— Você está bem? — pergunta com um sotaque carregado.

Apesar da escuridão, ele está tão próximo que ela consegue ver o rosto dele. E o que vê a impressiona: um homem tão lindo que, apesar da agressão, faz com que ela se sinta derreter. Balança a cabeça, incapaz de falar.

— Deixe-me ajudá-la — ele levanta e oferece a mão a ela.

Maria aceita. Uma mão forte e calorosa a puxa para cima. Sua roupa está toda amassada. Recompõe o vestido. Então vê o estado prostrado de Douglas.

— Está morto? — ela pergunta com um sussurro rouco.

— Não, não... Gostaria de matá-lo. Mas escória como ele não vale o esforço. Acho que, quando acordar, vai fugir de volta para o esgoto de onde veio. Não se preocupe com ele.

— Mas ele sabe onde moro — diz, enquanto passa as mãos no rosto, sentindo o inchaço provocado pela bofetada que levou.

— Você mora aqui? Nesse prédio? — o homem pergunta.

— Sim.

— Bom, eu também — conta, para total surpresa de Maria. — Então, você não tem com o que se preocupar. Se ele aparecer de novo, pode deixar que cuido dele.

Ela começa a andar pela viela, tremendo. Tudo o que quer é entrar em sua casa agora. Deitar em seu colchão, no seu quarto minúsculo, e respirar normalmente de novo. Sente-se zozza, como se estivesse caminhando no lodo, como se o chão fosse desaparecer sob seus pés.

— Deixe-me ajudá-la, você está em choque — o estranho diz. Ele a toma pelo braço delicadamente.

— E, senhorita — diz, tirando algo do bolso. — Isto é seu — entrega a calcinha rasgada.

Ela dá um pequeno soluço e, sem querer, lágrimas começam a cair.

— Está tudo bem — o estranho diz, gentilmente, conduzindo-a pela rua até a frente da casa. — Agora, você está segura.

Sobem os degraus da entrada. O seu salvador tira uma chave do bolso e destranca a porta, guiando Maria pelo hall escuro. Acende a luz.

— Você está tremendo — o estranho diz. — Gostaria de tomar um pouco de conhaque? Tenho em meu quarto.

— Não, obrigada. Só quero ir pra cama. Quero esquecer o que aconteceu.

Começam a subir as escadas. Ela hesita no segundo lance. Ele continua atrás dela. Volta-se para ele. Agora, na luz, ela pode vê-lo ainda mais claramente. Ele é mais velho do que ela tinha pensado no início, mais ainda assim, extremamente charmoso, alto e poderoso, com cabelos negros com alguns fios grisalhos e olhos fortes, cor de café expresso.

— Por favor, não conte a ninguém o que aconteceu — ela pede, olhando para o chão devido ao rosto enrubescido.

— Você não vai contar para Mademoiselle Mournier?

Maria balança a cabeça. Por alguma razão, sente que sua ingenuidade é repreensível. Não quer que Jacqueline tenha um motivo para proibi-la de sair ou, ainda pior, que conte o ocorrido para sua mãe e Pina.

— Ok — diz o estranho. Então, ele faz algo surpreendente: pega um lenço de seu bolso e seca os olhos dela, com a ternura de uma criança.

— Acho que você pode precisar de cuidados, Maria — diz, dobrando o lenço. Ela o contempla. Nunca conheceu um homem tão cavalheiresco.

— Você sabe meu nome?

— Claro que sei seu nome! Somos vizinhos — sorri para ela.

O coração de Maria palpita quando vê as linhas de expressão que se formam ao redor dos olhos dele quando sorri. Qual a idade dele? Trinta? Mais velho, talvez? Ainda assim, sente-se altamente atraída por ele — apesar da agressão.

— Sou Félix Leduc.

Então, ele é o francês misterioso de quem Guido falara. Tinha esquecido dele porque nunca o vira ou escutara desde que chegou.

— Boa noite, Maria — diz, esperando que ela suba as escadas até o apartamento de Jacqueline.

— Boa noite e obrigada, Félix — o nome soa estranho dito pela sua boca. Sobe as escadas, sentindo o olhar dele em suas costas, com medo de virar-se porque ele pode enxergar a verdade nos olhos dela. Porque Maria tem certeza de que acabou de conhecer o homem dos seus sonhos.

VALENTINA

VALENTINA ROLA NA cama. Não consegue dormir. Senta-se e acende o abajur. Olha para o outro lado do quarto e vê Antonella na cama. Sua amiga dormiu rápido. Cogita acordá-la e contar sobre Théo. Mas ela pode ainda estar bêbada.

Quando Valentina voltou para a casa de South Kensington na noite anterior, tia e sobrinha estavam no meio de uma discussão dramática sobre o pai de Antonella ser ou não ser o grande cafajeste que Antonella diz que ele é. A bebida tinha potencializado as emoções. Elas gritavam e xingavam em italiano, até que um vizinho bateu na parede e se calaram. Valentina sugeriu que fossem para a cama e dormissem. A noite terminou com ambas se abraçando entre lágrimas e jurando lealdade e amor eternos uma pela outra. Valentina tem certeza de que Antonella não apreciaria ser acordada no meio de um sono profundo. Além disso, sua amiga nunca fora fã de Théo. Se contar que ele está com uma nova namorada, provavelmente a aconselhará a esquecê-lo.

E ela sabe que é o que deveria fazer. Mas não consegue.

No momento em que o viu, depois de tantos meses e apesar das circunstâncias — foi como um soco no peito —, não conseguia falar: ficou sem palavras. Não acreditou em seus olhos quando viu Anita, de salto alto, se debruçar sobre Théo e abraçá-lo, estalando um beijo nos lábios dele. O tempo todo, Théo ficou mudo como ela, sem sorrir, fixando seus olhos nos dela.

— Théo — Anita disse —, quero que você conheça Valentina, minha nova amiga.

Théo não escondeu a verdade:

— Já nos conhecemos — disse, em tom sério, ante o olhar surpreso de Anita.

— Conheci Valentina quando morava em Milão —, explicou-se, franzindo a testa para a ex, com um ponto de interrogação estampado na cara.

— Nossa, que coincidência! — Anita comenta, beijando o rosto de Théo mais uma vez, com uma impulsividade tão doce que cortou o coração de Valentina.

— Talvez não seja coincidência, porque ambos viveram em Milão e trabalham no mundo da arte — Kirsti sugeriu.

Valentina detectou uma certa ironia no tom da dona da galeria e se perguntou por quê.

— Então você sabe tudo a respeito de Valentina, querido? — Anita se volta

para Théo novamente.

— Não diria que tudo — Théo disse, visivelmente desconfortável.

Pairou um silêncio estranho, como se Kirsti e Anita tivessem percebido a inferência velada.

— Tudo bem, Valentina? — ele disse com uma voz tão suave que foi quase um sussurro.

Valentina estava paralisada, olhando seu amor perdido, com o coração apertado e a garganta travada. Queria tanto tocá-lo.

— Tudo. — Não conseguiu dizer mais que isso.

— Bom te encontrar novamente — Théo disse, com o rosto subitamente iluminado por um dos sorrisos enigmáticos dele.

Agora, Valentina não consegue tirar as palavras de Théo de sua cabeça. “Bom te encontrar novamente”. Estava sendo sincero? Ela se sentia da mesma forma, apesar de que ele estava obviamente indisponível. Na verdade, era *tão* bom ver Théo novamente depois de todos aqueles meses e saber que ele estava bem. Se ao menos não estivesse saindo com Anita. Pelo fato de ter ficado emudecido, Valentina suspeita que ele ainda tenha sentimentos por ela. Mas, e se essa confusão e choque da parte dele forem pura imaginação? Ainda assim, mesmo que ele ainda sinta alguma coisa por ela, deve deixá-lo sozinho agora. Ele tem uma nova namorada, Anita. Ela é obviamente louca por ele. Uma das suas regras é nunca interferir em um casal. Não quer roubar Théo de Anita, isso seria errado, mas... e se ele a quiser tanto quanto ela o quer? E se os sentimentos de Anita não forem recíprocos? Há apenas uma pessoa que pode ajudá-la a descobrir o que fazer e essa pessoa está em Milão. Olha para o rádio-relógio. É uma da manhã, o que significa duas da manhã em Milão. Melhor ligar para Leonardo agora em vez de pela manhã, quando ele está dormindo. Tira o cobertor, sai da cama, coloca o seu quimono de seda, enfia o telefone no bolso e sai do quarto na ponta dos pés. Desce até a sala de estar de Isabella. Da janela vê-se o parque de portões fechados. Está ventando muito esta noite e, enquanto busca o número nos contatos, olha para as árvores e vê seus galhos acenando para ela do outro lado da rua, como se a estivessem encorajando.

— Valentina? Tudo bem?

— Leonardo, graças a Deus que você atendeu — queria tanto que Leonardo estivesse enrolado com ela no sofá. Percebe que, de alguma forma, o relacionamento deles se aprofundou, é como com Marco.

— O que aconteceu? — ele parece verdadeiramente preocupado.

— Théo.

Leonardo não diz nada por alguns segundos.

— Você ligou pra ele? — Parece cansado, está diferente.

— Desculpe, te acordei?

Passa pela cabeça de Valentina que, talvez, o relacionamento deles seja de mão única. Ela está sempre ligando para pedir ajuda para ele. Pensando melhor, ele nunca ligou para pedir um conselho.

— Não, tudo bem... — diz, hesitante. — Tem algumas coisas acontecendo por aqui... conto quando nos encontrarmos. Mas, agora, me conte! O que tem o Théo?

— Leonardo, eu o vi hoje. Uma coincidência total: ele estava na galeria da exposição — ela hesita, ainda não quer contar sobre Anita. — Fiquei passada... como em um daqueles filmes idiotas de Hollywood... como se eu tivesse sido atingida por um raio, literalmente. Fui pega de surpresa, fiquei sem reação. Ai, Léo, fui tão besta.

— Mas isso é bom, não? Agora sabe como se sente. Agora, você pode dizer para ele — volta com ele, é o que você quer.

— Só que não é tão simples quanto eu pensava — pausa, lambendo os lábios. — Ele tem uma namorada.

— Não, o Théo, não — Leonardo parece surpreso — Talvez seja apenas um caso, mas não uma namorada de fato. Ele sempre quis você, Valentina; eu sei disso.

— Você está errado. Ela é mesmo a namorada dele. Eu a conheci — Valentina se lamenta pelo telefone. — E ela é tão doce. Sei que está apaixonada por ele, pude ver.

— O que você vai fazer, então, Valentina?

Valentina morde a boca. Seu coração está acelerado, a cabeça cheia de emoções. Sabe que, sem dúvida, ama Théo, mas é tarde demais. Ele está com Anita.

— Não sei — sussurra. — Esperava que você me dissesse o que fazer.

Leonardo suspira:

— Não posso fazer isso.

— Por favor, Leonardo, você é tão sábio. E Théo confia em você. Por favor, me diga o que fazer.

— Bem... — Leonardo fala vagarosamente —, você disse que essa garota está apaixonada pelo Théo, mas ele está apaixonado por ela?

— Como assim?

— Ele pode estar saindo com ela para te deixar com ciúmes.

— Não parece o estilo dele. Ele nunca foi de fazer ciúmes — Valentina pondera.

— Ele pode ter um plano — Leonardo diz. — É do Théo que estamos falando.

— Mas ela é louca por ele...

— Como você pode ter tanta certeza? Digo, você só viu os dois juntos uma vez. Ela pode muito bem ser como sua amiga Antonella: muita demonstração e pouco coração.

— Isso não é legal — Valentina defende sua amiga. — Do jeito que você fala, parece que ela é superficial.

— Valentina — Leonardo continua —, você tem que descobrir o que Théo sente por você. Acima de tudo, você precisa dizer para ele o que sente. De uma vez por todas, diga para ele que você o ama.

— Mesmo que ele esteja saindo com outra pessoa? Não é sacanagem fazer isso com outra mulher?

— Depende.

— Do quê?

— De você poder ou não viver sem ele. Se não puder, você tem que lutar por ele, *baby*. Reconquiste-o.

— Ai, Leonardo — Valentina suspira. — Não tenho certeza. Talvez eu devesse simplesmente voltar pra casa, deixar tudo do jeito que está.

— Você estava infeliz, Valentina. Mesmo os meus mimos sexuais não eram mais suficientes para te animar.

Valentina fecha os olhos, revivendo o momento em que viu Théo e a tensão que sentiu. Abre os olhos, novamente olhando para fora da janela, vendo as árvores do parque balançando.

— Sinto sua falta, Leonardo. Queria que estivesse aqui.

— Acredite, eu também.

Nota desalento na voz dele e se pergunta sobre o tipo de “coisas” que estariam acontecendo na vida dele. Sabe que ele não irá contar pelo telefone.

— Queria que estivéssemos na cama agora e que você estivesse me consolando — ela diz suavemente.

— Poderia te consolar pelo telefone.

— Você está com conversa de sacanagem comigo, Signor Sorrentino?

Passado um curto silêncio, Leonardo volta a falar, mas dessa vez com outra voz. Agora é Leonardo, o dominador, quem está falando com ela. A pele dela lateja de excitação quando fecha os olhos e imagina os olhos negros dele cravados nela.

— O que você está usando?

— Meu roupão.

— O azul?

— Sim.

— O que mais?

— Nada.

— Você está completamente nua por baixo?

— Sim.

— Quero que abra o roupão. Quero que acaricie seus seios com as mãos e estimule os mamilos. Sinta como eles estão ficando duros. Agora, abra as pernas.

— Sim — ela sussurra —, estou abrindo.

— Feche os olhos e coloque a mão no meio das pernas. Se acaricie, Valentina.

Ela desce a mão entre as pernas e passeia com os dedos por toda a região. Pode sentir o seu calor, o desejo dela sendo possuído pela ponta dos seus dedos.

— Sou eu te tocando, Valentina... consegue sentir?

— Hum, sim.

E ele está lá com ela, sua amiga, no sofá de Isabella, tocando-a com seus dedos perfeitamente compridos, aliviando a tensão dela, a dor de ver o amor de sua vida com outra mulher.

— Enfie o dedo, V! Sou eu dentro de você, te comendo, fazendo com que você me sinta.

Na sala da tia de Antonella, com as luzes apagadas, Valentina abre as pernas para o parque urbano em frente a ela. Não se importa que a vejam, nem que vejam o

desejo dela ardendo, o seu tesão. Gira o dedo dentro de si, aumentando a velocidade, mais e mais, ficando cada vez mais excitada. Em um minuto, é

Leonardo que está ao seu lado; no outro, vê o rosto de Théo, seu sorriso encantador, olhando dentro de seus olhos. Sim, ela acredita que ele ainda a ame, mas não entende por que ele está com Anita. Quando goza, se contorce, exausta e trêmula. Anita se diz a namorada de Théo: ele achou uma garota que não tem medo de se comprometer. O destino estaria punindo Valentina? Isso é o que ela merece pela forma como o tratou no passado? Théo é bom demais para ela: tenta se convencer de que deveria deixá-lo em paz, com alguém doce e do bem, como Anita. Ainda assim, sente um fogo queimar dentro de seu ventre e sabe que esse fogo vai queimar toda a racionalidade que existe dentro de si. Quer Théo de volta.

Seis horas depois, Antonella e Valentina estão tomando café. Ainda estão com os olhos sonolentos e Antonella amarga uma ressaca.

— Não sei como tia Isa conseguiu acordar e ir para o trabalho hoje de manhã — Antonella resmunga.

— Tome — Valentina tira uma cartela de ibuprofeno. Tome uns dois e vai ficar boa.

— E afinal, como foi na galeria? — Antonella pergunta enquanto rasga o papel prateado e pega dois comprimidos.

Valentina não quer entrar em detalhes. Tem certeza de que Antonella ficaria fascinada em ouvir sobre a dança *privé* de Anita, se bem que não ficaria tão encantada com o reaparecimento de Théo em sua vida.

— *Okay* — diz. — A exposição parece boa. Há duas fotos de você com Mikhail.

— Que ótimo, mal posso esperar — Antonella se levanta, enche um copo com um pouco de água e toma os comprimidos. Senta-se à mesa e toma mais um gole de café. — É melhor que esses comprimidos funcionem. Estou me sentindo péssima.

— Vocês duas estavam bêbadas e gritando — Valentina se serve de mais café.

— É isso que acontece quando minha família se junta. A gente é barraqueira.

Valentina olha para sua amiga, que parece cansada e vulnerável. Sem maquiagem, Antonella parece ter menos do que os seus vinte e oito anos. Normalmente, ela é tão positiva e animada, mas hoje os olhos dela estão tristes e carregados.

— Qual era exatamente o motivo da briga? — Valentina pergunta gentilmente.

— Tia Isabella estava tentando justificar o fato de meu pai ter nos abandonado quando eu era criança...

Valentina franze a testa, chateada. Essa é uma coisa que a une à amiga: os pais de ambas abandonaram suas famílias quando elas ainda eram pequenas. Apesar de Antonella ter visto seu pai algumas vezes, o contato foi rápido. Depois de deixar a mãe dela, ele foi morar na Argentina. — Então, qual a justificativa? — Valentina pergunta com a voz mais dura, visivelmente irritada com Isabella.

— Ela diz que ele fez a coisa certa porque havia muita desarmonia em nossa casa. Meus pais viviam brigando — Antonella passa a mão pelos cabelos enrolados. — Ela diz que é melhor não ter tido contato com meu pai do que ter vivido vendo eles se atacando o tempo inteiro...

— Eles brigavam tanto assim mesmo?

— Não me lembro. Eu era muito pequena — Antonella coloca as mãos para cima. — E sabe, tudo bem, eu disse que talvez ela estivesse certa — que eles deveriam ter se separado... Mas, se mudar para Argentina...? Abandonar a gente desse jeito...? Disse que isso não tinha desculpas. Ela diz que o novo marido da minha mãe, meu padrasto, queria ele fora da jogada.

— Você acha que é verdade, Antonella? — Valentina se inclina, Antonella abaixa os braços e olha para ela, desesperançada.

— Não sei. Nunca ouvi nada a esse respeito — parece atordoada — Nunca me dei bem com meu padrasto, mas não acho que ele teria intercedido para que a gente não visse meu pai.

— Bom, toda história tem dois lados — diz Valentina. Conheceu o padrasto

de Antonella e o detesta imensamente. Sempre olha para ela de um jeito torto.

Antonella se sacode como se estivesse acordando. Serve-se de mais café e come o resto de uma torrada fria.

— E por que o seu pai foi embora, Valentina? Por que você nunca o viu em todos esses anos?

— Não sei. Não tenho ideia. — Valentina rapidamente traz o assunto do pai de Antonella de volta. — Pelo menos você visitou seu pai na Argentina. Você o conhece agora.

— Sim, mas ele também pode ser um estranho.

Valentina abaixa a cabeça. Tem uma vontade súbita de confiar em Antonella, apesar da notória indiscrição da amiga.

— Descobri algo recentemente. Meu pai vive em Londres.

Antonella fica de queixo caído.

— *Mamma mia!* Que incrível. Você vai vê-lo?

— Não sei... como você diz, somos estranhos. Pra quê?

— Como assim? Vai fundo! Lembra que Théo costumava te chamar de “Intrépida Valentina”?

Valentina recua quando o apelido que Théo deu para ela é mencionado.

— Claro que você vai ver o seu pai. Onde ele mora?

— Perto da Rua Finchley. Fica no norte da cidade, não? — respira e sente o amargor de sua raiva.

Antonella está certa; por que esse receio? Ela é uma mulher, tem quase trinta anos. Tem direito a algumas respostas agora.

— Tem razão, Antonella. Quero saber por que nunca me visitou, escreveu ou se interessou pela minha vida. Não entendo.

Antonella avança e segura a mão de Valentina. Parece que a ressaca a deixou mais sentimental do que o normal, pois lágrimas começam a brotar de seus olhos.

— Acho que nossos pais são homens que conseguem compartimentar a vida deles — Antonella diz. — Penso que, como filhas, fomos esquecidas em uma prateleira.

— Você realmente acredita que nossos pais nunca pensaram em nós? Nem um pouco?

— Sim, acredito. De que outra forma eles poderiam conviver com isso? Somos mulheres sem pai, Valentina — Antonella solta a mão dela e enxuga os olhos. Para surpresa de Valentina, um grande sorriso toma o rosto da amiga. — E, quer saber? Tudo bem porque não há nada pior do que ser a filhinha do papai.

Valentina balança a cabeça, concordando. Isso é uma das coisas que a irritam em sua amiga de escola, Gaby: o jeito de pedir coisas para seu pai, que sempre

vem correndo para salvá-la quando ela precisa de dinheiro ou que alguma coisa seja feita em seu apartamento. Valentina e Antonella são as mesmas: têm que pregar elas próprias suas prateleiras.

O sorriso de Antonella desaparece e ela suspira.

— Você está bem? — Valentina pergunta.

A amiga se levanta, tocando a cabeça como se fosse um objeto delicado. —

Desculpe, Valentina, estou sofrendo. Tenho que voltar para a cama. Não vou conseguir ir às compras hoje. Se importa de sair sem mim? — ri, desconcertada.

— Aproveite para ir àquele museu mofento. Sei que está doida pra ir.

* * *

Valentina está sentada em um café na antiga Tate Gallery. Já tinha passado a manhã flinando no British Museum, tentando estudar as múmias das salas egípcias, mas foi inevitavelmente distraída pelos eventos da noite anterior. Várias vezes, pegou o telefone e pensou em ligar para Théo. Mas o que iria dizer a ele? Enfim, para sua satisfação, não precisou ligar porque ele mesmo ligou. Estaria livre para um café? Alguma chance de estar perto do Tate Britain, no fim da Millbank? Nem cogitou fazer tipo e aceitou na hora. Foi da Russell Square para o Green Park pela linha Piccadilly e depois pegou a linha Victoria até Pimlico. Ficarà em Londres poucos dias e não vai recusar nenhuma oportunidade de ver Théo. No mais, tenta se convencer de que, talvez, eles poderiam virar amigos. Seria feliz só com isso?

Valentina pede chá Earl Grey e um *cupcake*, no qual passa uma quantidade generosa de geleia. Está com fome, mas, ao mesmo tempo, tão nervosa que fica difícil comer. Olha outra vez o relógio. Ele está cinco minutos atrasado. Valentina sente culpa toda vez que pensa em Anita, porém só vai encontrar Théo para uma conversa, não é? Afinal de contas, estão em plena luz do dia.

— Valentina?

Ela salta da cadeira, esbarrando na mesinha e derrubando a xícara de chá em cima do seu bolinho. Como ele conseguiu assustá-la desse jeito?

— Não fique preocupada — Théo diz, sorrindo para ela, com um olhar que faz suas pernas começarem a tremer. — Providenciarei outro pra você.

Quando volta com as bebidas, Théo senta em uma cadeira de frente para ela no minúsculo café. Ela sente os joelhos dele tocarem os seus. Foca a atenção na camisa de florzinhas azuis que ele está usando. Não ousa olhá-lo nos olhos. Ainda não.

— Então, como vai você? — Théo pergunta.

— Bem — murmura, subitamente incapaz de encontrar as palavras certas para se expressar. Mesmo assim, não pode deixá-lo ir embora hoje pensando que ela

não se importa com ele.

— E a vida em Milão? Ouvi dizer que você continua saindo com Leonardo; tem se divertido?

Olha para ele. A nítida tortura nos olhos dela silenciam a provocação dele.

— Valentina? — pergunta gentilmente.

— Sim? — ela se inclina e sente o cheiro do Bulgari. O aroma dele a deixa nostálgica. Que bom que ele não trocou de perfume. Pode estar com uma nova mulher, mas ainda tem o mesmo cheiro.

— Você já sabia do meu envolvimento com Anita Chappell antes de vir para Londres? — ele parece surpreendentemente sério. — É por isso que você decidiu expor na Lexington? — pergunta, estudando o rosto dela detidamente.

— Não tinha a menor ideia! — diz, um pouco incomodada com a insinuação. Se há uma coisa que ela não faz é correr atrás de alguém. — Fiquei chocada quando te vi lá na galeria.

Ele fica pensativo por um minuto. Pega a colher e se serve de açúcar, lentamente mexendo o chá.

— Parece a coincidência mais incrível. Também fiquei aturdido quando te vi.

As palavras dele são diretas e honestas. O coração dela dá um pequeno salto de esperança. Faz um esforço para se manter serena. Afinal, a ideia de ir para Londres não era a de reinventar-se? Superar Théo? Mas, assim que Leonardo passou o número de telefone dele para Valentina, ela imediatamente gravou no seu celular. Não sabe ao certo quais eram suas intenções antes de vir para Londres. Na verdade, nunca esperou encontrar-se acidentalmente com ele — muito menos tão rápido. Tudo o que sabe agora é como se sente neste exato momento.

— Senti sua falta, Théo.

Ele olha para ela e, por baixo do seu sorriso, ela pode ver que ele está machucado. Ele se recompõe, se abaixa e pega uma mala.

— A razão pela qual te liguei é que tenho algo que pode ser do seu interesse — diz precipitadamente, esquivando-se da confissão dela.

— Ah — ela se desaponta por ele não ter ligado apenas porque queria vê-la e nada mais.

— Há pouco tempo, me deparei com um antigo filme de dança do final dos anos quarenta. Anita tem uma série de performances burlescas e apresentações de dança moderna filmadas.

Valentina fica tensa quando o nome de sua rival é mencionado.

— O nome de solteira de sua avó era Maria Brzezinska, não era? E ela era bailarina, certo?

— Bem, o nome está certo. Mas não acho que ela tenha sido bailarina.

— Mas poderia ter sido?

— Creio que sim, mas minha mãe nunca disse nada nesse sentido. Acho que ela não teve uma carreira criativa — vivia dentro de casa, cuidando da família.

— Você conheceu sua avó?

— Não, ela morreu antes do meu nascimento, em um acidente de avião.

Théo entrega um DVD para Valentina. Encostam as mãos e ela sente arrepiar os cabelos na parte de trás do pescoço quando ele a toca.

— Você tem que assistir a isso, Valentina. É incrível para a época. Um balé contemporâneo, coreografado por Kurt Jooss, chamado *Pandora*. Acho que sua avó materna dança no papel de Psique. Foi filmado em Londres, em 1948.

Valentina balança a cabeça. — Não, não pode ser, Théo. Ela nunca saiu da Itália durante toda a vida, a não ser quando pegou o avião para ir aos Estados Unidos... e nunca voltou para casa. Muito trágico.

Valentina pensa em como sua mãe deve ter sido afetada por perder os pais de forma tão trágica. Tina Rosselli raramente falava deles e nunca conversava sobre a fatalidade.

— Mas o nome dela aparece nos créditos, no início do filme — Théo insiste. — E, Valentina, quando eu assisti... enfim, sei que é branco e preto e muito antigo, mas pude notar um traço familiar. Acho que realmente pode ser a sua avó.

— Me parece coincidência demais; primeiro, a gente se encontra daquele jeito ontem e, agora, esse filme. É como se estivéssemos conectados... — Valentina arrisca.

— Talvez o destino esteja conspirando para nos unir, então?

A esperança começa a brotar em seu coração ao ouvir as palavras dele. No entanto, Théo ri.

— Você acha mesmo? — pergunta, em tom debochado.

Ela se sente um pouco ferida pela reação dele.

— Não acredito em destino, Valentina — ele se endireita na cadeira e olha para ela, sério. — O filme de dança não é tão improvável assim. Pouquíssimos balés modernos foram filmados naquela época em Londres. Anita tem uma enorme coleção de filmes de dança antigos; logo, se sua avó foi bailarina e foi filmada em 1948, é muito provável que Anita tenha esse registro na coleção dela.

Valentina enfia o DVD na bolsa, desviando o olhar dele. Sente-se exposta e insegura na presença dele.

— Obrigada — diz, por fim —, por me ligar e vir entregar isso para mim — a formalidade da conversa deles soa estranha para ela. — Vou dar uma olhada, talvez você tenha razão; se bem que acho estranho minha mãe nunca ter dito que

a mãe dela era bailarina.

— Fico feliz em poder te dar o filme pessoalmente. — A voz de Théo fica mais suave, mais cordial.

Por um momento, nenhum deles fala. As xícaras estão vazias, mas Valentina não quer ir embora — ainda não.

— Então, o que você está fazendo em Londres? Continua caçando arte perdida?

Théo balança a cabeça e uma mecha de seu cabelo escuro cai sobre a testa. Ela se esforça para não se inclinar e tirar o cabelo dos olhos dele.

— Já recuperei quase tudo — explica. — Só há mais uma obra para devolver e é isso. Graças a Deus, porque Glen está me deixando louco. Você se lembra dele? Aquele ladrão de obra de arte bem asqueroso que cruzou com você em Veneza.

— Acho que nunca vou conseguir esquecê-lo.

— Sinto muito que ele tenha te assustado, Valentina — Théo diz suavemente.

— Você deveria tomar cuidado com ele — toda vez que se lembra daquele homem horrível, Glen, sente-se enojada. Há algo nele que a apavorou. E olha que ela não é mulher de se assustar facilmente.

— Ele não é uma ameaça de verdade, só é muito irritante — Théo responde secretamente. — Muito em breve, estarei livre dele e ele poderá voltar a persuadir velhinhas e velhinhos a abrirem mão de grandes fortunas para terem de volta as obras que estão no tesouro nazista roubado.

— Qual é o último quadro que falta para você devolver?

— Na verdade, faz o seu estilo: foi um desenho erótico de um artista francês, André Masson. Está em uma coleção particular aqui em Londres.

— E suponho que Glen esteja atrás da mesma obra?

É mais fácil para Valentina falar com Théo sobre quadros perdidos. É um território neutro, que não envolve emoções.

— Sim, claro que está. Originalmente, pertenceu a um judeu italiano, Giulio Borghetti. Ele conseguiu sobreviver à guerra, apesar de estar morto agora. O filho dele está procurando o desenho e, claro, Glen prometeu que irá devolvê-lo, por 450 mil euros. Não é tanto quanto o Metsu, mais, ainda assim, é muito dinheiro para um desenho tão pequeno.

— É, sem dúvida, uma das imagens que faziam parte do acervo de Albert Goldstein, não? Você não pode simplesmente deixar que Glen a recupere e desencanar?

— Com certeza é uma daquelas imagens. E você sabe que fiz a promessa de devolver cada uma delas — Théo diz com determinação.

— Eu sei — balança a cabeça, impetuosamente pegando nas mãos dele.

Segura-as por um momento, sentindo o calor delas passar para o seu corpo, indo ao encontro de seu coração.

— O Masson é uma obra tão obscura e mudou tantas vezes de proprietário que levei anos para rastreá-la. Borghetti deixou o desenho com o pobre Albert Goldstein para que o mantivesse seguro e, em seguida, com meu pai, em Amsterdã, quando Goldstein fugiu dos nazistas durante a guerra. E aí, bom, você sabe o que aconteceu em seguida. Meu avô foi convencido pela Divisão de Hermann Göring a desfazer-se de todas aquelas obras.

— Então, onde está esse desenho agora? — Valentina pergunta. — Talvez a gente possa unir forças e eu te ajudo a recuperá-lo.

Théo parece surpreso com a oferta dela.

— Seria uma boa, de verdade... — Ele hesita, parecendo desconfortável. — Mas não posso envolvê-la agora. Já coloquei meu plano em ação e estou quase lá. É uma questão bastante delicada.

— Claro... com certeza... — Valentina olha para mesa, afastando sua mão da dele, desapontada. Por um segundo, esqueceu-se das circunstâncias. Não estão mais juntos. Théo tem uma namorada. Tem que parar de ficar pensando nele.

Passa o dedo nas bordas da xícara, ainda sem levantar os olhos. — Então, há quanto tempo você e Anita estão juntos? — pergunta.

— Não é o que você pensa, Valentina — Théo diz.

Olha para ele, questionando. — Bem, o que é, então? — pergunta suavemente.

— Eu realmente gostaria de poder explicar — hesita. — Você pode simplesmente confiar em mim?

— Como assim? Confiar no quê?

— Eu e Anita estamos saindo agora, é verdade, mas... — para de falar, como se não conseguisse encontrar as palavras certas para continuar.

— Mas o quê? — ela insiste.

— Bem, pelo jeito que as coisas entre nós acabaram, Valentina, não tenho mais certeza do que pensar de você.

Valentina se lembra do último outono em Veneza. De como ficou devastada quando Théo partiu.

— Por que você fugiu em Veneza? — subitamente ela o confronta. — Você foi embora, de repente... não me deu uma chance...

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para ela.

— Eu realmente tentei, Valentina; você sabe disso... não aguentava mais.

— Sinto muito — sussurra. Olha nos olhos dele e tem certeza de que pode ver uma pista do amor por ela naquele oceano azul.

Théo se inclina, coloca as mãos sobre as dela e aperta. Assim, nesse simples gesto, ela sente o amor dele por ela.

— Théo — Valentina diz, olhando diretamente nos olhos dele, fixamente, lutando contra o terror que assalta seu coração. Não consegue dizer. *Tem* que dizer — Théo, há alguma chance de voltarmos?

As palavras saíram. Quer rir alto e chorar de alívio. Presta atenção na reação dele.

— Valentina, você sabe que não posso voltar ao jeito que as coisas estavam.

— Eu sei, eu sei — confirma com a cabeça. — Seria diferente, eu prometo...

Théo suspira e coloca a cabeça entre as mãos.

— Meu Deus, que desencontro — balbucia.

Ela não entende. Por que ele reluta tanto em admitir como se sente agora, sendo que sempre foi tão aberto? Sabe que seus instintos não a enganam. Sente uma sinergia natural entre eles, como faz sentido ficarem juntos. Mais algumas palavras apenas, mais alguns passos e eles poderiam voltar. Porém, o que Théo diz em seguida não é o que ela queria ouvir.

— Valentina, eu realmente não posso terminar com Anita...não imediatamente.

— Théo — implora, consciente do quão brega está sendo, do quanto sua mãe zombaria dela, mas não se importa porque sabe que, se permitir que Théo deixe esse café agora, sem saber de verdade o que ele significa para ela, vai ficar destruída. — Preciso de você — diz. — Preciso de sua presença. Preciso de sua presença em minha vida, sem julgamentos. Você é o meu santuário.

— Por que tudo sempre gira em torno de você? — Théo rebate.

As palavras dele machucam. Volta a se sentar, magoada. A velha Valentina teria ido embora com seu orgulho intacto.

— Desculpe, Valentina; fui muito grosseiro. Não quis dizer isso — Théo diz, parecendo mais aborrecido do que nunca. — Sei que é confuso, mas você precisa confiar em mim. Não posso terminar com Anita agora.

— Você a ama?

Anita é tudo que Valentina não é: feminina, expansiva, abertamente sexy. Não tem receio de se denominar a namorada de Théo.

— Valentina! — Théo exclama, frustrado. — Não é essa a questão. Preciso saber, sempre precisei saber se você confia em mim, se você me ama.

As palavras dele a confundem. Se ele precisa saber dessas coisas, então por que está saindo com Anita?

— Dizer essas palavras é muito difícil para mim... mas posso te mostrar como me sinto — pela primeira vez, Valentina sente vontade de chorar. Desvia o olhar, determinada a não deixar que ele veja seus olhos marejados.

A mão de Théo está sobre o ombro dela e é como se seu corpo fosse tomado por um choque elétrico.

— Por favor, espere um pouco, Valentina.

— Não consigo — sua voz titubeia — ver você com ela.

Levanta-se, colocando a bolsa nos ombros. Théo também se levanta. Estão a milímetros um do outro. Ela quer se jogar nos braços dele, implorar para que ele a aceite de volta, mas é claro que não vai fazer isso. Ele deixou claro: ela tem que provar para ele e, até lá, ele não vai terminar com Anita.

Saem do café e entram na galeria. Atravessam os corredores sem se falar, sem dar as mãos, até que param em frente a uma aquarela de William Blake chamada *Piedade*. A imagem dilacera o coração de Valentina. Uma mulher está deitada no chão, com a cabeça caída, como se estivesse morrendo. Acima dela, um jovem lindo cavalga um cavalo cinza pelo céu, levando um bebê recém-nascido. É o bebê *dela*. Não sabe ao certo o que o autor quis dizer, mas fica arrasada, pensando que aquilo pelo que ela e Théo passaram talvez nunca cicatrize.

Está quase indo embora, mas Théo a segura pelo braço e a traz para junto de si. Ele a abraça com força e ela respira profundamente, sentindo o cheiro dele. Como é doce a tortura de estar nos seus braços!

— Eu te amo de verdade, Valentina — sussurra no ouvido dela. — Mas você me ama?

Valentina dá um passo para trás, olhando para ele. Ela o quer tanto. Está lutando para dizer aquelas três palavras preciosas. Ela o quer, precisa dele. Ele é a única pessoa no mundo que entende a profundidade da perda dela.

— Valentina? — Théo pergunta de novo.

— Eu... eu... — gagueja.

Ele fecha os olhos e respira fundo.

— Tudo bem — diz, interrompendo-a. — Eu sei que é um pouco demais nesse momento. Além disso, você deve estar confusa por causa de Anita. Vamos deixar assim agora.

Mas eles não podiam ir para algum outro lugar? Valentina gostaria. Não poderia provar o seu amor por Théo na cama anônima de um quarto de hotel, como costumava fazer? Sabe que pode fazer isso. Tem certeza de que o deixaria alucinado. Mas não diz nada. Valentina percebe que o medo de comprometimento que ela tem continua fresco e imaturo, como meses atrás em Veneza, quando ele a abandonou.

Théo começa a se afastar, indo em direção à entrada do Tate. Ela está totalmente congelada, chocada com sua própria inabilidade para reconquistá-lo. Esse encontro não foi como ela tinha secretamente esperado que fosse. Sem reciprocidade emocional, sem correr para um hotel e transar loucamente. Ela o quer tanto. Ficou com tesão só de estar sentada em frente a ele no café. Está tremendo de desejo. Tem que se acalmar.

Respira fundo. Não vai segui-lo. Ele não pretende terminar com Anita até que ela prove seu amor por ele. Por ora, ela tem que o deixar ir.

Vagueia pelas salas da galeria. Sente o DVD dentro da bolsa batendo em sua perna enquanto anda. Não sabe muito de sua avó. Sua mãe descreveu Maria Rosselli como sendo tímida e caseira — uma contradição completa com sua filha extrovertida. Tinha sido uma mãe e esposa dedicada. Mas, agora, parece que sua avó teve um lado secreto. Será mesmo que poderia ser uma gravação dela dançando um novo balé? Algo revolucionário e diferente, como Théo disse? Está intrigada para descobrir a nova versão de sua ancestral.

Andando sem intuito ou direção, Valentina se vê olhando para uma de suas pinturas pré-raphaelitas favoritas: *Lilith*, de Rosetti. Há algo em Lady Lilith que lembra Anita: os longos cachos dourados, a pele leitosa, os seios fartos e os lábios rosados. Acima de tudo, é esse olhar de quando se mira no espelho: saber-se bela e poderosa, além de mostrar certa indiferença. Valentina viu essa expressão no rosto da dançarina burlesca quando dançou para ela e para Kirsti Shaw ontem. Entende por que Anita é tão irresistível tanto para homens quanto para mulheres. Está claro que Théo não quer deixá-la partir, ainda não. De alguma forma, Valentina tem que mostrar para ele quanto o ama. Palavras obviamente não são suficientes agora. Amarga a decepção de não o ter reconquistado hoje e tenta confiar em sua intuição, pois ela sente, dentro de si, que vai voltar com Théo. Só tem que descobrir o caminho...

MARIA

AS SEMANAS PASSAM e, não importa o quanto se demore no segundo andar, Maria nunca se encontra com Félix. Devem ter horários diferentes. Ela se levanta cedo todas as manhãs e não volta para casa antes das cinco ou seis. Talvez ele saísse de casa depois dela e apenas voltasse quando ela já estivesse na cama, exausta pelo dia na escola de dança. Durante os finais de semana, passa a maior parte do tempo com Jacqueline. Aos sábados, levantam-se e saem cedo, revezando-se na fila de tripas no açougueiro ou tentando conseguir outros alimentos de primeira necessidade, como pão ou chá. Nos domingos, vão para a missa na Catedral de Westminster, a majestosa basílica que ainda esconde as cicatrizes dos estragos provocados pelas bombas. Dentro de suas paredes, Maria tenta rezar. Pede a Deus que a ajude a parar de pensar no francês que a salvou de ser estuprada e que Ele ilumine seu caminho para que volte a ser como era antes de conhecê-lo: uma garota dedicada apenas à dança.

É Jacqueline que, inadvertidamente, explica a Maria por que ela não tem visto Félix. Uma noite, estavam preparando o jantar e Jacqueline não conseguia abrir uma lata com o abridor.

— *Merde*, não presta. Está cego — reclama. — Seja uma boa menina e vá até Guido pedir o abridor de latas dele emprestado.

Em vez de procurar o italiano, Maria vê uma oportunidade para bater na porta de Félix. — E se ele não estiver? Devo tentar com Monsieur Leduc?

— Ah, não — Jacqueline diz, enchendo uma panela com água. — Ele está fora, fazendo um de seus filmes na França. Além do mais, ele é mal-humorado; não gostaria de pedir nada para ele!

Maria ignora a descrição que sua mentora faz de Félix. *Sabe* como ele é bom. Pelo contrário, sente uma ponta de excitação. O homem dos sonhos dela é um diretor de cinema! Não consegue imaginar uma profissão mais glamorosa.

— Ele faz filmes?

— Sim, mas acho que não são muito conhecidos. Nunca assisti a nenhum deles. Guido me disse que são um pouco estranhos. Surrealistas, foi o que ele disse.

— Como é o Monsieur Leduc? Ele está sempre de mau humor mesmo? — Maria investiga Jacqueline, desesperada para saber mais sobre seu cavaleiro

misterioso de armadura brilhante, sem deixar que Jacqueline perceba seu interesse.

— Você ainda não o conheceu?— Jacqueline dá uma olhada para ela e volta a descascar batatas.

— Não. Ele é francês, né?

— De Paris, creio eu; se bem que morava em Lyon durante a ocupação. Mas não falo muito com ele, na verdade — Jacqueline pausa, mordendo os lábios. — Mesmo que ele estivesse aqui, não pediria emprestado nada a ele.

— Mas vocês dois são franceses, não têm muito em comum?

— Não muito, minha querida. Acho que nossa herança francesa nos causou um sofrimento muito grande, que não queremos compartilhar — começa a cortar as batatas, pondo-as na panela. — Se bem que ousa dizer que a experiência que ele teve durante a guerra foi diferente da minha. Mas, definitivamente, não quero saber. Não quero me lembrar do passado.

Coloca a tampa na panela de forma quase violenta. Maria receia ter deixado Jacqueline brava. Porém, logo em seguida, sua mentora sorri para ela, dando uma piscadela bem-humorada. — Não acho que uma garota linda como você deveria perder tempo pensando em alguém como ele. Agora, desça e pegue o abridor de latas com seu admirador muito mais propício.

Maria sempre reluta em falar com Guido. Acha seu compatriota irritante. Ele se junta a elas para o jantar várias vezes por semana, mesmo sem ser convidado. Toda vez, traz presentes para agradar Jacqueline, como um pote especial de geleia de morango ou um pedaço de pão recém-saído do forno. Durante toda a refeição, fica olhando para Maria com aquela cara redonda, sem dizer praticamente nenhuma palavra. Maria fica constrangida, especialmente agora que Jacqueline já percebeu e adora provocá-la. Jacqueline diz que Maria é a musa de Guido e que deveria ter pena e sair para dançar com ele. Mas Maria é inflexível, dizendo que anda muito ocupada com seus estudos e precisa descansar. Não saiu mais desde aquela noite com Joan.

Jacqueline balança a cabeça em aprovação, dando um tapinha em seus ombros e elogiando: — Sua mãe ficaria orgulhosa de você — sempre diz.

Quando pensa em sua mãe e em Pina, Maria sente-se triste, sente muito a falta delas. Esforça-se até para não pensar em Veneza. Como sente falta da água! Em Londres, percorreu toda a orla do Tâmis, desde a bombardeada Westminster até os degraus da majestosa Saint Paul. Porém, não é como flunar pelos canais de jade de Veneza. Vê a cor marrom do rio e prefere desviar o olhar dos buracos do caminho, por mais que veja a cidade intensamente envolvida em sua reconstrução, sobretudo em função do fato de ser a sede dos Jogos Olímpicos deste ano. Mas o lugar por onde mais gosta de passear é o Parque Battersea,

onde há uma exposição de esculturas a céu aberto. Não fica muito longe da casa de Jacqueline. Gosta de andar em volta do pequeno lago, observando os patos na água — Maria acha que são tão engraçados — ou, nos dias em que está mais introspectiva, contempla as impressionantes esculturas.

O argumento de Maria para não sair — de que está muito atarefada com os estudos de dança — não é de todo mentira. Lempert está colocando os dançarinos à prova. Até a vida social de Joan parece ter se acalmado em função dos estudos. No dia seguinte ao ataque que sofreu de Douglas, Maria ficou aterrorizada quando Joan não apareceu na aula. Douglas e Ralph jogavam no mesmo time? Será que Maria iria ler sobre o estupro de sua amiga nos jornais? Quando viu Joan na aula, suas pernas ficaram bambas de alívio — sua amiga estava virada, com olheiras profundas e cheiro de bebida. Naquela manhã, Lempert tinha exigido demais delas, como se soubesse que tinham saído na noite anterior e as estivesse punindo por isso.

Ele estava escolhendo o elenco para o balé de fim de temporada, *Pandora*, uma das coreografias revolucionárias de Kurt Jooss. Apesar de sentir que estava longe de estar pronta para se apresentar em público, Lempert escalou Maria para os testes.

Fez os alunos saltarem muito no tablado do estúdio — muito mais que o normal. Normalmente, Maria se sentia como que flutuando, tão leve quanto o ar ao seu redor. Sabia que era capaz de saltar alto, mas, naquele dia, não era a pluma de sempre e seu corpo pesava com a lembrança do ataque da noite anterior. Joan estava num estado ainda pior: o suor escorria pelo rosto dela, desmoronando a maquiagem.

— Sinto como se tivesse cem anos de idade — sussurrou para Maria.

— Você chegou bem em casa?

— Claro que cheguei — Joan disse. — Por que você está perguntando isso?

Maria balançou a cabeça. — Depois eu te conto.

Imediatamente, Joan ficou com o semblante preocupado e agarrou seu braço.

— Aconteceu algo ruim? Você está bem?

— Sim — Maria aquiesceu. — Tudo bem.

Lempert deu uma bronca nelas:

— Senhoritas! Não é hora de ficar conversando. Mexam-se, por favor.

— Escravista — Joan balbuciou quando recomeçaram, dançando pelo estúdio.

Lempert não deu trégua. Só conseguiram conversar direito depois da aula. Em vez de tomar o ônibus, Joan sugeriu que voltassem a pé, pois o dia estava lindo. Enquanto seguiam pela Rua Kennington, Joan abriu a bolsa e exibiu, com orgulho, uma lata de leite condensado.

— Quer um pouco? — perguntou para Maria. — Vim preparada — tirou o abridor da bolsa e fez um furo na tampa, oferecendo-a. Maria bebeu direto da lata. O leite estava morno e doce e deu a ela um pouco de energia.

Durante a caminhada, Joan contou tudo sobre Ralph e sobre como eles se divertiram. — Fomos para o meu quarto. Dei um jeito de fazer Ralph entrar, mesmo porque o senhorio é muito tolo — disse, dando um gritinho de alegria. — Ai, foi ótimo, me ajudou a esquecer do Stan.

— Você dormiu mesmo com ele? — Maria olhou para sua amiga, horrorizada.

Joan inclinou a cabeça para o lado. — Você está chocada? Acha que sou fácil?

— Não... é que você mal o conhecia.

— Ah, eu conhecia o tipo dele — disse, alegre. — Sabia que ele era um cara pra se divertir, nada sério. Isso me satisfaz.

— Você não quer conhecer alguém especial? — Maria perguntou para a amiga.

— Claro que quero — Joan disse. — Mas não vou viver como uma freira até esse dia chegar!

Passam pela estação Lambeth North e viram na Rua Westminster Bridge.

— E vocês? Douglas saiu correndo depois que você saiu. Parecia bem interessado.

Maria parou de andar e fechou os olhos com força. Não queria se lembrar daquele homem detestável, nem do que tentou fazer com ela, por mais que esse fosse o começo da história de como conheceu Félix.

— O que foi? Meu Deus, Maria, você está pálida, parece um fantasma — Joan disse, agora sem o sorriso que trazia no rosto. — O que aconteceu?

Maria abriu os olhos, olhou adiante e continuou a andar.

— Ele me atacou, Joan...

— O quê? Meu Deus... ele te machucou?

— Não, alguém me socorreu antes que ele conseguisse... — Maria não conseguia dizer.

— Quem? O que aconteceu? Maria, me perdoe. Deveria ter ido embora com você! — Joan junta as mãos, arrependida. — Eu não o conhecia. Acho que nem era amigo do Ralph. Só estava sentado na mesa com ele.

— Está tudo bem... ele não me machucou.

— Se eu encontrá-lo novamente... — o rosto de Joan fica vermelho de raiva, mas Maria a interrompe.

— Fui socorrida.

Sentiu uma ponta de excitação ao lembrar-se do que aconteceu em seguida: Félix Leduc apareceu no último minuto e a salvou.

— O quê? Por quem?

— Por esse homem... esse homem lindo...

O semblante aflito de Joan deu lugar a um sorriso.

— Um cavaleiro vestindo uma armadura brilhante?

— Sim. E, Joan, é incrível. Ele mora no nosso prédio. É meu vizinho!

— Quem é ele? Conte-me! Desembucha!

— Não sei muita coisa a respeito dele, a não ser que é francês. O nome dele é Félix Leduc e ele mora no segundo andar, no apartamento logo abaixo do nosso.

— Que romântico — Joan suspirou. — Então, ele pode te ouvir andando acima dele. Pode imaginá-la em sua camisola branca virginal.

— Pare, Joan! — Maria corou. Agarrou a bolsa contra o peito. Não queria macular suas opiniões sobre o vizinho. — Juro, nunca vi um homem assim... acho que me apaixonei instantaneamente.

Joan pareceu confusa.

— Você está dizendo que foi amor à primeira vista?

Maria aquiesceu. Seus olhos brilhavam.

— Bem, deve ser alguém especial para ter feito com que você esquecesse aquele Douglas asqueroso. Meu Deus, se eu voltar a vê-lo...

— Por favor, Joan, não vamos tocar nesse assunto. Não conte para ninguém, promete?

— Só se você me contar tudo sobre Félix — Joan brinca.

— Foi só isso e não sei quando voltarei a vê-lo.

Vocês moram na mesma casa. É só uma questão de tempo.

Um mês se passou. Joan perguntava quase que diariamente se Maria tinha visto Félix de novo e a resposta era sempre “não”. Acabou perdendo o interesse, agora está completamente voltada para *Pandora*, já que Lempert deu o papel principal para ela. Maria também foi selecionada, e sentiu-se honrada só de fazer parte de um dos grupos de coro.

Joan fica treinando até mais tarde, ensaiando um dueto particularmente desafiador com outro bailarino, Louis, que faz o papel de lutador. Então, Maria tem que descer a Rua Kennington sozinha todos os dias, acompanhada apenas de seus pensamentos. Sua imaginação é povoada de imagens de Félix. .

Em seu maior sonho, eles viajam juntos para Paris. Estão sentados em um daqueles cafés estilosos com Sartre e Simone de Beauvoir, Juliette Gréco e Anne-Marie Cazalis, bebendo vinho em meio aos intelectuais. Maria está vestindo uma roupa justa toda preta. Está tão chique e sofisticada. Em outra fantasia, é uma das dançarinas do Moulin Rouge e Félix está assistindo a sua apresentação, na primeira fila. Olha para ela com veneração. Outras fantasias incluem os dois passeando de barco no Sena, beijando-se sob os pássaros que

sobrevoam a Notre Dame ou caminhando de mãos dadas em Montmartre, tendo a basílica de Sacré Cœur como cenário.

Com o passar das semanas, as fantasias dela vão além. Decide imaginá-lo quando ainda era muito jovem, como ela. Ele cresceu em um grande apartamento no centro de Paris. Sua família era muito rica, mas se opunha aos nazistas e fugiu de Paris durante o período da ocupação. Na cabeça de Maria, Félix seria um daqueles corajosos membros da Resistência, sabotando os nazistas, arriscando a vida e a pele para libertar o seu país. Como ele é muito mais velho do que ela, Maria decide que ele tem que ter amado antes, porém seu amor verdadeiro fora brutalmente assassinado pelos invasores impiedosos, motivando-o a se juntar à Resistência para executar sua vingança. É um bom homem, porém torturado pelo que viu em sua França natal durante a guerra. É por isso que parece sempre mal-humorado agora. Precisa de uma mulher, uma garota jovem que venha para sua vida e o cure — é por isso que se esconde do mundo em seu quarto na casa deles em Londres: está esperando por uma garota como ela. É por isso que faz esses filmes estranhos, surreais: para expressar o horror que testemunhou. Mas, agora, eles se encontraram. E assim como ele a salvou de ser estuprada, ela o salvará de sua solidão.

Maria se envolve tanto com suas fantasias com Félix que, com o passar das semanas, começa a quase não querer mais o encontrar novamente. E se ele for diferente do homem dos seus sonhos? Mas, e se for o mesmo? E então? No mundo real, ela ainda pode viver o seu amor encantado?

Maria não entende Joan e sua postura casual com relação ao sexo. Mas também não a julga. Gosta verdadeiramente de sua amiga e de seu jeito aberto e caloroso, muito diferente da maioria das outras meninas da escola de dança, que são metidas e competitivas. Porém, não consegue deixar de desejar que Joan se respeite um pouco mais. Leu sobre isso nas revistas: quando as mulheres são muito fáceis, os homens nunca querem se casar com elas. E não é justamente isso que Joan busca, afinal? Ser esposa, ter filhos, formar família? Não é isso que toda garota solteira deseja?

Maria foi criada entre mulheres. Os homens, incluindo seu pai, são apenas fruto de sua imaginação. Apesar da educação liberal, Maria, a filha de duas mulheres apaixonadas, secretamente deseja ser a princesa de um homem. Quer um casamento apaixonado, quer ser feliz para sempre.

O verão está se aproximando. Londres está esquentando. A temperatura está longe do calor que pode fazer em Veneza, mas, mesmo assim, Maria confecciona dois vestidos com o tecido que sua mãe enviou da Itália. Maria e Jacqueline recortaram fotos do New Look, de Christian Dior, da revista *Harper's Bazaar*. O

acionamento de roupas ainda existe em Londres, então o pacote repleto de materiais enviados por sua mãe fez com que as duas chorassem como se tivessem recebido uma coroa de joias. Como é que Belle conseguiu encontrar cortes tão lindos na Itália?

Maria é uma costureira talentosa. Prometeu a Jacqueline que as duas seriam garotas New Look antes que o verão chegasse. Como Belle entende de combinação de cores! Maria ficava bem com cores vivas, graças aos cabelos negros e encaracolados, à pele clara e aos olhos azuis. Então, costurou dois vestidos para si: em vez de optar pelos tons pastéis que as meninas preferem, escolheu um vermelho rubi para confeccionar um vestido com a saia de roda da Dior e fez outro, mais feminino, azul safira com botões cor-de-rosa. Costurou ainda uma prega e uma dobra na parte de trás para acentuar o bumbum e um casaquinho justo para marcar a cintura.

Quando usa seus vestidos de verão, Maria se sente como se anunciasse a primavera, e os olhares de admiração dos londrinos fazem com que saiba que está bonita. Seu inglês melhorou muito e realmente começa a sentir que pode se adaptar. Com a proximidade dos Jogos Olímpicos, há um clima festivo na cidade, pleno de entusiasmo e orgulho.

Na escola de dança, todos têm ensaiado *Pandora* sem parar. Na aula de hoje, Joan desmoronou, caindo em prantos depois que Lempert fez com que ela repetisse o mesmo movimento uma centena de vezes. Maria sente-se aliviada por fazer parte do coro apenas. Não conseguiria suportar tanta pressão no momento. Porém, apesar de Lempert ser durão, há algo nele que faz com que você queira dar o melhor de si para ele. Você quer dar tudo de si. Você quer brilhar e fazer jus a esse balé provocativo.

Faz dois meses desde que Félix socorreu Maria e virou o personagem fictício dela. Perdeu a esperança de voltar a vê-lo.

É sexta-feira e as meninas estão arrumando as mochilas de dança após a aula de desenho. Joan pega o caderninho de Maria e dá um tapinha nele. — São ótimos, Maria; você é muito boa na reprodução de cada pose.

— Para ser honesta, Joan, não entendo por que temos que fazer desenhos se somos bailarinas.

— A ideia é observar o corpo, estudar a pose de outros dançarinos e ver uma conexão entre eles — Joan explica. — Você não estava ouvindo quando Lempert explicou?

— Sim, claro. É que preferiria só dançar...

O vestiário esvaziou e só restaram as duas. Maria nota que sua amiga ainda está vestindo seu *collant* preto e as meias. — Você não vem comigo?

— Não, tenho que ensaiar mais com Louis — Joan suspira.

Nestas semanas que precedem o espetáculo, Louis e Joan têm trabalhado separadamente no dueto deles, à noite.

— Ok. Bem, não exagere — Maria retoca a pele com pó de arroz. — Até segunda.

Está a ruas de distância, em uma loja, comprando cigarros, quando percebe que esqueceu a bolsa no banco do vestiário feminino. Como Joan e Louis estão ensaiando, imagina que a porta esteja aberta. Precisa pegar seu dinheiro. Tudo o que tem para o mês está dentro da bolsa, assim como seus cartões de racionamento.

Maria volta rapidamente. Está usando o vestido azul com botões cor-de-rosa. Sente-se delicada nele, como uma flor oriental. Como previsto, a porta da frente da escola de dança ainda está destrancada. Empurra-a e passa pelo corredor o mais silenciosamente que pode. Não quer cruzar com Lempert, nem atrapalhar Joan e Louis. Todas as meninas adoram Louis. Ele é caribenho e tem uma pele tão linda que Maria sempre tenta tocá-la com as mãos. É como uma máquina. É difícil não se seduzir pela sua dança, a beleza de seus movimentos enfeitiça. Joan estava nervosa com o dueto deles. Ele parece ser um dos poucos homens que a deixam sem palavras. Mas Maria acha que a parceria deles está dando certo. Quando dançam juntos, é lindo.

Maria atravessa o corredor olhando para o relógio. Prometeu a Jacqueline que iria para a fila de tripa do açougue antes que fosse tarde demais. Espera que seu vestido seja capaz de inspirar o açougueiro a dar a elas mais do que tripa — talvez um ou dois pedaços de carne sem grande valor. Quando se aproxima do estúdio, fica surpresa, pois não escuta o pianista. Talvez ele já tenha ido para casa. Ao passar pela porta, ouve um barulho estranho. Não tem certeza do que é, mas, sem pensar, abre a porta. O estúdio está abandonado, mas ela ainda ouve o mesmo som: um choro ou, melhor, um gemido. O som vem da galeria acima do piano. Tira os sapatos e anda pelo chão de madeira na ponta dos pés: está simplesmente curiosa. Talvez seja um gato preso dentro do estúdio? Sobe as escadas e espreita o canto. Fica de queixo caído com o que vê.

Sua amiga, Joan, está deitada sobre a mesa onde todos estavam sentados e desenhando há menos de uma hora. Está deitada de costas, de frente para Maria, mas não pode vê-la porque seus olhos estão vendados com um par de meias de dança. Suas pernas estão para cima, de modo que seu corpo fica em formato de L e, junto a ela, de costas para Maria, está Louis. Os dois estão nus. A pele dela parece neve se comparada à cor viva da dele. Maria não consegue tirar os olhos da bunda do bailarino. Ela o vê usando a malha de ginástica todos os dias, mas

ver aqueles glúteos nus e em movimento, para frente e para trás... os pés de Joan estão sobre os ombros dele, que a puxou para a ponta da mesa. O gemido é da própria Joan, penetrada cada vez mais intensamente.

Maria coloca as mãos sobre a boca, em choque. Então é isso que é transar. Já tinha visto fotos, é claro. Já tinha imaginado, mas nunca desse jeito: nunca tão primitivo, tão urgente e selvagem. Olha para a nuca de Louis. Ele está ofegante, metendo cada vez mais forte na amiga dela. O que ela deveria fazer? Deveria pará-los? Fugir? Nada disso. Esconde-se sob a escada e assiste. Não consegue evitar. Ela tem dezoito anos, é virgem e está apaixonada por um homem que não existe — quer ver aquilo sobre o que Joan fala o tempo todo. Quer ver o que é o prazer. Sente um misto de emoções: choque, desejo, nojo e — mais forte do que todos esses sentimentos — sente algo vibrando entre as pernas. Fica molhada e sente palpitações estranhas no corpo.

Louis acelera e a transa fica mais voraz. “É uma dança: a primeira de todas”, Maria pensa, quando vê Louis gemer em seu último impulso e cair sobre os peitos nus da sua amiga. Rapidamente, Maria abaixa a cabeça e desce as escadas. Joan nunca poderá saber que ela a viu. Sai do estúdio e corre para o vestiário, onde encontra sua bolsa caída sob o banco em que a deixou. Seria um desastre se cruzasse com Joan — especialmente após a ter visto tão exposta.

Na rua, sobe a Rua Kennington apressada. Tudo parece normal. É apenas mais uma tarde ensolarada em Londres. A luz do sol se projeta no seu rosto enquanto corre, mas se sente úmida por baixo das roupas e sua respiração é quase ofegante. Percebe que existe todo um universo do qual não faz parte. Marido e mulher fazem amor daquele jeito? Ou apenas os amantes — amantes ilícitos?

Maria sempre achou que aquilo que testemunhou naquele dia quebrou a miragem perfeita de seu sonho de princesa. Mudou o destino dela. Acreditava não ser coincidência que, quando virou a esquina, carregando sua cota de tripa na mão, com um cheiro forte de carne crua preenchendo as narinas, o odor de sangue misturando-se com o aroma das rosas de junho exalado pelos jardins por onde passou, *ele* estaria andando em direção a ela, no sentido oposto.

* * *

Na mesma hora, chega à frente do portão de número dezoito. Quando se vira para olhar para ela, ele está exatamente como em seus sonhos: um moreno alto com olhos expressivos e lábios carnudos — um homem saído de um dos romances góticos que Pina lê; um homem ao qual não se pode resistir. E, assim, antes mesmo de Félix dizer qualquer coisa, Maria é dele.

Quando sai da Rua Finchley em direção à rua Hampstead, o sol aparece, iluminando com um arco-íris a rua escorregadia e cheia de folhas. Por dentro, Valentina sente-se mais e mais angustiada. A raiva passou. Tudo o que sente agora é medo. E se ele bater a porta em sua cara? Será que é mesmo capaz de lidar com a fria realidade de ser rejeitada por seu pai? Já não bastasse tudo o que está acontecendo na sua vida agora, por que está se propondo a passar por isso?

Decidiu procurar seu pai justamente devido ao tormento que passara com Théo. Depois de mais uma noite em branco, tentando descobrir como poderia provar seu amor, concluiu que ainda não conseguia confiar plenamente nele. Ouviu-o dizer que a amava. No entanto, não conseguia aceitar que ele continuasse a sair com Anita. Com o passar das horas, ouvindo Antonella ressonar na cama ao lado, percebeu que outra reviravolta do destino não poderia ser ignorada: o fato de ter se encontrado com Garelli no mesmo dia em que partiu para Londres só para descobrir que seu pai, que não via fazia tanto tempo, morava justamente naquela cidade. Talvez ele fosse a chave para o quebra-cabeças do seu próprio coração? Se pudesse encarar seu pai e o medo que tem de ser rejeitada por ele, poderia ser que começasse a confiar em Théo e, finalmente, o reconquistasse. Valentina queria Théo de volta, mas tinha medo de se expor. Queria que Anita desaparecesse e que não houvesse nenhuma concorrente.

O amanhecer começou a invadir as frestas entre as cortinas, e Valentina se levantou. Estava nervosa e, contraditoriamente, um tanto apática. Decidiu se distrair assistindo à velha gravação com Maria Brzezinska dançando *Pandora*, do Ballets Jooss. Apesar do nome da bailarina e de notar uma semelhança impressionante com ela, Valentina simplesmente não conseguia acreditar que se tratasse de sua avó. Aquele espírito etéreo e criativo não tinha nada a ver com a esposa e mãe tímida de que ouvira falar. De todas as fotos que viu dela, Valentina guardava a imagem de uma mulher baixinha e rechonchuda. Nada sugeria já ter sido uma criatura leve, que voava pelos palcos. Além disso, se realmente fosse sua avó, por que é que nunca contou à sua filha que fora uma bailarina? Por que manteve essa parte do passado em segredo? Valentina tentou acompanhar a dança, mas a gravação tinha falhas e parou de repente, no momento em que a personagem que parecia ser sua avó foi erguida no ar por

outro dançarino.

Valentina desligou o filme e colocou seu laptop de lado. Estava deitada de costas no sofá. Queria acordar Antonella e contar para ela. Queria contar sobre Théo. No entanto, sabia que sua amiga a aconselharia a esquecê-lo, sobretudo porque ele estava com outra pessoa. Ela podia ser promíscua e aventureira, mas não era do tipo que rouba homem de outras mulheres, exatamente como Valentina também achou que não fosse. Mas não conseguia acreditar que o lance de Théo com Anita fosse sério. Algo ultrapassava sua preocupação com os sentimentos da outra mulher. Sabia que não é nada legal separá-los, mas não conseguia evitar o desejo.

* * *

O ritmo de Valentina vai diminuindo ainda mais, está quase se arrastando. Pega do bolso de seu casaco o endereço que Garelli escreveu para ela e lê novamente. Está a poucas casas de distância. Um homem anda em sua direção. Seu estômago dá um nó e sente as palmas das mãos suarem. Ele parece estar na casa dos sessenta, é alto, tem cabelos grisalhos e usa óculos. Poderia ser ele. Não sabe o quanto ele mudou desde que ela tinha seis anos de idade. Anda mecanicamente em direção ao homem, com a garganta travada de medo. Só quando se aproxima é que o olha diretamente no rosto: a pele é muito escura e espessa; as sobrancelhas são grossas. De perto, não se parece nem um pouco com o homem das antigas fotografias que tem de seu pai. Subitamente, desvia o olhar, envergonhada. Seu coração começa a desacelerar, aliviado.

Agora está do lado de fora da casa de seu pai. É pequena, quase uma casa-miniatura, com um terraço estreito com vidraças e um pequeno jardim, mas parece estar em boas condições. Essa pequenina e charmosa casa não se encaixa na nova imagem que tem dele: o jornalista investigativo, o homem que não liga para os próprios filhos... Então, como é que pode ter tanto zelo para cuidar de uma simples casa?

Respira fundo; está prestes a subir os degraus da porta da frente quando algo chama sua atenção. Vê uma imagem no perímetro de sua visão, algo que a espreita. Vira-se e, para seu grande choque, parado do outro lado da rua e olhando para ela de maneira perturbadora, vê ninguém mais, ninguém menos do que Glen, o rival de Théo no “ofício” de recuperar obras de arte perdidas. Ela nota a altura dele e os cabelos loiros brilhando como uma coroa de ouro sob o sol. Parece uma espécie de anjo vingador futurístico. Apesar de ser um dia de temperatura amena, ele está vestindo um casaco preto longo e pesado. As mãos estão dentro dos bolsos. Ele não se move, nem vai embora. Percebe que ele está parado lá esperando por ela. Pergunta-se há quanto tempo ele a estaria seguindo.

Será que ele poderia tê-la perseguido até aqui, um lugar tão pessoal?

Seus sentimentos se misturam e, agora, o pavor de encontrar seu pai se transforma em raiva desse homem por se intrometer em sua vida novamente. Atravessa a rua até ficar de frente para ele, mantendo os saltos para fora da borda da calçada. Ele é tão alto que ela é obrigada a olhar para cima. Ainda bem que ele está de óculos escuros, pois assim ela pode olhá-lo ele sem ter que encarar seu olhar asqueroso.

— O que você está fazendo aqui?

— Olá, Valentina! Que bom vê-la novamente — Glen diz suavemente, com um sotaque britânico estilo batata quente na boca. — Seja muito bem-vinda à minha cidade natal.

— Como ousa me seguir? Fique longe de mim — está tão brava que coloca o dedo na cara dele.

— Opa, opa! Você está um pouco temperamental, minha querida — responde. Subitamente, ele tira as mãos do bolso e agarra o dedo dela, apertando-o com força.

Valentina sente dor na mão e no braço.

— Me solta — reclama.

— Devo dizer — os olhos de Glen brilham enquanto continua falando no mesmo tom, ainda apertando o dedo dela com muita força — que acho ótimo que a gente tenha se encontrado desse jeito. É tão conveniente.

— O que você quer? — Valentina tem a impressão de que vai ter seu dedo arrancado. — Se você não me soltar, vou gritar — tenta se livrar dele.

— Me desculpe — Glen sorri e larga o dedo. — Não quis machucá-la — diz de um jeito que faz Valentina acreditar que era justamente o contrário que ele queria.

— Fique longe de mim. Caso contrário, vou denunciá-lo para a polícia.

Ele cruza os braços.

— Bem, Valentina, agora nós sabemos que seu namorado também não quer a polícia metida em nossos assuntos.

— Ele não é meu namorado — Valentina ri, aliviada por ainda ter todos os dedos. — Théo e eu terminamos há meses.

Glen balança a cabeça, olha para baixo, já sabendo de tudo.

— Ah, não... qualquer um podia ver que vocês nasceram um para o outro! Vocês são uma grande história de amor, minha querida. Tenho certeza de que um dia você estará usando a aliança de casamento de Théo naquele dedinho ali — aponta para a mão cujo dedo acabou de apertar.

Valentina, defensivamente, põe a mão no bolso.

— Você está errado. Ele tem uma nova namorada. Por que você não vai

perturbá-la?

Valentina gira sobre os saltos e começa a atravessar a rua de volta. Não pode visitar seu pai agora; não sendo seguida por Glen. Escuta os passos dele atrás de si e, por mais que acelere, ele se mantém atrás dela. Sente uma raiva percorrendo o corpo e para, virando-se:

— O que você quer? O quê?

Ele caminha até ela, vitorioso, até seus lábios tocam a extremidade da cabeça dela. Sente o hálito dele em sua testa, o mesmo e exagerado aroma almiscarado que a sufocou na primeira vez que o viu, na festa de Marco, em Milão.

— Você pode dar um recado para Théo? — pede, sorrindo docemente.

— Por que você mesmo não fala com ele?

— Porque ele não vai me escutar, Valentina; mas tenho certeza de que vai escutá-la.

Ela dá de ombros, tentando fingir que não se importa.

— Bom, ok, qual é o recado?

— Diz pra ele que ele me deve um milhão de dólares.

Ela bufa com zombaria, mas Glen permanece sério.

— Diga a ele que é isso que Gertrude Kinder tinha concordado em me pagar pela devolução do quadro de Metsu. É o meu sustento.

— Você não acha imoral cobrar tanto dinheiro de uma velhinha para devolver o que já era dela?

— Não venha com moral para cima de mim. Sei onde você mora, sei das coisas que você faz, Valentina... — ele a ridiculariza. — Você é bem safada.

— É totalmente diferente — sente-se enojada.

Ele ergue a cabeça para um lado.

— Bem, todos temos nossos códigos morais. E não vejo nada de errado em ser remunerado por um trabalho perigoso. É minha própria liberdade que está em jogo. Além disso, você sabe quão rica é Gertrude Kinder? Por que ela não deveria me pagar?

— Acho que não faz sentido eu dizer para Théo que ele te deve toda essa grana... isso se eu vier a vê-lo aqui em Londres.

— Mas tenho uma oferta para ele — Glen diz. — Sei por que ele está aqui. Sei o que ele está procurando.

Valentina pensa na conversa que teve com Théo ontem. Claro que contou para ela que ambos estavam atrás da mesma obra.

— Diga para ele que se me deixar com o Masson... bem, o passado ficará no passado. Caso contrário...

— Caso contrário o quê? — interrompe, irritada.

— Vou ter que levar você comigo.

Valentina escancara os olhos com a audácia desse homem:

— O que te faz acreditar que eu deixaria você me “levar”? Não sou de homem nenhum; nunca fui e nunca serei.

— Acredite, você não terá escolha.

Há algo no jeito de Glen falar que assusta Valentina, por mais que esteja determinada a não o deixar vê-la esmorecer. Coloca as mãos sobre os quadris e olha para ele friamente:

— Tenho um conselho para você: fique longe de mim. Se tiver algum recado para o meu *ex*, diga você mesmo. Ele não tem nada mais a ver comigo.

Antes que ele tenha a chance de responder, Valentina entra em um ônibus de dois andares que acabou de parar no ponto da Rua Finchley. Sobe a escadinha com o coração na mão, sem saber se ele está atrás dela. Quando olha pela janela, vê Glen parado na rua, olhando para ela. Os olhos deles são sombrios, ameaçadores.

Apesar de Théo sempre repetir que ele é inofensivo, a pele de Valentina está arrepiada de apreensão.

À noite, continua assustada e reluta em sair. Porém, após dois dias de cama por causa da ressaca, Antonella está decidida a compensar o tempo perdido.

— Só vamos ficar mais alguns dias, Valentina; temos que sair. Mesmo porque tia Isabella conseguiu ingressos para o *Forever Crazy*, do Crazy Horse, hoje à noite.

— Não é aquele espetáculo burlesco parisiense?

— Sim, mas é a primeira vez que se apresentam em Londres, no South Bank. Sempre quis ir.

Agora, Valentina se lembra de ter visto um anúncio do show quando estava no metrô hoje à tarde. Era o close de rostos de mulheres, todas usando a mesma peruca: cabelo preto e curto, estilo Louise Brooks, como o dela.

— Não é o tipo de programa para se fazer com um namorado? Não duas mulheres sozinhas.

— Três — Antonella diz, ajoelhando-se e abrindo a mala.

— Quer dizer que a sua tia vem com a gente também? — Valentina pergunta, estupefata com o fato de uma mulher mais velha se interessar por espetáculo burlesco.

— Claro, foi ela quem comprou os ingressos — Antonella começa a tirar as roupas da mala. — O que devo vestir? Temos que estar incríveis, lógico...

— Não vejo qual o ponto de competirmos com aquelas beldades — Valentina diz, lembrando-se do anúncio.

— Bem pelo contrário: titia disse que provavelmente haverá grupos de homens jovens por lá, então temos que estar preparadas para paquerar um pouco

durante o intervalo — Antonella se vira e dá um sorriso malicioso.

— Sua tia Isabella disse isso?

— Sim, ela está na luta — Antonella ri.

— Por que ela não faz algo um pouco mais discreto, como procurar alguém pela internet? — Valentina gira os olhos.

— Já tentou, mas disse que só conheceu um bando de pervertidos. Diz que o melhor é avaliar alguém de carne e osso antes de enviar sinais.

Agora é que Valentina sente ainda menos vontade de sair. A última coisa que quer é participar da noite de caça das meninas com Antonella e sua tia exibicionista.

Ela se joga na cama, pensando em contar para Antonella sobre Glen... Théo... seu não encontro desastroso com seu pai, mas não sabe muito por onde começar.

— Onde você esteve o dia todo? — Antonella pergunta de repente, como se estivesse lendo sua mente. — Fui até aquela galeria no Soho, mas você não estava lá.

Valentina finge mexer no edredom. — Estava andando por aí, pensando.

Antonella, que tirava suas roupas da mala, para e olha bem nos olhos de Valentina:

— Você já se decidiu?

— Decidi? — Por um minuto, Valentina pensa que Antonella está falando de Théo, então lembra-se de que não contou sobre o encontro com ele.

— Você vai procurar seu pai?

— Talvez. — Olha para baixo, sem vontade de contar a verdade, sem dizer que tinha ido vê-lo mais cedo, mas que fugiu.

— Você não tem nada a perder, Valentina.

Mas é aí que sua amiga erra. Ela tem tudo a perder, a começar pelo seu autocontrole, que levou tantos anos para desenvolver e que Théo já tinha começado a desestabilizar.

— Você não acha que é tarde demais?

Antonella pega um minivestido vermelho e coloca na frente do corpo, olhando-se no espelho: — Nunca é tarde demais, Valentina.

Valentina tem que admitir que, na verdade, está ansiosa pelo espetáculo do Crazy Horse. Lembra-se de sua mãe contando ter assistido às dançarinas burlescas se apresentarem em Paris, anos atrás. Disse que o cabaré remete às performances originais do início dos anos sessenta, quando a capital francesa era um caldeirão cultural. Valentina gostaria de poder voltar no tempo e ver a coisa real.

O primeiro número começa, revelando nove garotas quase nuas usando apenas acessórios da guarda britânica, como chapéus de pele de urso, marchando e batendo continência em intervalos regimentados. Para Valentina, parecem manequins e não mulheres reais: são altas, com pernas longas, bumbuns perfeitos, seios lindos e fisionomias sem expressão. É um tanto surpreendente e um pouco diferente do que esperava. Apesar do evidente entusiasmo de Isabella e Antonella, Valentina não está achando as danças tão eróticas quanto esperava. O que torna algo sexy? É o que Valentina se pergunta. Gostaria de ver diversidade: uma barriga um pouco mais lisa, um par de coxas mais grossas ou um peito maior. As meninas do Crazy Horse são parecidas demais. Mas ela gosta muito de uma dança: uma garota nua gira os braços no ar em círculo e um arco de luz segue sua mão, como um arco-íris repentino, só que branco — cheio de sombras de silhuetas de flores. A dança é lenta, melódica e tocante: sua simplicidade delicada a torna muito mais sexy do que as danças mais explícitas.

Apesar de ter gostado do show, Isabella está desapontada com o público.

— Ai, querida — diz quando as luzes se acendem. — Não há um único homem solteiro à vista.

Na verdade, praticamente todos os espectadores são casais ou grupos de mulheres como elas.

— Vamos, meninas — Isabella anda entre Valentina e Antonella, dando os braços para ambas — Estão com fome?

Saem do Crazy Horse Spiegel, passando por South Bank, em direção a Westminster. Há um vento gelado vindo do Tâmesa. Valentina treme de frio, sentindo as primeiras gotas de chuva.

— Oh, esse terrível clima inglês — Isabella resmunga, acelerando o passo.

Decidem jantar em um restaurante brasileiro, conversando sobre o espetáculo e tomando caipirinhas.

— Não é estranho como a maioria das mulheres gosta de ver outras mulheres nuas sem serem necessariamente gays? — Antonella diz enquanto ataca um pastelzinho. — Elas acham sexy. Sou hétero, mas ainda acho que observar o corpo de outra mulher pode ser sexy; digo, o jeito como ela usa o próprio corpo.

— Como se você estivesse vendo uma imagem de si mesma? — Isabella sugere.

— Sim, mas, hoje à noite aqueles corpos nus me deixaram fria — Valentina comenta.

— Sério? — Isabella diz enquanto ela e Antonella olham para Valentina, surpresas.

— Eu amei! — Antonella exclama.

— Sabe — Isabella diz, parando para dar um gole em seu drink —, no fundo você é igual à sua mãe, Valentina. Sinto como se tivesse voltado no tempo e estivesse com Tina de novo, andando por aí.

Valentina faz cara de mau humor enquanto se serve de um pastel.

— Tia, Valentina *odeia* ser comparada com a mãe — Antonella conta para Isabella.

— Por quê? Ela é uma mulher incrível... apesar de não a ver há anos. Onde ela está agora, Valentina?

— Estados Unidos — Valentina diz, de saco cheio.

— Disso eu sei... mas onde? — Isabella insiste.

— A última informação que tive foi Novo México. Não a vejo há algum tempo.

— Oito anos — Antonella diz, sem o menor tato.

Isabella se volta para Valentina, perplexa. — Mas por quê? Vocês brigaram?

— Não... — Valentina despista. Queria que Isabella mudasse de assunto.

A última conversa cara a cara que teve com sua mãe aconteceu há tanto tempo que parece vaga. Foi sobre sua mãe interferir em sua vida amorosa, o que deixou Valentina muito brava. Talvez ela tenha exagerado na reação, mas não merecia ser abandonada. Afinal, tinha apenas dezenove anos. E sair de Milão e se mudar para os Estados Unidos sem Valentina é o que sua mãe fez, não é?

Valentina acena para o garçom, pedindo mais drinks.

—Ela pode vir me ver em Milão quando quiser — diz, defendendo-se.

Isabella coloca a mão sobre o braço de Valentina.

— Não é bom guardar rancor por tanto tempo na família. Vá ver sua mãe.

Valentina chacoalha a cabeça. Isabella a está tirando do sério.

Felizmente, Antonella intercede.

— Tia, sem dramas. Valentina não gosta de falar sobre isso.

— Ok, ok. Apenas gostaria que Valentina tivesse conhecido a mãe do jeito que eu conheci. Ela tinha presença de espírito.

Valentina levanta e pega sua bolsa. Não aguenta mais ouvir como sua mãe era maravilhosa. Não pode fugir dela nem aqui, em Londres?

— Vou ao toalete — diz para as outras. Não precisa ir ao banheiro, mas quer se livrar do mexerico de Isabella.

A tia de Antonella é uma mulher estranha. Mesmo sendo quase trinta anos mais velha do que Antonella e Valentina, parece ser mais mente aberta do que as duas. O que ela pensaria da dúvida de Valentina com relação a Théo e Anita? Como sua mãe, provavelmente não hesitaria; diria para seguir adiante e roubá-lo da outra mulher se ela o quer tanto assim.

Voltando do toalete, escuta uma voz chamando-a pelo nome. A voz é familiar,

mas estranha ao mesmo tempo.

— Valentina?

Na segunda vez que escuta, vira-se. Bem à sua frente, um homem de cabelos grisalhos a observa atentamente. O cabelo mudou, mas nunca esqueceu aquele rosto.

— Valentina? É você?

Anos retrocedem diante de seus olhos. Valentina volta a ter dezenove anos quando se percebe diante do primeiro homem que amou em sua vida.

— Francesco? — sussurra, em choque.

— É você!

De imediato, o homem se levanta e dá dois beijos no rosto dela, que, ainda assustada, dá um passo para trás. Está nervosa, sente a batida acelerada de seu coração. Nunca pensou que fosse vê-lo novamente.

— Que surpresa te encontrar aqui. Pensei tanto em você todos esses anos.

— Mesmo? — Valentina pergunta sarcasticamente. Não consegue evitar. Ainda resta um pouco de mágoa, pois ele foi o primeiro homem que partiu seu coração. Talvez seja por causa dele que não consegue confiar em Théo.

— Valentina — diz, suavemente, pousando a mão sobre o braço dela. — Você ainda está brava comigo?

— Não, claro que não — dá uma risada curta. — Imagina, faz tantos anos... — tosse, tentando parecer que está numa boa. — Então, e sua mulher e filhos?

— A Lúcia está com sete anos — os olhos dele brilham e dói ver o seu orgulho paterno. — Ela é maravilhosa, tem uma energia imensa. E é tão britânica... é engraçado de ver!

Valentina sorri educadamente, começando a andar em direção às amigas, mas Francesco a segura pelo braço.

— E me divorciei de minha mulher — revela.

— Oh — olha nos olhos dele. — Sinto muito.

— Nunca consegui te esquecer, Valentina — sussurra.

Sente um lampejo de aborrecimento. Como ele ousa dizer isso agora, depois de tanto tempo? Resolve arriscar:

— Então por que você não voltou pra mim?

— Sua mãe... tornou impossível — disse. — E a Lúcia... Bem, tive de cuidar da minha filha.

Valentina tira a mão dele de seu braço.

— Ok. Enfim, tanto faz — diz, começando a ir embora. — Bom te ver.

— Quem é aquele homem com quem você estava conversando? — Antonella pergunta assim que ela senta novamente. Valentina espia atrás dela. Vê que Francesco se juntou a dois outros homens, ambos mais jovens do que ele e

vestidos de forma mais despojada. Ele continua olhando para ela; o interesse dele é evidente.

— É, Valentina — Isabella lança um olhar sedutor para os homens. — Quem são eles? Gostei do cara de camisa azul.

— É jovem demais para você, tia — Antonella brinca.

— Quem disse?

— *Aquele* homem — Valentina interrompe, passando o dedo na borda do copo — foi o meu primeiro amor.

— Francesco? — Antonella se surpreende. — O cara casado?

— Sim, mas ele não está mais casado.

— Interessante — Isabella diz, cruzando as pernas e sorrindo maliciosamente.

— Então esse é o homem que tirou sua virgindade?

Valentina olha para o restaurante lotado e vê Francesco e seus amigos. Seu primeiro amor olha de volta para ela.

— Sim — Valentina confirma, pouco a pouco percebendo que agora pode ter as respostas pelas quais tanto esperou. Francesco chegou a amá-la tanto quanto ela o amou?

Vê Francesco se inclinar e conversar com os dois homens de frente para ele, que olham para as três no mesmo instante. O olhar deles demonstra que gostam do que veem e Valentina sente Antonella e Isabella empolgadas.

— Eu acho, minhas caras — Isabella pronuncia cada palavra com precisão, animada —, que a nossa noite está apenas começando.

MARIA

MARIA PENSA EM Pandora: uma mulher linda e sem alma, enviada por deuses invejosos, com uma caixa de presente para a humanidade. Ludibriados pela sua beleza, os homens tentam possuir e abrir a caixa, porém, quando conseguem, ao invés de felicidade, todos os males e misérias recaem sobre eles. Lempert explica que a dança de Pandora retrata a luta entre o bem e o mal intrínsecos ao homem. De um lado, temos Pandora, representada por Joan, que usa um ornamento em forma de cobra na cabeça, véu e saia vermelhos. De outro lado, Psique, interpretada pela ruiva Alicia, toda de branco. O corpo compacto e sensual de Joan contrasta com o corpo comprido e delgado de Alicia. Maria vê a representação como uma briga entre o material e o espiritual, entre aquilo que é instintivo e o racional. Agora que conheceu Félix, compreende o conflito, pois ele parece estar presente em todos os aspectos de sua vida.

Quando vão assistir ao filme *Narciso Negro*, Maria não se identifica com a Irmã Clodagh de Deborah Kerr, mas com a sexualmente frustrada Irmã Ruth que, não sendo mais freira, escancara as portas do convento-fortaleza no alto da montanha no Himalaia. A Irmã está no alto daquele monte selvagem usando um vestido escarlate; tem os olhos escuros, lábios pálidos, cabelos ao vento e transpira desejo sexual. Está possuída, mas não por algo que é mau, e sim pelos próprios desejos. Maria se compadece de Ruth e não gosta da pudica Irmã Clodagh. O agente do general, Sr. Dean, é ainda pior do que ela, pois rejeita Irmã Ruth. Maria quer paixão, mas o filme termina em morte. Parece uma mensagem de que as mulheres que seguem seus instintos em primeiro lugar serão amaldiçoadas.

O filme preferido de sua mãe é *Pandora*, estrelado por Louise Brooks. Difere da dança delas tanto na abordagem quanto em relação ao mito. A Pandora de Louise Brooks é amável, quase ingênua, sedutora. Não consegue ser de outro jeito. No entanto, seu ardor sexual, sua potência erótica, é o que a destrói no final. Maria pensa que, se houvesse uma versão masculina de Pandora, ela seria Félix quando era mais jovem. Ele exala algo tão perigosamente tentador. Sabe que não é o homem ideal, mas o quer. Sua razão diz que ele é velho demais para ela e que não permanecerá satisfeito com um simples beijinho de boa noite durante muito tempo. Com certeza, não é um candidato a marido: sem emprego

estável e, aparentemente, sem bens ou riqueza. Ainda assim, não consegue resistir à companhia dele. Vê como as outras mulheres olham para ele quando saem juntos. Sente-se incendiar por dentro, a ponto de querer arrancar os olhos delas e gritar: “Ele é meu, ele é meu!”.

Ele está longe de ser dela. Os encontros são esparsos, mas sempre promovidos por ele. Ela pode estar voltando para casa depois da aula de dança e, de repente, ele aparece atrás dela. Não dirá nada, apenas alinhará seus passos aos dela. O coração de Maria vai acelerar, seu rosto vai ruborescer com a alegria da presença dele, mas ela fará de tudo para manter a compostura. Pode ser que andem por toda a Rua Kennington ou, ainda, que atravessem a Ponte Westminster até que ele fale com ela. Irá escorregar as mãos dele sobre as dela, apertá-las e levá-las em outra direção, pelo Embankment, na Passagem Strand e no tumultuado Covent Garden, até a Rua Charing Cross.

Tendo desviado Maria para longe do território deles, vai inclinar a cabeça para o lado: “Chá, Signorina Brzezinska?”

Em uma sala de chá esfumaçada e encardida, vão colaborar com a fumaça, baforando cigarros, deixando suas bebidas esfriarem, olhando um para a cara do outro. Nos olhos de Félix, Maria vê a promessa do que testemunhou Joan e Louis fazerem. Enfia as unhas na palma da mão quando imagina esse homem nu e no controle. Não tem certeza se esse pensamento a assusta ou excita. É um homem de verdade — não é um garoto como Guido, cujas investidas são fáceis de repelir. Sabe que está presa na teia de Félix. Então, quando ele decidir, ela será incapaz de resistir. É isso que ela quer?

Ainda não tem certeza. Só sabe que quer que ele cuide dela. Certamente, sua mãe e Pina ficariam chocadas com tal dependência. Foi criada para não precisar de homem algum; Belle foi firme no sentido de que sua filha nunca teria que se sujeitar à prisão de um casamento como o dela. O Signor Brzezinski foi um bruto, batia nela — e em Pina, a antiga empregada de Belle. Foi devido a um casamento miserável e abusivo que Belle buscara uma vida dupla como prostituta, que foi quando conheceu o amor de sua vida: Santos Devine, pai de Maria.

Na verdade, foi sorte que o Signor Brzezinski tenha perdido todo o dinheiro dele na quebra da Bolsa de Nova York, pois foi isso que o levou ao suicídio e resultou na liberdade de Belle — tarde demais para ela e Santos, que já tinha desaparecido nas brumas da Lagoa de Veneza. Belle se apropriou de sua liberação e foi viver com Pina. Nunca mais se deixou possuir por um homem. Ainda assim, este é o desejo secreto de Maria: ser o único objeto da atenção de um homem, ser o seu tesouro mais valioso.

Félix pode viver em um apartamento modesto no prédio de Jacqueline, mas

Maria tem a sensação de que ele é importante no mundo dele. Desaparece por dias a fio e fala dos filmes que está fazendo. Diz que vai a Paris, onde se encontra com outros artistas e escritores. Espera que a convide para ir com ele.

— Por que você mora em Londres? — pergunta para ele. Acha misterioso o fato de Félix não optar por viver com seus compatriotas.

Ele senta, com os olhos semicerrados, aspirando a fumaça do cigarro, e diz vagarosamente: — Gosto de manter uma certa distância — diz. Não sabe ao certo o que ele quer dizer.

Antes de chegarem em casa pela Rua Ebury Bridge, separam-se. Na verdade, nunca nada foi dito a esse respeito, porém, apesar de viverem no mesmo prédio, nenhum dos dois está disposto a revelar o “relacionamento” deles aos outros inquilinos. Ainda que Maria fosse corajosa o suficiente para contar a Jacqueline, sabe que sua tutora não aprovaria seu relacionamento precoce com o francês; não tem certeza de como ela descreveria o que vem acontecendo entre eles.

Ele nem a beijou direito ainda. Apesar de terem se visto com muita frequência nas últimas duas semanas, o máximo que ele fez foi beijá-la no rosto. Mas ela sabe que algo vai acontecer. Quanto mais pensa nisso, mais deseja. Uma voz sussurra em seu ouvido, seu instinto a alerta de que, apesar do controle inicial, esse homem é insaciável. Sabe que ele a está cercando, que está cada vez mais próximo, até que ela não terá mais escapatória. Mais do que medo, Maria sente desejo. Quer que ele a encurrale.

Duas semanas antes da estreia de *Pandora*, Alicia torce o tornozelo durante o ensaio e Lempert tem que escalar outra bailarina para interpretar Psique. Para sua total surpresa, Maria é a escolhida. Ao contrário de Joan, as outras dançarinas reagem friamente, olhando Maria direito pela primeira vez, levantando as sobrancelhas, quase vaiando de inveja. Maria fica aterrorizada. Sabe que não pode dizer não a Lempert, mas não está pronta para tanta exposição.

Depois da aula, após as outras terem partido, Maria procura seu professor de dança. Pode citar pelo menos três mais preparadas do que ela para dançar Psique.

Quando bate na porta do escritório de Lempert, percebe que, na realidade, nunca o viu atrás dessa porta. Não sabe o que ela irá revelar a respeito desse homem quando for aberta. Ele é quase tão misterioso quanto Félix: um estrangeiro em Londres, um refugiado desde antes da guerra. Sabe que ele é judeu e alemão, mas não tem a menor ideia se ele era casado ou se tinha filhos. Nunca o viu com a família, se é que tem uma.

Ele a manda entrar. De fato, o escritório conta um pouco a respeito da vida

dele. É vagamente decorado, sem nada nas paredes pintadas de um verde neutro, e a pequena sala abriga uma escrivaninha enorme, repleta de jornais. O homem em si está sentado em uma poltrona junto à mesa. Está lendo *The Times* e, quando abaixa o jornal para olhar para ela, deixa-a surpresa por estar usando um par de óculos na ponta do nariz. É perturbador ver esse homem, que está sempre em movimento, parado, observando-a.

— Então — diz, como se estivesse no meio de uma conversa com ela. — O que você acha, Signorina Brzezinska? Estamos na iminência de mais uma guerra?

Maria lembra-se de Guido conjecturando sobre a probabilidade de haver uma Terceira Guerra Mundial: Rússia versus Estados Unidos, com o restante da Europa ficando neutro.

— Não sei mesmo — diz, vagamente.

— Você é italiana. Seu nome é... Brzezinska. Polonesa? Judia?

— Cresci em Veneza — conta. — Minha mãe é polonesa, mas nunca fala de sua terra natal. Não sei de onde ela veio.

— Imagino que não tenham sobrado muitos dos seus, caso tenham ficado na Polônia — Lempert lamenta e suspira. — Deixei a Alemanha muito antes da guerra, mas ainda sinto falta do meu país natal, de como costumava ser antes...

A última coisa que Maria quer é falar sobre guerra com seu professor de dança, mas como fazer para mudar de assunto?

— Estava em Londres durante a guerra? — arrisca.

— Devon — conta. — O grupo de dança começou em Devon, depois que deixamos a Alemanha. Vim para Londres em 1946. A escola é nova — não o prédio, é claro —, só abrimos há dois anos. Mas claro que sua querida Jacqueline deve ter te contado tudo...

— Sim, contou. — Maria molha os lábios, nervosa.

— Bem, minha cara, a que devo a visita?

— É que... é que... é que... não entendo por que o senhor me escalou para Psique...

Lempert arqueia as sobrancelhas, parecendo aborrecido.

— O que você quer dizer com isso?

— Só acho que não sou boa o suficiente... preparada... — gagueja.

— Acho que sou eu quem deve julgar isso — Lempert diz.

— Mas só estou aqui há três meses.

— Deixe-me explicar — Lempert se inclina. — Lembre-se de que, por mais que a técnica seja importante, ela não é a única coisa que busco quando escolho meus dançarinos. Para Psique, preciso de uma certa leveza — algo imaterial. Alicia tem essa qualidade. A única bailarina da companhia que se aproxima dela

é você — ele tosse e volta a abrir o jornal. — Concordo que não seja o ideal, mas Maria, se você se dedicar, acredito que você consiga. — Ele se levanta e arruma o caimento da calça.

Maria sabe que é para ir embora, mas o pânico toma conta de si. Sabe que não está pronta para dançar um solo. Como é que ele não via isso?

— Senhor... realmente não acho que deveria me escalar para Psique. Não estou pronta para...

E... — ele a interrompe — quando é que estamos prontos para algo na vida, minha cara Maria? — subitamente, ele se inclina e pega em seu queixo, de modo a obrigá-la a olhar diretamente nos seus olhos. A intimidade desse movimento a choca. Sente que ele está falando de algo além da dança. — Você tem que escalar a montanha. Seja corajosa. Você pode falhar, mas isso não é vergonha desde que você se levante novamente...

Maria está quase chorando quando desce a rua no caminho de volta para casa. Não quer ter que ser corajosa. Não quer ter que se expor ao ridículo. Já pode ver a zombaria das outras bailarinas e sua humilhação. Está tão preocupada que não nota que Félix está atrás dela; não até ele colocar a mão sobre seu ombro. Ela para bruscamente e olha para ele.

— O que foi, Maria — ele pergunta. — Qual o problema?

— A garota que interpreta Psique em Pandora torceu o tornozelo e Lempert me escalou para o papel — balbucia com os olhos cheios de lágrimas.

— Mas isso não é uma coisa boa? — indaga, confuso.

— Não se eu não for boa o suficiente para o papel, e não sou.

— É claro que é. Senão ele não te escolheria.

— Não sei por que ele me escolheu — diz, desesperada. — Ele falou algo sobre leveza...

— Ah, então ele vê a Maria etérea.

Apesar de estar angustiada, o elogio de Félix acalenta o coração de Maria. Ele enfia a mão no bolso dela, que sente os dedos dele se abrirem, prendendo o tecido da saia e tocando sua perna com a ponta dos dedos.

— Ele vê o anjo que você é. Ele quer algo angélico — Félix balança a cabeça conscientemente. — Duvido que alguma outra bailarina seja tão pura quanto você.

Fica muito vermelha, pois Félix sabe o quão intocada ela é.

— Você tem que dançar essa personagem, Maria — diz. — Não tenha medo. Eu vou vê-la. Na verdade, vou filmá-la.

— Isso me deixa ainda mais nervosa — resmunga, mas secretamente se entusiasma. Félix quer filmá-la dançando!

Ao anoitecer, passeiam pelo Parque Battersea, admirando as esculturas juntos, de mãos dadas, como qualquer outro casal apaixonado, apesar de Félix ter idade para ser seu pai. Olha para os fios grisalhos do cabelo dele e ama cada um deles. Ele está piscando sob o sol, silencioso e pensativo. Ela se pergunta o que ele realmente pensa dela. Não consegue imaginar por que ele quer estar na companhia dela se deve conhecer tantas mulheres muito mais interessantes.

Félix a leva por um caminho, passando por arbustos, até que sentam na grama, à beira de um lago turvo. Ele abre o paletó e o coloca sobre o chão para que ela se sente sobre ele. Aqui estão protegidos da Londres cinza, enferrujada e pós-guerra, que luta para se manter ativa. Estão em um pequeno oásis verde. Maria tira os sapatos e, sem tirar as meias, esfrega os dedos na grama.

— Que tornozelos pequeninos — Félix diz, abaixando-se e pegando um de seus pés nas mãos.

— Mas meus pés são horríveis — Maria protesta. — Todas as bailarinas têm pés horrorosos.

— Horrorosos não. Esforçados.

Félix acaricia a sola de seu pé — o náilon escorrega na pele. Ela sorri, sentindo-se estúpida e envergonhada. Tenta tirar o pé, mas ele segura com mais força.

— Me permite? — ele pergunta.

Olha para ele por baixo dos cílios, curiosa para saber o que ele pode fazer. Debruça-se sobre os cotovelos. Por que não deixá-lo acariciar seus pés? É um passatempo inocente. No mais, estão escondidos do restante do parque: as únicas testemunhas são alguns poucos patos. Sente o sol na testa e fecha os olhos, deixando a tensão e o medo com a novidade de que terá que dançar Psique. Félix está massageando a sola de seu pé, passando os dedos ao redor do tornozelo e, de repente, o prende com força. Pode sentir os dedos dele pressionando o osso do tornozelo por cima da meia. Sente um pouco de dor, mas a sensação é prazerosa. Gosta desse sentimento de limite.

— Estou te machucando? — ele pergunta.

Maria abre os olhos e olha para ele. — Um pouco... mas eu gosto.

— Achei que fosse gostar. — Ele sorri lentamente.

Pousa o pé que tinha nas mãos de volta onde estava. Maria sente sua respiração ficar mais profunda quando os dedos dele deixam de pressionar a sua pele. Ele pega o outro pé e o massageia também, com movimentos circulares dos dedos na sola.

— Queria que você não estivesse usando meias — diz —, pois assim poderia realmente senti-la.

Ele aperta o tornozelo dela com força. Maria está imobilizada. Ela o testa,

tentando levantar a perna, mas é impossível. Ele está prendendo o pé dela no chão, impedindo qualquer movimento. Está presa e gosta dessa sensação. A força dele, o que ele poderia fazer com ela.

— Quero sentir você — ele sussurra e, antes que ela pudesse reagir, faz um furo na meia dela com a unha e enfia o dedo por dentro para sentir a perna dela.

— Félix! — Maria fica um pouco aborrecida. — Não é fácil conseguir meias, você sabe.

— Psiu... — ele pede. — Vou te trazer um montão de meias, prometo.

Com o dedo, ele puxa a meia com força, arrancando-a. E seguida, segura o pé com a mão, sentindo a textura da pele.

— Muito melhor — Félix suspira, dançando os dedos pela superfície do pé.

Ela tem que concordar. Agora que a camada de náilon se foi, o toque dele é muito mais excitante.

Ele levanta o pé dela e puxa-o, fazendo com que Maria deslize sobre o paletó em direção a ele. Levanta ainda mais e ela não faz nada para evitar. Sabe que ele pode ver a sua calcinha por baixo da saia. Não se importa. Gosta que ele olhe. Ele abaixa a perna dela, repousando o pé sobre seu sexo. Ela pode sentir o pau por baixo do tecido da calça. Sente-o crescer e, por um segundo, lembra-se do corpo nu de Louis.

— Endureça os dedos — ele pede. — Arqueie o pé.

Maria obedece. Félix ajeita melhor o arco ao redor de seu pau. Maria sente-o enrijecer e revelar sua essência. O sol está batendo sobre a sua pele, que arde. Nunca sentiu tanto tesão. Seu corpo anseia para ser libertado do vestido que o oprime.

— Você está vendo o que faz comigo, menina linda? — Félix pergunta.

Ela balança a cabeça afirmativamente, sem saber o que responder. Tenta se inclinar, sentindo ainda mais o pau de Félix na curva de seu pé quando faz o movimento, louca para ver o que há por baixo da calça dele.

— Não — Félix diz e a empurra delicadamente. — Hoje não. Chega de toques por hoje.

Ela deita, desapontada, com os olhos cintilando de desejo. Ele tira o pé de Maria de cima dele e, rápida e agilmente, pega a parte rasgada da meia e desenrola até a parte superior da perna dela, para bem abaixo da saia e, então, olhando-a bem nos olhos, desenrola a meia, indo cada vez mais para cima, até a coxa. Maria sente pânico. E se alguém passasse por ali e visse os dois? Mas não quer que Félix pare. O dedo dele chega até o alto da coxa, na altura da liga, que abre com habilidade, liberando a parte interna da perna para o toque.

— O que você quer que eu faça agora, doce Maria? — ele sussurra.

— Quero que me toque mais — geme, ruborescendo de vergonha. Ela se

contorce com o magnetismo dele. Não consegue dizer nada. Aquela palpitação que sentiu quando viu Louis e Joan está de volta: um desejo que a toma por inteiro.

Ele sorri vitoriosamente e se senta de cócoras, olhando para ela. — Ainda não. Eu não seria um cavalheiro se fizesse isso.

Percebe que ele está provocando. Deveria ficar brava, mas não consegue. Gosta desse jogo em que ele tem poder sobre ela. Mesmo porque pode ser que consiga voltar a si e resistir a ele da próxima vez. Sabe que aquilo que está fazendo não é o tipo de coisa que garotas certinhas fazem, mas quem são essas garotas? Não são Joan nem as outras bailarinas que conhece, nem sua mãe, nem Pina. Essas “garotas certinhas” são um delírio dos homens, são imagens de perfeição que os homens usam para fazer com que se sintam mal e envergonhadas. Ela pode ser inocente — tímida, talvez —, mas também tem uma alma livre, como sua mãe.

Recusa-se a se sentir como uma pecadora.

Durante um tempo, ficam sentados na grama em silêncio, vendo nuvens se formarem no céu. Maria tirou as duas meias e colocou-as na bolsa. Seu corpo ainda está latejando, mas seu coração desacelerou.

— Deveríamos ter trazido pão para os patos — comenta.

— Acho que já é difícil conseguir pão para nós mesmos, imagine para os patos — Félix diz.

— Você acha que essa austeridade vai durar para sempre? — Maria pergunta. — Jacqueline diz que, em breve, não vão mais racionar pão.

— Você já sentiu fome, Maria? — Félix pergunta, ignorando a pergunta dela — Digo, já passou fome?

Pela forma como ele pergunta, Maria sabe que ele já.

— Não, passar fome, não. Houve escassez... Não vivíamos como reis, sobretudo no final da guerra, mas minha mãe e Pina eram astutas para lidar com a situação. Tínhamos o suficiente.

Félix arranca uma margarida da grama e tira pétala por pétala.

— Quando você veio para a Inglaterra, Félix? — Maria pergunta. — Seu inglês é muito bom.

Félix fica calado por um momento. Ele parece cauteloso e ela acha que ele não vai responder.

— 1946, mas minha mãe era inglesa. Aprendi a falar inglês quando era criança.

— Então você veio para Londres logo depois da guerra?

— Sim.

— E onde você estava durante a guerra?

— Em Lyon — diz, levantando-se bruscamente. Ele estende a mão para ajudá-la e limpa a grama da saia dela, como um pai faria.

— Mas Félix, por que você deixou a França depois da guerra? Por que veio para Londres?

Ele para o que está fazendo. Dá um passo para trás e olha para ela friamente:

— Isso, mocinha, não é da sua conta.

— Desculpe, não queria me intrometer. — A voz dele mudou tão drasticamente que Maria fica assustada e se afasta.

— Bem, então pare de me fazer perguntas — a voz dele se suaviza. — Você deveria saber, é uma mulher inteligente. O que as pessoas querem agora é seguir adiante. Não querem reviver o passado... não quero falar sobre isso. Com ninguém.

Pega a mão dela, mas Maria se sente petrificada, com uma sensação de incerteza. Quem é o homem que ela tanto deseja?

— Venha, é melhor levá-la para casa. Sua Jacqueline deve estar se perguntando onde você está.

Quando estão prestes a se separar, já no portão do Parque Battersea, ela vê Guido. Ele está vindo na direção deles, rápido, de bicicleta. O cabelo grosso e cacheado forma um chumaço na testa dele. Ela olha para trás, pensando em se esconder entre as árvores, mas é tarde demais, pois ela percebe que Guido parou de pedalar e está encarando os dois do outro lado da rua.

— É o Guido — sussurra para Félix.

Félix dá de ombros como se não se importasse, mas Maria sente o corpo dele endurecer. Atravessam a rua juntos, enfaticamente sem darem as mãos.

— Boa tarde, Signor Rosselli — Félix inclina o chapéu.

Maria não consegue olhar na cara de Guido. Sente os olhos do italiano sobre ela e fica ruborizada, com o rosto queimando. Por que tem que se sentir tão culpada? Félix apenas acariciou seus pés, isso foi tudo. Além disso, não é da conta de Guido com quem ela passa o tempo dela. No entanto, quando Maria finalmente olha para cumprimentá-lo, fica confusa com a expressão no rosto dele. Dessa vez, ele não está com os olhos cravados nela: está olhando para Félix com uma hostilidade explícita. Por que ele odeia tanto o francês?

VALENTINA

ESTÃO NO APARTAMENTO de um dos caras. Valentina não sabe se é a casa de Francesco ou de um dos amigos dele. Onde quer que estejam, obviamente foi decorado por alguém solteiro: móveis de design contemporâneo, como uma poltrona de couro branco enorme, caixas de som de última tecnologia com adaptador para iPod, uma televisão de LED gigantesca ofuscando as poucas obras de arte penduradas na parede, uma mesa de jantar de vidro nada propícia para crianças e cadeiras de couro cor creme, dispostos em estilo minimalista. Deve ser o apartamento de um dos homens mais novos. Não há o menor sinal de algo que poderia pertencer a uma menina de sete anos de idade. Se fosse a casa de Francesco, certamente teria algo de Lúcia por ali, certo? Estão bebendo tequila, o que é sempre um risco, ao menos para Valentina, ainda mais depois da quantidade de caipirinhas que beberam no restaurante brasileiro.

É inacreditável que esteja sentada ao lado de Francesco, sobretudo depois que o destratou no restaurante. Parece que o álcool é o maior apaziguador de ressentimentos, porque agora ela está feliz de estar ao lado dele. Está mais uma vez atraída pela presença dele. Ele está flertando com ela abertamente e é bom ser desejada. A memória de Théo passa rapidamente pela sua cabeça. Deveria esquecê-lo. Deixá-lo em paz com Anita.

O grupo se entretém com um jogo proposto por Peter, um dos ingleses. Cada um, por sua vez, tem que “confessar” três fatos sobre si mesmo, mas só um pode ser verdadeiro. Cabe aos outros adivinhar qual. É a vez de Isabella. Ela está sentada nas pernas do cara de camisa azul, Rupert — sua saia já subiu até as coxas e ela está com olhos de bêbada. Valentina acha que ela está maravilhosa. Mesmo tendo quase o dobro da idade do parceiro, Isabella confia na própria sexualidade, sem preconceitos.

— Ok — Isabella diz, mostrando três dedos. — Eis as minhas três: num certo verão, quando era estudante, trabalhei como garota de programa em Milão.

— Ah, com certeza é essa! — Antonella grita.

— A melhor transa da minha vida foi com outra mulher — Isabella continua, piscando para Valentina com cara de travessa.

— Ah, não, acho que não — Antonella faz careta.

— E, finalmente: transei com o advogado do meu ex-marido, sobre o capô do

carro do meu ex-marido, no estacionamento do escritório do meu ex-marido.

— Qual era o carro? — Francesco pergunta, enchendo novamente os copos.

— Uma Ferrari, meu bem. Tá pensando o quê?

— É o verão como garota de programa. Tem que ser — Antonella cantarola animadíssima. — Sempre soube que você tinha um passado negro, titia.

— Acho que é a transa com outra mulher — Peter diz.

Rupert está ocupado demais dizendo segredos de liquidificador dentro da orelha de Isabella e não tem a menor ideia.

— Sexo no capô do carro... — Valentina diz porque sabe que é o tipo de coisa que sua mãe teria feito.

— Acertou! — Isabella grita.

— Sério? Nossa, tia, que mulher má você era...

— Deve ser de onde você herdou aqueles genes, então — Isabella pisca para a sobrinha.

Antonella se levanta, cambaleante. — Já cansei desse jogo, vamos dançar.

— Sua amiga é hiperativa, né? — Francesco sussurra no ouvido de Valentina.

Peter põe uma música e Antonella dança em volta dele, mas Valentina nota que a atenção do rapaz está mais voltada para Isabella e Rupert se beijando no sofá.

Valentina se levanta um pouco trôpega. Tem que ir. Tem que ajudar Antonella a se recompor, pelo menos. Quanto a Isabella, tem a impressão de que vai passar a noite aqui. Elas têm as chaves da casa dela, então podem chamar um táxi. Realmente, elas têm que ir embora.

Vira para Francesco: — Onde é o banheiro?

Valentina se inclina sobre a pia e se olha no espelho. Sua expressão é impassível, sem emoção. Sente-se um pouco enjoada e sem equilíbrio. Não deveria ter tomado tequila. Sorri quando se lembra de como Francesco estava olhando para ela. Ouviu com atenção cada palavra que ela disse durante a noite, na boate em que foram beber, no táxi, aqui neste apartamento. De repente, vê claramente que não vai para casa. Sabe exatamente o que vai acontecer. Fica feliz. Vai ajudá-la a se esquecer de Théo.

Alguém bate na porta do banheiro.

— Valentina? Você está bem?

Ela abre a porta e Francesco está apoiado na parede. Não é muito mais alto do que ela, mas ainda está em forma e, para a idade dele, até que bem gato. Um olhar mais atento agora revela rugas em seu rosto: as linhas de expressão que se formam ao redor dos olhos quando ele ri o deixam ainda mais charmoso. Ela se belisca. Desejou estar com ele durante tanto tempo e agora ele está bem na frente

dela, oferecendo-se. Lógico que é tarde demais, já que seu coração pertence a outro, mas pode ajudá-la esquecer algo por essa noite. O seu passado? O seu apego a Théo? Ela não tem certeza.

Francesco puxa Valentina para fora do banheiro e a beija no corredor escuro. Ela entreabre os lábios para ele. Com Leonardo, nunca beijou direito. É a regra deles. Percebe que faz meses que não deixa um homem beijá-la desse jeito. Desde que Théo a deixou. Francesco a segura pela mão e a leva pelo corredor. A porta da sala de estar está aberta. Valentina fica surpresa com o que vê, afinal as coisas mudaram bastante desde que foi ao banheiro.

Tia Isabella está de quatro, apenas de meias; sem vestido nem lingerie. Está chupando Peter, que mantém os olhos fechados, a boca entreaberta e a cabeça inclinada para cima, em êxtase. Enquanto isso, Rupert está por trás dela, segurando-a pela bunda e movimentando o quadril para cima e para baixo, de modo a roçar a boceta em seu pau.

— Cadê Antonella? — Valentina pergunta, alarmada. Sua amiga não está lá. Será que fugiu noite afora, sozinha?

— Acho que ela exagerou um pouco na bebida, só isso — Francesco fala baixinho, com os olhos brilhando no escuro. — Coloquei-a na cama. Não se preocupe, ela capotou. Está em total segurança...

Francesco pega Valentina de jeito e ela sente seu pau endurecer. Ela imagina como deve ser senti-lo dentro de si de novo, depois de tanto tempo.

— Você quer assistir, Valentina? — sussurra, segurando a cabeça dela com as mãos e fazendo com que veja o momento em que Rupert penetra Isabella. — Ou você quer participar?

Valentina solta-se dele, dá um passo para trás e fecha a porta.

— Não, não quero assistir, nem participar.

— O que você quer, então? — ele olha para ela, irônico.

— Quero que me mostre que se lembra... de nós.

— É claro que eu me lembro... Já te disse que pensei inúmeras vezes em você nos últimos anos — suspira. — Valentina, foi minha obsessão por você que arruinou meu casamento.

— Não quero que você me diga isso... apenas mostre.

— Como?

— Quero que você faça exatamente como da primeira vez em que fizemos amor. Quero que me mostre como tirou minha virgindade, tudo de novo.

Ele respira e fica sem dizer nada por um momento.

— Você esqueceu?

— Claro que não — fala quase na mesma altura de sua respiração. — Só estou pensando em como posso fazer isso.

Pega a mão dela e seguem pelo corredor até a cozinha. É toda de aço inoxidável e com eletrodomésticos modernos, muito diferente da casa deles no passado. Francesco solta a mão dela e abre o compartimento de gelo do *freezer*.

— Que sorte que, por acaso, tenho exatamente o que precisamos aqui — diz, tirando um pote de sorvete.

— Então esse apartamento é seu?

— Claro — diz, abrindo a tampa do pote de sorvete. — Mas, Valentina, vamos ter que improvisar. Não tenho mais um carro.

— Tudo bem, a gente imagina.

Fecha os olhos e volta para o verão em que tinha dezenove anos. Francesco tinha levado Valentina para fora da cidade em seu Fiat Bambino. Queriam ir até os lagos, mas não chegaram tão longe. No caminho, ele parou para comprar sorvete, pedindo que ela segurasse um em cada mão enquanto dirigia por um caminho sacolejante até encontrar um local para parar. Abriu o teto do carro, mas isso os deixou ainda mais quentes. Comeu o sorvete dela, beijando seus lábios cremosos entre uma mordida e outra. Encheu a língua com sorvete de creme gelado e a chupou. Ela se derreteu na boca dele. — Como você é doce — disse. O couro quente do assento grudando na pele nua deles e o sorvete escorrendo pelo corpo foram a perdição de Valentina.

Não disse que era virgem, mas ele logo percebeu. Quando a penetrou, sentiu como era apertada e ouviu-a arquejar; em seguida, veio uma pequena contorção de dor e a explosão da sexualidade dela.

A lembrança da inocência do seu amor por esse homem faz com que Valentina queira dar para ele mais uma vez. Naquela cozinha modernista, deixa-o colocar sorvete de creme na sua boca e, quando não aguenta mais sorvete, quando não aguenta mais o aroma quente e melado, ele a coloca sobre a mesa e se ajoelha. Coloca uma colherada de sorvete na boca e abre as pernas dela, pressionando então os lábios gelados na xoxota quente. Valentina se lembra de como ele a lambia e a adorava. Quando ela está perto de se perder completamente em memórias, ele se afasta e limpa a boca no braço, deixando um rastro de creme em sua pele escura. Ele se levanta e eles se entreolham. Juntos, olham para o passado de seus corações e celebram a paixão que um dia sentiram um pelo outro. A transa é mais calculada, menos urgente do que naquela época, de muito tempo atrás, mas dura muito tempo, vão cada vez mais fundo um dentro do outro. Ela não quer que ele goze, mas não consegue evitar. O sêmen dele se mistura com o sorvete derretido e escorre pelas coxas dela. Toda essa delicadeza é demais para ela e, em vez de ficar um nos braços do outro, se abraçando e acariciando, ela se abaixa e pega no pau dele.

— Quero que me coma de novo — ela sussurra com os dentes cerrados —

como você nunca fez.

Ele responde, virando-a de costas. Valentina segura o pau dele e enfia dentro de si. Ele está ofegante, sem fôlego, mas ela não dá descanso para ele, sem parar, se empinando mais e mais. Estão ligados como um único ser contorcido, como o coração partido e conflituoso de Valentina. Ela está buscando a si mesma: a garota que amava Francesco. Não seria melhor voltar a ser essa garota do que a pessoa que é agora?

MARIA

MARIA E JOAN dançam juntas. Pandora e Psique, presas na eterna luta entre o material e o espiritual.

— Você é a alma universal — Lempert disse — combatendo todas as fraquezas do homem.

Pandora é a escuridão; ela é a luz. Maria acha que é mais fácil para Joan mostrar seu lado sombrio. Dentro dos limites da dança, tem liberdade para deslizar e se arrastar como uma cobra. Quando vê Joan se movendo com a graça de um gato e a ameaça da malevolência, pensa no seu eu primitivo, na Maria que gostou de observar Joan e Louis juntos, na excitação que sentiu, na tentação de vê-los novamente e em como tudo isso catalisa o seu desejo de transar com Félix. Porém, seu professor de dança quer que seja pura. Maria deve justamente contrastar com a paixão de Joan, abrandá-la.

— Mostre-me a devoção altruísta de Psique — Lempert grita com Maria quando ela chora aos pés dele, desesperada pela sua incapacidade de articular o próprio corpo como deveria.

Devoção. Maria levanta a cabeça e olha para ele. De repente, tudo fica claro: estava focada em seu corpo, mas deveria escutar o coração. Está apaixonada por Félix. Tem certeza disso. Ama-o tanto que faria qualquer coisa por ele. *Dedica-se* a ele. E, quando pensa nisso, consegue levantar-se e dançar novamente. Fazer dessa dança um espetáculo particular para aquele que seria seu amado, para mostrar que pertence a ele.

— Até que enfim — Lempert diz, estalando os dedos em sincronia com o pianista. — Enfim, você compreendeu.

Para sua alegria, Maria finalmente sente a aprovação de seu professor, mas seria tarde demais? Amanhã é a estreia. Sabe que não está pronta, apesar de ter praticado até altas horas todos os dias. O corpo dela está tão tenso e dolorido, seu pé está cheio de bolhas. Ainda assim, não importa o quanto se esforce, sabe que não é uma bailarina como Joan. Lembra-se da surpresa de Jacqueline quando contou que tinha sido escalada para um dos papéis principais em *Pandora*. Por mais que tenha dito palavras encorajadoras para ela, sabe que nem Jacqueline acredita que esteja pronta.

— Me pergunto por quê — comentou três noites atrás, enquanto costuravam

um véu cinza.

— Por que o quê?

— Por que Lempert te escolheu para Psique.

— Ele disse que eu era a única bailarina que tinha a mesma leveza de Alicia.

— Sim, mas Alicia dança para ele há dois anos. Esteve em Dartington, assim como Joan, e já tinha estudado balé antes.

Maria mastigou corajosamente a carne dura, forçando-a garganta abaixo com um gole d'água.

— Você quer que eu fale com ele pra você? Que eu peça para escalar alguém mais experiente? —, Jacqueline perguntou para Maria. — Na pior das hipóteses, eu mesma poderia dançar.

Para sua própria surpresa, Maria ficou aborrecida. Não queria esse papel, mas agora se sentia afrontada pela falta de confiança de Jacqueline e pela sua sugestão de assumir a personagem.

— Acho que devo fazer... você não acha? Mesmo porque agora é tarde demais — desafiou-a com o olhar.

Jacqueline olhou para o prato e começou a picar outro pedaço.

— Claro, minha querida. Sua mãe ficará muito orgulhosa. Você escreveu para ela contando?

Maria balançou a cabeça afirmativamente. Redigia uma carta vergonhosamente curta, pois não conseguiu escrever sobre Félix. Não sabe por quê. Sua mãe e Pina não são caretas. No entanto, lembra-se das últimas palavras de Pina quando deixou Veneza: “Cuidado”. E de sua mãe explicando que Pina queria alertá-la para que tomasse cuidado com os homens. É como se suas mães estivessem dizendo que havia algo obscuro escondido nos homens, que ela desconhecia por completo.

O que foi ainda mais surpreendente é que Guido não disse nada a respeito de Félix para Jacqueline, nem mesmo após ter confrontado Maria. Vinha evitando-o depois que ele os vira saindo do Parque Battersea juntos. Porém, cruzou com ele nas escadas. Tem certeza de que Guido estava esperando por ela.

— Bom dia — disse efusiva, tentando passar rápido.

— Maria, espere — Guido disse, seguindo-a.

— Não posso. Tenho que ir para a fila de tripa. Não quero ficar presa lá o dia todo.

— Vou com você.

Estava chovendo e ela tinha se esquecido de levar o guarda-chuva, mas não queria voltar para não dar um motivo para Guido atrasá-la ainda mais, ou, pior, para não arriscar que os dois cruzassem com Félix.

Guido caminhou ao lado dela. Não pôde deixar de notar como ele estava

magro. As calças estavam caindo pelos quadris e parecia narigudo — o bigode grosso contrastava com o nariz fino e comprido que carregava um par de óculos na ponta. Estava parecendo Groucho Marx. Maria nunca conhecera alguém com um senso de humor tão pobre.

— Não deveríamos voltar para apanhar um guarda-chuva? — Guido perguntou, enxugando as lentes com um lenço e colocando os óculos de volta, que ficaram novamente molhados.

— Não, não me importo nem um pouco com a chuva — mentiu, andando rápido e com a cabeça abaixada.

— Imagino que você esteja acostumada com a água, já que vem de Veneza.

Andaram em tenso silêncio durante vários minutos — Maria pulava as maiores poças, enquanto Guido pisava em todas elas.

— Você gosta de Londres? — Guido perguntou de repente.

— Sim, gosto — Maria respondeu, subitamente percebendo que tinha desenvolvido um carinho pela cidade. — Há vários tipos de pessoas em Londres. Gosto disso.

— É verdade — Guido fez uma pausa. — Mas é por isso que você tem que tomar cuidado: nem todos são o que parecem ser.

— Como assim?

— Por exemplo, você pode ter preconceito contra todos esses prisioneiros de guerra alemães que estão vivendo aqui agora, mas, na verdade, eles também podem ser vistos como vítimas. Se conversar com eles, verá que são jovens que tiveram que seguir ordens. Não tiveram escolha.

— Você conhece algum prisioneiro de guerra alemão? — olhou para ele com interesse pela primeira vez.

— Conheço. Na verdade, um deles trabalha na portaria da minha faculdade. O nome dele é Hemmel e ele é muito, muito triste. Disse que perdeu tudo, todas as pessoas que amava.

— Pessoas de tantas nacionalidades sofreram durante a guerra... — Maria disse, franzindo os lábios.

— Eu sei — Guido a interrompeu. — Os italianos não sofreram menos do que os outros. Mas não é esse o ponto.

— Qual é o ponto, então? — subitamente irritou-se. — Estou com pressa, você sabe.

— Para entrar na fila do açougueiro e ouvir as donas de casa inglesas fofocando? — olha-a com desdém.

— Sim —, defendeu-se. — Pode ser muito interessante, na verdade. Não ficamos apenas fofocando sobre bobagens; na realidade, todos estão dizendo que poderá haver uma Terceira Guerra Mundial. Parece que os russos estão

chegando.

Guido apertou os olhos.

— Não entendo por que os trabalhadores e trabalhadoras têm tanto medo do comunismo. O intuito é libertá-los.

— Você é comunista? — Maria sussurrou, chocada com essa possibilidade.

Ele chacoalhou a cabeça e deu um passo para trás, mas havia algo em sua negação que fez Maria pensar que talvez ele fosse.

— Maria, não estou aqui para discutirmos nossas convicções políticas.

— Bem, então por que você está me seguindo?

— Vi você com Félix outro dia, saindo do parque.

Virou seu rosto molhado de chuva para ela, mas seus óculos estavam tão embaçados que não conseguiu ver a expressão nos olhos dela.

— Sim, mas por que isso seria da sua conta? — respondeu, acelerando. Queria que Guido fosse embora.

— Não sabia que eram amigos.

— É, somos amigos. Se você se desse ao trabalho de conversar com ele, saberia que ele é um cara muito legal — tinha sido ridícula, sabia. A última palavra que escolheria para descrever Félix é “legal”. “Interessante”, “complicado”, “intrigante” talvez; “legal”, nunca.

— Você deveria tomar cuidado — Guido disse. — Ele não é quem parece ser.

— O que você está querendo me dizer exatamente? — parou de andar e virou-se para ele, não se importando com o fato de que ambos estavam ficando encharcados. Estava tão brava com Guido. Como ele ousava julgar Félix sem conhecê-lo? Sentiu-se a protetora do francês.

— Deixe-me explicar — Guido se apressou, pois obviamente captara a hostilidade dela. — Se estivéssemos em Paris em vez de Londres agora, a história seria bem diferente.

— Como seria?

— Os ingleses estavam unidos. Os franceses, não. Você nunca ouviu falar dos expurgos?

— Um pouco — disse, sentindo-se estúpida. — Mas aqueles homens foram expulsos porque eram traidores da França.

— Claro. Porém, na verdade, muitos deles fizeram parte do governo durante a guerra. Acredita-se que havia tantos colaboracionistas franceses quanto não-colaboracionistas.

— Você está acusando Félix de ser um colaboracionista? — Maria questionou-o, irritada. Como esse italiano bisbilhoteiro ousava fazer uma acusação dessas! — Você me disse que ele fez parte da Resistência.

— Não o estou acusando de ter sido colaboracionista. Longe disso — Guido

parecia exasperado. — Olha, não posso dizer mais nada. Ele não é o cara *legal* que você pensa que ele é.

Colocou a mão molhada sobre o braço dela. Maria sentiu a pressão sobre seu casado molhado em sua pele fria.

— Por favor, Maria, fique longe dele. Não quero que nada de ruim te aconteça.

— Guido, não sou criança —, disse arrogantemente. Então afastou a mão dele e desceu a rua. Estava furiosa. Como ele tinha o desprazer de insinuar que Félix fora um colaboracionista? Como é que ele poderia saber de uma coisa dessas?

Guido é um estudante de física na Universidade de Londres; tem a metade da idade de Félix. Ainda assim, apesar de negar resolutamente que pudesse haver um pinga de verdade no que tinha acabado de ouvir, não consegue deixar de se sentir um pouco preocupada, pois Félix se recusa a contar detalhes sobre o seu passado. Maria disse muitas coisas a respeito de Veneza para ele, de como tinha sido crescer sem um pai e com duas mães. Tinha revelado tudo, mas ele se esquivava e dava respostas evasivas quando Maria fazia perguntas sobre a França. Decide que, na próxima vez que o vir, irá forçá-lo a revelar algo de si, apenas para ficar mais segura.

* * *

A oportunidade chega no dia da estreia de *Pandora*. Lempert deu o dia de folga, pedindo para a companhia descansar antes do espetáculo. Maria acorda para um dia de verão com o céu limpo, sem nuvens. A chuva se foi e já está quente. O apartamento está silencioso; Jacqueline saiu cedo. Lembra-se de que hoje é o dia em que ela trabalha período integral como professora, é o dia em que vai às escolas no norte de Londres para dar aulas de balé para as filhas da nobreza. Maria está só e livre. Tem o dia todo para si.

Começa tentando escrever uma carta para sua mãe e Pina. Põe água e pó na cafeteira e senta-se à mesa. O aroma de café invade a cozinha da casa. Destampa a caneta e alisa o papel diante de si.

Queridas mães,

Conheci um homem. Ele é francês. O nome dele é Félix e ele faz filmes.

Que mais? Não pode dizer que ele tem a mesma idade de Pina, mas sabe que deve ter — se não for mais velho. Maria amassa o papel e atira-o na lata de lixo. Sabe que Jacqueline irá repreendê-la; o papel é escasso. O café já está pronto. Levanta-se da mesa e tira-o do fogo, servindo o líquido preto e melado em uma xícara de chá. Seu estômago ronca, mas só tem mingau para comer — nem uma fatia de pão esta manhã.

Pega os livros de ração da gaveta da cozinha. Uma das primeiras coisas que Jacqueline fez para ela quando chegou em Londres foi providenciar uma inscrição no Registro Nacional e a concessão de cupons de ração. Maria se espanta com a austeridade extrema dos britânicos. Ouviu algumas garotas da escola falarem em viagens para a Holanda, a Dinamarca e a Bélgica, onde podiam comer doces e chocolates à vontade. Maria sonha com isso. Gostaria de comer um brioche recheado de chocolate! Sabe que se for para a padaria com seus cupons, não vai encontrar esse tipo de gostosura. Suspira, abre uma das portas do armário e pega uma panela. Pensa em preparar um pouco de mingau. Talvez pudesse adoçá-lo com um pouco de canela.

Alguém bate na porta. Maria franze as sobrancelhas. Espera que não seja Guido, aquele peste. Faz um gesto com as mãos como se o mandasse embora. Porém, quando abre a porta, Félix está do lado de fora, segurando um saco de papel marrom. Fica tão surpresa que não diz nada por um momento.

— Já tomou café? — pergunta.

Maria balança a cabeça.

— Que bom — diz, balançando o saco de papel. — Bolinhos de passas fresquinhos, recém-saídos do forno — têm até cobertura de açúcar. Não chegam a ser *croissants*, mas são melhores do que nada.

— Onde você conseguiu isso? — diz, roubando o saco da mão dele, alegre. Quando abre, sente o cheiro apimentado de açúcar mascavo e canela. Ele dá um tapinha no próprio nariz e vagueia pelo apartamento de Jacqueline.

— Não me diga — ele pisca — que sinto cheiro de café?

Maria está nervosa. Como Félix sabia que ela passaria o dia todo lá, sozinha? Cede sua xícara de café para ele e coloca água para ferver, para fazer mais uma para si. Saliva involuntariamente ao pensar no bolinho de passas com cobertura de açúcar, mas quer comê-lo acompanhado de café, então espera. Félix senta-se languidamente à mesa, observando o apartamento ao seu redor.

— Esse apartamento é bem melhor do que o meu — comenta. — É mais iluminado.

— Você nunca veio aqui antes? — pergunta, levando seu café para a mesa.

— Não. Não vim aqui nenhuma vez nos dois anos em que moro neste prédio.

Senta-se de frente para ele e começa a abrir o seu bolinho de passas. — Posso perguntar por que você e Jacqueline nunca se falam?

— Mas nós nos falamos...

Coloca uma lasca da cobertura de açúcar na boca. É delicioso. Acha que vai desmaiar de prazer. — Vocês não se falam propriamente. Digo, você dois são franceses, por que se evitam?

Félix não diz nada por um instante. Olha para ela como quem está decidido.
— Você quer saber a verdade?

— Sim, claro.

— Tem a ver com o amigo de vocês, Guido. Ele é obcecado por mim, não de um jeito positivo; e Jacqueline considera a lealdade ao seu amigo judeu mais importante do que o fato de sermos ambos franceses.

Maria se inclina. Tudo parece tão estranho.

— O que você quer dizer com “obcecado”? Não entendo.

— Ele acha que sou outra pessoa. Acha que deixei Paris para fugir dos expurgos dos colaboracionistas. Acredita que sou um deles.

— E você é?

Félix olha para ela de modo severo, com os lábios apertados, mostrando que desaprova a pergunta.

— Não, nunca! Ele não poderia estar mais equivocado.

Ela assopra o café para que esfrie. Tem que ser corajosa e perguntar para ele. Precisa ouvir a resposta.

— Então, por que você deixou a França?

— É complicado. Digamos que me enchi da vingança dos jovens comunistas — garotos e garotas como Guido. — Levanta-se e fica de costas para ela. A voz dele parece um rosnado e Maria percebe que ele fala desse jeito quando está bravo. — Por que eu deveria me justificar para aquele moleque idiota? — vira-se e olha para ela; a expressão dele é nebulosa — talvez devido a memórias sombrias, terríveis demais para expressar em palavras.

— Me desculpe — diz. — Não queria piorar as coisas.

O rosto dele se suaviza.

— Então você é curiosa como uma gatinha? — sussurra, vindo até ela e abaixando-se, lambendo o açúcar dos lábios dela.

Essa intimidade repentina faz com que fique corada e seu coração dispare.

— Esse açúcar é tão precioso que devemos aproveitar cada grânulo, não? — diz, segurando o queixo dela e levantando sua cabeça até que Maria fique cega pelo olhar dele. — Então você quer ser minha, Signorina Maria Brzezinska?

Ela diz que sim, hipnotizada pelo magnetismo dele.

— Bem — diz, tirando a mão e deixando a cabeça dela cair novamente. — Você gostaria de andar de barco?

Ele tira os remos do rio e cuidadosamente guarda um de cada lado do barco. Maria vê gotículas de água barrenta respingar em suas meias e em sua saia azul-clara. Ele não diz nada. O barco segue o fluxo da corrente e, por um momento, é como se não houvesse mais ninguém no mundo: apenas eles dois, vagando pelo

Tâmisa sob o céu azul infinito.

Olham-se nos olhos. Os dele são de um marrom delicado, atraentes. Acha que consegue ver neles o amor por ela. Então, este é o momento: Irá se entregar pela primeira vez. Ela quer. Maria sabe que não é certo. Não são casados — nem mesmo noivos. Sabe tão pouco dele, mas, ainda assim, confia nele.

Olha ao seu redor. A margem está vazia. Estão no meio da semana, afinal de contas. As únicas criaturas vivas são eles, os peixes e algumas aves: famílias de patos, frangos-d'água e uma garça silenciosamente os vigiam redemoinhar pelo rio.

Uma libélula gigante rodopia por eles e suas asas transparentes tocam de leve o rosto de Maria com uma energia selvagem. Vê como um sinal e começa a desabotoar os pequeninos botões de madrepérola de sua blusa, um por um. Lembra-se de sua mãe costurando cada botão. Agora, está se perdendo. Ela olha para Félix, que está com o olhar pensativo. Abre a blusa e mostra seus seios para ele. O ar úmido acaricia seus mamilos e Maria sente-os enrijecer com a expectativa.

Dentro de um segundo, tudo aquilo que estava nebuloso e em câmera lenta se acelera. Ele a deita na extremidade do barco. A blusa dela cai dos ombros e ele começa a beijá-la avidamente. O que ele está fazendo a transforma. Ela é delicada, mas cheia de energia como aquela libélula. Ela vai se soltando e não consegue mais parar de se esfregar nele, mas também sente medo. Está no cume de sua virgindade: seu limite pode ser ultrapassado tão rápido.

Ele se afasta, coloca o rosto dela entre as mãos e olha dentro dos olhos dela.

— Minha querida — sussurra. — Me diga para parar.

Ela balança a cabeça. Quer que ele continue.

Ele senta sobre os joelhos e olha para ela na beira do barco, com os seios nus e expostos. Pega a blusa dela e a cobre, mas Maria arranca a blusa com as mãos e implora por ele com os olhos, implora por mais.

— Sou velho demais para você — argumenta. — Você é demais para mim.

Ela estende os braços: — Eu te amo — murmura.

Ele não consegue mais resistir e se lança sobre ela de novo. Ele a beija e Maria sente a doçura dos lábios dele sobre os seus. Sente o cheiro dele como se inalasse o sopro de sua vida. Contorce-se sobre ele e tenta alcançá-lo com as mãos. Um sentimento selvagem toma conta dela. Nunca imaginou que seria ela a tomar a iniciativa, mas desabotoa as calças de Félix, tira sua lingerie e se abre para ele. Ele a penetra com tanto vigor que ela arfa de susto. Ela se abre por dentro e ele a preenche.

— Maria, eu te amo — sussurra e segue penetrando-a. As palavras dele a incendeiam ainda mais e ela se move no mesmo ritmo que o dele. O barco

balança, acompanhando a harmonia deles. Parece tão propício que isto esteja acontecendo em um rio. Maria nasceu em uma cidade dentro de uma lagoa, é filha de um marinheiro, logo sua virgindade pertence ao mundo das águas. Fecha os olhos, deixando a paixão tomar conta de si enquanto ele goza. Sente seu coração bater mais e dobra o corpo, deixando o prazer dele penetrar seu coração.

Não há como voltar atrás agora, pois ela ama esse homem. E ele a ama.

O dia está quase acabando, mas Maria sente como se sua vida tivesse acabado de começar. Acredita que suas almas se fundiram enquanto Félix estava dentro dela. Ela é *dele*. E ele é *dela*. Quando ele tirou a virgindade dela no barco, com o rio marulhando em aplauso, a necessidade dela começou. Tudo o que ela quer agora é estar com ele, mas, hoje à noite, tem que dançar o papel mais desafiador de toda a sua vida. Seu corpo está vibrando pelo toque dele, fremente de desejo, e ela tem que sufocar tudo isso para se transformar em Psique, uma criatura leve como o ar, sem matéria.

Não vão se apresentar na escola, mas em uma sala ali perto. Não é a *première* de *Pandora*, mas já faz quatro anos que não é encenada. Lempert diz que agora que a guerra acabou, sua relevância é ainda mais clara: o eterno conflito entre o bem e o mal intrínsecos ao homem.

Joan já está preparada quando Maria chega. Está usando seu vestido vermelho escuro, branco e roxo, e um adorno em forma de cobras na cabeça. Seu rosto está pintado de branco, seus olhos estão grandes e escuros e suas sobrancelhas estão delineadas com lápis preto. Está sentada de frente para o espelho, fumando um cigarro, olhando-se enquanto as outras garotas se apressam ao redor dela para arrumar-se.

— Aí está você! — troca um olhar com Maria através do espelho. — Por onde andava?

Maria senta-se, pega a caixinha de pó de arroz e assopra para criar uma fina camada de branco.

— Fui andar de barco... com Félix.

— Ah, o francês misterioso que você não quis me apresentar — Joan faz um bico.

— Não é verdade. Ele quase sempre vem me encontrar na escola, mas você estava ficando até mais tarde com Louis.

— Bem, isso não vai mais acontecer — Joan suspira.

Maria ignora a cara triste de Joan. Está muito feliz para se preocupar com a vida amorosa de sua amiga.

— Ei — Joan diz, percebendo. — Por que você está toda pomposa?

— Ah, nada — Maria diz, alegre. — Só estou apaixonada.

Joan apaga o cigarro, animada.

— O que aconteceu durante o seu passeio de barco com Félix?

Maria ruboresce e desvia o olhar.

— Hum, entendi — Joan diz. — Sorte a sua — levanta-se e ajeita a fantasia. — É melhor você correr e se arrumar. Tem que me contar *todos* os detalhes depois — pisca para Maria.

Está aguardando nos bastidores com Joan e Christopher, que interpreta o papel do Jovem. Vê o primeiro grupo de dançarinos: homens e mulheres mortais articulam a busca da humanidade por algo ou alguém que possam adorar. Será que todos precisam de um guia? Deixará Félix guiá-la?

Joan sobe no palco como Pandora, hipnotizando o grupo, seguida por Christopher, que faz o Jovem inocente. Em breve, será sua vez. Deve aparecer como uma visão para o Jovem, uma deusa. Pensa que Félix estará vendo-a na caverna do teatro escuro. Ele falou com Lempert sobre a gravação e Maria sabe que estará protegida pela câmera dele agora, documentando os movimentos dela. Não pode escapar aos olhos dele.

Sobe no palco e as luzes a cegam, mas também a encham de energia. Por um segundo, esquece que é Maria, a garota que acabou de perder a virgindade, e se transforma no espírito Psique: o triunfo do intelecto sobre o instinto. No entanto, os mortais a rejeitam e ela é obrigada a recuar, pois estão brigando pela caixa de Pandora. Louis, que interpreta o Apanhador, e Stephen, que faz o Homem Forte, protagonizam uma dança que encena a luta pela caixa e é Louis que vence. O segundo grupo de coro corre pelo palco: monstros do mal erguendo Pandora, afastando o Homem Forte. Maria está na sombra agora, assistindo-lhes coroar Pandora com uma máscara da morte sorridente ornada com tachas cristalinas.

Há um pequeno intervalo. Correm para o camarim, animados com a estreia. Lempert entra. Maria vê que ele está satisfeito com eles. Dá um tapinha nas costas dela enquanto fala com Christopher a respeito da dança final entre o Jovem e Psique, quando têm de tirar o mundo da escuridão e trazê-lo de volta para a luz. De repente, sente-se pressionada por essa responsabilidade. O corpo dela está tão cansado, não apenas de dançar, mas das novas sensações que experimentou hoje. Precisa de um pouco de ar.

Olha para o relógio. Tem dez minutos para fumar um cigarro. Sai do vestiário e vai para os fundos do prédio. Para no corredor e tira um cigarro do maço.

— Tenho certeza de que Psique é pura demais para fumar — dá um salto. Félix está ali, na frente dela.

— De onde você surgiu? — pergunta para ele.

— Estava aqui, fumando. Vi você sair. Você parece um fantasma com seu

vestido branco.

Inclina-se e deixa Félix acender seu cigarro. — O que você está achando? — pergunta, nervosa pela aprovação dele.

— Você está magnífica, minha querida.

Maria vibra de alegria. A opinião dele significa muito para ela.

— Estou ansioso para ver como vai ficar no filme — Félix diz. — Nunca filmei uma dança antes.

— E o que você acha dos outros?

— Bom, uma parte dos dançarinos precisa de um pouco mais de treino, mas a garota que faz Pandora é ótima.

— É minha amiga Joan — Maria conta, mas ele não está prestando atenção. Os olhos dele brilham e os braços dele formam um arco enquanto fala sobre o significado de *Pandora*. Ela o imagina no set: Félix, o diretor de filme. Maria se belisca. Tem que ficar repetindo para si mesma que este homem talentoso a ama de verdade.

— Acho a coreografia fascinante. A dança tem um significado político implícito... — pausa e dá mais uma tragada em seu cigarro. — O que era o bem de ontem pode se tornar o mal de hoje...

As palavras dele percorrem o corredor escuro e ela não consegue ver o seu olhar, mas sabe que ele não está pensando apenas no espetáculo de dança. Está pensando em seu passado misterioso: um pedaço de si próprio que ele se recusa a dividir com ela. A porta do palco se abre, iluminando os dois.

— Aí está você! — Joan diz. — Venha, vão levantar as cortinas em cinco minutos.

De repente, Joan nota Félix.

— Oh, olá... Você é o famoso Monsieur Leduc?

Maria fica vermelha como um pimentão; como Joan ousava ser tão deselegante?

— Acho que devo ser — inclina a cabeça para o lado e lança um olhar penetrante para Joan. A expressão dele está longe de ser amigável e, por um segundo, Maria entende o que Jacqueline quer dizer quando fala que Félix é difícil — mas não com ela; ele é tão meigo; tão doce e agradável.

Joan ignora o desdém de Félix e se volta para Maria, lançando um olhar curioso para ele e voltando para dentro. Sabe o que Joan está pensando. Já pode até ouvir a voz dela em sua cabeça: “Ele é um pouco velho para você, não, querida? Tem um jeito meio zangado...”.

Atira a ponta do cigarro no chão e a ponta acesa continua queimando no escuro.

— Melhor voltar. Nos vemos quando acabar?

Félix segura o braço dela.

— Na verdade, querida, é que...vou ter que sair às pressas.

— Ah — diz, desapontada. Pretendia exhibir seu namorado intelectual diretor de cinema para o restante da companhia de dança. — Vou te ver mais tarde hoje à noite?

— Maria, meu amor — diz, rodopiando e aprisionando-a com seu olhar suplicante. — Antes de sairmos hoje à noite, recebi um telegrama. Tenho que ir para a França... hoje à noite. É urgente...

Olha para ele, chocada. O que ele estava dizendo para ela? O relacionamento deles tinha acabado de começar; como ele poderia partir agora?

Beija os lábios dela rapidamente. — Você tem que voltar, querida — diz, colocando-a porta adentro.

— Mas por quanto tempo? — Maria consegue perguntar.

— Não muito... Prometo voltar em umas duas semanas. Você pode esperar por mim, não pode?

* * *

Enquanto dança, não consegue tirar a notícia de Félix da cabeça: vai partir esta noite, justo quando ela tinha se apaixonado perdidamente por ele. Como vai aguentar ficar longe dele, ainda que seja por duas semanas? E dentro de sua cabeça, escuta uma outra voz, a dúvida que habita seu coração: será que ele vai voltar? Ele a teria enganado só para lhe tirar a virgindade e agora não queria mais nada com ela? Será? Viu o olhar dele de agora há pouco; disse que ela estava magnífica. Afinal, está filmando a apresentação dela. Todas essas coisas lhe dizem que ele não está mentindo para ela quando diz que vai voltar. Apenas tem que ser paciente e confiar nele. No entanto, a ansiedade toma conta de si e não consegue manter a compostura por mais que tente se concentrar. Sente a consternação de Christopher; escuta as instruções que ele sussurra para ela. Psique e o Jovem estão juntos na dança final, quando o poder de Psique sobrepõe Pandora e os dois a expulsam do mundo.

“Não vou permitir que Félix me descarte”, Maria jura enquanto gira ao redor de Christopher, com a mente tumultuada. É nesse momento de distração que comete um erro. É um erro pequeno, mas que desequilibra os dois. Está muito longe para ser erguida por ele e dá um passo desajeitado para a frente. Agora está perto demais. Mesmo assim, Christopher a levanta, mas é obrigado a pegá-la por baixo da cintura. Ela é mais pesada na parte de baixo do corpo e sente o esforço dele para manter o equilíbrio. Olha para o público desesperada, pensando que Félix está lá, que a câmera está rodando e sabendo que está prestes a cair, certa de que sua humilhação será irremediável.

VALENTINA

VALENTINA ACORDA ANTONELLA assim que amanhece. No começo, sua amiga está confusa, continua grogue de tanta bebida na noite anterior.

— Onde estamos? — Antonella pergunta.

— Shh... — Valentina toca os lábios da amiga com o dedo. — Te conto enquanto estivermos voltando. Chamei um táxi.

— Mas cadê a Tia Isabella?

— Não sei — Valentina responde. — Voltou para casa dela?

Valentina não entra no quarto para se despedir de Francesco. Tudo o que quer é ir embora do apartamento dele. Quis sair assim que despertou e viu que ele continuava a dormir, de costas para ele. Tinha a respiração profunda e melódica. Apesar da transa da noite anterior, Valentina, agora sóbria, vê que não sente nada mais por ele. Sente que está ainda mais louca por Théo. Quer ele de volta ainda mais. Sabe que é uma hipócrita, pois acabou de voltar aos braços de seu antigo amante e sem precisar de muita insistência. Uma pequena parte dela queria fazer isso, ela sabe. Era uma história mal resolvida, mas sente do fundo do coração que acabou. Não sabe como Francesco se sente, mas não tem a menor intenção de voltar a vê-lo.

O táxi atravessa as ruas desertas de Londres, cobertas por uma névoa espessa. Essa bruma branca faz com que se sinta fora de seu corpo, como se estivesse em um de seus sonhos psicodélicos.

Antonella se aconchega nela no banco de trás. — *Mio dio*, o que aconteceu na noite passada? Não consigo lembrar de nada — diz, bocejando.

— É a tequila — Valentina diz secamente.

— O que aconteceu com Tia Isabella? E, indo direto ao ponto: — e Francesco? Dormiu com ele? — lança um olhar curioso para Valentina.

Valentina diz que sim e Antonella fica confusa.

— Então por que você está nesse táxi comigo em vez de ficar na cama para um dia de sexo com ele?

Valentina observa a névoa impenetrável pela janela do carro. É um mundo completamente branco, sem começo nem fim. Sente como se estivessem a caminho da obnubilação.

— Talvez ele seja o cara, Valentina. Afinal de contas, foi o seu primeiro amor

— Antonella diz.

Mas Valentina chacoalha a cabeça.

— Não. É tarde demais para voltar. Ele partiu meu coração uma vez. Não vou entregá-lo para ele de novo — não ousa contar a respeito de seus sentimentos por Théo.

A amiga dá um tapinha na mão dela.

— Ok — diz, sabendo que não deve insistir. — Então, o que aconteceu com a minha tia?

Valentina não fala por um momento. Sabe que Antonella ficará escandalizada quando souber da sacanagem de sua tia com Peter e Rupert, mas algo lhe diz para não contar nada. Isso é entre Isabella e Antonella, sobretudo porque Antonella parecia estar de olho em Peter antes de apagar.

— Não sei — diz para Antonella. — Isabella deve ter ido para casa mais cedo.

* * *

O fog espesso de Londres gela Valentina até os ossos, fazendo-a tremer enquanto saem do táxi. Olha para o relógio: são seis e meia e são poucos os que já se aventuram pelas ruas de South Kensington. Antonella vai na frente dela, abrindo o portão de ferro e subindo as escadas para a porta de entrada da casa de sua tia.

Valentina sente as costas formigarem. Instintivamente, sabe que estão sendo observadas por alguém. Vira-se na esperança de ver Théo atrás dela, mas, no fundo, sabe que não é ele. É perseguida por uma única pessoa. Tem certeza de que, do outro lado da rua, Glen está no meio da bruma, de óculos escuros e vestindo seu longo casaco preto. Está muito cansada para perder tempo com ele agora e também não quer preocupar Antonella. Sendo assim, ignora-o e anda com determinação até a entrada da casa, batendo a porta com força.

Isabella já está acordada, parecendo imaculada em um tailleur feito sob medida, com o cabelo preso em um coque brilhoso e o rosto fresco, sem qualquer sinal de olheira. Está sentada à mesa do bar, tomando uma xícara de café preto e mexendo em seu iPhone.

— Bom dia, meninas — diz, sorrindo docemente. — Não esperava vocês de volta tão cedo.

— Pra onde você foi, tia? — Antonella se joga no sofá. — Você simplesmente desapareceu.

— Foi você quem desapareceu, querida. Acredito que foi para cama... sozinha!

Antonella começa a roer as unhas, olhando pela janela.

— Engraçado — diz —, achei que fosse rolar alguma coisa com aquele cara, o Peter, quando estávamos dançando, mas, de repente, comecei a pensar em

Mikhail.

— Seu namorado russo? — Isabella pergunta.

— Sim. Acho que sinto falta dele.

Isabella sorri intencionalmente. — Querida, acho que você sente um pouco mais do que falta dele. Qual a sua teoria, Valentina?

Valentina pega uma caneca e se serve de café. Quer tirar a roupa e tomar um banho, pois tem a pele pegajosa com o sorvete seco. Pergunta-se se uma das duas consegue sentir o cheiro de creme que exala.

— Acho que Antonella é romântica por mais que se esforce para sufocar isso — Valentina diz.

— O que você quer dizer? — Antonella pergunta defensivamente, cruzando os braços sobre o peito.

— Não há do que se envergonhar, querida — Isabella diz. — Na verdade, é muito meigo.

— Acho que, por baixo do seu exterior aventureiro, lá no fundo, você acredita no conto de fadas... — Valentina diz, sentando-se ao lado de sua amiga no sofá e oferecendo um gole do seu café.

— Qual conto de fadas? — Antonella quer saber, enquanto aceita o gole e pega a caneca.

— De que, um dia, o seu príncipe virá — Isabella diz.

— Ah, não é verdade... acho isso uma bobagem.

— Acha mesmo? Você sabe que a maioria das mulheres, lá no fundo, sonha com isso secretamente... — Isabella bate as unhas no balcão. — Não há do que se envergonhar. Isso demonstra um grande otimismo. Eu, infelizmente, sou uma realista e suspeito que Valentina também seja.

Isabella cerra as sobrancelhas em questionamento e Valentina olha nos olhos dela. Pergunta-se se Isabella sabe que ela a viu com os dois homens mais jovens. Obviamente, essa mulher tem uma vida dupla secreta.

— Bem, minhas queridas — Isabella diz, pegando a bolsa e as chaves. — Tenho que ir trabalhar. Vejo vocês hoje à noite, na abertura da exposição de Valentina.

Ciao!

* * *

As amigas concordam em dormir por algumas horas. Antonella desaparece no quarto de sua tia e deixa o outro quarto para Valentina.

Antes de se deitar, Valentina toma um banho. Esquenta a água o máximo possível. Fica envolta pelo vapor. A pressão da água é tão forte que machuca a sua pele. Está limpando o sorvete, o cheiro de Francesco e a lembrança da noite passada. Está lavando o seu passado. Fecha os olhos e coloca o rosto debaixo do

chuveiro. Foi-se, a perda de Francesco, aquela primeira dor de amor que amargou durante anos. No entanto, é frustrante que nunca tenha percebido que era livre até perder Théo.

Será que ela e Théo conseguiriam ter um relacionamento de verdade juntos? Nunca seria normal. Não como os casais perfeitos dos filmes de Hollywood nos quais o mundo finge acreditar. A verdade é que a maioria dos casais é imperfeita. Talvez os mais felizes sejam aqueles que são honestos uns com os outros e têm um relacionamento aberto, como Leonardo e Raquel. Talvez Théo possa gostar desse tipo de relacionamento também.

Pensa no outono passado e nas aventuras eróticas que experimentou no clube de Leonardo. Todas aquelas experiências e seu comportamento aparentemente promíscuo foram planejados por Théo, na verdade. Não via nenhum problema em Valentina dormir com outras pessoas... Na realidade, ele mesmo fez parte disso. Em Veneza, disse que quis mostrar que a amava tanto que não queria que ela mudasse sua personalidade por sua causa. Ele entendeu que ela é uma alma livre. O que Théo estava tentando lhe dizer é que é possível ser liberal em um relacionamento desde que um confie no outro. Confiança: tudo depende dessa única palavra. É isso que Théo tinha pedido para ela antes de ontem. Se conseguir provar que confia nele, terá provado que o ama. Mas como pode fazer isso?

* * *

Valentina entra embaixo do lençol frio. Seu corpo ainda está quente e sedoso do banho. Está exausta, todo o seu ser mergulha no colchão e, ainda assim, quando tenta, não consegue dormir. Sabe que tem que dormir. A noite será longa e ela tem que estar em plena forma. É a noite da abertura da exposição e Théo e Anita estarão lá. Terá que ser forte para encarar os dois juntos.

Vira-se de lado e agarra o lençol. Sente pânico. A imagem de Théo e Anita juntos a atormenta. Senta na cama e o lençol escorrega pelo seu peito nu. Precisa falar com alguém. Não faz sentido acordar Antonella porque ela tem uma opinião parcial com relação a Théo. Quem os ama igualmente? Quem seria imparcial?

Assim que ouve a voz de Leonardo, sente-se melhor. A voz dele é tão reconfortante quanto uma caneca de chocolate quente.

— Oi, querida! Como anda Londres?

— Confusa.

Conta tudo para Leonardo, coisas que não contaria para nenhum outro ser no mundo. Conta que não suporta a ideia de ver Théo com sua linda namorada hoje à noite. Conta que foi atrás de seu pai no dia anterior e que a expedição foi

abortada por causa de Glen.

Leonardo parece perturbado com as ameaças de Glen.

— Você contou para Théo?

— Não, ainda não o vi. Não quis ligar porque não quero que ele pense que o estou perseguindo.

— Valentina, você precisa falar com Théo sobre Glen. Talvez você devesse ligar para a polícia.

— Ele é só um valentão, não se preocupe. Qual utilidade que tenho para ele se não estiver com Théo? — diz, corajosa.

— Ok — seu amigo diz, relutante. — Apenas me prometa que, se voltar a vê-lo, fará alguma coisa a respeito.

— Ok, mas, Leonardo, não te contei o que aconteceu ontem à noite. É mais importante do que o repugnante do Glen me cercando.

Valentina conta sobre o encontro com Francesco e a representação da primeira transa deles. Quando terminou, ele não disse nada por alguns segundos. Escuta o zunido da linha vazia. Pergunta-se se ele teria desligado o telefone, mas por que faria isso? Leonardo nunca a julgaria.

— Léo, eu sou ruim? Me diz, por que dormi com Francesco?

— Acho que você estava se despedindo de um pedaço de si — Leonardo diz suavemente. — Ou talvez você estivesse tentando recuperar a menina que foi um dia.

— Mas *por que* fiz isso?

— Porque está com medo dos seus sentimentos; está tentando se convencer de que não quer Théo, então se joga na cama com o primeiro homem disponível — diz, como se fosse algo banal.

Valentina fica impressionada com o ar carregado de Leonardo. Ele não demonstra a leveza habitual.

— Está tudo bem, Léo? Você parece diferente.

— Tudo bem — diz com firmeza.

— Sei que tem algo errado. O que é? Leonardo, me conta! — ordena.

— Você tem mesmo que saber: Raquel e eu terminamos.

— Mas vocês tinham o relacionamento perfeito. O que aconteceu? — Valentina não consegue dissimular seu espanto.

— É complicado. Desculpe, Valentina, mas não quero falar sobre isso pelo telefone.

Fica um pouco sentida. Está se abrindo completamente para Leonardo, mas ele não quer contar o seu problema para ela. De qualquer forma, tem que respeitar o desejo dele.

— Ok, estarei de volta em alguns dias. Aí conversaremos.

— Talvez você não volte para Milão, Valentina.

— Como assim?

— Théo.

Há algo estranho no tom da voz dele e Valentina não sabe o que é.

— Mas ele tem uma nova namorada. Não acho que vou reconquistá-lo agora. Ela é tão sexy: uma verdadeira *femme fatale* — suspira.

— Que é isso, Valentina? — Leonardo a estimula. — Eu disse que talvez você tenha que lutar por ele.

— Mas o que devo fazer, Léo? Como posso mostrar que o amo tanto, que faria qualquer coisa por ele?

— Bom, você deve encontrar essa “coisa” e fazê-la — Leonardo diz com simplicidade.

— Ao menos se eu pudesse ficar perto dele... tocá-lo — Valentina diz. — Tenho certeza de que ele saberia como me sinto se dormíssemos juntos.

— Então é só o seduzir!

— Não posso... seria uma coisa horrível de se fazer com Anita. Não quero dar uma de puta.

— Você nunca seria uma puta, Valentina.

A fé do seu amigo a toca.

— Leonardo, sinto muito por você e Raquel — Valentina diz. — Queria que você estivesse aqui para eu te dar um abraço.

Valentina não é do tipo afetuosa, mas está sendo sincera.

Finalmente, ela dorme. Sonha que está sentada em um vagão de metrô vazio, esbarrando nos túneis escuros. Está nua e sozinha. O metrô para em uma estação. Olha pela janela, mas o nome da estação passa rápido demais. É a Rua Gloucester? Parece, pois tem tijolos ocres e painéis de arte moderna. A porta se abre e uma mulher entra na outra extremidade do vagão, carregando uma mala. Tem os cabelos loiros, curtos, de um estilo parecido com os seus, e está usando uma saia de seda fora de moda e uma blusa, com uma echarpe em volta do pescoço. Valentina se levanta. Talvez a mulher tenha alguma roupa na mala que possa emprestar para ela. Valentina percebe que a mulher se parece muito com Tina Rosselli, a não ser pelo cabelo loiro. Abre a mala e se desaponta: está vazia. Não tem nada com o que se cobrir.

Valentina acorda. Está deitada de lado, com os joelhos dobrados até o peito e os braços em torno da cintura. Pergunta-se por que está tão enrolada. Tenta esticar as pernas e percebe que está limitada por uma barreira dura. Abre os braços e tem a mesma sensação. Está contida em algo que limita sua movimentação. É uma caixa dura forrada com um tecido sedoso vermelho, que

contém tiras com travas. Conclui que está dentro da mala que ganhou da mulher em seu sonho. Continua dormindo. Agora ela se vê de cima: uma mulher presa nas tiras de uma maleta. Por que não consegue sair? Escuta passos se aproximando e vê um par de sapatos parados bem ao lado da mala: são de couro preto e caros, embora estejam um pouco gastos e o cadarço esteja um pouco laceado. De quem são esses sapatos? Olha para cima, mas tudo o que consegue ver é um par de pernas em uma calça risca de giz, que logo desaparecem na bruma londrina. Quem é? Théo? Francesco? Sabe o que vai acontecer em seguida e sente um nó na garganta só de pensar. Não consegue gritar. De repente, a tampa da mala se fecha sobre ela e agora se encontra na escuridão completa. Está na posse deste homem. É o seu maior medo.

Acorda de pé. A mala vazia está jogada ao seu lado e ela está novamente dentro do metrô, tentando manter o equilíbrio enquanto o trem viaja pelos túneis escuros. Continua sozinha. Ou não? Sente aquele formigamento familiar espinha abaixo, sente que alguém a observa. Prende o fôlego com medo de se virar e ver quem é. Pode sentir o hálito dele em seu pescoço. Ele coloca seus braços sobre sua cintura e abaixa a cabeça para beijá-la no pescoço. Os lábios dele na sua pele macia a fazem tremer. Ele a beija vagarosamente, sem parar. Sente a pele de seu pescoço enrugar e, em seguida, uma aferrolhada de dor, algo penetrante cortando a pele. Agora ela luta, mas ele a segura com mais força ainda; está cravado em seu pescoço, sugando todo o seu amor. As luzes piscam dentro do vagão e, por um momento, ela vê seu reflexo e o de seu agressor refletidos nas janelas. Enfim, ele levanta a cabeça e olha para ela. O terror toma conta dela. É Glen: os lábios dele estão macios e vermelhos de sangue; seus olhos estão cintilando.

— Vou roubá-la dele — escuta-o sussurrar suavemente.

— Valentina! Acorde, Valentina!

Antonella se senta sobre a cama, ao lado da amiga, e suspira. O quarto está na penumbra, repleto de sombras. Inclina-se sobre ela e a chacoalha.

— Valentina, você está bem?

Volta vagarosamente, balançando a cabeça, muda, olhando ao redor do quarto com os olhos arregalados. Foi só um pesadelo. Está segura.

— Você estava gritando — Antonella diz. — Devia estar tendo um sonho horrível.

— Estava — Valentina balança a cabeça afirmativamente, ainda trêmula de medo com a lembrança do vampiro Glen.

— Você teve um pesadelo com o quê?

— Não consigo me lembrar agora — mente. — Só sei que foi assustador — não quer contar sobre Glen para Antonella. Sabe como sua amiga se assusta

facilmente. Então, encosta-se à cabeceira e olha pela janela. As cortinas continuam abertas. Está azul-escuro lá fora, as luzes da rua já estão acesas. — Que horas são?

— Cinco para as seis. Você acredita? Dormimos o dia todo.

Falta uma hora e meia para a abertura da exposição — o tempo exato para se arrumar.

— Vou usar o banheiro primeiro. Prepare um pouco de chá — Antonella pede, saindo do quarto.

Valentina fica um pouco sentada, deixando o coração desacelerar. Ainda está abalada com as imagens do sonho. Hoje terá que encarar Théo e Anita juntos. Pode ser a última chance de reconquistar o seu amor. Percebe que isso é mais importante do que tudo para si, mesmo sua estreia como fotógrafa de arte erótica em uma das galerias mais descoladas de Londres. Se deixar que Théo volte para casa com Anita hoje, acha que o terá perdido para sempre.

MARIA

ELE A LEVOU para Paris. É muito mais do que tudo o que poderia sonhar: um raio fulgurante de esperança iluminou o céu nublado de seu fracasso como bailarina.

Após o desastre de sua queda em *Pandora*, Maria piorou as coisas ao abandonar o dueto. Saiu correndo do palco, desmanchando-se em lágrimas e deixando o pobre Christopher sozinho para terminar o ato. Não humilhara apenas a si mesma; envergonhara toda a companhia. Decepcionou a todos. Nunca se esquecerá da expressão de choque no rosto de Joan. Sequer ousa imaginar o quão furioso Lempert deve estar — não pelo fato de ter caído, mas por ter fugido. Uma verdadeira bailarina simplesmente se levantaria e continuaria. Eram estudantes, afinal de contas. Era a estreia. Não seria um desastre se alguém cometesse um erro. No entanto, para Maria, o desastre era total. Era como se estivesse desmoronando. Não era apenas a dança, mas também o turbilhão de emoções que estava sentindo: a euforia de seu amor por Félix, a desolação pela iminente viagem dele para a França. Não conseguia suportar encarar ninguém, nem sua amada Jacqueline, que deveria estar sentada na plateia, horrorizada. Então, antes mesmo de abaixarem as cortinas, fugiu do teatro, correndo pela margem do Tâmbisa, querendo se jogar em suas profundezas turvas. Foi só na Estação Waterloo que Félix a alcançou. Colocou a caixa com sua câmera no chão e ela caiu nos braços dele, chorando desesperadamente.

— Shhh — ele repetia, acariciando os cabelos dela.

Quando se acalmou, ele soltou seus braços e deu-lhe um lenço. Maria Enxugou os olhos, mas, assim que se lembrou daquele momento em que sentiu que iria cair, em que se chocou contra o chão do palco, escondeu o rosto com as mãos.

— Calma — Félix disse gentilmente, afastando-lhe as mãos para olhá-la nos olhos. — Não é o fim do mundo.

Maria balançou a cabeça, desolada.

— Por que eu fugi? — lamentou. — Nunca poderei voltar.

— Claro que pode — Félix disse. — Você é uma bailarina talentosa. Tem que voltar.

— Não posso encará-los. Fracassei.

— Minha querida, às vezes, temos que fracassar na vida —Félix tentou explicar — para batalharmos e finalmente vencer...

Mas as palavras dele não a consolavam. Só conseguia pensar que ele estava de partida para a França e que ela ficaria sozinha em Londres. Não podia voltar a encarar Jacqueline... não por alguns dias pelo menos. Não aguentaria a decepção de sua mentora. Maria acreditava que, se realmente tivesse ambição, se tivesse uma paixão flamejante pela dança, teria voltado, enfrentado seu erro e tentando se redimir. Mas não quis fazê-lo. Agarrou o lenço de Félix encharcado de lágrimas. Percebeu que não estava em Londres apenas para realizar o seu sonho de se tornar uma bailarina, mas o sonho de sua mãe de que ela viesse a se tornar uma bailarina. Desejou nunca ter deixado Veneza. Consolou-se porque, nesse caso, nunca teria encontrado Félix.

— Me leve para França com você — sussurrou.

Félix foi pego de surpresa.

— Querida, me desculpe; não é possível.

Segurou-lhe o braço e puxou-o pela manga.

— Por favor, me leve com você.

— Não posso — disse de um jeito estranho. — Tenho meus negócios lá.

— Eu sei — ela disse —, e não vou atrapalhar, prometo. Quero apenas ficar em outro lugar com você por uma semana ou duas. Não consigo ficar sem você.

— Mas e o seu espetáculo?

— Félix, eu *não posso* voltar.

— Maria, querida, se você for comigo, terei que abandoná-la durante a noite em Paris... não quero fazer isso — ele balança a cabeça.

— Eu não me importo. Vou dormir, descansar e esperar por você.

Maria tremia em sua pequena fantasia e ele a aconchegou em seus braços. Nenhum dos dois notou os olhares curiosos dos passantes visto que estavam dando um pequeno espetáculo na Estação Waterloo: ela ainda vestida como Psique, toda de branco, nos braços de um moreno austero.

— Eu te amo! — Maria sussurrou e sentiu Félix estremecer em reação, pois sabe que essa união significa muito para ele, mesmo apesar da idade e experiência.

— Tá bom — disse, com voz rouca, enchendo o coração dela de alegria. — Desde que você tenha mesmo certeza de que não se importará caso eu tenha que desaparecer para fazer o meu trabalho.

Encheu-lhe o rosto de beijos.

— Sim... sim... não me importo.

Félix afastou-se dela e segurou-a pelo braço.

— E sem perguntas, Maria. Você tem que prometer que nunca irá me

perguntar sobre meus negócios na França.

Ela franziu a testa, um pouco perturbada com o que ele acabava de dizer.

— Mas por que não? Você não pode confiar em mim?

A voz dele se suavizou.

Querida, apenas não quero que se preocupe com coisas que não têm o menor significado para nós...

— Nós?

Ele aquiesceu.

— Sim, nós. Você não é minha agora?

— Oh, sou sim, Félix! — abraçou-o.

Durante todo o caminho de Victoria a Folkestone, Maria dormiu nos braços de Félix. Passaram a noite em um hotel barato; estava tão exausta que adormeceu imediatamente e ele não a perturbou. No dia seguinte, acordam cedo e comem sanduíches de carne de baleia no café da manhã. Maria nunca tinha comido nada tão nojento em toda a vida, mas está com fome, então se força. Quando sobem na embarcação, ela segura a mão dele com força. Seu coração bate nervosamente. Está seguindo este homem de volta para o seu mundo, a caminho do desconhecido. Confia nele do fundo de seu coração. Leva uma maleta que sequer está cheia. Arrumou tudo com pressa, temendo que Jacqueline chegasse e mudasse seus planos. Deixou os livros de ração na mesa da cozinha junto com dinheiro suficiente para pagar o aluguel dela no mês seguinte. Por fim, rabiscou um bilhete — inadequado, ela sabe.

Querida Jacqueline,

Hoje entendi que nunca serei a bailarina que você e minha mãe esperavam. Desculpe-me por decepcioná-la, mas não quero continuar meus estudos na Lempert School. Sou muito grata por toda a sua ajuda, mas preciso partir. Estou viajando com um amigo que irá cuidar muito bem de mim. Prometo que escreverei para avisar onde vou ficar e escreverei para minha mãe também. Por favor, não se preocupe.

Com todo o meu amor e carinho,

Maria

Não mencionou o nome de Félix porque sabia que Jacqueline ficaria brava e preocupada se soubesse que fugira com o francês. Na verdade, não ficaria surpresa se Jacqueline fosse até Paris atrás dela caso soubesse quem era o seu companheiro.

No barco, almoçam em silêncio. Maria está tão chocada com as próprias atitudes que não consegue falar. Félix parece preocupado e está sempre dando um tapinha em seus joelhos e enchendo seu copo com água.

É uma travessia calma. Na maior parte das cinco horas de viagem ficam sentados no deck, de mãos dadas, vendo o horizonte inglês desaparecer, na expectativa de a França surgir.

As cicatrizes da guerra parecem ainda mais profundas em Boulogne. O cais, assim como todos os prédios ao seu redor, estão destruídos. Sente uma pontada de medo no coração. Depois de esperar durante muitas horas, embarcam no trem para Paris, espremendo-se em um compartimento que têm de dividir com um casal e seus cinco filhos. Tal experiência parece deixar Félix ainda mais carrancudo e taciturno, embora Maria fique contente em conversar com a mãe, que é italiana de Turim. Passou os anos da guerra na Inglaterra, pois seu marido é inglês, porém, agora o pai dela estava morrendo. Estavam voltando para a Itália para passar os últimos dias dele ao seu lado e, quiçá, para trazer sua mãe para viver com eles em Surrey. Maria brinca com as duas crianças mais velhas enquanto os outros dormem e Félix a observa com a pálpebra baixa enquanto o trem adentra a noite.

Despedem-se da família italiana na Gare du Nord. A mãe dá um abraço apertado em Maria, convidando-a para visitá-los em Surrey quando quisesse. Desaparecem na noite. Ouvir e falar italiano novamente deixa ecos de nostalgia em Maria.

Félix a conduz por Paris. Diferentemente de Londres, não há placas de neon nas vitrines das lojas e homens e mulheres lotam as calçadas — muito diferente das noites circunspectas da Londres pós-guerra. Essas pessoas acabaram de acordar; estão cheias de vida: homens de olhares intensos usando óculos e cavanhaque, jovens mulheres com cabelos escuros e soltos, franjas sem corte e olhos muito maquiados. Estão submersas em seus próprios dramas e raramente prestam atenção em Félix. Maria não consegue deixar de olhar para elas. São tão diferentes das pessoas de Londres.

Félix a leva para um bairro ao sul do Rio Sena chamado Saint-Germain-des-Prés. Passam por cafés que ele diz gostar de frequentar. Diz o nome de cada um: Café Flore, onde Sartre e Simone de Beauvoir costumavam ir antes de se conhecerem; Les Deux Magots; Rhumerie Martiniquaise; e o Bar Vert. Ela quer parar para comer alguma coisa e tomar uma taça de vinho, mas ele a apressa, dizendo que precisam dar entrada no hotel antes disso. Acompanha-o por ruas estreitas, passando por casas altas que se inclinam para um lado ou para o outro. Tudo é cinza-escuro: os telhados, os muros, as pedras da rua, as persianas, as fachadas. Finalmente, chegam a um hotel. A primeira impressão não é das melhores, parece dilapidado.

Maria sente um frio na barriga. Faz quase dois dias que ele tirou-lhe a virgindade naquele barco no rio e que ela fez a apresentação desastrosa como

Psique, e apenas vinte e quatro horas desde que fugiram. Durante todo esse tempo, ele não a tocou, a não ser quando deu a mão para ela. Não a tocou no trem de Victoria para Folkestone, nem no hotelzinho, nem no barco que cruzou o Canal, nem no trem Boulogne-Paris.

Ao ver o hotel, toda a sua vontade de comer desaparece. O que vai acontecer agora? Deveria insistir para ter o seu próprio quarto? Mesmo antes de entrarem pela porta, sabe que não vai pedir isso.

Entram em um lobby esfumaçado com um odor forte de tabaco e colônia barata. Maria repara na pintura descascada e no carpete gasto. Definitivamente, não estão no Ritz. Fica atrás de Félix quando ele se aproxima da recepcionista, uma mulher grande com um coque ruivo no alto da cabeça e os lábios pintados de vermelho para combinar. Está fumando um cigarro e lendo o jornal. Assim que vê Félix, seus olhos se iluminam.

— Monsieur Leduc! Há quanto tempo não vemos o senhor por aqui. Seja bem-vindo, bem-vindo — fala animada em francês, inclinando-se no balcão e cumprimentando-o com dois beijos no rosto.

— Boa noite, Madame Paget. Gostaria de apresentar minha companheira, Signorina Maria Brzezinska.

A voz de Félix parece ter ficado mais sutil em sua língua natal. Parece ainda mais refinado e cavalheiro do que em Londres.

Madame Paget olha para ela de maneira fria e Maria se sente murchar sob o olhar dela.

— Boa noite — Maria fala timidamente em francês. Apesar de o francês que aprendeu com Jacqueline ser quase tão bom quanto seu inglês, Maria e Félix sempre conversam em inglês. Será que é porque se conheceram em Londres ou porque é a língua do amor deles?

Madame Paget a cumprimenta bruscamente com dois beijos. — Seja bem-vinda — diz, imediatamente voltando a atenção para Félix. — Então, deseja ficar em seu quarto habitual? — pergunta.

— Sim, obrigado.

Pega a chave enquanto ele preenche o formulário de entrada.

— Sabe, as coisas mudaram um pouco desde a última vez em que estive aqui.

— Como assim? — Félix pergunta.

— Há tantos estrangeiros em Paris agora. Os americanos estão por toda parte — fala com desdém, olhando para Maria da cabeça aos pés e girando a chave ao redor do dedo. — Todos querem vir para Paris, especialmente para o nosso pequeno bairro. Eles se autodenominam existenciaisistas, mas não têm a menor ideia do que isso significa. Tudo o que realmente querem é dançar a noite toda e beber — Madame Paget dá uma fungada, lançando um olhar glacial de

desaprovação para Maria. — E fecharam o Le Tabou, sabia?

— Então, para onde é que todos têm ido?

— Há boates novas, recém-abertas. A boate de Boris Vian, Club Saint-Germain, sempre tem jazz da melhor qualidade — entrega a chave do quarto para Félix. — Tenha uma boa estada — Madame Paget diz para Maria.

Maria vai para o elevador antigo, esperando por Félix enquanto ele busca as malas.

— Ela é diferente — ouve Madame Paget dizer para ele.

As palavras dela a deixam insegura. Diferente como e de quem? Félix trouxe outras mulheres para cá? Claro que sim, qual o problema? Ele é muito mais velho do que ela. Como pode ser tão ingênua e pensar que não? Deveria ficar feliz por ouvir Madame Paget dizer que ela é diferente. Isso não quer dizer que ela poderia ser *a* escolhida?

O quarto é minúsculo e as paredes não estão em boas condições, assim como o lobby. O espaço é todo ocupado por uma grande cama de metal. Maria nota que, pelo menos, os lençóis são limpos. O quarto pode ser mixuruca, mas é asseado. Há uma pia no canto e uma pequena janela abaixo da calha do teto inclinado. Vai para a janela, abre-a e se debruça. O peito dela endurece de excitação quando olha para o horizonte parisiense. É um sonho estar lá com o homem que ama, com o homem com o qual pretende se casar um dia... talvez aqui mesmo, em Paris?

— Querida... — Félix murmura. — Bem-vinda a Paris.

Ela se vira e ele está encostado na porta fechada, olhando para ela com um ar pensativo.

Caminha em direção a ele, hipnotizada, louca para ser beijada.

Ele a surpreende: tira o chapéu e deixa-o sobre a cama. Dá um beijo delicado em sua testa.

— Então posso confiar em você? — pergunta para ela, suavemente.

— Claro que pode — ela diz seriamente.

— E ainda mais importante: você confia em mim?

Ela olha nos olhos dele. São castanhos, com centenas de tons misturando verde, âmbar, chocolate e carvão. Pega as mãos dele e segura-as com firmeza.

— Sim, confio em você — diz, do fundo de seu coração.

Ele não sorri. Na verdade, fica ainda mais sério.

— Bom — diz —, isso é importante; caso contrário, teria cometido um engano.

— Como assim, um engano? — pergunta, estremecendo involuntariamente.

— Trazendo-a para cá.

— Mas você não cometeu um engano. Eu faria qualquer coisa por você.

— Você realmente pensa dessa forma, não pensa?

— Sim.

— O que mais eu poderia querer? — faz a pergunta retórica enquanto toma Maria nos braços e mergulha o rosto no seu pescoço. — Prometa-me que sempre vai me amar? — ele pareceu tão carente e desesperado que a chocou.

— Claro, meu amor, claro — beijou-o sobre a cabeça abaixada. Ele levantou o rosto e pressionou seus lábios contra os dela.

Maria quer que ele faça amor com ela de novo, como fez no barco quando tirou sua virgindade. Sente novamente aquele frio na barriga e o formigamento no meio das pernas.

Ele se afasta e agora tem um aspecto diferente: não parece mais vulnerável, nem ferido. Agora, os olhos dele estão cintilando e ele olha para ela com orgulho.

— Você tem algo diferente — diz. — Você tem essa efervescência, esse espírito incrível.

Ele abaixa seu casaquinho e começa a desabotoar a blusa de Maria, botão por botão. Os mamilos estão tesos, ansiando por atenção. Seu olhar admirado a deixa confiante. Não é mais tímida. Ele tira-lhe o sutiã, deixando-a completamente nua da cintura para cima. Ela abre a saia com charme, deixando-a cair sobre os tornozelos. Tira os sapatos e fica de frente para ele, com um par de meias sete oitavos. Quer dar seu corpo e seu coração para ele.

— Maria — diz, suavemente. — Você quer ser minha *aluna* agora?

Aproxima-se dela. Ele ainda está todo vestido; não tira nada, nem a gravata. Deixa-a só de calcinha, nada mais, depois de abrir uma liga por vez. Maria está assustada, mas excitada. Já fez isso com ele no barco, mas foi espontâneo e instintivo. Agora parece coreografado, como uma dança que tem que aprender.

— Senta na cama — a voz dele é de comando, mas seus olhos mostram ansiedade.

Ela anda e se senta na ponta da cama. Está toda molhada, sua calcinha está obviamente velha e usada.

— Tire a calcinha.

Maria livra-se da calcinha e sente-se um pouco envergonhada, mas, ao mesmo tempo, fica excitada com a forma como ele olha para os seus seios. Seus mamilos ainda estão eretos, implorando para serem tocados.

— Agora — suspira — devagar, bem devagar, abra as pernas. Mostre-se para mim.

Hesita, mas, ao ver os lábios dele e a forma como movimenta a língua,

vagarosamente abre as pernas.

— Minha querida Maria — sussurra, caminhando e ajoelhando-se na frente dela —, agora vou tocá-la e você vai cantar para mim.

Inclina-se, passeando os dedos por dentro das coxas dela e subindo até o meio das pernas. Maria geme quando ele enfia o dedo dentro dela.

— Você gosta? — pergunta.

— Sim — sussurra. — Hum, sim.

Tira o dedo e a chupa. — Seu gosto é tão doce, ainda tem o frescor da virgindade — coloca as mãos sobre cada um dos joelhos dela e abre suas pernas ainda mais.

Maria deita-se de costas na cama e fecha os olhos. A cabeça dele está entre suas pernas e ela sente sua língua explorando-a, tocando lugares tão sensíveis que sequer sabia que existiam. Ao mesmo tempo, ele usa mãos: com uma delas, toca sua bunda e, com a outra, enfia o dedo do meio bem fundo dentro dela. Ela quer sentir mais que o dedo dele. Quer que ele faça amor com ela, quer a unidade que sentiu no barco. Mas Félix continua de joelhos, acariciando-a com sua boca e suas mãos, levando-a ao êxtase. Está imersa nesse momento — totalmente à mercê dele. Ele está de joelhos, lambendo-a, e ela tem a impressão de que Félix é uma pantera negra e ela é a sua presa. Ele está adorando-a, não? Não para nem por um momento: constante, preciso, vai trazendo-a cada vez mais perto de um prazer que nunca experimentou antes. Afasta a cabeça, tomando fôlego.

— Vem, minha pequena, se abra para mim. Seja minha.

Ele se abaixa e, quando volta a tocá-la com a ponta da língua em movimentos circulares, Maria se sente flutuando.

— Félix! — grita, enquanto ele a masturba em harmonia com a língua. A pressão é quente, macia, intensa, tão boa... Ela se deixa levar, sentindo seu corpo voar em espasmos arrebatadores. Seu corpo inteiro implora para que ele a penetre, mas ele não vem.

Não consegue se mover por alguns minutos. Seu corpo todo está em choque e sua mente revive o que Félix acabou de fazer com ela. Abre os olhos e surpreende-se com o parceiro sentado na cama, observando-a. Ele continua vestido. Maria fica ruborizada, ciente de sua nudez e de sua exposição.

— Querida Maria, você quer ser minha? — Félix pergunta.

Não sabe se ele está falando metaforicamente ou se, de fato, está pedindo-a em casamento. Não se importa, pois a resposta é imediata e efusiva:

— Sim, sim!

Esse homem acaba de viciá-la no desejo. Quer ser uma só com ele por toda a eternidade. Ela é dele.

A MULTIDÃO DA galeria se aglomera nas ruas do Soho. Valentina sente um aperto no estômago de nervoso. Ela e Antonella seguem Tia Isabella, que representa a nata de Milão chique em seu vestido Armani. Ao menos esta noite, Valentina também está usando um vestido de um estilista famoso: um Balenciaga, emprestado por Isabella. De início, sentiu-se estranha por vestir algo com tantas cores, mas, quando se olhou no espelho ao saírem de casa, ficou impressionada com o caimento do vestido. Pensa que o fato de estar vestida de maneira diferente vai ajudar a atrair a atenção de Théo.

O vestido tem uma estampa floral vibrante — azul, amarelo e *pink* — que compõe uma série de painéis; cintura marcada, mangas *casquillo* e uma saia muito, muito curta. Normalmente é Antonella que exhibe as pernas e não Valentina, mas o diagnóstico de Isabella é o de que as pernas são a maior arma de Valentina, enquanto o forte de Antonella são os peitos. Portanto, vestiu a sobrinha com um vestido justo, vermelho-escuro, da Dior, que valoriza seu corpo violão.

Esta noite, Valentina abandonou seu Chanel liso e penteou o cabelo no sentido oposto, usando um pouco de gel para deixá-lo com volume e despojado. Caminha pela galeria Lexington sentindo que está chamando a atenção — sobretudo porque o par de *ankle boots* que está usando tem um salto muito maior do que está acostumada. No entanto, não precisa se preocupar porque, perto do restante das pessoas que estão lá, parece quase modesta.

Ela admira esse público pavoneando a galeria: é tão diferente de Milão, onde há um código velado de estilo clássico. No Soho, ao que parece, vale tudo. Deve ser por causa do tema da exposição, afinal a maioria das pessoas está vestida como se estivesse indo a um clube sadomasoquista e não a um vernissage. Homens e mulheres tatuados, alguns com a cabeça raspada, outros com *dreads* brilhantes, ou, ainda, com cabelo vermelho, azul ou roxo, usando adereços e vestindo roupas pretas, vermelhas e brancas, em meio a críticos de arte vestindo paletós de tweed e fotógrafos com roupa de trabalho. Atravessa a multidão procurando por Théo, mas não o encontra em lugar algum. Enquanto isso, Isabella providencia três taças de espumante com o garçom que estava passando.

— *Salute!*

As três bebem suas taças.

— Bom, vamos dar uma olhada nas suas famosas fotos que retratam minha sobrinha de forma tão eloquente — Isabella diz.

— É por aqui — Valentina vai cortando a multidão. Pelo menos não é como uma abertura de exposição em Milão, onde as pessoas a reconhecem e ficam puxando-lhe o saco o tempo todo. Em Londres, é como qualquer outra pessoa. Gosta da sensação de anonimato.

Lá estão suas impressões, distribuídas em um sextante perfeito no lado esquerdo da sala.

— Uau, estou vendo! Olha, tia! — Antonella exclama em seu vestido escarlate, enquanto vê a foto de seus seios saltando diante de seus olhos e recebe mais do que alguns olhares de admiração. Antonella parece não ter o menor pudor em ficar parada de frente para imagens nas quais aparece nua.

— Você se importa? — Valentina sussurra para ela, levando a modéstia de sua amiga em consideração.

— Me importar com o quê? — Antonella pergunta.

— De estar à mostra, nua, à frente de todos esses estranhos.

— Claro que não, e você? — aponta para o reflexo do corpo nu de Valentina na água, a primeira foto erótica que tirou.

— Não, na verdade não — Valentina diz, surpresa por não se sentir envergonhada. Há que se dizer que a maior parte do conteúdo da exposição é explícito e há vários autorretratos, como as fotos de Anita, logo qualquer tipo de modéstia parece irrelevante.

Valentina sente uma cotovelada na costela e olha para Antonella com cara de interrogação. Sua amiga está olhando para alguém que, evidentemente, é conhecido das duas.

— Théo?

Ela se volta e, para seu terror, não é Théo, mas Francesco que está cara a cara com ela.

— Boa noite, Valentina.

Ela não diz nada. Não sabe o que dizer. Não se lembra de ter contado sobre a exposição, mas estava tão bêbada que é capaz de ter feito algum comentário.

— Como vai? — pergunta, olhando para ela com expectativa.

— Bem. Cansada — diz, indiferente.

Ele se aproxima, colocando a mão na bunda dela.

— Eu também. Por que será? — dá uma piscada para ela.

Valentina dá um passo para trás. Não pode acreditar que ele piscou e passou a mão na sua bunda. No ambiente da galeria, repleta com o novo cenário artístico pulsante de Londres, Francesco parece ainda mais velho do que é. Vestido com

uma camisa azul velha e um blazer de marinheiro, ele pertence a outro mundo. Ela o vê por quem ele realmente é: um oportunista. Parte dela se sente culpada por ter dormido com ele ontem à noite e o iludido, mas, acima disso, precisa sair de perto dele.

— Com licença — diz, tentando se esquivar. Tanto Antonella quanto Isabella parecem ter se desmaterializado e não reconhecem ninguém ao seu redor.

— Gosto das suas fotos — Francesco diz.

— Obrigada — agradece com secura e se cala.

Ele está esperando que ela diga alguma coisa, que se explique, mas ela só quer sair de perto dele.

— Tenho que falar com uma pessoa — mente e vira-se para ir embora. Francesco põe a mão no cotovelo dela.

— Valentina, espere.

Vira-se para ele, relutante.

Os olhos dele parecem pesarosos. — Por que você foi embora de manhã? O que aconteceu? Fiz algo que a irritou?

— Não, você não fez nada de errado — diz.

Ele começa a ficar mais esperançoso.

— Me desculpe, estava bêbada... — tenta explicar. — Simplesmente não devia...

Ele a interrompe, emocionado.

— Você não acha incrível nos encontrarmos de novo daquele jeito, depois de tantos anos? Isso não te diz alguma coisa?

— Sim, incrível — concorda. — Mas sempre achei que teria a oportunidade de vê-lo novamente um dia.

Lembra-se da frustração que sentiu quando sua mãe destruiu Francesco sem que ela tivesse a chance de dizer para ele o que realmente achava de ele trair a esposa e se aproveitar da inocência dela, da confiança dela, partindo seu coração. Já faz quase dez anos, mas ainda tem raiva de sua mãe por isso.

— Sim — Francesco continua falando entusiasmado. — Sempre achei que nos reencontraríamos também — sorri, com ar triunfante. — Valentina — diz, pegando na mão dela —, somos feitos um para o outro.

— Não — a palavra sai mais enfática do que ela esperava. Puxa sua mão. — Não vejo da mesma forma que você.

— Como você vê, então? — parece confuso por um momento. — Quer conversar sobre isso em algum outro lugar? — pisca de novo. — No meu apartamento. Você gostou de lá, não?

“O primeiro homem que amou é um fracassado”, pensa consigo mesma. O apartamento dele é bacana, ok, mas não tem alma. E não faz sentido... lembra-se

de que ficou surpresa ao saber que aquela toca de solteiro minimalista e brilhosa era dele.

— Quando é que você vê sua filha? — pergunta para ele.

— O quê? — Francesco fica ainda mais perplexo. — O que tem a ver?

— Bem, você a vê? — insiste.

— Temos que falar sobre a Lúcia *agora*?

— Eu te pergunto isso porque, quando nos encontramos no restaurante, você falou sobre ela, mas não vi nada que pertencesse a ela em seu apartamento.

— E não veria mesmo — resmunga, sem jeito com o olhar dela. — A verdade é que não vejo muito minha filha. Ela mora com a mãe e o padrasto... Acho que se vira melhor sem mim.

— Você quer dizer que não pode se dar ao trabalho de vê-la?

Francesco começa a ficar zangado.

— Será que você pode parar de me interrogar aqui? Você não costumava julgar os outros, Valentina — a voz dele volta a se suavizar. — Vem, vamos sair daqui; você pode me perguntar o que quiser na cama — pega na mão dela.

Valentina puxa sua mão de novo

— Eu disse que não — seu olhar é firme. — Você não entende. A razão pela qual eu queria que nos víssemos de novo é porque eu queria te machucar da mesma forma que você me machucou.

Ele fica chocado. Valentina continua:

— Mas vi que não faz sentido — sabe que está sendo cruel e que não é justo julgá-lo, mas está abastecida por essa paixão, pela raiva em nome de Lúcia. — Pois não é possível ferir o coração de um homem que não se importa com a própria filha.

— Ei, isso não é justo — Francesco parece sentido. — Você não sabe da história toda.

— Sei o suficiente — diz, virando-se sobre os saltos e desfilando pela galeria, com o coração pulsando forte. Está surpresa consigo mesma. Por que está tão furiosa? Nunca julgou uma pessoa do jeito que tinha acabado de julgar Francesco. E ele está certo. Não sabe da história toda. Mas não consegue agir diferente. Nunca mais poderá permitir que ele a toque, mesmo que ela queira, porque perdeu o respeito por ele.

Valentina se mistura aos visitantes. Tem certeza de que ele não irá atrás dela agora, mas, para garantir, entra na pequena sala que fica ao lado do salão principal. É um espaço pequeno e escuro, como uma caixa. Um filme está sendo projetado na parede. Senta-se aliviada por estar sozinha, no escuro, apenas com algumas pessoas ao seu redor, silenciosamente assistindo à instalação. Concentra-se nas imagens à sua frente. É um filme preto e branco nos moldes de

filme antigo — anos trinta ou quarenta. Na verdade, talvez o artista esteja mesmo utilizando uma gravação original. Imagens sucessivas, piscando, projetam uma janela abaixo da calha de um teto inclinado que revela uma vista de Paris. Dá para perceber que a gravação provavelmente foi feita logo após a guerra. Vê estragos de bomba e alguns carros antigos subindo e descendo as amplas avenidas. A tela fica preta e o título aparece em branco.

Um tanto quanto acidentalmente, parece que se sentou bem no momento em que a videoinstalação iria começar.

Na tela escura, as seguintes palavras são projetadas em branco:

O princípio de O, conto erótico de Anita Chappell.

Baseado no filme *A queda de Psique*, de Félix Leduc, 1948

Então esta é a videoinstalação de Anita pela qual Kirsti Shaw estava tão empolgada. Uma mulher fala com um sotaque britânico carregado e, enquanto escuta, o filme preto e branco granulado é rodado. Vê uma jovem sentada na cama do quarto com a janela ao fundo. Seu rosto está ligeiramente fora de foco, suas mãos estão sobre as pernas e ela está nua, olhando para a câmera. Há algo no olhar dessa mulher, um clamor, que toca Valentina. A narração começa:

Outra versão do mesmo princípio é mais complexa, menos direta. Antes da libertação da mulher pelo seu amante e por um segundo homem, um amigo desconhecido dele; antes de seu amante amarrar as mãos dela atrás de suas costas, desatando suas meias e puxando-as, tirando sua cinta-liga e sua calcinha; antes de levá-la ao castelo onde receberia instruções; antes de tudo isso, houve o princípio de O. Ela chegou a Paris ainda não iniciada no prazer, com medo da dor.

A imagem da garota sentada na cama desaparece e dá lugar a um close de seus lábios. A câmera se move vagarosamente e vemos o rosto dela, ainda fora de foco e nebuloso. Os olhos são enormes, brilhando de adoração enquanto olha em direção à câmera. Diz algo para a câmera, mas, obviamente, é impossível ouvir porque o filme original é mudo. O narrador pergunta:

O que ela está dizendo? Está pedindo para ser tocada?

Agora, Valentina vê a garota de joelhos, totalmente nua, quase como se rezasse. Estica as mãos para o cameraman, como se implorasse algo.

A sequência seguinte mostra a mesma garota sentada na cama, com a cabeça apoiada na cabeceira, os joelhos para cima e as pernas abertas. Está se masturbando. Os olhos dela estão fechados, mas ela está falando; repete as mesmas palavras sem parar. A gravação é incrível. Evidentemente, é um dos primeiros filmes pornográficos, mas não parece vulgar para Valentina.

Ele a observa, levando-a rumo ao êxtase.

Valentina fica surpresa em ver a mulher tendo um orgasmo na tela; há algo incrivelmente erótico nisso. Sente um aperto no meio das pernas e se pergunta se as pessoas ao seu redor também estão com tesão.

Na próxima sequência, outro close. Vê-se a parte de trás da cabeça da garota, seu cabelo escuro encaracolado caindo sobre as costas. Vira-se por um segundo e sorri para a câmera. Há algo familiar no rosto dela. Agora a garota está de joelhos, de costas para a câmera, com os braços estendidos e os pulsos amarrados na coluna da cama. A câmera foca a bunda, que parece perolada e macia devido à granulação da imagem em preto e branco, como se fosse uma linda escultura de mármore. O plano volta a abrir. De repente, a garota levanta mais o bumbum, como se tivesse recebido uma ordem, e abre as pernas ainda mais.

Ele começa a possuí-la.

Agora Valentina vê outra pessoa no quarto. É um homem, mas está de costas para a câmera. Está totalmente vestido e para na frente da bunda da garota. Desafivela o cinto e deixa suas calças escorregarem; a bunda firme dele substitui as curvas macias da garota. Valentina vê as mãos dele agarrando a cintura dela e penetrando-a. Não presta atenção no homem comendo a mulher, mas na parte de trás da cabeça da mulher se movendo para frente e para trás. Estaria sorrindo de prazer? Ou torcendo a boca de dor? Será que está indiferente, com a cabeça em outro lugar? É apenas mais um filme pornô? Ou trata-se mesmo de uma mulher iniciando sua vida sexual?

O princípio de O foi quando o corpo dela se tornou mensageiro de seu coração. O amor dela por esse homem era tão forte que ela seria capaz de se sacrificar ou esse homem a ama tanto que a adora? Ela é divina ou diabólica?

O antigo filme preto e branco termina de repente e a plateia é bombardeada por uma sequência de imagens: mulheres e mais mulheres com amarras e o narrador, monótono, repete sem parar:

Você gosta disso? Esse também é o seu conto de fadas?

Apesar de ser uma criação de Anita, Valentina estava gostando da videoinstalação e da utilização do antigo filme pornô do francês, mas todas aquelas imagens modernas a deixam irritada. Levanta-se e sai do espaço. De qualquer forma, já está lá há séculos. Quando acaba de sair, de volta ao salão iluminado, sente um leve toque em seu braço.

— Valentina?

O coração dela é atravessado pela voz dele. Encontraram-se antes de ontem, mas parece que tanta coisa aconteceu desde então.

— Théo — diz, virando-se para olhar para ele.

Não dizem nada por um momento, apenas olham nos olhos um do outro. Está tão perto de beijá-lo. Não se importa que estejam em uma galeria abarrotada de gente. Pode ver o sentimento nos olhos dele. Sabe que Théo a ama, simplesmente sabe.

— Então, o que você achou da videoinstalação de Anita? — ele pergunta.

— Gostei do começo, mas não gostei do fim.

— A garota no filme antigo — ele diz — me lembra você.

— Lembra...? — a voz dela some. Só quer abraçá-lo. — Théo... — dá um passo adiante.

— Valentina!

Escuta a voz antes de vê-la: a linda amante burlesca de Théo, sua rival, Anita. Tenta acalmar o coração e preparar-se para o que está prestes a dizer, mas, assim que olha para ela, fica totalmente estupefata. Ela pisca. Da última vez que viu essa mulher, ela tinha cabelo loiro e encaracolado e estava vestindo um espartilho *pink*, só que hoje estava vestida de forma completamente diferente. Estava usando um minivestido preto e branco dos anos sessenta, muito parecido com o Bridget Riley que sua mãe tinha. Está com botas pretas justas e, para piorar, uma peruca Chanel brilhosa perfeitamente geométrica. Em resumo, a mulher está exatamente com a aparência que Valentina costuma ter. Anita não apenas tomou o seu homem, também roubou sua identidade.

MARIA

QUANDO MARIA ACORDOU, ele já tinha partido. Sobre a mesinha ao lado da janela, há algumas moedas e uma carta.

Minha querida, passarei a noite fora como lhe falei, mas devo retornar amanhã. Deixei algum dinheiro. Explore Paris. Um beijo, Félix.

Ela repara que ele terminou a carta com um beijo. Volta para a cama, coloca a carta sobre o peito nu e fecha os olhos. Relembra a noite anterior — aquelas sensações incríveis que experimentou dentro de seu corpo quando ele a tocou com a língua. Depois, fizeram amor de novo e foi ainda mais incrível do que a experiência no barco. Sente como se não estivesse sujeita à gravidade, flutuando na elação de seu amor por Félix.

A espera por Félix durante aquele dia e aquela noite foram as horas mais longas de sua vida. Depois de adormecer de novo e sonhar com ele dentro de si, resolve seguir seu conselho e dar uma olhada em Paris.

Lava-se na pia molhada no canto do quarto e se veste esmeradamente. Está usando o vestido azul-safira com botões de flor cor-de-rosa e o bolerinho que confeccionou com o material que sua mãe enviara. Pensa em suas mães. O que elas diriam dela e de Félix em Paris? Sabe que Pina desaprovava — diria que Maria é jovem demais, impulsiva. Mas e Belle? Tem a sensação de que sua mãe entenderia sua motivação, pois ela também jogou toda precaução ao vento quando se apaixonou por Santos Devine.

Maria caminha pelas ruas de pedra de Saint-Germain-des-Prés, delicada e suave como tantas que já passaram por ali. É uma jovem apaixonada e idealista em Paris. Sente-se como se fosse uma flor alimentada pelos raios do sol. Félix fez com que ficasse linda e não consegue deixar de notar que os homens a observam quando passa. Não tem ideia de onde está indo, apenas sabe que está caminhando em direção ao rio. Passa por uma *boulangerie* e decide voltar. Tem fome. Com alguns centavos, compra uma baguete fresquinha. Devora o pão, sentada sobre um muro de frente para o Sena e com vista para a impressionante Catedral de Notre Dame. O pão derrete na sua boca, a massa é suave e parece doce como um bolo se comparada às rações de pão duro e escuro que comia em

Londres. Não entende por que os franceses parecem estar comendo tão melhor do que os ingleses se são eles é que foram invadidos.

Seu pensamento vagueia e ela se pergunta que tipo de trabalho Félix tem em Paris. Contra a própria vontade, lembra-se de Guido alertando-a. O italiano disse que Félix não era tão legal quanto ela pensava. Bem, é claro que, tendo feito parte da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial, é natural que ele tenha feito coisas de que preferia se esquecer. Mas por que isso tem que ser tão secreto? Talvez Félix esteja caçando colaboracionistas para levá-los à justiça? Não parece se encaixar muito em seu perfil de diretor de cinema, mas tudo é possível. A guerra transformou em heróis os candidatos mais improváveis.

Está cansada, consumida pelo drama dos últimos dias. Vira as costas para o rio e para a Île de la Cité. Passeará pela cidade um outro dia, com Félix. Ele pode mostrar sua cidade e onde cresceu. Talvez conheça alguém da sua família? Certamente ele irá contar um pouco sobre o seu passado, agora que estão na França. E, quanto à noite anterior, ele estava mesmo pedindo a mão dela em casamento? Imagina-se andando com Félix por uma rua tortuosa de Saint-Germain-des-Prés, atrás de uma menininha de cabelos escuros revoltos. A menina se vira e chama pelo pai, e Maria vê Félix pegando-a nos braços e girando-a no ar. E ele se sente Félix graças a ela, Maria, pelo que deu a ele.

No meio da noite, ele volta para ela. Desliza por baixo do lençol e a abraça. Ainda está adormecida, mas, em seus sonhos, imagina tê-lo ouvido chorar. Ele soluça como uma criança, inconsolável.

Um tempo depois, o choro para e ele a beija, acariciando seus lábios.

— Félix — murmura, acordando e envolvendo- com as pernas pela cintura, instintivamente o trazendo para dentro de si.

Ele a vira de bruços. Ela pode sentir todo o peso do corpo dele e todo o seu sofrimento também. Isso machuca seu coração. Coitado de seu amor, o que aconteceu com ele?

— Não me abandone jamais — ele sussurra, desesperado.

— Nunca — Maria promete.

Agora, ele se movimenta com fervor. No escuro, Maria não consegue ver a expressão dele, mas sente seu rosto molhado e percebe que o choro que ouvira não foi imaginação. Este homem poderoso e maduro chorou na cama deles enquanto a abraçava. Precisa cada vez mais *dela* e a penetra cada vez mais fundo. E ela se abre para ele, segurando-o firme, sentindo ele meter cada vez mais forte e permitindo que perca os sentidos dentro do seu corpo apaixonado.

* * *

Quantos dias passaram naquele quarto de hotel em Paris? Maria perdeu a conta. A cidade pulsante exala um calor que invade a janela. Os sons da vida lá fora atravessam as fissuras da pintura antiga, mas ela não tem vontade de sair do quarto. Tem tudo o que precisa porta adentro, sob o único lençol da cama que divide com o parceiro.

Está intoxicada pelo sexo, fascinada por Félix e pelo que ele faz com ela. Lá no fundo, uma voz baixinha pede que ela saia da cama. Essa voz diz que ela deve fugir do seu coração e de tanta exposição e sair do quarto, ganhando as ruas fervilhantes de Paris para então se acalmar. Mas não consegue. Está presa pela sua própria vontade. É cativa de seu desejo. Nem mesmo a fome a força a sair do quarto. Enquanto ela dorme como um anjo quando não estão fazendo amor, Félix busca comida; quando acorda, já trouxe todas as provisões: baguetes fresquinhas, queijões cremosos maravilhosos e vinho tinto. Com absoluta certeza, a França não vive sob a mesma austeridade da Inglaterra. Ela devora a comida, faminta, e deixa que ele pingue vinho entre as suas coxas e lamba a sua pele úmida de suor e desejo, fazendo-a estremecer.

— Está quente lá fora — Félix diz com os pelos do peito brilhando de suor. — Dizem que é uma seca, que a colheita será prejudicada.

Ela não está interessada no clima, nem na colheita desastrosa ou nas consequências disso para o povo da França. Quando ele a penetra, ela quer fundir-se a ele, entrar na sua pele para que se tornem um só. Ela o abraça forte com as pernas pela cintura e jubila com a glória da união. Vai cada vez mais longe, escalando a torre do desejo. Juntos, eles fazem descobertas e subvertem a explosão de sensações até que ela fique zonzá. Sempre gozam juntos. E, muitas vezes, quando ele finalmente sai de dentro dela, ela está chorando.

— O que há de errado? — Félix pergunta. — Por que você está chorando?

Ela balança a cabeça, incapaz de falar. Não são lágrimas de alegria, mas também não é infelicidade — longe disso. É uma reação instintiva à retirada dele, como se o corpo dela morresse um pouco ao não o sentir mais dentro de si.

Passam horas sobre os lençóis encharcados: ela, com a cabeça nos ombros dele, e ele, abraçando-a e acolhendo-a com carinho, brincando com seus mamilos. Estão ensopados de suor, por dentro e por fora.

Numa certa manhã, ela acorda com o som de marcha. Ouve passos no andar de cima e se pergunta se viajaram de volta no tempo até a época da ocupação. Quando abre os olhos, percebe que não está ouvindo pés marchando, mas chuva no telhado. A janela do quarto ainda está aberta e está mais quente do que nunca. Vê a torrente de chuva despencando e um raio atravessa o céu. Subitamente, sente vontade de dançar na chuva. Quer sair do quarto e ficar ensopada. Félix está dormindo ao lado dela. Ela o chacoalha.

— Está chovendo — diz.

Ele senta na cama e olha para ela, sonolento. — Graças a Deus.

— Vamos sair?

— Naquilo? — aponta para a chuva intensa. — Está louca?

— Sim — ri, não se sentindo ela mesma, mas outra Maria, uma criatura de alma livre.

Salta da cama e começa a colocar o vestido que abandonara na cadeira... há quantos dias mesmo? Não tem ideia. Não se preocupa com lingerie ou meia, apenas calça os sapatos.

Ele observa Maria e sorri.

— Você não está falando sério, está?

* * *

Correm de mãos dadas pelas ruas escorregadias de Saint-Germain-des-Prés. A chuva despenca sobre eles enquanto saltam as poças. Maria pode sentir o seu vestido delicado grudando no corpo, mas não liga a mínima para o que as pessoas pensarão dela, mesmo porque há poucas pessoas na rua: a maioria deve ter procurado abrigo em cafés e bistrôs esfumaçados. Atravessam a praça depois do Les Deux Magots e chegam a um antigo mosteiro. Félix se apoia ao lado da porta e Maria se enrosca nele, sentindo sua carne musculosa por baixo da camisa e da calça encharcadas. A chuva está tão forte que parece noite. Imagina que estão escondidos do mundo real e que, por isso, vai deixá-lo fazer o que quiser. Ele levanta a saia do vestido dela e a toca. Ela o puxa para perto de si, contra a parede de pedra do mosteiro, e levanta a perna direita, envolvendo-o pela cintura. Em uma semana, ela se tornou tão boa quanto qualquer amante experiente. Tornara-se quase instintiva. Félix não precisa de estímulo; ele a penetra com um pequeno gemido. A chuva continua a cair sobre eles enquanto fazem amor alucinadamente. Um raio cai a poucos metros, mas eles não param — não conseguem parar. Ela poderia morrer aqui e agora que não teria importância, pois fazer amor com Félix é a vida dela. Se morrer nessa tempestade, não tem problema, desde que estejam juntos.

Na volta para o hotel, o corpo de Maria ainda está latejando com as sensações experimentadas. A chuva para de repente. O sol os ilumina, e o calor de seus raios aquece a sua pele. Paris foi lavada pela tempestade. O cheiro da cidade é quase doce para ela. Andam de braços dados e as roupas vão amassando à medida que secam. As pernas dela estão gostando da liberdade de andar sem meias. Não liga para o seu aspecto. Nenhum dos que estão por ali parecem ligar também. Já viram coisas muito mais estranhas do que uma mulher sem meia-calça. No final da rua de pedras, passam por uma grande porta em uma entrada

principal que está aberta. Maria dá uma espiada no pequeno pátio com baldes de gerânios vermelhos, um flash de cores no meio do cinza. Para sua alegria, Félix a leva até as flores. Ele olha ao redor furtivamente, abaixa-se, pega três flores e dá para Maria.

— Oh, são lindos — suspira.

— Vamos antes que nos peguem — diz, pegando na mão dela e conduzindo-a para fora do pátio.

Quando voltam para o quarto, ela enche uma garrafa de vinho vazia com água e acomoda os gerânios, orgulhosamente ostentando o arranjo no parapeito da janela.

Félix a observa, pensativo.

— Mas não são nada especiais — diz para ela.

— Ah, são sim — ela o contradiz. — Nunca alguém me deu flores antes.

Ele vai até ela, dá-lhe um beijo na testa e, tomando sua mão, pousa-a em seu coração. — Você faz eu me sentir jovem novamente — Félix diz.

Ela fica ruborescida de alegria, sorrindo para ele. Félix está certo. Parece mais jovem — ou menos preocupado? Em Londres, parecia tão sério, mas ele tem todo um charme juvenil na Paris deles. O sofrimento que ele teve na outra noite desapareceu como uma bafurada de fumaça. Ela se pergunta se sonhou que ele chorava, mas lembra-se de ter sentido o rosto dele molhado. Não perguntou nada para ele na manhã seguinte e, agora, a última coisa que ela quer é lembrá-lo de algo que o deixou triste.

— Vamos sair hoje à noite — ele diz inesperadamente. — Vamos jantar no Le Petit Saint Benoit.

— Temos que ir? — pergunta relutantemente. — Preferiria ficar aqui.

— Temos que comer mais do que pão e queijo em algum momento, minha querida, senão ficaremos doentes. Além disso, gostaria que você conhecesse alguns amigos meus.

Ela endurece ao pensar em outras pessoas. Quer que seja só ela e Félix, completamente exclusivo.

— Talvez eu devesse ficar aqui... — diz, hesitante.

— De jeito nenhum. Por que você faria isso?

Ela se convence de que isso é positivo. Se Félix quer levá-la e apresentá-la para pessoas, então esse é o primeiro passo para o noivado deles, certo? Quer fazer parte da vida dele para sempre. Pergunta-se com quem vão se encontrar e o quanto essas pessoas sabem a respeito de Félix. Apesar de não terem se separado nessa semana, ela não sabe mais do passado dele do que sabia no dia em que desembarcaram em Boulogne.

Fica na janela vendo o sol se pôr entre os telhados de Paris, sentindo a pétala aveludada de um dos gerânios vermelhos com os dedos. Não há resquícios do aguaceiro de hoje; a cidade está tão árida e rachada quanto no dia anterior. O calor bate em seu rosto e deixa suas mãos pegajosas de suor. Não quer sair não apenas porque está quente demais, mas também porque algo lhe diz que, assim que quebrarem o encanto desse ninho de amor, será difícil recriá-lo. A lua de mel chegará ao fim.

VALENTINA

É CLARO QUE, quanto mais Valentina examina Anita, menos acha que se parece com ela. Na verdade, o vestido à Bridget Riley a deixa mais parecida com a sua mãe do que com qualquer outra pessoa. A perfeição angular da sua peruca preta, assim como a maquiagem carregada, faz com que ela pareça uma personagem de romance gráfico e não uma mulher de verdade. Ainda assim, é desconcertante.

— O que você acha? — Anita diz, dando risada. — Quis prestar uma homenagem à sua mãe — dá uma voltinha para mostrar o vestido preto e branco. — Sou uma grande admiradora do trabalho dela como fotógrafa de moda nos anos sessenta — diz. — Na minha opinião, ela está no topo com David Bailey e todos os grandes.

Anita está segurando o braço de Théo. Valentina quer tirá-la de perto dele.

— O que você está achando da exposição? — Anita pergunta.

— Bom, certamente é um sucesso — Valentina diz, apontando para a galeria lotada.

— Ah, esse tipo de coisa sempre lota — Anita diz. — Especialmente em função do contexto. E há grandes nomes entre os expositores. Estamos cercadas de verdadeiras obras da arte erótica, Valentina.

— Seu trabalho está bom — Théo diz para ela.

— Obrigada — não consegue olhar nos olhos dele. Caso contrário, ele veria o quão flagrante é o desejo dela. E isso é humilhante.

— O que você achou da minha videoinstalação, *O Princípio de O*? — Anita perguntou.

— Adorei a gravação antiga — diz, evitando comentar o restante da obra.

— Foi filmado por um homem que fez alguns dos filmes eróticos mais explícitos do final da década de quarenta — conta com entusiasmo. — Se chama Félix Leduc, um francês. Ele também fez uns trabalhos surrealistas mais abstratos.

— Ele fazia parte de toda aquela cena existencialista de Paris que incluía Sartre, de Beauvoir e Boris Vian. Depois, também conheceu Pauline Réage — Théo explica.

— Pauline Réage, que escreveu *A história de O*?

— Sim. Esse livro é minha inspiração — Anita conta. — Sabe, meu avô era marchand de literatura e arte erótica em Londres nos anos cinquenta e sessenta. De alguma forma, conseguiu o filme de Leduc. Depois que ele morreu, herdei toda a coleção dele. Achei esse filme em uma caixa de sapatos. Não acreditei no conteúdo quando assisti.

— É excelente, não é? — Théo comenta.

Mas, neste momento, Valentina está longe, com a cabeça em uma parte da narração do filme: “O princípio de O aconteceu quando o corpo dela se tornou mensageiro de seu coração”. Pode fazer com que seu próprio corpo fale em seu lugar, mas parece que não é o suficiente. Agora está claro que a voz e as palavras do filme são de Anita. Então é assim que Anita se sente em relação a Théo?

— Você leu *A história de O*? — Anita pergunta para Valentina.

— Claro que leu — Théo responde antes que Valentina tenha a chance de falar. Olha diretamente para Valentina. Ela sabe que ele está se lembrando dos dois lendo *A história de O* juntos na cama, de como partes do livro a excitaram e outras a perturbaram. Nenhuma mulher deve chegar àquele nível.

— Qual é mesmo a história da autora? — Valentina pergunta, tentando ignorar o fato de Anita estar agarrada no braço de Théo.

— Foi escrita por uma acadêmica francesa que tinha vários pseudônimos: Anne Desclos, Dominique Aury, Pauline Réage. Nunca revelou sua identidade até ficar velha — Théo diz.

Valentina ama a expressão do rosto dele, o acadêmico transmitindo conhecimento.

— Quando *A história de O* foi publicada pela primeira vez, as pessoas acreditavam que o livro tinha sido escrito por um homem — ele continua.

— Mas Pauline Réage escreveu para desafiar seu amante, não? — Valentina completa, lembrando-se de toda a história por trás do livro. — Ele havia dito para ela que as mulheres não eram capazes de escrever literatura erótica. Então ela quis provar que ele estava errado.

— E o que você achou? — Anita pergunta, parecendo sinceramente interessada.

— É um livro estranho — Valentina cerra as sobrancelhas. — O jeito que começa... O conteúdo é muito perturbador, abusivo até, mas algo nele é incrivelmente erótico. Não consigo explicar.

— Talvez ela se sentisse totalmente livre porque achou que fosse algo totalmente privado entre ela e o seu amante — Théo sugere.

— Mas ela permitiu que fosse publicado e lido pelas massas — Anita argumenta. — De alguma forma, ela deveria estar querendo provocar.

Os três estão parados no formato de um triângulo: ela no topo, de frente para o

casal Théo e Anita. Mas para Valentina é como se a conexão entre Théo e ela fosse visível, como uma corda que os une. Estão olhando um para o outro, sem conseguir desviar o olhar. Como se percebesse essa química, Anita solta o braço de Théo e dá um passo na direção de Valentina, praticamente bloqueando Théo de sua visão.

— Então, você veio com alguém? — pergunta, alerta.

— Vim com Antonella e a tia dela, Isabella, mas acho que nos perdemos na multidão.

Enquanto está dizendo isso, vê Antonella do outro lado da galeria e, para sua surpresa, está de braços dados com seu namorado russo, Mikhail. Valentina pensou que ele estivesse em Milão. Antonella a vê e acena para ela, arrastando Mikhail pelo meio da multidão.

— Olá, Mikhail — Valentina diz, cumprimentando o gentil russo com dois beijos no rosto. — O que você está fazendo aqui?

— Ele diz que veio se ver exibido nas suas fotos, mas sei que ele veio mesmo é pra me ver — Antonella diz, alegre como uma criança. Quando nota Théo, endurece. — Olá, Théo — diz friamente. — O que você está fazendo aqui?

— Boa noite, Antonella — Théo educadamente a cumprimenta com um beijo. — Estou aqui com Anita Chappell. Ela também é uma das expositoras.

— E namorada dele — Anita complementa enfaticamente.

Namorada. A palavra dilacera Valentina como uma faca. Théo permite que Anita se autodenomine namorada dele. Pergunta-se se ela já conheceu os pais dele também.

Enquanto isso, Antonella mede Anita da cabeça aos pés, reparando no vestido Bridget Riley e na peruca Chanel preta. Então, vira-se para Théo e diz:

— Bem, me parece que, como não pode ter a coisa verdadeira, você arranjou uma cópia.

Valentina se encolhe de vergonha. Às vezes, a sinceridade de Antonella chega a ser rude. No entanto, por algum motivo, Anita não se abala nem um pouco. Ou ela é burra, ou imune a críticas.

— Sim, claro que não estou tão bonita quanto Valentina, especialmente com esse vestido maravilhoso — diz entusiasmada. — Mas, na verdade, estou emulando a mãe dela, Tina Rosselli. Ela inspirou um dos meus novos espetáculos.

Valentina fica chocada.

— Anita é uma artista burlesca — Théo diz para Antonella.

— Ah, legal — Antonella fica mais séria. Valentina sabe que o sonho secreto de sua amiga é fazer uma performance burlesca.

Valentina desvia o olhar, está um tanto enojada. Não consegue imaginar nada

pior do que uma apresentação burlesca inspirada na mãe dela. Olha para o piso branco da galeria, engolindo sua decepção. A noite foi um desastre. Primeiro, Francesco veio atrás dela e ela o tratou com raiva e crueldade inesperadas. E, agora, ver Anita e Théo como um casal tinha virado seu carma? Anita fica passando a mão em Théo. A coisa toda a desviou completamente do foco de tentar vender algum trabalho. Não é por isso que veio para Londres? Mas não consegue. Simplesmente não consegue tirar os olhos de Théo. E, apesar de Anita estar em cima dele, nota que ele só tem olhos para ela também. Por que ele está com outra mulher, então? Definitivamente, não consegue entender.

Gostaria de poder fugir. Precisa de alguém que a salve, mas seu herói parece ser justamente a pessoa que não pode ter. Desliga-se da conversa e começa a observar a multidão. Vê um cara parecido com Leonardo no meio das pessoas. O homem olha para cima, obviamente procurando por alguém. Para sua surpresa, percebe que é o próprio Leonardo com o cabelo cortado curto. Ela esfrega os olhos e olha de novo. Não é possível. Falaram ao telefone hoje de manhã. Como ele poderia estar aqui? De qualquer forma, ele é amigo dela e Valentina sente uma grande alegria em vê-lo.

— Leonardo! — grita e acena.

— Queria te contar — Antonella aumenta a voz. — Leonardo e Mikhail vieram juntos para o vernissage. Nos separamos para procurar por você.

— Leonardo!

Ele a escuta e a vê, abrindo um largo sorriso no rosto. Vai até eles, elegante como sempre, com uma camisa marrom e os cabelos tão brilhosos quanto as penas de um corvo.

Valentina dá um abraço nele. Não costuma ser tão expansiva, mas está feliz em vê-lo.

— Não acredito que você esteja aqui!

— Foi uma decisão espontânea. Eu queria muito ver a exposição — Leonardo diz, sorrindo para ela.

— Que bom vê-lo — Théo diz, cumprimentando-o com um tapa nas costas. — Como vai?

— Bem. As coisas estão mudando na minha vida, mas acho que vai ser positivo.

— Leonardo, gostaria de te apresentar Anita — Théo diz.

Valentina vê a reação de Leonardo. Educadamente, ele aperta a mão dela sem dizer nada. Tenta imaginar o que ele pensa da sua rival. Será que ele a acha tão sexy quanto Valentina?

— Muito prazer em conhecê-lo, Leonardo — Anita diz.

Valentina se sente melhor com Leonardo ao seu lado. Ele é um tipo de amigo

diferente de Antonella. Há algo nele que faz com que ela se sinta mais segura e mais confiante. Faz com que se lembre do poder que tem e da principal razão pela qual ela está em Londres: exibir sua arte erótica.

O grupo deles se separa novamente para explorar aspectos diferentes da exposição: Antonella e Mikhail vão assistir à videoinstalação de Anita, enquanto Kirsti Shaw “rouba” Anita do grupo para apresentá-la a um comprador. Restam apenas Théo, Leonardo e Valentina agora. Um silêncio estranho paira por alguns segundos.

— Onde estão suas fotos? — Leonardo pergunta.

— Logo ali — aponta para o outro lado da galeria.

— Vou dar uma olhada. Volto logo — com muito tato, desaparece em meio às pessoas. Enfim, está sozinha com Théo.

— Quer uma taça de espumante? — Théo pergunta.

— Não — balança a cabeça, subitamente receosa de que Francesco volte a aparecer e revele o que ela tem aprontado desde que chegou em Londres. Por que ela se sabota constantemente? Mas não tem por que se sentir culpada. Afinal, Théo está com Anita, bem na frente dela.

— Théo — sussurra, segurando sua taça vazia. — Tenho pensado no que você disse.

Ele parece ansioso. — Acho que a gente não deve falar sobre isso aqui — diz.

— Mas tenho medo de não te ver de novo depois de hoje à noite — Valentina diz.

— É claro que você vai me ver de novo.

Valentina não consegue dizer nada por um momento. Está usando todo o seu autocontrole para não tocar no ex-amante. Ele está tão próximo dela. Sente o cheiro do Bulgari e de sua masculinidade almiscarada única — um cheiro que a derrete e faz com queira se jogar nos braços dele. Olha para a penugem loira no antebraço de Théo; a camisa branca está dobrada até o cotovelo e ela quer acariciar seus braços. Quer tocar seu rosto, passar o dedo pelos seus lábios e enfiá-lo dentro da sua boca. Quer sentir a língua dele na ponta de seus dedos, olhar para aqueles olhos azuis e vê-los cintilando de desejo só por ela. Lembra-se de como era senti-lo dentro de si, como ele a preenchia e também como ela ardia de desejo quando ele não estava lá. Ela o quer agora. Queria poder encontrar um armário em algum lugar na galeria e dar loucamente para ele. Tem certeza de que poderia reconquistá-lo quando ele se lembrasse como era estar dentro dela, como ele a tinha amado.

— Vou mesmo te ver novamente? — pergunta. Não pode acreditar que esteja sendo tão carente, tão insegura.

Théo coloca a mão sobre o braço dela e Valentina quase derruba sua taça de

espumante vazia quando seu corpo reage ao toque.

— Lembre que eu disse para confiar em mim...

— Eu sei, acho que sei... quer dizer, eu sei.

— As coisas estão complicadas no momento — Théo diz.

— Com Anita?

— Sim — ele confirma. — No outro dia, eu disse que te amava. Tudo o que preciso saber é se você também me ama e confia em mim. É simples, Valentina.

— Mas não entendo por que você não pode simplesmente terminar com ela — a voz sai do tom, afinando de nervoso. — Não é justo deixar que ela se iluda...

— Não posso explicar agora — Théo para de falar. Está olhando por cima da cabeça dela, cerrando os olhos e ficando mais distante. — Não acredito nisso — reclama.

Valentina vira-se e vê de onde vem o súbito desconforto de Théo. E vê Glen abrindo caminho entre as pessoas.

— Me desculpe, Valentina; tenho que ir e tirá-lo daqui. — subitamente, ele se vira e coloca a mão na cabeça dela, despenteando seu cabelo ainda mais. — E adorei o seu novo penteado — diz, saindo apressado.

Está estupefata, sem ar, como se ele tivesse-lhe dado um soco no estômago. Por que não podiam simplesmente ignorar Glen? Ou confrontá-lo juntos? Por que ele fugiu e a deixou abandonada, indo atrás dele na frente de todo mundo? Ela tenta se recompor, mas, para sua vergonha, lágrimas começam a se concentrar no canto do olho. Sente-se rejeitada. Pensou que Théo ainda a amasse. Ele disse que a amava, mas as ações falam por si e, para uma pessoa que está de fora, parece que ele está em outra. Talvez só estivesse querendo iludi-la despenteando o cabelo dela daquele jeito. Podia estar jogando com ela — um tipo de vingança por ela ter partido o coração dele. Não pode acreditar. Nunca achou que Théo fosse do tipo vingativo. Porém, quando pensa na forma que tratou Francesco, tem que admitir que um coração machucado pode fazer com que você aja como uma pessoa má. Nunca esqueceu como o primeiro amor da sua vida a machucou e, agora, mesmo que quase dez anos tenham se passado, quis dar o troco.

— Você está bem? — Leonardo apareceu, tocando o cotovelo dela. — Está um pouco pálida.

— Glen está aqui — Valentina diz.

— Onde? — Leonardo diz com raiva. — Bem que eu gostaria de falar umas coisinhas para ele.

— Parece que ele desapareceu — Valentina diz, olhando para a multidão, que se multiplicou desde a chegada de Leonardo. — O Théo me largou no meio da conversa para ir falar com ele.

— Bem, deve ser algo importante — Leonardo tenta consolá-la. — Você contou para Théo que Glen tem te seguido?

— Não — suspira. — Acho que você está certo. Talvez Théo esteja tentando resolver algum negócio com ele.

— E aí, quer sair daqui? — Léo sugere. — Estou morrendo de fome.

— Claro, só preciso ir ao toalete primeiro.

Valentina derrama um pouco do sabonete fino nas mãos e abre a torneira. Olha-se no espelho. Ficou diferente com o novo penteado. Théo disse que gostou. Apesar de ter ficado sentida com o abandono, fica um pouco contente quando se lembra de que ele reparou nela. A porta do toalete se abre e a última pessoa que ela queria ver entra: Anita. Ainda vestida como a mãe de Valentina, usando o vestido Bridget Riley e a peruca preta.

— Valentina, aí está você! — Anita exclama. A peruca dela está meio torta, o rosto um pouco vermelho e os olhos um tanto perdidos. Parece que exagerou no espumante.

Valentina tira o batom da bolsa e retoca os lábios, friamente vigiando Anita pelo espelho. A sua rival tira a peruca e solta os cabelos loiros, deixando-os cair sobre os ombros.

— Graças a Deus — diz. — A peruca estava coçando — ri para Valentina, revelando uma boca com dentes levemente tortos. Não é um rosto tão perfeito, afinal. Mas sua expressão é tão aberta e sincera que Valentina se sente culpada por querer roubar Théo dela.

— Você está se divertindo? — Anita pergunta.

— Claro, mas não sou muito fã de multidões — Valentina admite.

— Nem eu — Anita diz. — Eu adoraria ir embora, mas não consigo achar o Théo. Você o viu?

Valentina suspeita que é melhor não dizer que ele está com Glen. A relação deles é complicada demais, além do que, tem quase certeza de que Anita não sabe do *alter ego* de Théo como “recuperador” de obras de arte.

— Não, já faz um tempo que não o vejo... — diz, guardando o batom e colocando a bolsa debaixo do braço.

— Posso perguntar algo pessoal? — Anita diz, balançando o corpo sobre os saltos dos sapatos.

— Preferiria que não — Valentina diz firmemente, mas é como se Anita não tivesse ouvido.

— Você e Théo se conheceram em Milão e estou achando que vocês saíram juntos, é isso?

— Foi só uma coisa casual — Valentina resmunga.

— Reparei no jeito que ele olha pra você — Anita diz, soluçando suavemente.
— Não acho que tenha sido casual para ele.

Valentina passa aborrecida por Anita em direção à saída. Como ousa interrogá-la sobre sua vida pessoal?

— Acabou faz tempo, você não deveria ficar preocupada.

Anita segura Valentina pelo braço, obrigando-a a olhar para o seu rosto de olhos de boneca e lábios aveludados.

— Desculpe, não quis ofendê-la — diz. — É que eu queria te fazer uma pergunta... Bem... Talvez você possa me ajudar a entender algo que está me incomodando com relação a Théo.

Valentina tira a mão de Anita do seu braço. Deveria ir embora agora mesmo e parar essa conversa, mas é claro que a curiosidade fala mais alto.

— O que seria? — pergunta formalmente.

— Bom, quando vocês namoravam... ou saíam juntos, seja o que for... vocês dormiram juntos?

Valentina olha furiosa para Anita, não acreditando na impertinência dela. Não tem intenção de responder a essa pergunta.

— Sabe — Anita continua, quase gaguejando —, nunca estive numa situação dessas antes, de namorar um cara durante uns dois meses e ele nunca querer terminar nem dar um passo adiante...

— Que passo?

— Sexo.

A palavra despenca na frente das duas e a franqueza de Anita obriga Valentina a olhá-la diretamente na cara. Mal pode acreditar no que está ouvindo. Anita Chappell está contando para ela que nunca transou com Théo, independentemente de estarem namorando há meses?

— Não sei o que fazer — Anita continua — Digo, ele me diz que sou linda e nos beijamos, mas quando começo a dar sinais, ele se esquia — respira fundo.
— É muito frustrante.

— Realmente não acho que eu deva falar sobre isso com você, Anita — Valentina diz. — É uma questão muito pessoal.

— Sim, mas você conhece Théo e pensei... Depois de quanto tempo vocês transaram?

Valentina não consegue evitar que as palavras escapem:

— Na primeira noite.

— Você está dizendo que rolou na mesma noite em que se conheceram?

Valentina confirma. Sente-se como uma vaca quando vê a expressão no rosto da outra mulher desabar.

— Mas isso não quer dizer que tenha sido bom — Valentina complementa,

estranhamente querendo fazer com que Anita se sinta melhor. — E, olha, a gente já terminou, não é mesmo? Talvez ele não queira dormir com você porque te respeite...

Anita não parece convencida, nem Valentina.

Leonardo e Valentina encontram um pequeno bar de vinhos na esquina da galeria. Pedem uma garrafa de Ripasso e uma tábua com queijos Manchego, azeitonas e pão. Valentina começa a se sentir melhor assim que se vê sentada em um lugar tranquilo com Leonardo. O amigo se inclina, toca o queixo da amiga com seus dedos elegantes e olha no fundo de seus olhos.

— Então, Signorina Rosselli, o que está acontecendo?

Ela toma um gole de vinho e pensa por um instante.

— O que você achou de Anita, a nova namorada de Théo?

— É uma garota muito atraente — Leonardo diz, rindo com malícia. — E não é só: também parece ser talentosa e inteligente, além de rica. O que mais se pode querer de uma namorada?

Valentina dá um tapa de mentira no braço de Leonardo.

— Ah, pare de me provocar! Você sabe do que estou falando.

— Bom, achei que ela é uma garota bacana... mas bacana demais, fácil demais para meu querido amigo — Leonardo põe uma azeitona na boca de Valentina.

— Ela me disse que eles ainda não dormiram juntos — conta.

Leonardo parece tão chocado quanto ela.

— Ela devia estar mentindo. Não posso acreditar! — exclama.

— Sério... acho que pode ser verdade. Ela disse que ele nem terminava tudo, nem transava com ela.

— Que coisa mais esquisita — Leonardo diz, dando um gole no vinho.

— Isso me dá esperanças — Valentina admite — de que ele realmente esteja sendo sincero quando diz que ainda me ama, mas não entendo por que ele não pode simplesmente dar um fora em Anita.

— Você só precisa confiar nele, Valentina.

— Você acha que ela estava dizendo a verdade, Léo? Você realmente acha que eles não dormiram juntos?

— É bem surpreendente — Leonardo concorda. — Mas acho que posso entender um pouco a decisão de Théo.

— Em que sentido?

Leonardo sorri para ela melancolicamente.

— O que vou dizer vai te chocar um pouco.

Ela toma um gole de vinho, esperando que ele continue.

— Decidi parar com o sexo por um tempo.

Valentina engasga com o vinho.

— Você está brincando? Justo você? Por quê?

— Tem a ver com o término com Raquel. Estou me sentindo um pouco perdido. Preciso encontrar um rumo. Não quero transar com ninguém enquanto estiver me sentindo tão vulnerável emocionalmente.

— Mas você não acha que fazer sexo vai justamente fazer com que você se sinta melhor? — Valentina argumenta.

— Sempre tão direta, minha queridíssima Valentina — pega uma fatia de pão e molha no azeite de oliva. Então continua: — Mas não concordo com você. Talvez no curto prazo, mas quero me encontrar antes.

— Mas você e a Raquel tinham um relacionamento aberto, não tinham? Não entendo por que isso te perturba tanto — Valentina insiste.

— Porque ela quebrou minha confiança... — Leonardo fica irritado de repente. — Eu realmente não quero falar sobre isso, Valentina. Vamos apenas focar nossa conversa em você e no Théo, pode ser?

— Mas isso significa que você não vai transar nem comigo? — Valentina pergunta, percebendo que não é só o cabelo dele que está diferente: há algo a mais, uma tranquilidade.

— Sim, Valentina. Isso significa, sobretudo, que não devo transar com você.

Mais tarde, enquanto tenta dormir, remói as palavras de Leonardo: “Isso significa, sobretudo, que não devo transar com você”.

Não entende por que ele não quer que ela o conforte. Sempre puderam fazer aquilo — sexo sem compromisso. Por que ele recusou? Está se sentindo tão insegura com relação a Théo. Leonardo sempre conseguiu fazer com que ela se sentisse mais confiante.

Rola na cama, tentando dormir. Queria que Antonella estivesse aqui para tomar uma xícara de chá e conversar, mas está sozinha. Antonella foi para o hotel de Mikhail com ele e Isabella ainda não tinha voltado. Só Deus sabe o que ela deve estar aprontando. Alguma coisa na tia de Antonella irrita Valentina. Seria sua recusa em se comportar como uma pessoa da própria idade? Claro que Valentina deveria achar bacana o fato de Isabella ser tão liberal e contumaz sobre o fato de ter mais de cinquenta anos de idade e continuar a se divertir. Valentina suspeita que, no fundo, sua implicância com Isabella se dá porque a associa com a sua mãe. Acha que ela se comporta de um jeito que sua mãe se comportaria. Afinal de contas, faziam parte da mesma cena em Milão nos anos sessenta e setenta, uma época que Valentina imagina que tenha sido mais promíscua do que agora. Faz semanas desde a última vez que falou com ela. Na verdade, foi no

Ano-Novo, há quase quatro meses. Foi Valentina que ligou porque a mãe não tinha entrado em contato no Natal. Como sempre, é ela que cede primeiro.

Sua mãe, a eterna narcisista, tinha falado de si própria a maior parte do tempo. Ficou se gabando por estar trabalhando como curandeira no México. Lógico que Valentina achou aquilo ridículo. Como é que poderia curar os outros se não era capaz de consertar nem o seu relacionamento com a própria filha? Depois de um tempo, finalmente mostrou algum interesse pela vida dela e perguntou sobre seus últimos trabalhos de fotografia. Valentina tomou o cuidado de não contar sobre nenhum de seus trabalhos com fotografia erótica. Sabe que sua mãe adoraria a ideia, mas que, em algum momento, tomaria os créditos para si ou diria que já fez isso antes. A conversa teve uma pausa constrangedora e Valentina se preparou para desligar, mas, antes que pudesse se despedir, sua mãe falou:

— Então, Mattia me disse que não deu certo com aquele cara americano.

“Não era capaz nem de memorizar o nome dele?”, pensou, aborrecida.

— O nome dele era Théo, *mamma*.

— Sim, Théo... o quê? Steele? Não, não; Steen, é isso. Um sobrenome holandês, como o do seu pai, Rembrandt.

Valentina aproveitou a oportunidade para mudar de assunto. Não queria que sua mãe perguntasse o que tinha acontecido com Théo. Não queria ouvir aquele discurso do “eu te falei” e “lembre-se, Valentina, somos almas livres”. Mesmo porque era raro que sua mãe mencionasse seu pai. Pensou no que Garelli disse em Veneza: “Seu pai ficaria orgulhoso de você”. Tinha guardado isso na memória quando deixou Milão e ainda não tinha reexaminado a frase. Agora ela poderia obter algumas respostas.

— Por que meu nome é Valentina Rosselli e não Valentina Rembrandt, como meu pai? — perguntou.

— Porque soa melhor — sua mãe disse.

— Mas o sobrenome de Mattia é Rembrandt.

— Sim, também achei que soasse melhor. Mattia Rembrandt: muito forte. Masculino. Valentina Rosselli flui melhor, é mais feminino; melhor para uma garota.

— *Mamma*, por que o papai foi embora?

Sua mãe não respondeu por um momento.

— É uma grande pergunta, Valentina — disse finalmente. — Preferia não falar sobre isso pelo telefone.

— Então, se eu for para os Estados Unidos, você vai falar a respeito?

— Claro — disse. — Você tem que saber a verdade, agora que cresceu.

— Você não pode me contar pelo telefone? Os Estados Unidos ficam muito longe, não vou visitá-la tão cedo.

— Por favor, Valentina. É uma história complicada. Vou te contar quando você vier. É só me dar uma data que compro uma passagem para você.

— *Mamma*, não quero ir para os Estados Unidos. Além do mais, você não deveria voltar para cá, para Milão? É a sua casa, afinal de contas.

— Não é mais — percebeu que sua mãe ficou com a voz mais brava. — Preciso ir, tenho um compromisso.

E tinha sido assim: insatisfatório como sempre. Valentina junta os pulsos e agarra os lençóis com os olhos cheios de raiva. Sua mãe sempre fez com que se sentisse no insignificante segundo lugar de tudo na vida dela. Confrontar o pai é algo que deve a si mesma, por pior que seja a perspectiva. Esteve tão perto no outro dia, mas Glen apareceu. Tem que voltar para Hampstead e acabar com isso antes de partir. Porém, quando acorda de um sono inquieto, ainda não tem certeza se vai ter coragem para levar isso adiante.

MARIA

QUANDO O SOL se põe, sombras vermelhas como o sangue parasitam os telhados cinzentos de Paris. Maria deixa que Félix a lave. Ele enche a pia com água quente, tira um frasco do bolso do paletó e pinga umas gotinhas na água. Imediatamente, um aroma domina o vapor do quarto. É picante e doce: uma combinação misteriosa de frescor e calor.

— Oh, o que é? — pergunta para ele.

— L’Heure Bleu. É um perfume da Guerlain.

— A Hora Azul — suspira, tentando afastar o pensamento de onde Félix conseguira o perfume e de onde o seu verdadeiro dono poderia estar.

— Cheira a crepúsculo. É a antecipação da noite, logo antes de as estrelas aparecerem.

Ele a lava com delicadeza, envolvendo seu corpo com o aroma. Maria se sente aveludada e sedutora antes mesmo de saírem pela porta do quarto.

Ela se veste enquanto Félix sai para comprar cigarros. Fica feliz por ter trazido seu lindo vestido vermelho-rubi — aquele inspirado no “New Look” da Dior. Espera estar elegante o suficiente para Paris, afinal se trata de uma peça costurada por ela mesma. Quando Félix retorna, traz consigo uma grande mala marrom.

— De onde veio isso? — Maria pergunta para ele.

— Madame Paget estava guardando para mim — diz, antes de vê-la vestida. — Querida, você está maravilhosa.

Ela ruboresce com o comentário e continua olhando para a mala. É de couro, enorme e pesada como um baú. Tenta imaginar o que ela contém.

— Por que você esperou até agora para recuperá-la? — pergunta para ele.

— Porque esqueci que estava aqui e achei que poderia ser útil para você.

Maria franze a testa, confusa.

— Só trouxe dois vestidos comigo, Félix. Acho que a maleta que tenho é apropriada.

Ele se aproxima, abraça-a pela cintura e puxa-a para perto de si.

— E você está tão linda com este vestido também — diz, beijando-a rapidamente nos lábios. — Mas gostaria de comprar mais algumas roupas, se você me permitir.

— Não é caro?

— Não se preocupe com dinheiro. Tenho muito.

Fica surpresa com a resposta dele. Em Londres, Félix se comportava como se vivesse como todos os outros da casa, ou seja, com um orçamento apertado. Então, como ele pode ter dinheiro para comprar um novo guarda-roupa para ela e colocar tudo nesse enorme baú?

— De quem era essa mala? — pergunta, um pouco preocupada.

— Era minha — Félix diz enfaticamente. — E agora é sua — ele se ajoelha e abre a mala.

Está vazia. É forrada de vermelho e tem alguns bolsos e compartimentos internos. É a mala mais luxuosa que já viu em toda a vida. É espaçosa o suficiente para se dormir dentro dela.

— Meu Deus! É muito grande — diz.

— Bem, minha querida, eu já fui bem grande também — levanta-se novamente, acaricia-lhe os cabelos e beija-lhe os lábios, como que para tranquilizá-la. Maria tem vontade de perguntar em que sentido ele teria sido grande, e, afinal, quem era ele, mas está feliz demais com o presente e animada com a ideia de ganhar roupas novas. Não quer cortar o clima do momento.

Félix escorrega a mão por baixo do vestido vermelho e a toca, eclipsando seu juízo com o gesto. O baú tem algo que a incomoda. Não quer aceitá-lo, mas seria rude se recusasse. Félix começa a acariciá-la e ela suspira de desejo.

— Você está luminosa esta noite — sussurra. — Quero exibi-la para os meus amigos.

Maria olha para ele com tanto desejo que não se importa mais com a mala. O querer floresce no meio de suas pernas e ela se entrega, beijando-o na boca.

Ele a agarra pelo quarto até encostá-la contra a parede, bem ao lado da janela. Pode escutar os sons de Paris: o estranho caminhão dando voltas, o ranger de uma bicicleta que precisa de óleo e o bater do salto das parisienses caminhando pelas ruas de pedra. Ele para de beijá-la.

— Então, doce Maria, você participaria de um pequeno jogo comigo?

Ela concorda, quase não consegue falar de tanto desejo. Ele desabotoa o vestido e ela o retira. Ele pega o vestido e, cuidadosamente, ajeita-o sobre a cama. Volta-se para ela e admira a sua pele nua. Ele está de camisa, com as mãos sobre os quadris, e ela pode ver o desejo dele explodindo o tecido da calça. Anseia por ela, está nos olhos dele. O olhar dele a deixa devassa e impulsiva. Ela se afasta da janela e vai para cima dele: agarra o cinto com as duas mãos e puxa-o para si. Sente as roupas ásperas no contato com sua pele sedosa e perfumada. Puxa a camisa dele enquanto ele desafivela o cinto e abaixa as calças. Agora ele está no comando de novo. Ele a levanta e ela abre as pernas, instintivamente

envolvendo-o pela cintura. Ele a penetra, gemendo de satisfação.

— A gente se encaixa tão perfeitamente, minha querida; acho que fomos feitos um para o outro.

Ele a carrega pelos cantos do quarto. Maria é pressionada contra a parede com tanta força que mal consegue se mexer. Ela se agarra nele, sentindo-o meter cada vez mais forte. Quer mais. Não quer que acabe nunca. Não quer que essa sensação pare. São como dois pássaros raros fora da gaiola, girando sob a aurora, unidos e exultantes. O tesão vai crescendo mais e mais até culminar na singularidade daquele milissegundo em que sente que toda a sua vida valeu a pena, graças ao precioso momento de êxtase sublime.

Em seguida, escorregam pela parede e ela senta sobre as coxas dele, sentindo-o roçar a sua nudez.

Ele respira no pescoço dela.

— Não duvide que eu te amo, Maria — Félix diz.

Tenta virar a cabeça para olhá-lo no rosto, mas ele a segura firme e tudo o que ela consegue fazer é sentir os lábios dele no seu pescoço enquanto fala.

— Nunca duvide — Félix repete.

— Eu não duvido — a voz dela treme de alegria ao ouvi-lo dizer que a ama.

— Eu te amo, Félix. Você é o homem dos meus sonhos.

— Ou talvez dos seus pesadelos — sussurra. As palavras dele causam um arrepio nela.

— Não diga uma coisa dessas — implora.

— Mas, Maria, tenho medo de macular a sua perfeição. Não sou bom o suficiente para você.

— Shh, não diga isso — evade as palavras sombrias dele e muda de assunto. — Que jogo é esse que você propõe?

— Você faria algo corajoso por mim, Maria? — diz. — Você sairia sem calcinha esta noite?

Ela sai de cima dele e vira-se para olhá-lo, esperando que ele estivesse rindo, mas Félix está excessivamente sério, seus olhos desafiando-na.

— Você quer que eu não use nada por baixo do meu vestido? — pergunta, incrédula.

Ele diz que sim.

— Só suas meias, o sutiã e isso — ele tira do bolso algo que parece uma joia. É uma tira de veludo muito fina com uma presilha em cada uma das extremidades. Uma pequena bola dourada do tamanho de uma bolinha de gude está pendurada como um pingente na parte inferior da tira.

— O que é isso? — Maria pergunta.

— Deixe-me mostrar pra você — ri, com jeito de menino.

Ele a coloca de pé e se agacha. Beija a xoxota dela.

— Como seu cheiro é doce, querida — diz e pega o brinquedo erótico. Prende uma das extremidades da fita na parte da frente da cinta-liga, passa a fita entre as pernas e prende a outra extremidade na parte de trás. Em seguida, ajeita a bolinha junto à pele, ajustando a tira para que fique bem justa. Maria não entende o propósito dessa peça. A bolinha fica numa posição incômoda. Parece besta.

— Não entendo...

— Não terminei — interrompe, colocando a mão por baixo dela e arrastando a bolinha pela tira de veludo. Passa o dedo com a bolinha pela parte mais íntima, fazendo com que ela tenha um espasmo involuntário. Ele continua até posicionar a bola na frente, tocando uma parte do corpo que Félix fez com que ela descobrisse essa semana — uma parte que sempre quer mais atenção dele. Sente-o enfiar o dedo, seus joelhos ficam bambos. Agora ela o sente posicionar a bolinha dentro da sua carne quente e macia. Ele se afasta, parecendo orgulhoso do trabalho.

— Agora — ele diz —, posso imaginar que essa bolinha sou eu, te tocando a noite inteira.

Maria se move, sentindo a bola girar na própria carne. A sensação é uma intensa combinação de prazer e intrusão.

— Acho que você tem que tirar isso — sussurra. — É demais.

Félix parece entretido.

— Você já está no limite, Maria?

Ela diz que sim.

Félix então a beija na boca.

— Você acha que seria corajosa o suficiente para ver até quando aguenta?

— Não tenho certeza — diz, duvidosa

— Isso é para o seu prazer. É pra você, Maria. Pode tirar a hora que quiser.

Maria não sabe o que dizer. Parte dela está assustada com o que vai acontecer com o seu corpo quando saírem. Sente que não está no controle da situação. Em contrapartida, outra parte dela está muito excitada com a novidade, e se pergunta o que pode acontecer se deixar seu corpo se levar.

Lembra-se de Lempert falando sobre a dança, sobre o desafio de equilibrar tensão e entrega, de seu paralelo com a vida. Não é disso que se trata esse joguinho de Félix? Ela é uma bailarina treinada. Deveria poder lidar com a pressão de uma bolinha dourada estimulando a xoxota enquanto anda pelo quarto. Existe uma Maria dentro de si gritando para ser libertada.

— Tá bom — ela sussurra, para sua própria surpresa — Vou tentar.

Félix delicadamente acaricia o rosto dela com os dedos e a beija novamente sobre os lábios.

— Acho isso muito erótico, minha querida. Gosto de imaginar a sua nudez exposta, mas também intocável quando na presença de outras pessoas. Gosto de te imaginar no limite, desesperada para ser satisfeita.

* * *

Maria senta-se em uma cadeira de frente para o espelho, vendo seus lábios vermelhos entreabertos, seus olhos ardendo de desejo e seu corpo perfeito no vestido vermelho. Vê o reflexo de Félix parado atrás dela. É o seu cavaleiro, mas não tão brilhante agora. Ele é uma figura alta e obscura com os olhos cintilantes. Ela sente o “eu secreto” dele e se pergunta se ele não estaria certo, se talvez ele seja muito sombrio, muito perverso para ela. No entanto, o amor que sente a prende a ele. Acredita que esse amor ilumine o caminho de ambos e que ele deixará que ela o cure.

É COMO SE fosse o primeiro dia para valer da primavera. Depois de tanta chuva e tanto frio, a temperatura subiu e Valentina arriscou sair sem casaco. Todos parecem se sentir tão frescos quanto ela, inspirados pelo céu limpo e pela brisa agradável. É uma Londres na qual ela poderia viver e aprender a amar. Imagina se isso pode acontecer caso Théo volte para ela. Após passar pela Galeria Lexington para ver o resultado da noite passada, pegou o metrô de volta para South Kensington, onde encontraria Leonardo para tomar um café antes que voasse de volta para Milão.

— Então, está satisfeita? — seu amigo pergunta depois de se acomodarem em banquetas altas com dois cappuccinos fumegantes diante de si. Estão de frente para a calçada, olhando os pedestres pela janela do café.

—Vendi tudo! — diz, cheia de orgulho. — Não posso acreditar... mesmo aqueles totalmente explícitos de Antonella e Mikhail. Vai saber quem os comprou!

— Que ótimo, Valentina — Leonardo diz. No entanto, ele está mais quieto do que de costume.

Seu amigo parece cansado esta manhã, como se não tivesse dormido nada. Vê um fio grisalho no seu cabelo e, embora sempre tenha achado que tivessem a mesma idade, pergunta-se qual seria a verdadeira idade dele. Pensa que ele deve estar sofrendo muito por causa de Raquel.

— Então, você vai me contar o que aconteceu com você e a Raquel? — mexe o cappuccino, observando o coração de leite cremoso derreter no meio.

Leonardo fica mudo por um momento, toma um gole de seu café e evita olhar nos olhos de Valentina. — Na verdade, não há muito que falar — diz finalmente. — Ela conheceu outra pessoa.

Valentina olha para ele, mas Leonardo evita seu olhar, intencionalmente prestando atenção na xícara de café.

— Mas eu achei que vocês tinham um relacionamento aberto. Não era para esse tipo de coisa não ter importância? — pergunta delicadamente, sentindo que deve medir as palavras com cuidado para que seu amigo confie nela.

— Bom, tem importância quando ela decide terminar o nosso relacionamento “aberto” para ter um relacionamento fechado com outra pessoa.

Ele olha para Valentina, que fica impressionada com o ódio nos olhos dele. Nunca tinha visto Leonardo sequer levemente zangado, quem dirá bravo e magoado.

— Então será que ela queria você só para ela? Você acha que poderia ter feito isso? — conjectura.

Leonardo franze ainda mais a testa. — Claro que poderia, mas não era isso que ela queria — tira o cabelo da testa com a mão.

— Não foi isso, Valentina — suspira, não parecendo mais bravo, mas triste. — Terminamos porque ela não me queria mais na vida dela.

— Ela é louca — Valentina diz sem hesitar, colocando a mão sobre a dele no balcão.

— Quando fez essa escolha — Leonardo diz —, ela estava pensando no futuro.

— Filhos, você quer dizer? Mas vocês tinham concordado em ter um bebê juntos, em fechar o clube. Você pretendia mudar a sua vida por ela.

— Sim, mas não era o suficiente. Sou um grande risco, Valentina — Leonardo olha para fora da janela como se estivesse hipnotizado pelos passantes.

— Como isso é possível? — Valentina aperta a mão dele.

Ele deixa de prestar atenção nos pedestres lá fora e volta a olhar para ela. Ele está arrasado. Valentina tem vontade de dar uma boa chacoalhada em Raquel. Como ela pôde deixar um homem tão bom como ele?

— Raquel quer um ambiente decente e estável para os filhos dela, com um homem que tenha um emprego seguro e uma boa renda. Quer uma família certinha — ele explica.

Valentina dá de ombros desdenhosamente, deixando sua opinião muito clara: Raquel é uma total decepção como mulher. Ainda assim, seu amigo a amava. Tem que tomar cuidado para não ser muito pungente com relação a ela.

— Não há que se falar em família certinha — diz com cautela. — O amor é mais importante do que a estabilidade material para uma criança. É o amor que faz com que uma criança se sinta segura.

— Concordo — diz. — Mas não é o que Raquel acha.

— Sinto muito, Léo... sabe, não acho que ela seja boa para você de qualquer forma — arrisca.

— Mesmo? — Leonardo sorri um pouco. — E quem seria boa para mim?

Valentina pensa bastante. De todas as amigas dela, não consegue ver nenhuma com Leonardo além de, quem sabe, Célia.

— E a Célia?

— Talvez, mas somos amigos de verdade, como eu e você, Valentina. E ela está do outro lado do mundo agora — bebe mais um gole de café. — Além do

mais, acho que preciso ficar sozinho por um tempo.

É inevitável que Valentina se sinta feliz por Leonardo não estar em busca de outra mulher — pelo menos por enquanto. Fica preocupada que ele possa conhecer alguém que o roube e não entenda a amizade liberal de ambos, ou que fique com ciúmes do tempo que passam juntos.

— Bom, já chega de falarmos de mim — Leonardo diz, olhando no relógio. — Tenho que embarcar em vinte minutos. Não quero perder nossos últimos instantes me lamentando sobre minha vida pessoal desastrosa.

Valentina se inclina e dá um beijo nos lábios do amigo. O gosto de manteiga dele parece o do seu croissant.

— A que devo isso? — Leonardo diz, parecendo satisfeito.

— Eu te amo de verdade — Valentina diz. — Você é o melhor amigo do mundo.

— Mas e os seus outros amigos?

— Eles não me conhecem como você. Você me conhece por dentro e por fora. É curioso porque eles são meus amigos há muito mais tempo, mas sinto como se nos conhecêssemos desde *sempre*.

— Como se fôssemos feitos um para o outro? — os olhos castanhos dele lançam um olhar caloroso para ela e Valentina vê que suas palavras o animaram.

— Sim. Ser amigos é nosso destino — dá um gole no seu cappuccino. — Leonardo, tenho pensado em Théo e em como foi estranho termos nos encontrado do nada. Então, pensei em algo — faz uma pausa para terminar seu croissant e lambe os dedos. — Duas das fotos expostas na Lexington eram muito recentes. Não me lembro de ter enviado aquelas imagens junto com o primeiro portfólio que enviei, mas solicitaram as impressões para a exposição. Como Kirsti Shaw teve acesso a elas?

Leonardo se mexe na cadeira, parecendo um pouco desconfortável.

— Eu sabia! — ela exclama, apontando o dedo para ele. — Você enviou as imagens para Théo? E aí ele mostrou para Kirsti Shaw, sugerindo que ela me incluísse na mostra?

Leonardo não diz nada por um momento, mas fica vermelho de culpa.

Valentina percebe que está seguindo a pista certa.

— E, nesse caso, Théo na verdade conspirou para me ver aqui em Londres. Acho que toda a história de Anita é para que eu fique com ciúmes como você disse e para que ele veja que eu o amo. Ele quer que eu reaja.

Leonardo coloca a mão sobre o braço dela.

— Valentina, é melhor você parar por aí — diz.

— Estou vendo que você está escondendo alguma coisa de mim, Léo — diz triunfante. — Você mandou as fotos para ele, não mandou? Ele está tentando me

deixar com ciúmes, você não acha?

Leonardo balança a cabeça, parecendo magoado.

— Não acho que Théo tenha a intenção de te deixar com ciúmes, Valentina; pelo menos, não ontem à noite. Além do mais, ele sabe que você não faz o estilo possessivo.

— Bom, o engraçado, Léo, é que estou com um pouco de ciúmes, sim. Normalmente, quando não posso ter um homem, simplesmente dou de ombros e caio fora, mas não consigo suportar perder Théo para Anita... Não entendo.

— Você está apaixonada, minha querida, realmente apaixonada — Leonardo dá um tapinha na mão dela, com o aspecto triste novamente.

— Mas não acredito que tenha sido apenas uma coincidência que Anita e eu estejamos expondo na mesma mostra. Não pode ser, não acha?

— Você está certa neste ponto — Leonardo diz sem olhá-la no olho. — Mas fui eu e não Théo quem enviou o seu trabalho mais recente para Kirsti. Quanto a Théo, ele não tinha a menor ideia de que você estava expondo na mesma mostra de Anita.

— Você enviou as imagens diretamente para a galeria? — pergunta, chocada por ele ter feito isso sem contar para ela.

— Théo me contou sobre a exposição. Achei que seria uma ótima oportunidade para você. Sabia que já tinha mandado um portfólio para a galeria, então apenas lembrei Kirsti Shaw de sua existência e mostrei um trabalho novo para ela.

— Não acredito que você se deu todo esse trabalho por mim.

— Bem, também tive outro motivo. Você e Théo estavam me deixando louco. Ele me escrevia perguntando onde você andava e você ficava me perguntando como ele estava, mas sempre que eu sugeria que um dos dois desse o braço a torcer, ambos reagiam com teimosia, mostrando-se machucados ou magoados demais para fazer alguma coisa. Era uma pena.

Ele para e fita a amiga com um olhar lancinante.

— Vocês deveriam ficar juntos. É por isso que pensei que se você participasse da exposição, seria uma oportunidade para vocês se encontrarem naturalmente.

— Mas e Anita?

— Não sabia *nada* a respeito dela. Fiquei tão chocado quanto você ao saber que Théo tinha uma namorada — Leonardo diz, balançando a cabeça e parecendo sinceramente arrependido.

Valentina se levanta da banquetta e, inesperadamente, dá um grande abraço em Léo. Ela o solta e Leonardo parece totalmente perplexo.

— Por que isso?

— Por se preocupar tanto com a minha felicidade — está verdadeiramente

emocionada por Leonardo acreditar nela e em Théo.

— Valentina — seu amigo avisa —, não desista. O fato de Théo e Anita não estarem transando diz muito. Ainda acho que vocês podem voltar.

— Mas para isso tenho que fazer com que eles terminem — Valentina luta contra essa ideia. — E eu até que gosto de Anita. Não sei se conseguiria fazer uma coisa dessas com ela.

Leonardo sorri bondosamente.

— Você pode parecer durona, mas no fundo é mesmo uma manteiga derretida, não é, V?

Ela senta de volta na banquetta, sentindo-se constrangida.

— Não sei, minha mãe diz que tenho o coração de pedra...

— E o que sua mãe sabe? — pega a mão dela e aperta. Ela gosta de sentir sua pequena mão enfiada dentro da dele.

— Claro que — Leonardo diz, diminuindo a voz — há outras maneiras de resolver essa questão.

— Como assim?

— Bem, você disse que Théo falou que precisa que você prove o seu amor por ele...

— Sim, mas como faço isso?

— Um homem sempre sente o amor de sua mulher através do sexo, então, ao realizar a maior fantasia sexual dele, você pode provar que o ama.

— Sim, mas como eu te falei, não quero que Théo traia Anita... ou termine com ela.

— Na verdade, não estou dizendo que você deva fazer isso, mas o que você acha que pode ser uma fantasia em comum para a maioria dos homens?

Valentina nem precisa pensar.

— Duas mulheres junto com ele na cama.

— Exatamente — Leonardo diz, com o aspecto mais animado, dando uma risadinha abusada.

— Você está sugerindo que eu reconquiste o Théo fazendo um *ménage à trois* com ele e Anita? — Valentina fica chocada. Leonardo não pode estar falando sério. — Além da confusão emocional que isso pode criar entre nós dois, para não dizer três, não é imoral? — continua.

— Claro que não. Olha, pensei muito em toda essa questão. Não apenas *ménages*, mas orgias também — Leonardo olha para ela com seriedade. — Digo, tive uma educação católica. E muitas pessoas que vêm para o meu clube são motivadas por um tipo de relação controversa entre sexo e religião. Desejam ser pecadores para que possam se limpar.

Valentina sente um calafrio.

— Nunca me senti assim, Leonardo. Nunca senti que estivesse fazendo algo errado desde que ninguém estivesse sendo magoado ou ferido.

— Sabe, a diferença entre a vida sexual dos seres humanos e a dos animais é o prazer erótico — Leonardo está voltando a ser ele mesmo: guia sexual e guru. A tensão por causa de Raquel parece estar desaparecendo agora que ele está falando sobre um assunto favorito. — Não fazemos sexo de acordo com as estações nem apenas para procriar. Também transamos para experimentar êxtases sensuais... não é?

Valentina concorda. Ela adora escutar Leonardo falar sobre sexo e erotismo. Ela aprende tanto com ele.

— Acho que assim que o homem tomou consciência de que era mortal, nasceu o erotismo. Tanto o sexo quanto a morte representam um tipo de violência que interrompe a ordem natural das coisas. Quando você tem um orgasmo, fala-se em “pequena morte”, logo o erotismo pode, sim, ser uma celebração da vida quando da consciência de nossa mortalidade.

— Parece tão sublime quando você fala — Valentina se derrete pelo amigo. — Mas outras pessoas diriam que somos depravados, incapazes de nos comprometer, lascivos, para não dizer o pior...

— Esse é o problema de todos nós — Leonardo parece solene. — Quando começamos a colocar a moralidade na equação, ela corrompe o sexo. Erotismo não deveria ter nada a ver com moral.

Valentina pensa em sua mãe falando coisas como essa no passado, que esses eram os princípios que norteavam a vida dela e que pode ser por isso que achou tão natural adotá-los para si mesma.

Olha pela janela do café, vendo o ritmo dos passantes, e pensa na sugestão de Leonardo. Seria esta uma forma de mostrar o seu amor por Théo? Seria capaz de seduzir Anita e Théo? Nesse caso, ela não estaria de fato roubando-o de outra mulher? Parece uma ideia completamente louca, mas que tenta o seu coração libertino. Achou Anita atraente desde o momento em que a conheceu. Não gostou de vê-la vestida como sua mãe, mas sim quando estava loira e produzida... até que gostou bastante daquilo. Claro que só quer ficar com Théo, seria apenas um meio se Anita estiver aberta para isso. Seria uma mensagem muito poderosa para Théo. No ano passado, o jeito que ele encontrou para mostrar que a amava e que confiava nela foi armando diferentes cenários no clube de Leonardo. Os três — Leonardo, Théo e Valentina — foram juntos para a Câmara Escura, a sala das maiores fantasias sexuais dela. Théo tinha feito tudo aquilo para mostrar que amava Valentina por quem ela era, que não queria mudá-la. Ela não poderia fazer o mesmo por ele? Sabe que Leonardo está certo, pois Théo contou para ela que sua fantasia pessoal era uma transa com ele, Valentina

e outra garota e, quando estavam juntos, ela tinha aceitado bem a ideia. Sente seu coração acelerar. Como ela faria para orquestrar esse *ménage*? A ideia é, ao mesmo tempo, estimulante e aterrorizante.

— Ei — Leonardo diz gentilmente, tocando a mãe dela. — Tenho que ir.

— Você mal chegou. — ela faz cara feia.

— Só consegui escapar por uma noite.

Valentina aperta a mãe dele.

— Muito obrigada por ter vindo, meu amigo querido.

Valentina está sozinha de novo. Desce a Rua Old Brompton, passa pelos museus sentindo o sol bater sobre a pele. Sua cabeça está a mil. Agora que pegou o ritmo de sua caminhada, não quer parar. Será que Leonardo tinha razão? Mesmo que tivesse, como vai conseguir fazer com que a *ménage* aconteça? Não tem notícias de Théo desde o seu desaparecimento na noite passada. Hesita em ligar para ele depois de ter sido abandonada na exposição. Valentina continua andando como se fosse encontrar uma resposta ao final de sua caminhada. Vai pela Knightsbridge e passa pelo Hyde Park. Amanhã é o dia de voltar para Milão, o que significa que hoje à noite é a sua última chance. E, claro, também tem a questão do seu pai...

Para e olha ao seu redor. Onde está agora? Não tem a menor ideia. O Hyde Park está para trás e tem outro parque mais à frente. A rua é larga e cheia de carros em alta velocidade. Vê uma placa indicando uma estação de metrô: Green Park. Pega o seu *Londres de A a Z* e olha para o índice. Green Park fica na Linha Jubilee, a mesma linha da estação Finchley Road, perto de onde seu pai mora. Parece coincidência demais que ela tenha parado justo nesta estação de metrô. Talvez o primeiro passo para descobrir o que fazer com Théo seria descobrir quem ela é de verdade? Para tanto, tem que encarar seu medo e ir ver seu pai. Sabe que vai se arrepender se não for. Tem o dia todo livre. Antonella e Mikhail estão ocupados fazendo turismo pela cidade e Isabella está no trabalho. Não há necessidade de ir para a galeria agora porque vendeu todo o seu trabalho.

O telefone apita. Tira o aparelho do bolso, rezando para que seja Théo, mas é uma mensagem de um número desconhecido:

Oi, Valentina. Desculpe por ontem à noite. Estava bêbada ;-). Quer vir a uma festa em casa hoje à noite? Théo me disse que é a sua última noite em Londres. Venha, pls! Bjos, Anita

Apesar de a mensagem ser de Anita e não de Théo, sente que, indiretamente, é ele quem está se comunicando com ela. Anita escreveu que foi Théo quem disse para ela que esta era a última noite de Valentina em Londres. Como ele sabia disso? Deve querer encontrá-la de novo. Se voltar para Milão sem o amor de

Théo, quando irá vê-lo novamente? Não pode se sujeitar à falta de dignidade de implorar para que ele volte, então tem que o reconquistar, ainda que isso signifique ferir Anita.

Nesse exato momento, quando Valentina chega à estação Green Park, decide encarar seu pai de uma vez por todas e sabe que não vai deixar Anita ficar com o seu homem. Chegou a sua hora de acertar as contas.

MARIA

OS ÊXTASES DA noite começam em um pequeno restaurante em Saint-Germain-des-Prés. Que jantar maravilhoso! Há anos que não comia um pão como aquele — desde antes da guerra, quando ainda era menina. Deliciou-se com um prato de endívias com lagostas gigantes, seguido de sopa cremosa de champignon, *escargots* com alho e baguetes recém-saídas do forno, tudo acompanhado por um vinho tinto maravilhoso. Pergunta-se como os franceses conseguem se abastecer com toda essa comida enquanto as opções ainda são parcas na Inglaterra. Félix diz que é por causa dos americanos e do Plano Marshall. Segundo ele, há menos de um ano, os parisienses estavam passando fome; a única fonte de carne deles era o coelho.

Enquanto comem, Maria começa a entender como seu amante é inteligente. Ele fala com conhecimento sobre a política atual na França: os americanos vinham semeando o terror desde o Bloqueio de Berlim, dizendo que a França seria tomada pelos comunistas. Dessa forma, não estavam apenas escoando dinheiro e mercadorias americanas para dentro do país, como os próprios americanos estavam vindo aos montes para estas terras.

— Para experimentar a sofisticação da vida parisiense — Félix desdenha enquanto remove o molusco da concha e enfia-o na boca de uma vez. — Mas os políticos deles querem nos ensinar o jeito americano para aprendermos a ser bons trabalhadores.

— Você acha que haverá outra guerra? — Maria pergunta para Félix. — As mulheres da fila de tripa acham que sim. Guido também acha, apesar de dizer que não deveríamos ter tanto medo dos russos.

— Você e Guido são amigos?

— Nem um pouco — fica vermelha, não sabe por que pensou no italiano. Conseguiu afastar quase todos os pensamentos sobre Londres e até mesmo sobre Veneza nas duas últimas semanas, de tão envolvida que está por Félix e pela descoberta do amor. — Mas ele parece saber bastante — explica.

— Ele é apenas um garoto — Félix diz com voz de crítica. — Não sabe nada a respeito do que realmente está acontecendo com o mundo — raspa a manteiga de alho dos *escargots* com um pedaço de pão. — Não vai haver guerra. Nem os russos, nem os americanos podem correr um risco desses.

— Mas Berlim está bloqueada por Stalin. Não é apenas o começo?

— Se Stalin quisesse uma guerra, já teria começado — Félix serve um pouco mais de vinho nas taças.

— Não falemos mais sobre a guerra — ele diz — É a guerra que corrompe tudo o que é lindo. E quero que esta noite seja sublime.

Ela dá um gole no vinho e o gosto de cereja doce a encoraja, fazendo com que se sinta mais confortável com a lingerie erótica.

— A presença dos americanos aqui tem dois aspectos positivos — Félix diz, enquanto lhe serve um de seus *escargots* — Um é o jazz e o outro é o interesse que têm por filmes, um fato mais do que benéfico para mim.

— Que tipo de filme você está fazendo agora? — Maria pergunta timidamente.

— Como minha vida está repleta de amor neste momento, é claro que é uma história de amor, Maria — sorri para ela.

* * *

Depois do jantar, vão para um bar próximo ao hotel em que estão hospedados. Félix a conduz em meio à multidão no ambiente esfumaçado enquanto a bolinha dourada gira dentro dela. Sente-se como se estivesse andando sobre cascas de ovos na ponta dos pés: está com o coração na boca. Há um intenso odor de tabaco, vinho barato e corpos não lavados, mas o lugar tem algo de aconchegante. Félix encontra uma mesinha no canto, pede uma garrafa de vinho e lá eles se espremem. Maria percebe que a maior parte da multidão está concentrada no outro canto do bar. Há muito falatório e é difícil escutarem uns aos outros em meio à confusão de vozes.

— Então — Félix diz, apontando para a multidão —, você sabe quem está sendo bajulado por todos esses jovens?

Maria balança a cabeça.

— Ninguém menos do que o grande escritor existencialista Jean-Paul Sartre — Félix conta.

Maria não faz ideia do que seja existencialismo, mas tem vergonha de admitir.

— Você o conhece? — pergunta, esticando-se para tentar ver alguma coisa por cima das cabeças, mas é impossível ao menos que se levante e se exhiba.

— Sim, na verdade, eu o conheço — Félix diz, enchendo a taça dela. — Mas não gosto dele. É um mulherengo do pior tipo.

— Qual é o pior tipo? — pergunta, curiosa.

— Ele não tem humildade. É grosseiro.

Antes que possam prosseguir a conversa, a mesa deles é cercada por um grupo de pessoas, todos cumprimentando Félix de uma só vez, como se não o vissem

há uma década. E talvez não o tenham visto mesmo, Maria pensa, embora Jacqueline tenha dito que ele sempre visitava Paris nos dois anos que morou em Londres. Ela se mexe na cadeira, envergonhada pelo fato de estar sendo ignorada, além de ficar constrangida por Félix não a apresentar imediatamente.

Finalmente, uma mulher ruiva de cerca de trinta anos, de cabelos curtos bem escovados vira-se para ela.

— Olá! — diz. — Quem é você?

— Maria.

— Prazer em conhecê-la, sou Vivienne. Você é a nova garota de Félix?

O jeito como ela diz isso faz Maria se sentir estranha. Imagina quantas “novas garotas” Félix já deve ter apresentado para seus amigos, mas, ao mesmo tempo, o vinho está começando a agir e começa a relaxar. Mal pode acreditar. Aqui está ela, no burburinho, no lugar mais chique e mais badalado da Europa... e com um homem tão inteligente, sexy e diretor de cinema talentoso; um homem que conhece Jean-Paul Sartre; o máximo.

A conversa flui rápido em volta da mesa. O francês de Maria é bom, porém, está achando difícil de acompanhar. Parece que a maior parte das pessoas na mesa são colegas diretores, escritores, músicos, artistas e compositores. Fica especialmente intrigada por um homem que não diz praticamente nada e que fica o tempo todo desenhando em um caderninho com um lápis pequeno que ele tira e coloca do bolso. A maior parte das pessoas na mesa está ocupada conversando entre si e, além de Vivienne, só uma outra pessoa fala com ela: um homem baixo e rechonchudo de óculos chamado René, que diz ser um poeta. Depois de algumas horas no bar, Vivienne sugere irem dançar.

— O Le Tabou fechou, mas tem o Club Saint-Germain. Vamos lá — sugere.
— Boris Vian vai tocar trompete hoje à noite.

— Prefiro quando ele escreve — Félix comenta.

Enquanto Félix fala, seus olhos perscrutam o bar como se estivessem procurando por alguém. Até que, por fim, param em Maria. Olha diretamente para ela como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Há um apetite no olhar dele que a penetra, faz com que se sinta assustada, mas também a excita. Subitamente, Maria sente mais do que nunca a bolinha dourada acomodada dentro da sua carne macia. Move-se na cadeira e a bolinha roda em um pequeno círculo dentro de si, roçando na mucosa sensível e minuciosamente estimulando-a. Prende a respiração. Como vai fazer para aguentar a noite toda com esse acessório? Sabe que pode simplesmente ir ao toalete e tirá-lo, mas não quer desapontar o seu amor. Quer mostrar para ele que é aventureira, como ele quer que ela seja. E, apesar do leve desconforto, também é um pouco excitante usar só isso, sem nenhuma roupa de baixo, e estar com esse grupo de estranhos.

É só quando se levanta que Maria percebe como está embriagada. Olha para Félix, querendo sugerir que voltassem para o hotel agora, mas ele está entretido em uma conversa com René e um outro homem.

Vivienne dá o braço para ela.

— Você gosta de dançar, Maria? — pergunta. Ela tem olhos verdes-claros, da cor do mar.

Maria está prestes a contar que, na verdade, é uma bailarina, mas algo a impede. Não pode dizer isso agora, pode? Afinal, deu as costas para a dança definitivamente. Um dia, a dança foi tudo na vida dela, mas ela não tem os atributos necessários para ser uma grande bailarina. Ela falhou. Talvez uma mulher tenha que escolher entre o amor e a vida. Se for assim, ela escolhe o amor.

— Não — responde para Vivienne. — Eu não danço.

— Ah, mas você tem que dançar — Vivienne tenta convencê-la — Não é uma dança comum. É jazz. É muito energizante...divertido...

— Não, realmente acho que não consigo.

Maria pensa no que a bolinha dourada poderia fazer com ela caso começasse a dançar. Tem certeza de que perderia totalmente o controle.

O Club Saint-Germain é mais esfumaçado, mais escuro e mais lotado do que o bar em que estavam. Tenta ficar perto de Félix, mas é impossível. Quer que ele a leve para casa. Andar pelas ruas de pedra de Paris com salto alto e com a bolinha dourada girando dentro de si excitou-a ainda mais. Bem fundo, dentro de sua pélvis, seus músculos se contraem em espasmos. É tudo o que pode fazer para não sofrer um colapso e gritar histericamente entre risos e lágrimas. Ele não tem piedade? Com certeza deve saber o que está acontecendo com ela. Sempre que seus olhos se cruzam, Maria dá um olhar de súplica e ele ri satisfeito, voltando a conversar com René.

Finalmente, tem a chance dela quando o grupo vai para a pista de dança. Mesmo o corpulento René se entrega ao ritmo da música quando Vian e seus companheiros embalam os últimos arranjos de Nova York.

Félix continua parado, encostado na parede da boate, fumando um cigarro e vendo a multidão dançar como se estivesse vigiando a distância. Maria vai até ele, que abraça-a pela cintura e puxa-a para mais perto de si. Ele passa o cigarro para ela dar uma tragada.

— Achei que você fosse dançar com os outros...

— Não posso dançar, Félix — sussurra, devolvendo o cigarro para ele. — Não com essa coisa dentro de mim.

Ele vira a cabeça e sussurra no ouvido dela:

— Você ainda está no limite, Signorina Brzezinska?

Ele apaga o cigarro e coloca a mão sobre a barriga dela, vagarosamente esticando os dedos até que a ponta do dedo médio dele toque a extremidade da fita de veludo abaixo do vestido.

A respiração dela acelera. Não consegue falar por um segundo de tão excitada que está. — Por favor — suspira —, podemos voltar para o hotel?

— Ainda não — ele diz. — Preciso encontrar alguém antes.

— Quem? — pergunta, impaciente.

— Desculpe, querida, não posso contar — diz. Vira-se e olha para ela. — Posso ver os seus mamilos duros — comenta, dando um riso atrevido.

As bochechas de Maria ficam tão vermelhas quanto o seu vestido.

— Não se preocupe, Maria. Está tão escuro aqui dentro que ninguém vai perceber. Só eu. Posso ver como você está com tesão, minha querida. É por isso que te amo...

As palavras dele são como um bálsamo para a frustração dela. Pode fazer isso. Pode aguentar um pouco mais se ficar quieta e conseguir fazer com que a bolinha pare de girar dentro de si, afastando-a do ambiente e imergindo-a em seu próprio êxtase.

Félix a olha como se a estivesse vendo pela primeira vez. Apesar de estarem na presença de outras pessoas, ele se inclina e a beija sobre os lábios. O efeito é devastador: o simples toque dos lábios dele cria uma onda dentro dela. Ela se afasta.

— O que é isso? — ele pergunta

— Você não pode me beijar — sussurra.

— Ah, entendi — o sorriso dele se alarga. — Ok, querida... entendo. Só me deixe encontrar a pessoa com quem tenho que falar. Voltarei assim que possível e vamos embora — Félix tira o braço da cintura dela e desaparece no meio da multidão dançante.

Fica parada sozinha, um tanto quanto sem jeito, tentando ficar o mais quieta possível. Sente-se constrangida com os homens olhando para ela. Para seu alívio, vê Vivienne acenando para ela do meio da multidão.

— Eu simplesmente adoro jazz — Vivienne diz, sem fôlego, com as bochechas vermelhas de tanto dançar. — O Vian não é incrível?

Maria concorda, dando um gole em seu drink.

— Então, há quanto tempo você e Félix estão juntos? — Vivienne pergunta.

— Duas semanas — Maria diz. — Mas o conheci em Londres antes de irmos para Paris.

— Pensei que você fosse italiana...

— Sim, mas estou morando em Londres. Conheci Félix lá — ela não quer se

alongar. A última coisa que quer é que Vivienne descubra que ela era uma bailarina. — Você é de Paris? — Maria pergunta para Vivienne, mudando de assunto.

Vivienne balança a cabeça.

— Não, sou de Lyon. Conheci Félix na Resistência.

Maria fica impressionada com a informação.

— Vocês *dois* estiveram na Resistência durante a guerra?

— Félix nunca te contou a respeito do tempo que passou na Resistência? — Vivienne parece surpresa.

Maria fica constrangida de saber tão pouco a respeito de seu amante, mas a curiosidade supera o orgulho.

— Para ser honesta, ele me falou muito pouco sobre ele.

— Meu Deus! Então você não sabe da história toda? — Vivienne pergunta, seus olhos verdes brilham.

— Não — Maria sussurra, envergonhada.

Vivienne pega a mão dela e aperta, olhando para ela com cordialidade.

— Me desculpe — ela parecia realmente preocupada com o constrangimento de Maria. — Achei que você soubesse tudo sobre Félix, mas acho que ele não grita aos quatro ventos.

— Gritar o quê?

— O seu amante foi um dos membros mais corajosos da Resistência. Ele é um herói, querida.

— Oh — Maria fica muito aliviada. Então Guido estava muito errado. Félix não tinha sido um colaboracionista. Na verdade, ele foi o oposto, exatamente como ela sempre acreditara.

— Mas — Vivienne continua —, pagou um preço por isso.

— O que você quer dizer?

— Bem, não sei de todos os detalhes, mas a mulher dele...

— Ele é casado? — Maria interrompe, em pânico.

— *Era* casado — Vivienne corrige, demonstrando estar um pouco nervosa. Molha os lábios com a língua. — Talvez não devesse te falar a respeito disso. Você mesma deveria perguntar para ele. É cruel.

— Por favor, me conte... não vou dizer nada — Maria insiste. Com certeza ela não vai conseguir fazer com que Félix fale sobre isso.

Vivienne balança a cabeça.

— Não, não é certo. Ele vai te contar sobre tudo o que aconteceu quando estiver pronto. É só que...bem... você se parece muito com ela.

Maria sente o coração despedaçar. Ela é apenas uma ilusão para ele? E se ele disser que a ama apenas porque a acha parecida com a sua esposa? E onde está a

esposa dele? Vivienne referiu-se à esposa no passado. Então ela morreu? As circunstâncias da morte são o grande segredo obscuro dele?

— Me desculpe, você parece chateada — Vivienne diz. — Olha, nunca o vi tão feliz. Obviamente, você está sendo maravilhosa para meu velho amigo. Juro a você que a esposa dele partiu há muito tempo e que nunca vai voltar; isso é certo — Vivienne aperta a mão dela de modo a tranquilizá-la.

Então a esposa não morreu, mas partiu? Para onde?

— Ele está com você agora. Só pense nisso — Vivienne continua.

Maria cruza as pernas. A bola gira e ela sente um pico de excitação. — Sim — diz com a voz rouca.

— Bem, então pare de se preocupar com isso. Você é muito bonita. Na verdade, você é muito mais atraente do que ela já foi... — antes que Vivienne tenha tempo de terminar a frase, Félix se materializa subitamente. — Vou para a pista dançar um pouco mais. Quer me acompanhar? — Vivienne pergunta para Maria.

— Não, ela não pode — Félix se intromete — Estamos indo embora.

Maria quase desmaia de alívio. Finalmente podem voltar para o hotel; enfim, ela poderá se soltar.

— Você achou a pessoa que estava procurando? — pergunta para Félix enquanto atravessam a multidão a caminho da saída.

— Sim — responde. — Obrigado por ter sido tão paciente, querida — aperta a mão dela. — Vou compensá-la.

Apesar dessas palavras, sente uma tensão diferente no corpo dele quando saem de mãos dadas da boate. Seu ânimo característico obscureceu-se. Pergunta-se com quem ele teria se encontrado. Pensa na esposa dele. Vivienne disse que ela partiu há muito. Mas para onde? Ainda não sabe se quis dizer que ela morreu.

Quando se aproximam da saída, Maria vê um homem alto de cabelos brancos ao lado da porta. Está com as mãos no bolso e pode sentir os olhos dele sobre ela. Instintivamente, sabe que ele é a pessoa com quem seu amante foi se encontrar.

— Quem era aquele homem? — pergunta para Félix quando já estão na rua.

— Qual homem?

— Aquele ao lado da porta, de cabelos brancos.

— Você o viu? Olivier? — para de falar e não diz mais nada. Por alguma razão, Maria sabe que não deve perguntar de novo.

Eles apertam o passo. Maria sente a curva do quadril de Félix tocar sua cintura enquanto caminham. Ele acelera ainda mais o passo. Esqueceu-se de que ela está com a bolinha? Será que não imagina o que está fazendo com ela?

Sente-a em rotação dentro de si, para frente e para trás, chegando ao ponto de cerrar os dentes para não gritar. A proximidade física dele está começando a excitá-la ainda mais. A noite já está quente por si só, mas agora ela sente como se estivesse pegando fogo, seu corpo está pingando de suor. Durante todo o tempo, Félix fica encostando-se a ela, tocando nela e a excitação de Maria vai crescendo mais e mais.

— Félix! —grita, parando repentinamente no meio da rua.

Ele parece voltar a si, lembrando-se da situação.

— Meu amor, me desculpe...

Ela põe as mãos nos quadris, ofegante, tentando se acalmar.

— Venha, minha querida; acho que preciso te levar embora. Não posso mais te deixar sofrer.

De repente, ele a pega nos braços.

— Félix! Me ponha no chão! — ri.

— Você é leve como uma pluma — diz, carregando-a pelas ruas escuras.

É um alívio poder repousar nos braços dele, como um cisne desfalecido. No entanto, a bolinha fez o seu trabalho: Maria está perigosamente no limite.

Na entrada do hotel, não veem Madame Paget. Félix a coloca de volta no chão para puxar a grade do elevador.

Ela balança a cabeça com os olhos arregalados de desejo.

— Eu queria te prender nessa grade, bem aqui — diz, acariciando a barra de metal atrás dela — e queria te pegar por trás... — ele passa o dedo no lábio inferior dela, que abre a boca para lambê-lo. Maria se vê desejando que ele a possuía no elevador. Não se importa se forem vistos. Félix empurra a grade e ela o segue pelo corredor que leva ao quarto. Só mais um passo, ela jura para si mesma, enquanto a sensação do brinquedo erótico a atira num precipício.

* * *

E agora que estão a portas fechadas, seu amante está olhando em seus olhos. É um olhar de adoração e desejo, mas, por trás disso, há uma obscuridade e um segredo que ela quer descobrir. Fecha os olhos por um segundo. Se ela fosse outra mulher, tiraria a bolinha e a jogaria pela janela daquele quarto, perdendo-a para sempre. Mas parece que Maria, como sua mãe, Belle, é uma mulher que gosta de correr riscos. Abre os olhos.

— Como você é linda — Félix diz enquanto desabotoa o vestido vermelho de Maria lentamente.

Ela aperta as pernas, sentindo aquela bolinha má estimulá-la ainda mais.

O vestido dela despenca como uma cascata de ondas escarlates, caindo feito uma poça vermelha ao redor dos pés descalços. Fica parada na frente de Félix,

apenas de sutiã, meia-calça e o acessório.

Ela se inclina enquanto Félix solta a tira de veludo e, com os dedos, retira a bola de dentro dela. Maria sente um tremor e arqueja quando ele finalmente a remove. Ela o deseja tanto agora.

O que está acontecendo neste pequeno quarto em Paris? Está sonhando? É real? Tudo o que sabe é que quer Félix dentro de si.

Enquanto observa o ninho de amor de ambos, seus olhos recaem sobre a câmera de filmar de Félix, repousando sobre a cômoda.

— Ela funciona? — sussurra para ele.

— O quê?

— A câmera.

— Claro — diz.

Fica na ponta dos pés e abraça o pescoço dele, pedindo:

— Filme a gente — pede.

— Você está falando sério? — Ele se inclina e olha para ela; a expressão dele vai se transformando em espanto.

— Sim — diz. Quer a paixão deles documentada. Quer que ele assista, que ele saiba que ela é a mulher ideal para ele. Só ela.

— Tem certeza? — diz outra vez, agora já ligando a câmera.

— Sim — murmurou tão carregada de desejo que Félix não precisa perguntar de novo.

— Precisaremos de mais luz e vou ter que montar o tripé, fazer a câmera rodar...

Tornam-se os protagonistas do filme sobre o seu amor. Ele a conduz para a cama, acomodando-a com as mãos e os joelhos sobre o colchão macio.

Félix providencia uma echarpe de seda. Ela nunca tinha visto essa echarpe antes. Ele venda os olhos dela. As luzes desaparecem, Maria está no coração da escuridão. Tudo o que pode fazer é cheirá-lo e tudo o que pode ouvir é o zumbido da câmera.

— Eu te amo, Maria — sussurra. As palavras dele enchem-na de coragem. Ela usou a bolinha dourada e agora ele irá recompensá-la com o seu amor. A câmera registrando esse amor excita-a ainda mais.

Ele passeia o dedo pelo torso nu dela. Ela sente um calafrio. Pode sentir gotas de suor escorregando entre seus seios e a sua boca salivando de desejo. Continua sentindo o dedo dele, que desce pelas costas, passa pela bunda e vai até o meio das pernas. Ele a masturba até trazê-la de volta ao ponto de desespero proporcionado pela bolinha dourada. Quando percebe ele tirar o dedo, Maria espera senti-lo inteiro dentro de si, mas nada acontece. Empina o bumbum, oferecendo-se mais. Então, de repente, ele a penetra. O impulso é tão poderoso

que ela é empurrada para frente, quase batendo a cabeça na parede. Ele tira o pau lentamente, muito lentamente, roçando então a cabeça na entrada dela, provocando ainda mais sua pele macia.

Entra nela de novo, metendo fundo e com força. Quando ele começa a tirar, Maria sente seu corpo querer sugá-lo de volta, vibra por dentro; algo toma conta de si. Talvez seja porque bebeu vinho demais essa noite, talvez sejam os efeitos posteriores da bolinha dourada ou, ainda, talvez o fato de saber que está sendo filmada a conecte com o seu lado mais violento e instintivo — como Pandora. O que quer que seja, Maria abandona todo o senso de normalidade. Deixa que Félix a penetre cada vez mais fundo, até o seu âmago. Ela o ama tanto que não sente mais medo, nem de seu coração, nem de seu corpo. Há uma parte dela que anseia se ligar a ele muito mais do que jamais a esposa, viva ou morta, tenha se ligado. Quando ele goza, Maria vem junto, convulsionando em êxtase, chorando e gargalhando, tudo ao mesmo tempo.

Nos primeiros instantes da aurora, há apenas ela e ele. A lente da câmera está tampada e ela está guardada no estojo. Maria acorda sentindo os lábios dele na pele. Abre os olhos e vê a sombra da cabeça dele na sua barriga enquanto ele a acaricia com a língua. Fecha os olhos e seu corpo está tão excitado que parece separado da mente, derretendo na boca de Félix. Ela se abre completamente para ele enquanto ele a chupa. Goza de novo, imaginando que o seu amor deságua nele, curando-o. Pois Maria sabe que o seu amado carrega um fardo do passado e só ela pode salvá-lo.

VALENTINA ESTÁ SENTADA em um vagão de metrô lotado e lembra que, na noite passada, teve o mesmo sonho do dia anterior. Lá estava ela, de novo nua no metrô, passando em alta velocidade pelas estações, sem parar, vendo sua imagem com a mala gigante e vazia aos seus pés. No entanto, dessa vez, não havia o vampiro Glen sugando sua vida. Em vez disso, encontrou todo tipo de criatura: um rinoceronte, um grande cão de guarda e até dinossauros. Não faz ideia do que isso possa significar.

Essas criaturas todas fariam parte de sua psique? Será que elas representam o seu lado animal ou a sua natureza instintiva? Há uma parte diabólica dentro dela que emerge através de sua alma livre? Volta a pensar na conversa que teve com Leonardo pela manhã e na pergunta que fez para ele: se eram pessoas ruins. Ele disse que a moral não deveria ser invocada no mundo erótico.

Olha para as pessoas sentadas de frente para ele. Propositadamente, evitam se olhar, lendo o jornal ou um livro, ouvindo música com fones de ouvido, ou olhando para o infinito, como ela. “Estamos todos juntos, mas absolutamente desconectados”, pensa. Ela e Théo se apaixonarem em um ambiente como esse tinha sido um milagre, mas aconteceu. Valentina nunca vai esquecer a conexão mágica que rolou entre eles no metrô. Lembra-se de como seus olhos se fixaram em meio ao tumulto dos outros passageiros. Tanta coisa foi dita com um simples olhar naquela viagem pelos subterrâneos de Milão. Não trocaram uma palavra. Saíram do metrô no mesmo instante preciso e tudo o que Théo fez foi estender a mão para ela. Silenciosamente, ela o guiou até seu apartamento, onde transaram loucamente a noite toda. Foi só na manhã seguinte que se apresentaram. Ela pensou que seria apenas sua melhor transa sem compromisso na vida, mas a verdade é que o desconhecido do metrô se tornou o amor da sua vida.

O trem para na estação Finchley Road. É a parada de Valentina. Ela se levanta, sentindo-se relutante de repente. Por que está se submetendo a isso? Precisa mesmo encontrar seu pai agora? Mas parece que o seu corpo está impelindo-a a seguir adiante e ela sabe que só vai se arrepender se não for até o fim por falta de coragem. Antes, a desculpa era não saber onde ele morava. Agora, tem essa informação e sente-se instigada a agir, ainda que acabe machucada ou frustrada.

Já do lado de fora do metrô, o céu azul deu lugar a nuvens pretas e carregadas. Treme, arrependida por não ter trazido casaco. Quando vira na Rua Finchley e sobe as ruelas até Hampstead Village, começa uma chuva forte. Começa a correr, tentando se cobrir com a bolsa na cabeça quando chega à rua de seu pai. Pensa que é bem provável que ele não esteja em casa, afinal está no meio do dia e a maioria das pessoas está fora, trabalhando.

Agora está parada em frente à casa dele de novo, como há dois dias, quando teve seu plano interrompido por Glen. Olha para os lados. Para seu alívio, não vê nenhum sinal do seu suposto perseguidor. Provavelmente Théo se encarregou dele ontem à noite e o alertou para que ficasse longe dela. Ou, talvez, ele tenha desistido — pensa com esperança, pois não sabe do que Glen é capaz. Afasta as preocupações com o desagradável “recuperador” de obras de arte do seu pensamento. Não pode pensar nisso agora. Finalmente, chegou aonde esperava chegar há meses, desde que falara sobre seu pai com Garelli.

“Ele teria orgulho de você, Valentina”, foi o que disse o policial. Estranhamente, essas palavras a confortam.

Aproxima-se da porta vagarosamente, apesar de a chuva estar ensopando o seu vestido e a sua lingerie também. Toca a campainha com hesitação, ouvindo um eco pelo corredor. Espera. Por um momento, pensa que está salva. Na verdade, está quase saindo pelo portão e voltando para a rua quando a porta se abre subitamente. Por um segundo, fica emudecida. Estão cara a cara e, o que é o mais impressionante, é que ele é idêntico a Mattia, o irmão, só que moreno. Seu pai também não diz nada, parecendo tão chocado quanto ela. Fica pálido como a parede atrás dele, boquiaberto.

— Tina? — murmura, parecendo confuso e frágil.

Entendeu. Ele deve achar que é a mãe dela.

— Não — diz, recuperando a voz. — Não, sou a Valentina.

Ele sabe quem ela é. Claro que sabe. Parece se recompor e a sua cor começa a voltar.

— Valentina! Claro! Bem... que surpresa.

— É, acho que sim — diz sem saber o que falar em seguida.

— Entre — oferece. — Você está ficando encharcada.

Valentina entra no hall. Tem cheiro de sândalo e é decorado com opulência: carpete de veludo vermelho e paredes brancas lustrosas com quadros de todos os estilos, desde pinturas flamengas a trabalhos abstratos modernos. Impossível não pensar que Théo adoraria este hall e todas as obras.

— Posso te servir uma xícara de chá? — pergunta.

Ele não a confronta, nem pergunta por que ela está aqui. Na verdade, passado o choque inicial, parece muito relaxado na presença dela. Isso a surpreende e faz

com que fique um pouco brava. Ele não deveria ter a decência de parecer um pouco envergonhado?

Ela o segue até uma cozinha espaçosa com uma grande mesa no centro. Mais uma vez, as paredes exibem muita arte.

— Por favor — diz —, sente-se enquanto ferve a água.

Não dizem nada. Ela o observa encher a chaleira. Abre o armário e retira um bule com uma delicada estampa de rosas, assim como duas xícaras e dois pires com o mesmo design. Põe a louça na mesa e, em seguida, enche uma jarra com leite. Abre outro armário, pega um porta-bolo e tira a tampa. Valentina fica fascinada com tanta meticulosidade. Ele é tão diferente de sua mãe.

— Aceita um pedaço de bolo de cenoura? — pergunta. — Eu mesmo que fiz.

Balança a cabeça, surpresa com o fato de que o *ex* de sua mãe sabia assar um bolo.

— Não, obrigada. Só o chá está bom.

— Tem certeza? — parece um pouco ansioso. — Você deve estar com fome, está na hora do almoço.

— Não, de verdade. Não quero nada.

Ele fica desapontado e coloca a tampa de volta no porta-bolos antes de guardá-lo no armário.

Seu pai traz o bule para a mesa, enche as xícaras e se senta de frente para ela, esperando ansiosamente para ouvir o que ela tem a dizer. Está perdida. É surreal. Depois de todos esses anos, está tomando chá com seu pai — *o seu pai* —, o homem que é sua metade. Mas ele também pode ser um estranho.

— Bem — seu pai diz enfim —, como vai?

— Bem, obrigada — responde com firmeza.

— E seu irmão? — pergunta. — Espero que esteja tudo bem com Debbie e as crianças.

Valentina fica de queixo caído. Como ele sabe da família do Mattia? Foi a mãe dela que contou?

— E a Tina? — pergunta. Valentina nota uma leve contração no canto dos olhos dele quando pronuncia o nome dela.

— Estão todos bem — responde — nos Estados Unidos.

— Sim, eu sei. E você está morando em Milão agora?

— Nunca saí de lá. Eu fiquei — não consegue deixar de frisar a última palavra.

— Nunca voltei para Milão em todos esses anos, você sabe — diz melancolicamente. — Estou estabelecido em Londres agora.

Não pode acreditar na falta de tato dele. É estarrecedor.

— Então, o que a traz a Londres? — pergunta.

— Faço parte de uma exposição na Galeria Lexington, no Soho. Vim para o vernissage — omite o fato de que se trata de arte erótica. Não é bem o que ela quer explicar para o seu pai recém-encontrado.

— Que fantástico! Sua mãe deve estar tão orgulhosa de você.

— Ela não sabe — Valentina revela. — Não contei para ela.

— Oh! — seu pai parece confuso. — Por que não?

— Não nos damos muito bem.

— Sinto muito em saber disso — desculpa-se, dando um sorriso afável do tipo que se dá para um conhecido e não para alguém que é sangue do seu sangue.

Sente-se subitamente enraivecida. Como o seu pai ousa sentar-se na sua frente, frio como um pepino, agindo como se não tivesse feito nada de errado? Quer que ele se sinta tão desconfortável quanto ela, tão embaraçado e tão magoado também. — Por que você abandonou a todos nós? — explode agressivamente.

Pronto, falou. Finalmente, está perguntando por que ele a rejeitou. Não consegue olhar nos olhos dele enquanto espera pela resposta. Olha para a mesa da cozinha, contando os círculos no grão da madeira. Não ousa olhar para o rosto dele.

Ele não diz nada por um momento. Em seguida, explica:

— Me desculpe, mas as coisas estavam ficando muito complicadas. Eu gostava muito de você, Valentina. Você era uma coisinha tão adorável.

— Escuta aqui... — reclama, olhando com ódio para ele. — Como você pode falar da sua filha como se ela fosse uma boneca ou um bichinho de estimação que pode ser descartado?

A cor do rosto do pai dela desaparece e ele parece genuinamente chocado. Está mudo.

— Como você pôde me abandonar e também Mattia? — continua a agredi-lo. — Como você pode deixar que *ela* te afastasse dos teus próprios filhos?

Valentina tem um enorme ataque de indignação, mas seu pai coloca a mão sobre o seu braço. O toque dele é gentil e, para sua surpresa, isso a acalma.

— Valentina — diz com a voz carregada de preocupação — Eu não tinha a menor ideia...

— Do que você está falando? — interrompe, confusa.

— ... De que você não sabia.

— De que eu não sabia do quê? — aumenta a voz, em pânico. Olha para os gentis olhos azuis de seu pai e começa a suspeitar de algo, antes mesmo que ele diga.

— Valentina — Philip Rembrandt faz uma pausa como que tomando coragem.

— Eu não sou seu pai.

MARIA

ELA O TRANSFORMA. Antes de Maria, os filmes de Félix eram surreais, contos fantásticos muito admirados pelos jovens intelectuais parisienses. Agora ela é a musa dele. Inspirou-o a traduzir o conteúdo obscuro dos contos em aventuras eróticas. É a produção clandestina de filmes deles. Não é decadente, nem pornográfica, é a arte do amor. É só para eles.

Nesse novo mundo liberal no qual habita, Maria pode acreditar que o que estão fazendo não é imoral. Tudo desafia suas concepções. Assiste a peças que parecem não ter uma trama, mas apenas ideias puras — que Félix denomina de antiteatro —, nas quais as linguagens mais ultrajantes podem ser empregadas; escuta jazz — o que inflama sua essência sexual — e vai a exposições de arte erótica — uma delas era tão explícita que foi fechada pela polícia. Félix conta que se trata de desenhos eróticos do artista André Masson que, por sua vez, são uma resposta direta às experiências traumáticas vividas por ele durante a Primeira Guerra Mundial.

— Agora entendo que funciono da mesma forma, meu amor — Félix conta para ela. — Meus filmes são uma consequência da guerra: são a expressão livre daquele amor à vida... é isso que é o erotismo.

Maria examina os desenhos eróticos de Masson, observando a massa vertiginosa de corpos nus. Todos parecem ser de mulheres — com seios fartos, membros grandes — girando em direção ao céu, como um vulcão em erupção, em um êxtase conjunto. Pensa nos filmes que tem feito com Félix e quer perguntar a ele... está na ponta da língua... quais experiências traumáticas que viveu durante a guerra e qual é o mistério de sua esposa desaparecida. A mulher que Félix nunca menciona, mas que, desde que ficou sabendo de sua existência, nunca mais deixara o quarto do hotel. Está sempre lá, observadora imaginária atrás da câmera. Porém, não ousa perguntar. Teme que ele não a queira mais caso o pressione por respostas. Acha que morreria se isso acontecesse.

Os dias em Paris vão ganhando um ritmo natural. As manhãs são só para eles dois. Ficam até tarde na cama, até que o sol de verão esteja no alto do céu e que o calor dentro do quarto fique sufocante. Porém, isso não incomoda Maria, pois, para ela, são as melhores horas do dia. Félix é todo dela. Sem câmera rodando, como deve ter sido o caso da noite anterior. Até que faria sentido filmar à luz do

dia, mas nunca parece apropriado fazer isso durante a manhã. Precisam do cenário noturno, do toque do vinho e da comida misturando-se com os outros sentidos, do sabor de Paris agitando o sangue que corre pelas veias dos amantes, deixando-os despudorados e devassos quando Félix liga a câmera. Confia que ele nunca vá mostrar estes filmes para mais ninguém. Imagina os dois juntos já velhinhos, depois que os filhos crescerem, os netos... imagina que encontram esses filmes antigos e assistem. Vão ter ficado todos esses anos juntos e continuarão apaixonados, cheios de nostalgia ao reverem seu amor registrado em branco e preto.

Nestas manhãs parisienses, no pequeno quarto abafado, Maria deixa Félix decidir o que vão fazer. Às vezes, ele gosta de dar prazer apenas para ela; às vezes, ele quer fazer amor com ela. Todo o seu discernimento racional, sua sensatez, se foi. Imagina que sua racionalidade é um pequeno pássaro azul que fugiu pela janela para voar por Paris. Não se importa se ela não voltar para ele.

No começo da tarde, estão com fome. Vestem-se rapidamente — normalmente, ele insiste para que ela use um dos vestidos novos que comprou para ela. Não sabe de onde vem o dinheiro, mas decide não pensar nisso. Vão almoçar em algum bistrô local. Normalmente, alguns artistas amigos de Félix vão se juntar a eles e, depois de dividirem a primeira garrafa de vinho, a conversa vai ficando mais animada. Então, decidem o que irão fazer pelo restante do dia. Vão a uma exposição de arte ou comprar roupas novas. Félix não só renovou o guarda-roupa dela, mas o dele também. Chega de paletós de tweed de Londres; agora, ele usa ternos feitos sob medida e sapatos engraxados. Corta o cabelo mais curto, o que o deixa mais jovem. Todos os dias, vai ao barbeiro. Maria nunca mais sentiu a aspereza de uma barba por fazer. Agora o rosto dele é tão macio quanto bumbum de bebê.

No começo da noite, podem ir assistir a uma peça ou a um filme — talvez um novo *film noir* americano ou um filme francês. Isso Maria adora — refugiar-se na escuridão do cinema, perdida em um universo paralelo. Félix a leva para assistir *A Bela e a Fera*, um filme dirigido por um amigo, Jean Cocteau. Ela se apaixona pelo filme-conto de fadas. Poderia fazer um paralelo com ela e Félix? Seria ele a fera em quem ela tem que aprender a confiar? O amor dela o salvará e o transformará em príncipe novamente? Para Maria, ele já é um príncipe, mas percebe que, com os outros, ele é menos delicado.

Lembra-se dos comentários de Jacqueline em relação ao seu homem e já viu como pessoas desconhecidas — até mesmo alguns dos amigos deles — às vezes reagem aos modos grosseiros de Félix e ao seu jeito cáustico. Isso a constrange e pergunta-se se ele tem consciência da impressão rude e difícil que passa para aqueles que não o conhecem. As pessoas sempre olham para ela de modo

compassivo. A única pessoa que parece não se importar com as grosserias de Félix é Madame Paget. Suspeita que seja porque ela é apaixonada por ele. Isso explicaria a hostilidade dela em relação a Maria.

Depois do teatro ou cinema, é hora de irem a um bar beber com os amigos, para então, talvez, comerem de novo e aí a noite começa para valer. Vão para uma boate ouvir as novas estrelas de jazz dos Estados Unidos, músicos poderosos que agitam as paixões de Maria quando tocam aquele som contagiante. Às vezes ficam tanto que emendam com o café acompanhado de croissants quando uma nova manhã se anuncia e chega a hora de dormir. Em tais manhãs, eles não filmam. No entanto, na maioria das noites, voltam para o seu pequeno esconderijo, preparam a câmera e criam uma nova cena. Normalmente, eles se filmam juntos — é o que Maria acha mais erótico —, mas, às vezes, Félix quer filmar só ela. Senta-se na cama, de frente para ele, olhando diretamente para as lentes como se fossem os olhos do seu amante, e fala com ele.

— Eu te amo — Maria diz. Repete enquanto se masturba e vai se aproximando do êxtase. Resiste a fechar os olhos e continua encarando a câmera, imaginando que Félix vai assistir a esse filme de novo; um dia pode ser que esteja sozinho e vai lembrar-se do quanto ela o amou. Espera que o registro de seu orgasmo em frente à câmera seja uma prova do quanto ela confia nele, pois mostra que só a ideia do amor dele já é o suficiente para proporcionar tanto prazer a ela. Não quer esconder os seus sentimentos.

Ficam viciados na urgência da paixão. São levados a fazer aquilo que é proibido. Uma noite, quando voltaram da boate, Maria pediu que Félix fizesse amor com ela no elevador do hotel. Dessa vez, esquecem-se da câmera, pois precisam ficar escondidos. Apesar de parecer que Madame Paget se retirou para os seus aposentos, é uma criatura bem noturna. Maria imagina como ela reagiria caso os surpreendesse.

Félix aperta o botão para chamar o elevador e os dois escutam a velha máquina ranger até o térreo. O coração de Maria começa a bater rápido e ela olha para ele, que retribui o olhar com um sorriso maroto, como que conspirando. O elevador dá um solavanco quando para. Félix empurra a grade e a conduz para dentro, tirando um lenço preto do bolso.

— Você quer que eu tape seus olhos? — a voz dele fica mais fria, como se tivesse assumido outra persona.

— Sim — Maria sussurra a meia-voz.

Fica de frente para a parede do elevador. Félix examina as barras de ferro, a estrutura do metal. Maria está literalmente em uma gaiola. Claro que é livre para parar o jogo a qualquer momento, mas a sensação de estar presa em uma armadilha a excita. Isso é surpreendente porque nunca gostou de espaços

confinados. Talvez seja porque se sente muito segura com ele. Ele está com ela naquela gaiola. Não é uma prisioneira solitária. Félix ajeita o lenço ao redor dos olhos de Maria e amarra-o com força atrás da cabeça, beijando-lhe a nuca e causando-lhe um arrepio por toda a extensão da espinha. Ele a vira, encosta seu rosto no dela e leva a mão entre as pernas, tocando-a delicadamente com a ponta do dedo.

— Você confia em mim?

— Sim — Maria fala com intensidade.

Ele retribui e beija-a profundamente. Então para e se afasta. Ouve a porta começar a deslizar, depois o barulho da tranca e então o elevador dá outro solavanco, voltando a se mover, subindo lentamente.

Félix vem até ela e a beija de novo. Segura a cintura dela com uma mão enquanto a outra levanta lentamente o vestido. Agora ele põe as duas mãos por baixo da roupa, uma de cada lado da cintura. Maria não está usando calcinha esta noite — costuma fazer isso para excitá-lo quando dançam, pois ele pode sentir a nudez dela por baixo do vestido. Enfia os dedos nela, afastando seus lábios vaginais e massageando-a delicadamente. Os joelhos de Maria começam a enfraquecer e, mais uma vez, sente que está sendo tomada pelo seu outro eu — seu lado obscuro e ardente no qual toda razão e toda lógica são completamente descartadas. A sociedade diria que são depravados por transarem em público, mas não parece errado que Félix a encha de prazer em um elevador. Félix dá e Maria recebe: são papéis sagrados.

O elevador para. Sente Félix se inclinar, apertar um dos botões e, em seguida o elevador recomeçar seu caminho em direção ao térreo. E se alguém estiver esperando na recepção do hotel? E se forem descobertos? Esse pensamento a excita ainda mais. Félix a encosta nas grades. Ela levanta os braços, agarrando as barras de ferro, enquanto ele levanta as pernas dela e as enrosca em torno da cintura. Ainda pulsando com a massagem que recebe na vagina, sente seus mamilos se retesarem, enquanto vai ficando molhada e dócil. Agora Félix está dentro dela, pressionando-a contra as barras. O elevador ainda está descendo e ele enfia cada vez mais rápido. Maria sabe que não consegue parar. Pode tirar a venda e fazer o elevador parar quando quiser, mas não quer que a sensação de êxtase que experimentam acabe. Mas ele desacelera e então para. Ela prende a respiração, pensando ouvir vozes... mas tudo está silencioso. Em seguida, percebe o elevador funcionar novamente, desta vez subindo. Félix a penetra fundo de novo e, agora, ambos movem-se para frente e para trás, loucos para se satisfazerem antes que o elevador chegue ao destino.

Maria cavalga Félix para cima e para baixo dentro do pequeno cubículo com grades. Sua parte mais primitiva está exposta. Está numa transa selvagem, é uma

mulher além de qualquer sentido próprio. Embora seja um receptáculo, vibra com as próprias sensações. Tira a venda para poder ver o seu amor. O olhar dele também a penetra fundo. Sente o calor do amor quando gozam, caindo no chão com seus corpos vibrando um em volta do outro.

No quarto, jogam-se na cama e dormem o sono profundo dos saciados. A manhã traz nova esperança ao coração dela. Acorda antes dele e observa o seu rosto tranquilo sobre o travesseiro. Reza para que esse amor se sustente dessa forma para sempre, porém, lá no fundo, sabe que tudo isso é transitório. Sabe que, um dia, o ritmo do mundinho deles vai se abater. Reza para que consigam continuar, ainda que tenha que mudar, ainda que a realidade um dia se instale. Não se esqueceu da esposa de Félix, nem do homem de cabelos grisalhos. Está apenas deixando-os esperar pela vez deles. Por ora, Félix é só dela.

Esta manhã ela o acorda com seus lábios. Escuta os gemidos de seu amante enquanto o estimula com a boca, girando a língua em volta das bolas e subindo até a base do pau. Vai chupando até chegar à cabeça e lambe também a extremidade. Abre bem a boca e o engole bem fundo, até a garganta, pois o idolatra tanto que quer se entregar toda.

Naquela mesma noite, começam um novo jogo. Na verdade, é ela quem começa. É difícil acreditar que, apenas um mês atrás, Maria era inocente e nunca tinha sido tocada por um homem. Agora Félix a libertou. Acredita ser uma amante muito melhor do que a bailarina que já foi um dia.

Estão em uma de suas boates favoritas, cercada de uma nova multidão onde se veem muitos jovens americanos, ex-pracinhas estudando em Paris ou gente que veio como parte do Plano Marshall para trabalhar com a nova Administração de Cooperação Econômica.

Esses jovens homens americanos foram bem alimentados durante quase toda a vida. São maiores e mais altos do que os franceses. Claro que ela é louca por Félix — ele é o homem do seu coração —, mas não consegue deixar de passear os olhos pelos corpos desses jovens cheios de energia. Como seria fazer sexo com um deles? Fica imediatamente chocada com essa ideia, e parece que Félix leu seus pensamentos.

— Vi você olhando para eles — diz. — Você quer que eu convide um dos nossos novos companheiros para vir conosco para casa, minha querida? — sorri para ela.

— Não, de jeito nenhum — diz, ruborescendo e baixando os olhos.

Félix coloca a mão na cintura dela e sussurra em seu ouvido:

— Gosto da ideia. Eu, você e mais alguém... e você?

— Uma mulher não — diz imediatamente. Não poderia dividir seu amor com nenhuma outra mulher, mas talvez com um homem... Não, no que está

pensando?! Bebeu demais. Mas, agora, parece que Félix já enfiou essa ideia na cabeça. Ele se vira para conversar com um tipo alto, parecido com James Stewart. Maria começa a entrar em pânico. Não quis dizer aquilo, não mesmo. Só quer fazer amor com Félix. Consegue tirá-lo de perto do americano e levá-lo para a pista de dança.

— Você parece preocupada — diz, sorrindo maliciosamente.

— O que você estava falando para aquele homem? — pergunta.

— O nome dele é Richard e ele é um jovem interessante. Trabalha na embaixada. Convidei-o para tomar uns drinks no nosso hotel.

— Félix!

— Minha querida, esse jogo foi ideia sua...

— Mas agora eu não quero — diz, quase chorando.

Ele beija os lábios dela, todo doce e preocupado, sem provocá-la. — Ok, minha querida — diz, confortando-a. — Não se preocupe. Vou cancelar o convite. Para ser honesto, não sei se teria aguentado...

* * *

Mais tarde, de volta ao hotel, ele a filma de novo.

— Pense em mim — Félix a seduz. — E pense em Richard.

Os dedos de Maria se suavizam, ficam umedecidos e ela imagina que são a língua de Félix, que é de manhã e que ele está na cama com ela, acariciando-a. Começa a se pressionar, fazendo círculos. Instintivamente, as pernas caem para os lados e ela fica à mostra. Escuta a câmera começar a rodar. Continua a deslizar as mãos, abandonando seus pensamentos racionais em direção a um lugar de instinto. Abre os olhos e não vê apenas Félix e a câmera; imagina, surpresa, que Richard está com ela, sentado na cadeira e observando-a com os olhos arregalados. Ela lambe os lábios para mostrar o que faria com o pau dele se pudesse e continua a se acariciar. Os olhos viajam pelo rosto dele. Imagina a barba por fazer no queixo do americano roçando sua boceta macia, os lábios beijando-lhe o clitóris. Mira o peitoral robusto, protegido por uma camisa justa, e chega até as coxas. Pode ver como o pau dele está duro, querendo arrebentar a calça. Ela suspira, encosta na cabeceira da cama e volta a fechar os olhos. Está chegando cada vez mais perto, mas não quer gozar, não sozinha.

— Oh — geme, abrindo as pernas ainda mais.

Félix não consegue mais se segurar. O colchão afunda quando ele sobe na cama e se coloca em cima dela. Maria abre os olhos para olhar dentro dos olhos dele. Seu amor voltou. Em sua fantasia mais profunda, está com Félix e Richard. Maria e dois homens a chupando. Não sabe se um dia realizará essa fantasia. Félix desabotoa as calças. Ela para de se tocar e leva a mão até o pau dele.

Percorre-o com os dedos para cima e para baixo, sente uma gota de sêmen na extremidade e colhe-a, levando o dedo à boca. O gosto, tão salgado e ao mesmo tempo tão doce, faz seu ventre se contrair de desejo. Ela segura novamente o pau. Lateja pensando nele fundo dentro dela e, então, lentamente, guia-o para dentro de si.

Não ouve mais a câmara. Agora ela é uma parte de Félix; desapareceram os pensamentos com outro homem. Envolve-o com as pernas pela cintura, abraça-o pelo torso e começa a se mover em sincronia com ele. Seus corpos se entendem perfeitamente. Fecha os olhos de novo, perdendo-se no éter da paixão. Félix e ela são só sensação. Juntos, vão chegando cada vez mais perto e a transa fica cada vez mais furiosa. Não pode parar agora. Quer que o esperma dele se derrame e Félix então goza, produzindo uma chuva de êxtase nela. Ela grita, vibrando ao redor do pau dele, encharcando-se com a essência dele. Imagina o sêmen preenchendo suas entranhas, escorrendo por suas coxas como uma calda preciosa. Essa unidade, esse breve instante no qual o óvulo e o espermatozoide se conectam, é o que ela vinha buscando durante todas essas semanas com Félix. Porém, continuará buscando isso pelo restante da vida. Pois Maria não sabe que esta será a última vez em que ela e seu amor serão um só, que este é o último precioso milissegundo de paixão entre eles.

VALENTINA

VALENTINA ESTÁ VERMELHA de raiva enquanto caminha pela Rua Finchley em direção ao metrô. Horas depois, ainda não conseguiu se acalmar. Sabe que não está no melhor estado de espírito para ir à festa de Anita. Está tão puta que não sabe como pode acabar se comportando, mas também não está interessada em ficar em casa, ainda mais com Tia Isabella lá, uma mulher que faz com que se lembre de sua mãe e, conseqüentemente, de como foi enganada por ela durante toda a vida. Uma hora atrás, recebeu uma mensagem de texto de Antonella, convidando-a a acompanhá-la e a Mikhail, esta noite, numa festa de fetiche da Torture Garden, no Ministry of Sound. Recusou. Sua missão é reconquistar Théo. Mesmo a revelação de hoje, que a deixou furiosa, não vai destruir a sua única chance. Como sua mãe conseguia sabotar a sua vida mesmo estando a quilômetros de distância?

Valentina passou a tarde inteira com Philip Rembrandt. Aceitou o bolo. Na verdade, comeram todo o bolo de cenoura juntos enquanto ele tentava explicar para Valentina quem era ela.

— Durante toda a minha vida, pensei que você fosse meu pai — disse enquanto ele olhava para ela com aqueles olhos azuis sóbrios. — Tinha tanta raiva de você por ter-nos deixado... e da minha mãe por ter te deixado partir.

— Não foi assim, Valentina — Phil disse. — Era complicado — corta outra fatia e serve no prato dela. — Eu não queria deixar Tina de jeito nenhum, mas estava trabalhando em uma reportagem superquente envolvendo a Máfia. Recebi algumas ameaças de morte, então não quis colocar minha família em risco. No início, foi por isso que parti.

— Mas por que você não voltou depois, quando já estava seguro? — Valentina deu uma mordida na massa molhadinha.

— Sua mãe me disse para não voltar. Disse que ia se mudar para Berlim com você, já que Mattia tinha ido morar nos Estados Unidos.

— Então, se não sou sua filha, e Mattia? Ele é seu filho? — perguntou.

— Sim, ele é — Phil disse, parecendo envergonhado.

Saber que ela e seu irmão não são filhos do mesmo pai a machucou ainda mais.

— Então você tem falado com ele todos esses anos? — Valentina se lembrou

do comentário de Phil sobre a esposa de Mattia e os filhos deles, como se os conhecesse.

— Sim — disse, constrangido. — Eu os visito uma vez por ano, às vezes duas.

Valentina ficou magoada. Não tinha apenas sido enganada pela sua mãe, mas pelo seu irmão também. Esperava isso de Tina, mas de Mattia? Achava que ele realmente gostasse dela.

— Por favor, não culpe Mattia — Phil disse. — Tenho certeza de que ele quis te contar, mas certamente Tina deve ter insistido que era melhor você não saber.

— Mas por que não?

— Realmente, não consigo entender por quê. Foi tudo muito conturbado. Como te disse antes, achei que você soubesse, Valentina.

Ficaram em silêncio por um instante.

— Quão conturbado pode ter sido para que você me deixasse e nunca voltasse a me procurar? Ok, não sou sua filha de verdade, mas achei que fosse. Como você pôde fazer isso?

Phil pareceu sinceramente consternado.

— Fiz isso para protegê-la. Senti demais a sua falta, Valentina.

Mexeu-se na cadeira, levantou-se e andou pela cozinha.

— Achei que estava fazendo o melhor para todos nós. Além disso, como não sou seu pai de verdade, não tinha direito algum porque eu e sua mãe nunca fomos casados —virou-se para ela, juntou as mãos e olhou para ela como quem pede perdão. — Gostava tanto de você, Valentina. Partir foi muito difícil, mas realmente temia pela segurança de vocês. As pessoas que eu estava expondo eram muito, muito perigosas.

— Por quê? Quem eram essas pessoas?

— Estava escrevendo um texto sobre o chefe da Máfia em Nova York, um cara chamado Caruthers, e a família dele, que vivia no sul de Nápoles. Durante minha pesquisa para a reportagem, encontrei provas contundentes sobre a relação deles com três assassinos bem sujos dos arredores de Nápoles. Passei essa informação para a polícia.

Valentina lembrou-se da conversa que teve com Garelli no dia em que viajou de Milão para Londres. Disse que Philip Rembrandt tinha salvado a vida dele.

— Infelizmente, minha fonte na Máfia só falava comigo. Finalmente, consegui convencê-la a conversar com um amigo meu da polícia, Garelli.

Valentina não o interrompeu. Podia contar sobre sua conexão com Garelli depois.

— Mas foi uma emboscada... Houve um tiroteio. Levei um tiro e passei várias semanas no hospital. Sua mãe ficou furiosa quando descobriu sobre o

perigo ao qual expus todos nós.

— Você levou um tiro onde?

Phil deu um tapa no ombro esquerdo.

— Foi só um ferimento aqui, mas foi a oportunidade para Garelli pedir reforços.

— O que aconteceu no final?

— Derrubamos Caruthers, revelamos toda uma rede de tráfico de entorpecentes sob seu comando, mas fizemos muitos inimigos. Era perigoso demais continuar na Itália. Mattia já estava nos Estados Unidos, então sugeri para Tina que fôssemos encontrá-lo ou que nos mudássemos para Londres juntos, mas ela pensava diferente.

— Então você quis que a gente fosse com você?

— Sim, mas sua mãe insistiu que ia se mudar para Berlim. Disse que eu poderia ir também se quisesse.

— Mas nós não fomos para Berlim. Digo, lembro vagamente que passamos uma semana fora quando você foi embora... Pode ter sido Berlim... Mas, ao final, voltamos para Milão — Valentina resgatou a memória de quando era uma garotinha. Teve uma cidade que visitou com sua mãe quando tinha cerca de seis anos. Sua mãe nunca falou sobre essa viagem para ela.

— Não percebi que vocês não tinham se mudado definitivamente porque sai de Milão antes. Durante anos, não soube que vocês continuavam lá, não até que Mattia me contatou de novo... E aí era realmente tarde demais para voltar. Você já era quase adulta e não quis te perturbar.

— Você já tinha perturbado — deu um leve tapa nele. Virou-se de costas. Não aguentaria ver a cara de arrependimento dele. Olhou pela janela da cozinha. Ficava no subsolo, então ela podia ver os pés das pessoas passando na calçada acima deles. Viu que continuava chovendo, apesar da quantidade de pedestres usando sandálias e sapatos leves. Seriam as pessoas otimistas ou apenas tolas como ela? Perguntava-se enquanto olhava para o próprio sapato — um par de sandálias anabela da MaxMara, cujo veludo clarinho estava sujo da chuva.

— Me perdoe, Valentina. Você tem que acreditar que achei que não tinha outra escolha a não ser partir. Achei também que você soubesse que não sou seu pai de verdade. Mattia nunca me falou nada.

— Por que não fomos todos para Berlim? — perguntou, tristonha.

— Não fui porque não conseguia mais.

— Não conseguia o quê? — olhou para ele, examinando seu rosto. Mais uma vez, ficou impressionada com a similaridade dele com Mattia. Finalmente, o homem das fotografias era um homem real sentado de frente para ela na mesa.

— Ser aquilo que Tina considerava o parceiro ideal: um homem que a ama

independentemente de com quem ela dorme; um homem que sempre irá apoiá-la, apesar da promiscuidade dela — suspirou e cortou mais um pedaço de bolo para ele. — Achei que poderia ser esse homem. Amava tanto sua mãe, mas, um dia, não conseguia mais, Valentina.

As palavras dele mexeram com ela. Fez um paralelo com ela e Théo: pensou em tudo pelo que Théo tinha passado no ano passado para tentar provar que a amava, pouco importando o que ela fizesse...

— Por que não me levou com você? — disse com a voz baixa.

— Você não era minha. Além disso, Tina me disse que estava te levando para Berlim para que você vivesse com seu pai verdadeiro. Ela queria que eu fosse também. Queria que vivêssemos todos juntos. Uma grande família feliz — falou com a voz azeda.

— Meu pai verdadeiro é alemão? — Valentina perguntou e seu coração começou a bater forte.

— Não. Ele vivia em Berlim, mas era de Praga.

Valentina sentiu-se encolher na cadeira. Olhou para Phil Rembrandt e, apesar de não o ver desde que tinha seis anos, percebeu que nunca se esqueceu dele. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar. Ele foi parte dos seus primeiros seis anos de vida. Seu lado adulto estava começando a entender por que ele foi embora, mas seu lado infantil não sabia se podia perdôá-lo.

— Mais chá? — Phil perguntou, segurando a chaleira, olhando para ela com ansiedade.

Ela balançou a cabeça, aceitando.

— Me perdoe, Valentina — disse de novo. — Deveria ter voltado de qualquer jeito, independentemente do que Tina tenha dito — encheu o bule com água e jogou mais dois sachês. — Mas estou contente que você tenha me encontrado. É melhor não haver mais segredos — deu um sorriso hesitante enquanto servia o chá e oferecia um pouco de leite para ela.

Valentina segurou a xícara de chá entre as mãos, tentando processar todas essas novas informações.

— Então, me conta, quem é meu pai de verdade?

— Nunca o conheci, mas ele era um músico tcheco que ela conheceu em Berlim, um violoncelista. O nome dele era Karel. Não sei o sobrenome — passou a mão pelos cabelos grisalhos. — Não faço ideia de onde ele esteja agora. Você deveria falar com a sua mãe.

As palavras de Phil Rembrandt ecoam dentro da cabeça dela: “Você deveria falar com a sua mãe”. Mas como é possível ter uma conversa dessas ao telefone? Tem certeza de que sua mãe vai desligar na sua cara. Está tão brava com ela e

com Mattia. Também sente um tipo de vergonha, é estranho. Ela é um acidente: um erro que sua mãe nunca pode apagar. Talvez seja por isso que não se sinta tão amada quanto Mattia. Valentina é a lembrança de um caso que deu errado, é isso que deve ter acontecido, já que nunca se mudaram para Berlim. Sua mãe perdeu Phil Rembrandt sem motivo algum.

Apesar de sua indignação por se sentir abandonada por ele, Valentina começa a gostar de Phil. Ele é tudo o que sua mãe não é: racional, carinhoso e honesto.

Passou a tarde quase toda conversando com ela e dando bolo para ela comer. Espontaneamente e sem hesitar, ele parou a vida dele por ela neste dia. Sente que sua mãe nunca fez nenhuma dessas coisas.

* * *

Enquanto pega o metrô a caminho da festa de Anita, a raiva de Valentina e os pensamentos sobre sua família finalmente começam a se acalmar. Não pode ficar desse jeito agora, não na noite em que irá reconquistar Théo. Tenta analisar cada palavra que ele disse desde que chegou a Londres para decifrar se ele quer que voltem. Lembra-se do encontro deles no Tate e da certeza que teve de que ele ainda a amava. No entanto, ele se recusa a terminar com Anita, sendo que sequer dormiu com ela. Valentina tem que convencer Théo que o ama. Tem que ser implacável e não pensar nos sentimentos de Anita. Esta é a noite de sua busca. Depois disso, se Théo rejeitá-la, ela poderá encarar o restante da vida sabendo que fez tudo o que podia para não o perder. Está tremendo, apesar de o metrô estar quente e lotado. A ideia de passar o restante da vida sem Théo deixa-a arrepiada.

Valentina anda à beira do South Bank, passa pela London Bridge e, então, pela Tower Bridge. Segue as coordenadas de Anita detidamente, entrando em uma área residencial de prédios de apartamentos com vista para o rio ligados entre si por passagens. Atravessa uma pequena ponte e pega uma rua estreita à direita, repleta de antigos armazéns que foram convertidos em apartamentos de última geração. Sua entrada é liberada por meio de um videofone. Tomada pelo nervosismo enquanto sobe o elevador, deseja que Antonella estivesse consigo, apesar de ela desaprovar Théo. Ou, ainda melhor, Leonardo. Seria bom poder contar com um apoio. Usando uma minissaia Mary Quant que herdou de sua mãe e uma jaqueta preta bem curtinha tipo motociclista, Valentina pode parecer totalmente descolada, mas, por dentro, ainda é a amante rejeitada, insegura e desesperada para recuperar o seu homem.

O apartamento de Anita é um sonho. Valentina é recebida por uma mulher jovem de cabelos ruivos, espetados e curtos, com olhos maquiados com traço de delineador estilo gatinho e usando um vestido de paetês azul metálico.

— Oi, sou a Chloe, prima da Anita, — a garota diz, com um sotaque claro e perfeito, apesar do barulho ao fundo de música e conversa.

— Valentina.

— Ah, já sei tudo sobre você. Entre — Chloe diz, oferecendo-lhe uma taça de espumante.

Valentina tenta não ficar boquiaberta com o esplendor do apartamento de Anita. É um *loft* gigantesco, decorado com o que há de mais novo e mais lindo, tendo como fundo o Tâmesa e o horizonte da cidade. Pode ver a Tower Bridge por cima do rio escuro e as luzes e a energia de Londres flamejando do outro lado. Todas as paredes do apartamento exibem obras de arte que parecem caras. É interessante notar que são, sobretudo, nus. Lembra que Anita contou que o avô dela era um colecionador de arte e literatura eróticas, então, obviamente, estas devem ser as obras que herdou do acervo dele. Espia a charmosa Anita em um vestido de seda magenta de frente única passeando entre os convidados. O cabelo loiro dela está solto esta noite, esbanjando cachos que caem sobre as costas nuas. No entanto, não vê Théo em lugar algum. Sente um aperto de ansiedade no estômago. Anita a vê e acena, passando entre os amigos para chegar até ela.

— Estou tão feliz que você tenha vindo — diz, efusiva, cumprimentando-a com dois beijos. O cheiro dela é tão luxuoso quanto o apartamento.

— Sua casa é incrível — Valentina diz, dando um leve passo para trás. Já está se sentindo culpada pelo seu plano de roubar Théo dessa mulher de rosto tão doce.

— Eu tenho sorte — Anita admite. — Mas, como te disse antes, todas estas obras incríveis foram herdadas de meu avô.

— É um acervo bem impressionante — Valentina comenta.

— Sim, ele é e eu estou tão, tão feliz por você estar aqui porque descobri uma coisa que acho que vai te deixar fascinada.

Valentina olha para ela com interesse.

— Lembra da minha instalação *O princípio de O*?

— Claro.

— Bem, acredito que a atriz do filme seja precisamente uma mulher italiana chamada Maria Brzezinska. Faz sentido porque o filme foi feito por Félix Leduc e ela aparece no antigo filme de dança que o Théo te entregou, lembra? — Anita diz, feliz com a revelação que está fazendo. — Não é demais? O nome dela não aparece nos créditos, mas li sobre isso na biografia de Félix Leduc, e o escritor, um homem chamado René Mauriac, conheceu Leduc e os sócios dele. Ele fala no nome dela e diz que Leduc e Maria foram amantes e que, no início, esses eram os filmes pessoais deles. Só Deus sabe como conseguiram sobreviver e

como se tornaram públicos. Isso não é maravilhosamente emocionante?

Valentina fica sem ar. Por acaso Anita acabou de dizer que sua avó materna foi uma estrela pornô dos anos quarenta?

— Deve haver algum erro — protesta, lembrando todas as histórias sobre como sua avó era uma católica devota. — Minha avó pode até ter sido bailarina, mas, juro para você, é impossível que ela tenha vivido em Paris no final dos anos quarenta, atuando em filmes eróticos... e, quanto a ser amante de Leduc, bom, parece totalmente improvável.

— Mas é ela, Valentina — Anita insiste. — Fiz a minha pesquisa, sabe? René Mauriac é muito claro quando diz que ela deixou a Lempert Dance School e foi para Paris com Félix Leduc em julho de mil novecentos e quarenta e oito.

Valentina franze as sobrancelhas, ainda não conseguindo acreditar. Lembra-se de novo de sua mãe descrevendo a sua avó: era não apenas religiosa, mas também tímida, quieta e recatada. Ao mesmo tempo, é verdade que, apesar da ligeira falta de foco da gravação a que assistiu ontem, sentiu que aquela mulher parecia familiar. Seria realmente possível?

— Mauriac escreveu que Leduc a conheceu quando ela estava estudando para se tornar bailarina.

— Théo me disse que ela era bailarina, mas foi a primeira vez que ouvi isso.

Anita olha para ela com curiosidade.

— Não tinha a menor ideia de que você não sabia que ela tinha sido bailarina, nem que tinha vivido em Paris.

— Minha avó morreu antes do meu nascimento. Nunca a conheci.

— Sinto muito — Anita diz. — Realmente achei que você soubesse tudo a respeito dela... a não ser pelos filmes, claro.

Se Théo e Anita estiverem certos, sua avó teria sido bailarina e participado de filmes eróticos. É possível que sua mãe tenha omitido essa informação; afinal de contas, acabou de descobrir que ela mentiu sobre seu pai a vida toda. Mas por que ela faria isso? Achava que sua mãe teria orgulho dessa herança libertina.

— Então, o que mais Mauriac escreveu no livro?

— Escreveu sobre o quanto Leduc amava Maria. Porém, o capítulo termina meio que abruptamente e, no capítulo seguinte, o livro salta cerca de três anos. Não tenho ideia do que aconteceu com Maria no final ou a razão pela qual eles não deram certo. Leduc acabou se casando com outra pessoa.

Valentina vira seu espumante. Então, como é que sua avó Maria deixou de ser uma parisiense de alma livre e se transformou em uma milanese conservadora? Isso é chocante. Primeiro, as revelações sobre seu pai e, agora, está descobrindo que a dona de casa devota da sua avó era, na verdade, uma estrela de filmes pornô.

— Meu Deus — Anita diz. — Você está bem? Parece um pouco abalada.

— Bem, é um choque descobrir uma coisa dessas.

— Sim, descobrir os segredos de nossos ancestrais pode mudar quem somos, não é?

Anita parece pensativa por um momento.

— Você vê essas pinturas e desenhos eróticos nas paredes? — diz, fazendo um movimento em forma de arco com o braço, apontando para a sala de estar. — Todos pertenceram ao meu avô. Ele era um colecionador de arte em Londres nos anos cinquenta. Deixou metade do acervo para mim e metade para minha prima, Chloe.

— É uma coleção excepcional — Valentina diz educadamente.

— É graças ao meu avô que tenho paixão por arte. E, também, é graças a ele que pude desenvolver meu trabalho artístico sem ter problemas financeiros. De vez em quando, vendo um quadro.

Valentina sente uma leve pontinha de inveja. Como não seria a sua vida se pudesse deixar o trabalho do dia a dia de lado e se concentrar apenas na fotografia artística? Porém, ao mesmo tempo em que pensa nisso, lembra-se de que gosta de ter o seu próprio dinheiro, de saber que tudo o que tem é mérito seu.

— Quer ver minha obra favorita? — Anita pergunta e, sem esperar pela resposta, pega Valentina pela mão e atravessa a sala lotada de convidados, segue um longo corredor e vai até o final do apartamento. Entram em um cômodo que deve ser o quarto dela: um boudoir adequado para uma bailarina burlesca, papel de parede em algodão nas três paredes e um divã de veludo no meio do quarto. A quarta parede — de frente para cama — é pintada de branco e expõe um grande quadro de estilo Impressionista. A imagem mostra duas mulheres deitadas em uma cama, uma de costas e com um dos braços esticados e apoiados na testa, enquanto a outra está inclinada sobre ela, olhando para ela. O olhar da primeira mulher não está focado no rosto da outra, mas perdido em algum ponto entre as duas. Estão muito próximas uma da outra, parcialmente cobertas por anáguas. A pintura é cheia de insinuações. A primeira mulher está olhando para o quê? O que a segunda mulher está fazendo com ela?

— O que você acha? — Anita pergunta, parada bem atrás dela; Valentina pode sentir sua respiração em seu pescoço.

— É maravilhosa; lembra um pouco Toulouse-Lautrec.

— É Toulouse-Lautrec!

— Uau! Deve valer uma fortuna.

— Razão pela qual meu apartamento está totalmente coberto de alarmes. O nome é *Abandon*. Simplesmente amo as entrelinhas desta obra.

— É incrivelmente erótico — Valentina vira-se e para Anita de forma curiosa. “Que jogo é esse? E *onde* está Théo?”

Anita se inclina para frente e enfia o cabelo de Valentina atrás da orelha.

—Você já transou com uma mulher, Valentina? — pergunta, dando um sorriso doce, quase estúpido

Em vez de afastá-la ou mudar de assunto, Valentina se sente atraída por ela.

— Sim, já — revela.

As duas mulheres se entreolham e Valentina sabe que algo poderia acontecer entre elas. Mas é Théo quem ela quer. Volta a considerar a ideia de um *ménage* como forma de mostrar para Théo que confia nele, mas será que ela é corajosa o suficiente para seguir adiante? Poderia dividi-lo com outra mulher?

O silêncio paira durante um longo minuto. Finalmente, Anita encolhe os ombros.

— Vamos voltar para a festa, então?

Já se passou pelo menos uma hora e nenhum sinal de Théo até agora. Valentina está determinada a não enviar uma mensagem de texto perguntando onde ele está e também não quer perguntar para Anita, que agora está rodeada de amigos glamorosos do outro lado da sala. Valentina está sentada em um enorme sofá com um grupo de estranhos do mundo da arte. Olha pelas amplas janelas francesas da sala com vista para o rio e para a Tower Bridge e ouve a música. Tocou Billie Holiday, Frank Sinatra, Marlene Dietrich e, agora, Valentina reconhece uma homenagem moderna às divas da música: o último álbum de Paloma Faith. Ela está cantando uma das suas músicas favoritas. Cada palavra que Faith canta em “Just be” parece ser sobre ela e Théo: a ideia de que poderiam envelhecer juntos e, não importa o que acontecer, permanecer unidos pelo restante de suas vidas. Seria possível? Seria isso apenas um percalço na história de amor deles? Enquanto permite que a voz poderosa de Faith melhore seu estado de espírito, reconhece várias pessoas que estavam na abertura da exposição na noite anterior. Não está tão deslocada assim, então. Kirsti Shaw está longe, do outro lado da sala, vestindo um macacão de seda preto e calçando um par de sapatos de salto *stiletto*. Poderia ir até lá conversar com ela. Mas reluta em se mexer. Está esperando por Théo. Espera que ele a veja assim que entrar na sala. Cruza as pernas e continua a olhar a vista.

Um pensamento passa pela sua cabeça: talvez Théo não apareça. Em nenhum momento, Anita mencionou a chegada dele enquanto estavam conversando mais cedo. Será que eles teriam terminado? Estaria então desperdiçando sua última noite em Londres em uma festa chata? Mas sente que ele vai vir. A tensão se instala na sua barriga como uma pedra pesada. De vez em quando, algum

homem aleatório tenta puxar conversa. Ela responde, mas não está lá, então ele logo desiste.

Olha através da janela à sua frente para o rio turvo e escuro, para a cidade sussurrando, para o céu noturno manchado de sépia pelas luzes da cidade. Está bebendo e imaginando Maria, sua avó, quando era uma jovem aluna de balé na Londres pós-guerra e, depois, quando participou de filmes eróticos no coração da Paris liberta. Era mais aventureira do que Valentina e sua mãe juntas. Ainda assim, a mãe de Valentina sempre criticou Maria. Disse que nunca a entendera. Bem, Valentina conhece essa sensação. Se um dia tiver uma filha, será exatamente como sua mãe e se esquecerá de como é ser a filha de uma narcisista?

Sente alguém sentando ao seu lado no sofá. Ele dá uma tossida educada, mas ela está distraída demais para responder. Tosse outra vez e, aí, a voz fala.

— Você transmitiu a mensagem?

Ela é arrancada de sua divagação por um sotaque inglês carregado. Sente pavor e seu coração afunda. Ela reconhece a voz. A última coisa de que precisa é o detestável Glen arruinando a sua noite. Pode sentir o cheiro dele. Não precisa nem olhar para o lado. Afasta-se, mas não há muito espaço. Lança um olhar furioso para ele. Está tão próximo que ela nota como as sobrancelhas dele são claras e os cílios, quase invisíveis.

— Eu te falei — diz friamente. — Eu e Théo não estamos mais juntos. Não tenho nada a ver com ele.

Glen aperta os olhos enquanto resmunga.

— Escuta, isso não é verdade, não é mesmo, Valentina? Vi vocês juntos na noite passada, na abertura da exposição.

Valentina lança um olhar petrificante.

— Aliás, o seu trabalho é muito interessante — Glen continua; sua voz soa sarcástica. — Apesar de que falei para Théo que acho vulgar demais pro meu gosto. Ele te defendeu bastante.

Ela vira a cabeça e olha pela janela; seu coração sente medo quando ele fala em Théo. Sobre o que os dois conversaram na noite passada?

— Se você não parar de me perturbar — repreende — eu vou até a polícia.

Glen fica calado.

— Você me ouviu? Estou falando sério! — vira-se para confrontá-lo. Porém, para seu total espanto, ele se foi e o lugar ao lado dela está vazio. Olha ao redor do quarto, mas não o vê em lugar algum. Será que ela imaginou que Glen estivesse lá? O cheiro dele permanece.

Valentina escuta alguém atrás de si. Reconhece instantaneamente a abundante risada melódica de Théo. Vira-se no sofá, segurando firme sua taça de

espumante e sentindo uma emoção crescer no peito. Ela o viu ontem, mas a presença dele na sala a petrifica. Não pode acreditar que, há exatamente um ano, tinha-o na palma da mão e deixou-o partir. Como pôde ser tão burra? Agora aí está ele: na frente dela, porém indisponível, pois, pendurada no braço dele, eis a deliciosa Anita com seu vestido magenta marcando o corpo perfeito e que parece irradiar paixão. Como Valentina pode se comparar a essa mulher sedutora, cheia de curvas sexy, com cabelos loiros ondulados, lábios carnudos e aveludados e com esses olhos de “vem me comer”? Ela é o tipo de mulher que deixa qualquer homem louco. Anita olha na direção dela e seus olhares se fixam instantaneamente. A rival de Valentina sorri para ela. Valentina sabe que Anita pode ver o desejo nela. Anita abre um sorriso e seus olhos escurecem enquanto olha para Valentina com a volúpia de uma satisfação perversa. O pensamento dela é tão óbvio, seu olhar é tão sugestivo. Está com cara de quem ganhou na loteria.

MARIA

MARIA ACORDA E percebe imediatamente que Félix saiu e que está sozinha na cama. Senta num rompante, alerta. Algo parece diferente. Uma brisa débil agita as folhas das árvores do lado de fora da janela, trazendo o aroma do verão para dentro do quarto. O som das folhas lembra o vento ondulando a laguna de Veneza e sente uma repentina pontada de nostalgia. Será que conseguiria persuadir Félix a ir com ela até Veneza e conhecer sua mãe e Pina? Gostaria que se casassem antes. Para isso, precisa saber se a esposa dele ainda está viva.

Ainda deve ser cedo, pois há pouco barulho nas ruas. Imagina onde Félix possa ter ido. Deveria estar com fome e foi buscar alguns croissants para eles na *boulangerie*. Porém, sente algo diferente no quarto. Está irracionalmente perturbada pela ausência dele. Desliza as pernas para fora da cama, senta na beirada e balança os pés. Pensa na última noite de amor que tiveram e no que aconteceu na boate mais cedo. Félix estava mesmo pretendendo fazer aquela proposta para o jovem americano? Admite que a ideia de dormir com os dois homens a excitou, mas adora Félix. Como poderia querer fazer amor com outro homem se ama apenas Félix?

É quando se levanta, respirando profundamente, que percebe o que está diferente. Normalmente, Félix guarda a câmera em um canto da sala, mas ela não está lá. Franze as sobrancelhas e se dirige para o guarda-roupa. Está repleto de vestidos novos de cores vibrantes, porém o terno sobressalente de Félix também não está lá, assim como a sua caixa. Um grito de pânico vem à sua garganta, porém ela o abafa. Para onde ele foi? Tira um dos vestidos do cabide e veste-se rapidamente, sem se importar em colocar maquiagem ou arrumar o cabelo. Desce as escadas correndo, sem saber direito onde vai procurar por ele. Pensa em começar por um dos cafés que costumam frequentar.

— *Mademoiselle!* Pare! — Madame Paget chama por ela enquanto Maria passa voando pelo lobby do hotel.

— Senhorita, Monsieur Leduc deixou-lhe uma carta.

Maria ruboresce de constrangimento. Por que Félix deixou uma carta com a recepcionista quando poderia ter deixado um bilhete no próprio quarto ou até mesmo a ter acordado?

Pega a carta e agradece a mulher que, por sua vez, examina-a curiosamente

por cima do aro dos óculos, com os cabelos ainda mais vermelhos do que Maria lembrava.

— O aluguel vence amanhã — Madame Paget diz, fazendo biquinho com os lábios pintados de batom vermelho pegajoso.

— Sim, obrigada — Maria diz, afastando-se.

Faz tempo que ela não se levanta tão cedo pela manhã. Se não estivesse tão ansiosa sobre a carta, bem que poderia aproveitar para fazer uma caminhada matinal por Saint-Germain-des-Prés. Anda com pressa pelas ruas de pedra, procurando um parque ou um lugar para sentar. Finalmente, encontra um pequeno café no qual nunca haviam ido. Pede um café e um croissant e se senta, rasgando o envelope o mais rápido possível.

*Minha querida Maria,
Preciso partir por alguns dias, minha querida, para trabalhar em um filme. Aqui está o dinheiro para o aluguel e a comida. Aproveite a liberdade. Voltarei em breve.
Beijo,
Teu Félix*

Ela tira um maço de francos. Sua preocupação começa a diminuir. Está tudo bem. Está tudo bem. Ele ficará fora por poucos dias. Até deixou dinheiro para ela.

Passa o dedo sobre a caligrafia dele. Autodenominou-se “Teu Félix”. Então, ele é dela. Oh, mas por que não a acordou e fez amor com ela antes de ir embora? Já está morrendo de saudade.

Passa o dia andando sem interesse por Paris. Sai do bairro deles e anda às margens do Sena até Île de la Cité. As pessoas são diferentes desse lado do rio. Parece que as desigualdades são mais marcantes. Por um lado, vê pessoas mais pobres deitadas perto de portas de entrada, refugiados, pessoas perdidas e com fome e, por outro lado, há pessoas mais inteligentes — homens de negócios velozes e cheios de objetivos, americanos bem alimentados e mulheres modernas. Vê uma mulher usando o New Look da Dior. Inevitável parar e ficar olhando para ela com admiração. Como a versão caseira dela é inadequada! Os vestidos que Félix comprou para ela são bonitos, mas nenhum deles é tão moderno quanto o daquela mulher. A silhueta dela faz com que se lembre da sua época como bailarina: cintura marcada e saia rodada, os pés pequenos e os tornozelos finos como os de uma boneca.

Maria para do lado de fora da Catedral de Notre Dame, estudando a fachada majestosa e avaliando se vale a pena entrar. Sua mãe não a educou segundo nenhuma religião, mas foi a um convento para estudar. Uma parte disso se pulverizou. O que as freiras diriam dela agora? Que era uma meretriz. Pecadora. E de Félix? Seria o diabo em pessoa? E, no entanto, quando protagonizam as

cenar de amor, há algo de sagrado: a comunhão entre ela e Félix. Decidiram articular um tipo de exultação, explorando as profundezas religiosas que o erotismo pode atingir. Não deveria sentir-se envergonhada. Mesmo assim, quando adentra a catedral, não consegue deixar de abaixar a cabeça. O aroma do incenso da igreja a domina, fazendo com que se sinta tonta, imaterial. Por um segundo, lembra-se de como se sentia quando dançava Psique: efêmera, leve como o ar, fluida. Desde que perdeu a virgindade, é como se fosse preenchida por terra fértil: com membros pesados e carregada com o peso de seu sangue, de sua paixão. É como se nunca estivesse saciada.

Segue por uma das capelas laterais e olha para a imagem da Virgem Maria. O sorriso benigno e os contornos puros da vestimenta da Santa, assim como a mão erguida em perdão, fazem com que Maria queria estender sua mão e tocá-la. Acende uma vela e deposita alguns centavos na caixa, ajoelha-se, fecha os olhos e junta as mãos. Não sabe o que pedir. Evoca sua mãe e Pina, rezando para que estejam seguras e felizes. Reza para Jacqueline em Londres, para que ela a perdoe por ter fugido; reza para Joan, na esperança de que encontre, enfim, um homem para amá-la. Reza até para Guido. Por fim, reza para Félix, seu homem. Reza pela segurança dele, para que ele volte para ela. Aperta os olhos com força e reza pela alma dele, para que ele seja curado e para que, em breve, possam ter uma vida normal.

Está a caminho de volta para o hotel quando, acidentalmente, encontra Vivienne.

— Maria, minha querida, para onde você está indo? — a ruiva sagaz pergunta.

— Hotel Montana — conta.

— E onde está Félix?

— Ele teve que viajar a trabalho.

— Então você está sozinha? — os olhos de Vivienne se iluminam. — Bem, querida, você tem que vir comigo. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa! — e, não aceitando não como resposta, cruza os braços com Maria e sincroniza seus passos com os dela — Vamos nos trocar primeiro. Você tem que usar aquele vestido de noite marfim com aquela capa vermelha incrível que te vi usando na outra noite. Vamos sair para jantar, tomar muito vinho e, aí, vamos para a melhor boate de jazz da cidade. Você tem dinheiro?

Enquanto os saltos delas percorrem as ruas de pedra em sincronia, o coração de Maria se anima. De repente, sente-se feliz por ter sido resgatada da solidão no quarto de hotel pela vigorosa Vivienne. — Sim, tenho algum dinheiro — diz.

— Excelente — Vivienne diz.

É mais uma noite longa e quente em Paris. Vivienne e Maria estão espremidas

em uma nova boate de jazz, ouvindo o efervescente Boris Vian. Estão rodeadas de americanos. Maria está um pouco nervosa, com medo de encontrar Richard de novo e ele perguntar por que ela e Félix o abandonaram na noite passada. O inglês de Vivienne é excelente e ela mantém as companhias entretidas com histórias da Resistência e de suas ações heroicas durante a guerra.

— Por que todo francês que conheço insiste que foi um membro da Resistência ou um gaulista durante a guerra? Digo, muitos de vocês colaboraram com os alemães; então, onde é que estão estes bastardos agora? — um dos americanos pergunta.

Vivienne franze a sobrancelha. — Você nunca ouviu falar em *épuration sauvage*?

— Não.

— Você acha que o Terror foi cruel depois da Revolução. Bem, a limpeza selvagem foi igualmente implacável: purificamos os nossos traidores.

Vivienne fala sem rodeios e seus olhos verdes brilham como os de uma cobra na penumbra da boate.

— Todos eles? Digo, o seu governo colaborou com os nazistas; alguns deles devem continuar no sistema...

Vivienne suspira como se estivesse impaciente.

— Pegamos a maioria deles.

— Ouvi falar disso — disse outro americano. — Coisas bem sujas. Vocês não raspam a cabeça das mulheres que dormiram com nazistas?

— Claro que raspamos. Elas mereceram — Vivienne diz, severa. — Também eram colaboracionistas.

— Do tipo horizontal — um dos americanos ri.

— Isso não é engraçado — Vivienne diz, ficando séria de repente e, por alguma razão estranha, olha direto nos olhos de Maria, como se estivesse contando algo a mais para ela. — Nossos homens arriscaram a vida na Resistência, escondendo-se dos nazistas ou sobrevivendo como prisioneiros de guerra. Como você acha que eles se sentiram quando voltaram para casa e descobriam que suas próprias esposas tinham transado com nazistas? Algumas até tinham tido filhos com eles. Isso não é uma dupla traição?

— Sim, mas e se os filhos dela estivessem passando fome e essa mulher não tivesse outra escolha? — disse um dos americanos. — Ela sabia que se dormisse com um mandachuva nazista, conseguiria comida para os filhos.

— *Eu passei fome, meus filhos passaram fome, mas não dormi com nenhum inimigo em troca de um pedaço de pão* — Vivienne diz, em cólera, virando seu drink.

— Ok, acalme-se, senhorita. Lembre-se de que a França está libertada agora.

O que você acha de vir dançar comigo?

Vivienne decola para a pista com um dos americanos, dançando com um fervor que Maria nunca tinha visto. Maria continua estupefata com a confissão de sua amiga. Então, Vivienne foi ou ainda era casada? Teve filhos? Fazia sentido, é claro. Ela tem pelo menos trinta anos, se não for mais velha. É que ela sai todas as noites com o grupo deles para badalar. Disse para Maria que tinha sido cantora antes da guerra, mas Maria nunca a ouvira cantar.

Um dos americanos a tira para dançar, mas ela balança a cabeça, recusando. Está cansada agora. Quer ir para a casa, na esperança de que, pela manhã, seu amante terá retornado. Agora que ele se foi, começa a duvidar da vida dele aqui, em Paris. Está mesmo fazendo um filme? Nunca mencionou isso para ela. Lembra-se de seu primeiro dia sozinha em Paris, há tantas semanas. Ele nunca explicou para ela para onde tinha ido.

— E então, onde está Félix?

Vira-se e vê René, o escritor baixinho de óculos que conheceu na primeira noite em que ela e Félix saíram em Paris.

— Está fora filmando — conta, enquanto pega a taça de vinho oferecida por ele.

— Não sabia que ele estava fazendo um filme no momento — René olha para ela de modo curioso.

— Bem, ele está — diz, sentindo-se um pouco irritada com o comentário. Dá um gole no vinho tinto, perguntando-se por que Félix não a levou com ele na filmagem.

— Imagino que ele tenha ido ver Matilde — o pequeno homem diz, olhando de perto enquanto ela congela de medo com as palavras dele.

Tem que perguntar para ele, porém, em seu coração, já conhece a resposta.

— Quem é Matilde?

René hesita, parecendo consternado. — Querida, achei que você soubesse... Matilde é a esposa de Félix.

Sente o sangue correndo pelo rosto, segura a taça de vinho com tanta força que sente que irá quebrá-la.

— Me desculpe — René diz —, achei que você soubesse.

— Achei que a esposa de Félix estivesse morta — diz com a voz um pouco acima de um suspiro. — Vivienne disse que ela tinha partido há muito tempo...

— E realmente partiu, metaforicamente falando, mas Vivienne não conhece a história toda. Não podemos contar por causa do que aconteceu com ela... — René suspira, perturbado. — Realmente, sinto muito por revolver tudo isso. Simplesmente achei que você soubesse.

Maria olha para ele e se pergunta se ele está dizendo a verdade, pois parece

muito preocupado.

— Mas... mas... se você sabia da esposa de Félix, pensou que eu fosse o quê? Uma puta? — a voz dela está trêmula e a raiva começa a contaminar o amor dentro de seu coração.

— Claro que não! Meu Deus, não. Achei que você soubesse de tudo, de como as coisas são impossíveis para Matilde e Félix... Achei que você fizesse parte de tudo.

Maria lança um olhar frio para o trêmulo René.

— E que parte você achou que eu era?

— A amada dele, é claro — o baixinho diz, comovido. — A mulher que Félix ama agora — isso é bastante óbvio.

Maria desvia o olhar, atônita. Sente lágrimas brotarem em seus olhos e morde a boca para não chorar. Precisa sair de lá. Procura Vivienne em meio à multidão, mas ela desapareceu. No entanto, vê outra pessoa, uma figura que guardou na memória e que tentou esquecer: o homem de cabelos brancos que viu na primeira noite em que ela e Félix saíram em Paris. Está olhando para ela e andando em sua direção.

— Você conhece aquele homem? Alto, de cabelos brancos? — resmunga para René.

— Claro que conheço! — René exclama. — É Olivier, o irmão de Félix.

Félix tem um irmão! Tem uma esposa secreta e um irmão secreto. Quem mais está escondendo dela? Dói tanto saber que ele não lhe contou nada, que não confia nela.

E agora Olivier está de frente para ela, apertando a mão de René com um jeito esnobe. Claro, agora ela pode ver que ele e Félix são irmãos. Ambos têm os mesmos olhos profundos e o mesmo jeito taciturno.

— Acredito que você ainda não tenha conhecido a Maria — René a apresenta nervosamente.

— Você andou abrindo o bico de novo, René? — Olivier diz para o pequeno homem.

— Bem... eu... eu achei que ela soubesse — René murcha diante do olhar do outro homem.

Olivier vira-se para dar total atenção a Maria. Obviamente, ele é o irmão mais velho, mas mantém o mesmo jeito controlador de Félix.

— *Mademoiselle* — diz, tomando sua mão formalmente. — É um prazer conhecê-la, embora eu ache que meu irmão preferisse estar aqui para nos apresentar.

Contudo, Félix poderia tê-los apresentado antes. Não consegue deixar de lembrar-se daquela noite na boate semanas atrás.

Está começando a se recuperar do choque de ter descoberto que a esposa de Félix ainda está viva. Não apenas isso, mas, de acordo com René, Félix está com ela neste exato momento em que ela está nesta boate com o irmão dele.

— Onde está Félix? — Maria pergunta a Olivier, indo diretamente ao ponto.

— Bom, ele está no *château* — diz. — Volta amanhã. Ele pode te explicar tudo quando voltar a Paris.

— Não — retruca, enfaticamente. — Quero que você me leve até lá agora.

Ele franze a sobrancelha, um tanto quanto perplexo com o pedido dela.

— Mas é madrugada... Minha querida, é uma viagem longa.

— Você tem carro?

— Não, então é impossível...

— Eu tenho um carro — René se intromete. Olivier lança um olhar furioso para ele.

— Eu insisto para que você me leve até este *château*, seja lá onde ele fique — Maria diz, voltando-se para René — Caso contrário, deixarei Paris esta noite e Félix nunca mais voltará a me ver. E será culpa sua, René.

— Mas eu não conheço o caminho — René protesta.

— Então você tem que vir também e ensinar o caminho para ele — diz, perseverante, para Olivier.

O irmão de Félix estica o braço e coloca a mão sobre o braço descoberto de Maria, balançando a cabeça melancolicamente.

— Mas, Maria, Félix me falou tanto a seu respeito — diz gentilmente — Ele te ama muito. Você não acha melhor esperá-lo voltar a Paris?

— Não, não posso — diz, surpresa com a própria raiva. — Preciso vê-lo agora. Tenho que saber a verdade.

— A verdade — Olivier diz misteriosamente — é muito, muito complicada.

VALENTINA

RESTAM APENAS QUATRO deles espalhados no sofá e na poltrona, ouvindo a irlandesa Clara Rose cantar “Girl”.

*Um dia, conheci uma garota; ela não tinha a cabeça no lugar
Foi para uma festa, se deu mal
Fiquei em casa bebendo sozinho
Mas fui mais feliz no final*

Ela é a garota da música. Deveria ter caído fora. Assistir a Théo com Anita durante toda a noite fez com que se sentisse um lixo, mas não pode desistir — ainda não. Valentina vê o amanhecer começar a afastar a escuridão da noite, como se uma cortina estivesse se abrindo no céu. Agora, o rio parece um lençol de metal polido, como se a sua corrente tivesse perdido o fôlego.

— Acho que vou nessa — diz Chloe a prima de Anita, enquanto se levanta e ajeita o cabelo vermelho espetado.

— Tem certeza, querida? — Anita fala lentamente. — Você é bem-vinda a ficar.

Será que Chloe percebeu a tensão sexual que cresceu entre os três durante toda a noite? Ou ela apenas quer ir para casa e dormir na própria cama? Seja qual for o motivo, a prima de Anita se despede e, alguns minutos depois, os três estão juntos, sentados em fila naquele enorme sofá branco, bebericando uísque e olhando para Londres pela janela. Valentina sabe que não está mais sendo sutil. No entanto, quando está prestes a desistir, começa a sentir que sua rival está fazendo um jogo. Em vez de parecer perturbada pela presença contínua de Valentina, Anita praticamente a incentivou a esperar que os outros convidados fossem embora. Mas e Théo?

Quando ele a viu, Valentina percebeu a hesitação dele. Seus olhos demonstraram surpresa (nem passou pela cabeça de Valentina que Anita não tinha avisado que ela estaria lá) e ele pareceu descontente com a presença dela na festa. Quase foi embora naquele momento. Ficou sentida com a reação dele. Mas, à medida que a noite foi passando, notou que ele olhava para ela o tempo todo. Viu os olhos dele observando-a, reparando nela quando tirou a jaqueta — revelando uma blusa sem manga justinha —, olhando para ela quando

conversava com algum outro homem. Porém, quando tentava se aproximar dele, Anita repentinamente aparecia ao seu lado. Tinha decidido perguntar sobre Glen e sobre o trabalho do Masson, mas sempre tinha alguém por perto. Então, começou a tomar mais espumante e, agora, que misturou com uísque, a bebida realmente subiu à cabeça. Não se importa mais em expor os seus sentimentos.

Está sentada em um sofá com o seu ex-amante e a nova namorada dele. Anita está entre os dois com o corpo coberto de seda, como se os três fossem um sanduíche. Valentina sente o osso do quadril e a maciez das coxas de Anita enquanto inspira o seu aroma vigoroso. Está toda brilhosa, sexy, luxuosa e, do outro lado dela, está o homem que a derrete totalmente.

Valentina já ultrapassou todo e qualquer limite de razão, toda a sua racionalidade, quando, instintivamente e sem nenhum tipo de premeditação, vira-se para Anita — e não é que ela vira-se para ela no mesmo segundo? — e tasca-lhe um longo beijo na boca. Suas línguas se tocam e a carícia se intensifica, doce e macia como açúcar de baunilha. As duas se abraçam e Valentina sente os seios generosos de Anita contra os seus. A imagem do quadro de Lautrec, *Abandon*, vem à sua mente. Este é, então, o seu abandono. Ela abre os olhos e, por sobre os olhos de Anita, vê Théo olhando para ela. Seus olhos azuis ficaram cor de anil de desejo e ele passa a língua pelos lábios. Sente que ele está se segurando, observando as duas mulheres se acariciarem até que, lentamente, se soltam.

— Então... — Anita coloca a mão sobre o ombro de Valentina, piscando com os cílios postiços. — Vamos brincar os três?

Valentina olha para Théo através dela.

— Você quer? — pergunta para ele, diretamente.

Pela primeira vez desde que o conheceu, Théo parece desconcertado, sem palavras.

— Você quer mesmo fazer isso, Valentina? — diz, enfim, com a voz rouca.

Ela concorda. Anita a pega pela mão e a puxa do sofá.

— Já fiz isso antes — Anita conta. — Três é *sempre* melhor do que dois. Além do mais — sorri maliciosamente —, acho que a única forma de fazer o Sr. Steen dormir comigo é se Valentina estiver junto. Em função do que combinamos mais cedo, hoje será minha última chance.

Valentina não sabe se ela está se referindo à conversa que teve com ela ou a alguma discussão entre Anita e Théo. Na verdade, não se importa.

— Vem — Anita diz, conduzindo Valentina para fora da sala de estar. Théo se levanta para segui-las. Valentina se vira e estende a mão para Théo. Ele pega a mão dela. Estão juntos agora, a caminho de outra aventura erótica. Não tem mais

certeza se a fantasia que estão prestes a realizar é dele ou dela.

* * *

Anita diz para Valentina ir ao banheiro encher a jacuzzi enquanto leva Théo para o quarto.

Valentina hesita.

— Não se preocupe, querida; não vamos fazer nada até você chegar. Só quero criar expectativa — Anita conta.

O banheiro tem um estilo parecido com o do quarto. Há uma grande banheira de metal no centro, mas Valentina a ignora e vai para a jacuzzi, que está no canto. Está com pressa, ansiosa para voltar antes que algo aconteça ou antes que fique sóbria e muda de ideia.

Quando entra no quarto de Anita, Théo está sentado na cama e Anita está parada na frente dele. É como se estivessem congelados em um quadro. Théo parece mais relaxado e dá um tapinha do seu lado na cama. Valentina tira as *ankle boots* de salto altíssimo e desliza para a cama. Sente o calor do corpo dele contra o dela e respira fundo para sentir o cheiro de Théo. É tudo o que pode fazer para se controlar e não se jogar em cima dele. Uma música começa a invadir o quarto, criando um clima sensual. É uma música clássica — a voz de uma mulher canta uma ária delicada —, mas Valentina não consegue identificar muito bem a ópera. Não importa. Está fascinada por Anita, que começa a mover os quadris na frente dos dois. Está dançando para eles. Não há muito que tirar. Ela desamarra a alça atrás do pescoço de seu vestido magenta e ele desliza, escorregando por seu corpo. Não está usando nenhum tipo de lingerie. Seu corpo é perfeitamente proporcional: seios grandes e atrevidos, cintura fina e bumbum delicadamente curvado. Os olhos de Valentina percorrem o minúsculo filete de pelos pubianos de Anita e sua delicada xoxota.

Anita estende a mão para Valentina, que vira a cabeça para Théo. Ele devolve o olhar com intensidade. Valentina pergunta-se se ele está excitado pela nudez de Anita. Certamente está, mas é para ela, Valentina, que ele olha fixamente.

— Você quer, Valentina? — ele pergunta.

— Shh — diz, colocando o dedo sobre os lábios dele. — Sem palavras.

Ela se levanta e Anita começa a despi-la, como se fosse sua escrava. Abre o zíper de sua minissaia Mary Quant e a deixa cair sobre os pés. Valentina dá um passo para sair do vestido. Tira seu top e fica só de sutiã, fio dental, meia e cintaliga.

— *Au naturale* — Anita enfia o dedo na alça da calcinha e a acaricia, afundando os dedos, que tocam seus lábios vaginais. Valentina dá um passo para trás, um pouco vulnerável. Anita sente como ela está excitada. Olha para ela com

prazer e retira a mão. Anda ao redor dela e desabotoa o sutiã. Valentina está quase nua, a não ser pelo fio dental, a cinta-liga e as meias. Não tira os olhos de Théo. Será que ele está comparando seu corpo imperfeito ao corpo perfeito de Anita? Acha que não, pois Théo está com o olhar fixo nela. Ele fala com os olhos e o que eles dizem a confortam, passam força.

Anita desabotoa a cinta-liga de Valentina e, ao mesmo tempo, puxa as meias, deslizando-as por toda a extensão das pernas. Levanta-se de novo e vira Valentina de frente para ela. As duas têm quase a mesma altura, mas seus corpos são completamente diferentes. Os seios de Anita são muito mais arredondados, seus mamilos parecem vitórias-régias e têm os bicos duros de tesão. Seus quadris são mais finos que os de Valentina, sua bunda é menor, mas as pernas são igualmente compridas. Anita inspeciona Valentina como se ela fosse um prêmio que acabou de ganhar. Ela a vira, apoiando-lhe as mãos na cintura e deslizando-as até o bumbum.

— Que bunda gostosa — comenta.

— É uma bunda que merece levar umas palmadas — Théo diz com a voz temperada de humor.

— Sem dúvida — Anita murmura, virando-a novamente e levando-a para a cama onde Théo está ainda vestido.

Théo se levanta repentinamente e pega Valentina pela mão:

— Você quer que eu te dê umas palmadas, Valentina? — ele pergunta. — Só vou dar se você quiser.

Olha nos olhos de seu amor.

— Sim, sussurra — quero muito que você faça isso.

Sente um arrepio na ponta do estômago. Théo senta de novo e Anita a posiciona sobre as coxas dele. Théo acaricia a bunda dela com as mãos, massageando suas nádegas.

Valentina fecha os olhos, preparando-se para o primeiro tapa em sua pele macia. Théo bate uma vez. Um tapa rápido e travesso — não muito forte, cuja leve dor logo desaparece com o aumento de sua circulação sanguínea. Sente uma vibração dentro de seu corpo ecoando, invocando a sua essência.

— Mais? — Théo pergunta.

— Sim — sussurra.

Dá uma palmada um pouco mais forte desta vez. Ela dá um grito alto e curto.

— Machuquei você?

Sente a voz dele preocupada. Vira-se para olhar para ele.

— Não, eu gostei.

É verdade. Não sabe dizer por que gosta disso. Seria ela uma farsa de feminista por querer que seu amante lhe dê uma palmada? Sempre é um jogo,

sempre foi assim com ela e Théo, e ela gosta de ter toda a atenção dele, do jeito como ele adora a sua bunda. Faz com que ela queira muito senti-lo dentro de si.

— Já chega — Anita diz. Parece estar no controle dos dois esta noite. Théo pega Valentina nos braços.

— Vamos pra jacuzzi — Anita diz. — Vamos fazer com que você se sinta melhor, Valentina.

Théo a carrega até o banheiro repleto de vapor perfumado e Anita o segue. Coloca os pés de Valentina de volta no chão. Ela quer tanto que ele continue a carregá-la nos braços. Mas Anita já está de mãos dadas com ela, arrastando-a para longe dele.

— Vem — ela diz, entrando na água tépida e borbulhante.

Valentina obedece e as duas se sentam, cada uma de um lado da jacuzzi, enquanto assistem a Théo se despir. Cada peça de roupa que ele tira faz com que se excite ainda mais. A camisa branca é desabotoada e ela olha para o peitoral dele com desejo, lembrando como era sentir aqueles braços fortes abraçando-a. Abaixa as calças, revelando suas pernas compridas e musculosas. Tira a cueca e as duas admiram a ereção poderosa dele. Valentina suspira por dentro enquanto observa Théo entrando na jacuzzi. Achou que nunca mais fosse vê-lo de tão perto de novo. Achou que nunca mais o sentiria dentro dela de novo. Está tão perto agora. Só preferia que Anita não estivesse com eles.

E, no entanto, é Anita que vai até ela primeiro.

— Senta entre as minhas pernas — fala para Valentina.

Valentina desliza até as pernas de Anita. Sente a boceta dela em contato com a sua bunda e os seios tocando-lhe as costas. É excitante, sem dúvida. Anita começa a acariciar seus ombros, passando a mão pelo seu corpo e massageando-a até a barriga. Jatos de água sobem ao redor e entre as duas.

— Faz uma massagem em mim? — Théo pede para Valentina e sorri.

Valentina abre as pernas e ele escorrega entre elas do mesmo jeito que Valentina se encaixou em Anita. Ela o envolve. Quer saborear o momento em que tocará Théo tão intimamente de novo depois de tantas semanas. Vagarosamente, trabalha as mãos sobre o peito dele, passando os dedos entre os pelos do abdômen e segue descendo.

Gradualmente, Anita solta Valentina do meio de suas pernas enquanto Théo toca Valentina, gentilmente retirando a mão dela do seu pau.

Como se fosse uma dança coreografada, eles invertem as posições. Théo se vira e agarra Valentina pela cintura, colocando-a na sua frente do mesmo jeito que estava acomodado entre as pernas dela. Valentina sente a pressão do pau duro nas costas, assim como a respiração dele em seu pescoço. Théo caminha as pontas dos dedos pelo abdômen dela, pela pélvis, entre as pernas, delicadamente

circulando o dedo ao redor do clitóris. Enquanto isso, Anita se reposiciona de frente para Valentina. Estão cara a cara e com os joelhos levantados. Anita coloca as pernas ao redor de Valentina e desliza pela água em direção a ela. Valentina pode ver que os olhos dela estão carregados de desejo. Sabe o que ela quer. Instintivamente, movimenta-se para a frente e toca o clitóris de Anita com a ponta dos dedos. Começa a fazer com Anita exatamente o que Théo está fazendo com ela.

Os três estão presos em um círculo de prazer sensual. Théo está dando prazer para Valentina, que está dando prazer para Anita, e o poder da sexualidade de Théo passa através dela para Anita. Théo circula o clitóris de Valentina com a ponta dos dedos e, com a outra mão, faz fortes carícias verticais entre as pernas dela, fazendo-a vibrar profundamente por dentro. A sensação da carícia delicada com o toque enfático, combinados com a pressão do corpo de Anita, a sensação da carne macia e suave dela em seus dedos, suas curvas macias e o aroma almiscarado dele, levam Valentina cada vez mais para um lugar de abandono máximo ao prazer. Fecha os olhos e imagina que os três não estão mais no banheiro de Anita em seu apartamento em Londres, mas em uma piscina natural tropical no meio das rochas em algum lugar longínquo em uma ilha do sul do Pacífico. Estão em um lugar fértil e úmido, pulsando com flores gigantes e cheirosas, onde a água é quente como em uma sauna, o vapor está subindo e uma chuva tropical cai sobre eles, tudo se misturando com a respiração ofegante até que seus corpos começam a se fundir uns nos outros e se unificam como lava. Valentina sente o braço de Théo roçar o seu corpo enquanto ele move os dedos dentro dela, cada vez mais rápido. Ela continua a estimular Anita em sincronia com o seu próprio corpo. Então, no mesmo segundo, as duas gozam, como se fossem gêmeas eróticas ligadas pelo desejo.

A cabeça de Valentina cai sobre seu peito enquanto tira suas mãos de Anita. Théo a solta gentilmente e Anita se afasta, dando um sorriso malandro enquanto flutua na água. — Vamos para o quarto? — pergunta para Théo.

Valentina levanta a cabeça e olha para Théo se levantando. Ele sai da jacuzzi e se chacoalha, espirrando água nela. Está magnífico. Não consegue tirar os olhos do pau dele. Ainda está duro. Ela o quer loucamente. Está ardendo por dentro, pulsando com toda a sua alma. Vira-se para olhar Anita: seus olhos estão brilhando como fragmentos de topázio azul. A porta do quarto está aberta atrás dele e a enorme cama está chamando por eles.

— Vamos os três para a cama? — Anita pergunta novamente para Théo.

Apesar do que acabou de acontecer entre eles na jacuzzi e de desejar tanto Théo, Valentina não quer. Sabe com certeza que não pode ir mais longe com Anita. Nunca conseguiria ver Théo transar com outra mulher, ainda que estivesse

participando do *ménage*. Não consegue fazer isso. Será que é porque ela o ama muito ou não o suficiente? Este é, então, o momento em que saberá se reconquistou Théo. A resposta dele para a pergunta de Anita irá selar o destino do amor deles para sempre.

MARIA

A NOITE REFRESCA à medida que vão dirigindo para fora da cidade, mas Maria está banhada em suor. Ainda assim, não tira a capa vermelha. Cobre-se com ela como se fosse um revestimento vermelho ao redor do coração, protegendo-o. Coloca o capuz para esconder o rosto dos dois homens. René está dirigindo e Olivier está no banco do passageiro ao lado dele. Maria vai sentada atrás.

Começa a questionar a esperteza de sua insistência para que a levassem para este misterioso castelo onde Félix e sua esposa se escondem. O que espera conseguir com isso que está fazendo? Como poderá suportar vê-lo com ela? Vai perdê-lo para sempre agora. Contudo, precisa saber tudo a respeito do homem que ama. Precisa ver a extensão da traição dele.

Talvez seu amor por Félix não seja do tipo saudável. Seria um tipo de doença por meio da qual ela se torna incapaz de ter os próprios desejos e necessidades sexuais? Ele a encantou? Se for este o caso, talvez surpreendê-lo fora de Paris com a esposa fará com que acorde e volte a ser forte. Poderá manter a dignidade e partir.

“Amante”. Foi assim que René a chamara. Poderia aceitar esse lugar na vida de Félix? Ele também disse que Félix a amava. Isso bastaria para ela?

Quando saem da cidade, pensa em Vivienne. Maria não conseguiu encontrá-la para se despedir. Quer saber por que Vivianne dissera que Matilde Leduc havia partido há muito tempo.

— Por que Vivienne não sabe da esposa de Félix? — faz a pergunta na direção da nuca de Olivier. Nenhum dos dois sequer se vira para ela.

—É por causa do que aconteceu com ela durante a guerra — René se manifesta. — É melhor que ela não saiba.

— Por quê? O que aconteceu?

Olivier permanece em silêncio. René continua:

— Vivienne já foi casada, mas seu marido morreu durante a guerra.

— Isso é terrível — murmura, achando difícil imaginar aquela ruiva cheia de vida como uma viúva de luto.

— Ele fez parte da Resistência. Era uma figura-chave, infiltrado na inteligência inglesa. Trabalhava em Lyon, como Félix e a própria Vivienne, mas

pegaram o marido dela. Ele foi torturado até a morte.

Maria estremece. Descobre que, apesar de Veneza ter ficado sob a ocupação dos alemães durante a guerra, lá tinha sido relativamente tranquilo. Sim, correram perigo quando esconderam Jacqueline e os outros, mas não parecia ser tão perigoso na época.

— E onde estão os filhos dela? — murmura, com medo do que vai ouvir.

— Morreram também. Depois que o pai foi capturado, mandaram a família para um campo — Olivier conta com a voz desprovida de emoção.

— Vivienne foi a única que sobreviveu. Tinha duas menininhas — René completa.

— Que horror — Maria diz com os olhos cheios de lágrimas por sua nova amiga.

— Dizem que ela costumava cantar para as filhas e para as outras crianças do campo, mas, um dia, o comandante-chefe alemão ouviu-a cantar. Achou a voz dela tão especial que decidiu poupá-la, porém era tarde demais para as meninas. Estavam muito doentes. Então, ele as separou — René continua.

— Ela me contou que era cantora — Maria diz.

— Era. E era boa. Mas não consegue mais cantar em público... Não desde que perdeu as meninas — René conta.

— Ela culpa o próprio talento pelo fato de suas filhas terem morrido sozinhas, sem a mãe para confortá-las — Olivier complementa.

— Que história pavorosa — Maria diz, tentando imaginar como deve ter sido para Vivienne. — Mas o que isso tem a ver com a esposa de Félix?

— Vou deixar que ele mesmo explique quando vocês conversarem — Olivier diz.

Ela não diz mais nada. Deixa as palavras de Olivier ficarem no ar como um acidente que está prestes a acontecer.

Dirigem madrugada adentro, acompanhados pela lua, que ilumina totalmente a floresta cortada pela estrada. Sente como se estivesse em um daqueles filmes *noir* americanos. O quanto ela de fato conhece esses dois homens que a estão levando a caminho do desconhecido? Existe mesmo um *château*? Bom, com certeza, Maria não pode considerar que René seja uma ameaça. Há algo de cômico na sua aparência. Olivier já é outro assunto. Porém, ele é o irmão de Félix, então deveria protegê-la pelo bem do irmão, não?

Em um dado momento, saem da estrada principal e pegam um caminho sacolejante, cheio de buracos e de mato. Maria não consegue enxergar onde estão se enfiando, pois as folhagens e arbustos chegam a arranhar a janela ao seu lado. Passam por uma curva fechada e, agora, ela pode ver luzes piscando à

distância. À medida que vão se aproximando, vê os contornos de uma grande construção iluminada pelo céu. A lua cheia brilha em frente a eles e o céu está claro e repleto de estrelas. O lugar tem um quê de conto de fadas. A cobertura é guarnecida por ameias e há até uma torre anexa. Imagina Félix filmando um de seus filmes fantásticos dentro das muralhas do castelo — uma releitura surrealista da Bela Adormecida ou, talvez, Branca de Neve. Ao menos fosse isso que ele estivesse fazendo em vez de esconder-se dela com a esposa.

René estaciona fora do *château* e desliga o carro. Os três permanecem em silêncio no veículo, ouvindo os estalos do motor esfriando. Agora que estão mesmo aqui, Maria está apavorada. Toda a raiva que estava sentindo e a coragem que a trouxe se dissiparam. Quer fugir. Mas não pode. Tem que ir até o fim. Não pode parecer fraca na frente desses homens. Finalmente, René sai do carro, seguido por Olivier, que abre a porta para ela. Maria sai e fica parada, insegura em sua capa vermelha, ainda vestindo o capuz, apertando as mãos. Olha para o céu e vê uma estrela cadente. É um sinal de esperança? Deseja que sim. Olivier disse que Félix precisava explicar as coisas para ela. Talvez a esposa dele seja lunática ou inválida e eles só sejam marido e mulher no papel? Talvez conseguisse conviver com isso.

Maria vira de costas para as florestas turvas, a vastidão da noite, e encara o *château*, repleto de sombras e banhado pela luz da lua.

— De quem é essa casa? — pergunta para os homens.

— Como assim? É do meu irmão — Olivier diz.

Maria fica boquiaberta. Félix *possui* um castelo enorme? Sente uma punhalada de ódio. Por que ele fingia ser tão pobre em Londres? Por que estavam vivendo em um hotel miserável em Paris quando ele tinha isso? Comprou algumas roupas caras para ela, mas, ainda assim... eram insignificantes quando comparadas ao tipo de fortuna que ele devia ter. Será que ele era um tipo de barão ou conde?

Segura a barra da capa vermelha com uma mão e sobe as escadas de pedra da porta dianteira, seguida por René e Olivier.

— Acho que eu deveria entrar primeiro e dizer que você está aqui — Olivier diz.

— Tudo bem — Maria concorda. Percebe que não quer uma cena dramática, só a verdade. Tem certeza de que assim que vir Félix, saberá se ele a ama. Será que vai aguentar conhecer a esposa dele?

Não há campainha, mas uma grande aldrava no formato de cabeça de carneiro com chifres retorcidos. Olivier bate na porta. Maria escuta o eco pelo castelo, imaginando o som de sua chegada reverberando pelos cômodos internos. Está tremendo de medo e seu lado racional tenta acalmá-la. Ela é a parte inocente,

então por que está preocupada, com receio de estar se intrometendo? Dá um passo para trás, repentinamente assaltada por um mau pressentimento. Quer voltar para Paris. Não pode encarar Félix e a esposa. Porém, quando toma essa decisão, a porta se abre e a luz do hall a ilumina. Percebe que é tarde demais.

Ela e René esperam enquanto Olivier desaparece por um longo corredor, conduzido por um senhor idoso que o deixou entrar. Trata-se de um criado, obviamente. Maria pergunta-se se também há empregadas e uma cozinheira nesta casa gigantesca. Surpreendentemente, o *château* é exíguo por dentro. Não há quadros nas paredes e está mobiliado com o mínimo possível. Estão em um grande hall com vigas pesadas e paredes de pedra. Um enorme candelabro de madeira está pendurado no centro, repleto de velas que projetam sombras disformes sobre as paredes.

— Um general alemão viveu aqui durante a guerra — René diz, como se lesse os pensamentos dela. — Limpou as relíquias da família de Félix das paredes e levou tudo consigo para a Alemanha. O *château* pertence à família há gerações. Perderam muita coisa.

— Então por que esse *château* é de Félix e não de Olivier, já que ele é o mais velho?

René coça a cabeça e pensa por um momento. — Acho que é porque Olivier ficou com a casa de Paris.

— Há uma casa em Paris?

René confirma, olhando para ela com curiosidade.

— Não imaginava que você soubesse tão pouco de Félix.

Sente seu rosto esquentar de vergonha. É uma boba. É assim que René a vê.

— Você deve me achar muito burra — murmura.

René sorri para ela gentilmente, apertando seus olhos cinzentos por trás dos óculos fundo de garrafa.

— De jeito nenhum, minha querida... ele dá um tapinha no braço dela. — Acho que, quando ouvir o que Félix tem a dizer, verá que não precisava ter feito esse escarcéu...

— Não acho que descobrir que o homem que você ama mentiu para você — que tem uma *esposa* — seja um escarcéu desnecessário.

— Apenas deixe Félix explicar...

É isso que René e Félix vivem repetindo: “Deixe Félix explicar”. Bom, ela está de saco cheio de esperar neste hall frio. Quer vê-lo cara a cara. De repente, não se importa mais se a esposa dele descobrir sobre ela porque com certeza será melhor para ela saber também. Passa pela cabeça de Maria que tudo em Félix é mera fabricação, como seus filmes. Não vai se sujeitar a ficar esperando no hall.

Não vai mais sofrer.

— Maria, espere! Onde você está indo? — René chama por ela, que já vai indo pelo mesmo corredor no qual Olivier entrou. — Temos que esperar aqui!

Balança a cabeça. Seu capuz desliza, seus cachos escuros caem livres sobre os ombros. Sua raiva voltou, propulsando-a pelo corredor. Passa por uma porta silenciosa atrás da outra até que, enfim, vê uma porta com um fecho de luz na parte de baixo e escuta vozes. Sem hesitar, vira a maçaneta e entra.

Félix olha para ela. Maria nunca o viu vestido de forma tão elegante. Está usando calças sociais, camisa branca engomada, gravata-borboleta de seda preta, abotoaduras de ouro e um colete preto. Seus cabelos grisalhos rebeldes foram amansados e estão brilhosos, penteados para trás, revelando todo o seu rosto, que tem as bochechas limpas e barbeadas e a boca muito mais avermelhada do que normalmente.

— Maria! — Félix parece aterrorizado. A expressão de seu rosto deixa Maria ainda mais raivosa, pois ela pensa que não é bem-vinda. Olha diretamente nos olhos dele, temendo olhar para qualquer outro lugar, com medo da figura cuja presença detecta sentada no sofá atrás dele. — Meu Deus, Maria, o que você está fazendo, entrando aqui como uma...? Olivier me disse que você estava esperando no hall.

Sem pensar, Maria se aproxima e o estapeia no rosto. O som da bofetada, da palma da sua mão atingindo a carne, ecoa pelo cômodo amplo. Um silêncio de choque se instala, o que é interrompido pela chegada afobada de René na sala de estar. Ele sente que não deve falar, então, serve-se uma taça de vinho e senta no fundo da sala.

Félix fica parado, olhando para ele, com a mão no rosto. Agora, o olhar de terror é substituído por uma máscara de indiferença. Dói ainda mais ver a falta de reação dele ao tapa. Vê a marca vermelha de sua mão no rosto dele e, então, expande seu campo de visão, olhando para a sala. Ao menos aqui, alguns quadros foram substituídos. Há uma grande lareira acesa e, apesar da noite quente, todas as janelas estão fechadas, encobertas por cortinas de veludo vermelhas. A sala está insalubrememente quente. Vê Olivier sentado em uma cadeira ao lado da lareira, observando-a friamente e, no sofá ao lado dele, de frente para ele, está uma mulher. Só pode ser a esposa dele. Ela se vira para olhar Maria e as duas se encaram. Esperava hostilidade, porém a mulher a olha com temor. Maria pode ver que ela foi atraente um dia, mas deve ter vinte anos a mais, pelo menos. Seu rosto parece cadavérico e cansado e seus olhos são tristes.

— Oh, Félix — a mulher diz. — Deve ser ela.

Maria fica espantada, pois a mulher fala como se soubesse quem ela é. Na

verdade, não é louca nem inválida. Vira-se para Félix com o coração em chamas:

— Por que você mentiu para mim? — pergunta com rispidez.

— Mas, Maria, eu não menti para você — responde sinceramente. — Simplesmente nunca falei sobre minha esposa.

Minha esposa. As palavras a dilaceram. Ele nunca poderá dizer essas mesmas palavras a respeito dela.

— Como você poderia estar comigo sendo casado?

— Por favor, acalme-se — ele quase perde o controle. — Sente e tome uma bebida; então, poderei explicar para você.

Ela continua onde está, parada com sua capa vermelha.

Félix se volta para René

— Minhas instruções foram para que esperassem no hall.

— Ela correu, não tinha como a segurar.

— E por que você concordou em trazê-la até aqui no meio da noite, pra começar? — Félix vira-se para seu irmão: — Por que você não o impediu? .

— Foi ela — Olivier diz. — Estava determinada a vê-lo.

Félix volta a atenção para Maria

— Pelo amor de Deus, sente-se! — ordena e, para sua própria surpresa, vê Maria se jogar em uma cadeira do outro lado da lareira.

Félix vai até o buffet e serve uma grande taça de vinho tinto do decantador. Passa para ela, propositadamente evitando olhá-la. Ela quer tocar na mão dele, sentir o calor, a intimidade da sua pele na dela, mas se segura.

Ninguém fala. Os únicos sons são o assobio e o crepitar do fogo. A tensão é quase insuportável, mas, depois de sua explosão, Maria se sente exaurida, como uma sombra de si mesma. Toda esta cena não parece real. Ela está mesmo neste castelo, confrontando seu amado e a esposa dele? Para piorar, fica ainda mais confusa com a calma da outra mulher, com o fato de parecer que ela sabe da sua existência e não se importar com isso.

— Félix — agora ouve a esposa falar —, acho que você precisa contar tudo para essa garota.

— Mas, Matilde, temos que limitar o número de pessoas que sabem ao mínimo necessário.

— Acredito que isso seja o mínimo necessário, Félix.

Maria nota a frieza com a qual se comunicam e o fato de que Félix não se senta ao lado dela, permanecendo de pé.

— Por que você não confiou em mim? — vira-se para Maria e ela percebe a emoção da voz dele. A fachada de indiferença com a qual estava tratando Maria está ruindo.

— Eu confiei, mas aí descobri que você é casado — sua voz esmorece contra

a sua vontade. — Félix, como você pôde?

Está constrangida na frente desses estranhos, mas ninguém sai da sala. Talvez seja melhor. Talvez ela cedesse e caísse nos braços dele se estivessem sozinhos.

— Porque eu achei que você entenderia... Espero que ainda entenda... — molha os lábios com a língua.

— Esta senhora — mal consegue olhar para a mulher sentada no sofá — é a sua esposa? — sussurra.

— Sim, esta é Matilde Leduc — Félix diz, evitando olhar para Maria novamente — Ela é minha esposa, porém só no papel. Não temos mais nenhum relacionamento.

— Se é assim, por que vocês vivem juntos nesta casa?

— Não vivemos juntos. Moro em Londres, lembra-se?

— Mas ela está na sua casa — Maria insiste. — Se vocês não têm nenhum relacionamento, por que não se divorciam?

— Porque ela precisa de proteção — Félix suspira. — É uma longa história.

— *Mon dieu!* — Matilde interrompe, impaciente. — Eu lhe asseguro que meu marido e eu não estamos mais juntos. Na verdade, ele me odeia bastante. Sou odiada pela maioria das pessoas envolvidas — vira-se para Maria com uma expressão pesarosa e, se ela não fosse a esposa de Félix, Maria quase sentiria pena dela.

— Por quê? — ela sussurra.

— Sou considerada uma traidora. Ao final da guerra, durante a limpeza, aquelas boas comunistas me arrastaram para a praça da cidade. Rasparam minha cabeça e me deixaram nua, elas...

— Já chega, Matilde. — Félix a interrompe.

Porém, Matilde o ignora. Encara Maria com uma expressão pálida e assombrada.

— Fui o que chamaram de “colaboracionista horizontal”. Já ouviu falar nisso?

Maria se lembra do que o americano disse para Vivienne mais cedo no clube.

— Sim, eu sei o que é. Matilde parece tão comum; no entanto, havia traído seu marido. Dormiu com um alemão enquanto Félix lutava na Resistência. Como ele poderia tolerá-la, protegê-la? Maria olha para ele, confusa.

— Quando soube o que Matilde tinha feito, também me senti como os que faziam a limpeza — explica — e desejei que minha esposa estivesse morta... — Félix desvia o olhar e observa as chamas — Mas, aí, descobri por que ela tinha feito aquilo.

Ninguém fala por um momento. Maria se enche de coragem. Precisa entender tudo.

— Por que você fez isso? — pergunta para Matilde.

A mulher olha para ela e, agora, sua expressão é defensiva, de mágoa.

— Foi por amor? Amor por um alemão? — Maria pergunta.

Matilde dá uma risada amarga.

— Ah, sim, foi por amor, mas não por amor pelo homem com quem eu estava dormindo.

— Como assim? — Maria persiste, mas Matilde balança a cabeça e se recusa a contar mais.

— Quando tudo aconteceu, Félix estava em Lyon — Olivier disse de repente.

— Assim como o marido de Vivianne, ele tinha sido capturado e estava sendo torturado na mesma prisão.

Maria vira-se para olhar Félix, mas ele está de frente para a lareira, de costas para ela. É impossível saber o que ele está sentindo. Não pode imaginar os horrores pelos quais ele deve ter passado na prisão em Lyon. O marido de Vivienne morreu, mas Félix sobreviveu.

— Matilde viajou para Lyon, onde encontrou Vivienne. Ofereceu-se para tentar persuadir os captores de seus maridos da inocência deles — Olivier continua.

— Eu falo alemão — Matilde complementa. — Minha mãe era alemã. Era uma grande vantagem ter esse atributo durante a guerra.

Maria pode imaginar o que aconteceu em Lyon, como Félix foi solto e o marido de Vivienne não.

— Eu me deitei com ele — Matilde diz calmamente. — Era a única forma.

— Então você vê, Maria, Matilde salvou a vida de Félix. Porém, infelizmente, seu captor alemão a quis como amante. Dormir com ela uma única vez não foi o suficiente. Ela fez isso para proteger o marido de outras prisões.

Maria olha para a pequena mulher no sofá. É difícil imaginá-la como a amante desejada por um figurão da Gestapo alemã, mas talvez a atração fosse decorrente, sobretudo, do fato de que ela era casada com Félix.

— A vida de Matilde foi recentemente ameaçada por expurgadores comunistas — René fala do fundo da sala. Quase esquecera de que ele estava lá. — É por isso que ela está aqui no momento. Ninguém ousa machucar Matilde enquanto Félix Leduc ainda estiver casado com ela. Porém, caso se separem... bem, aí ela fica muito vulnerável.

Então, essa mulher também ama Félix. Ela só pode amá-lo. Como Maria pode competir com isso? Com a devoção que a levou a vender a própria alma ao diabo em pessoa de modo a salvar o homem que amava? Matilde olha de volta para ela, sem piscar, sofrida. Maria vira-se para Félix e, para sua surpresa, agora ele está olhando para a esposa como algo que beira a repulsa.

— Devo proteção a Matilde, é verdade, mas não consigo perdoar o que ela

fez.

As palavras dele parecem apunhalar Matilde. Ela abaixa os olhos e mira o chão. Seu rosto pálido fica vermelho.

— Félix, ela salvou sua vida — Olivier protesta.

— Preferiria que não tivesse salvado — diz o marido no mesmo tom. — Ela sabia o tipo de homem que eu era. Preferia ter morrido a saber que minha esposa dormiu com o inimigo.

O relógio badala, enfatizando a declaração.

— Como eu poderia não tentar te salvar? — Maria escuta Matilde sussurrar.

Maria está sem palavras. Despedaçada. Ama Félix justamente pelo homem que ele é: forte, corajoso e caprichoso, mas ele é tão implacável. Pensa no que Matilde fez e sabe que, se dormir com um alemão fosse salvar a vida do seu amor, teria feito exatamente a mesma coisa.

— Você vê — Olivier diz para Maria —, eu te disse que a verdade era muito complicada.

Ela se encosta à cadeira. Repentinamente, sente-se tão cansada. Agora que a raiva passou, está sem forças.

— Querida — Félix diz, sendo carinhoso com Maria na frente da esposa dele, que permanece imóvel como se não fosse feita de carne e osso, como se tivesse virado uma rocha —, você parece muito cansada. Por que não vai para a cama? Conversaremos mais pela manhã...

“Ele não implorou pelo meu perdão” — pensa.

Levanta-se com cansaço; o corpo pesa e a cabeça gira.

Félix sobe as escadas com ela. Abraça-a e a conduz até o quarto. Ela não o impede. Está atraída por ele. Pode sentir seu corpo gravitando em direção a ele, implorando para que ela o deixe tocá-lo. Porém, ele não é o homem que ela pensou que fosse.

Ele a acompanha até um quarto escuro e acende um abajur ao lado da cama. O quarto é bastante luxuoso. É decorado com papel de parede adamascado de primulas claras com uma estampa de rosas cor-de-rosa. Há uma cama de quatro colunas coberta por uma colcha de flores, decorada com rosas de seda branca. Apesar da grandiosidade, cheira a mofo e não é arejado há meses. Félix anda pelo quarto e abre a janela. É uma noite tão silenciosa e quente que faz pouca diferença, mas Maria sente-se melhor com as cortinas abertas, pois pode ver a lua e as estrelas de dentro do quarto. Senta-se na cama e deixa a capa vermelha deslizar pelos ombros.

Félix vem até ela. Ele se ajoelha diante dela e toma suas mãos. — Eu te amo, Maria — diz, olhando-a nos olhos.

Ela solta as mãos e toca a marca de tapa que ainda é visível no rosto dele.

— Me desculpe por ter te batido — diz.

Ele sorri com o rosto relaxado, de um jeito que não estava lá embaixo.

— Tudo bem — diz, pegando novamente a mão dela e colocando-a sobre o zíper da calça. Quer que Maria sinta seu pau crescer. — Eu te quero tanto... Você parece a própria luz da lua, sentada na cama com seu vestido prateado.

Ele desliza a mão por baixo do vestido e acaricia suas pernas. Ela o deseja, mas sabe que é só o seu corpo que está respondendo. Seu coração está confuso: o amor que sente por ele conflita com o sentimento de traição. E outra coisa... não sabe dizer o que é, mas, de repente, sabe que precisa ficar sozinha esta noite. Então se afasta. Ele para o que está fazendo, olhando confuso para ela.

— O que foi, querida?

— O que vai acontecer, Félix?

Ele suspira, sentando-se também. — Sabe, é por isso que fui para Londres, para fugir de tudo isso — contrai os ombros. — Eu sabia que não deveria ter te trazido para a França...

— E a gente, Félix? O que faremos?

— Eu te amo, Maria. O meu amor não te basta? Em alguns anos, poderei me divorciar de Matilde e ela desaparecerá da nossa vida. É que, no momento, ela precisa da minha proteção; devo isso a ela.

— Então, você quer que eu seja a sua amante?

— Sim — diz. — Mas, na verdade, você é a minha esposa, minha querida... — a voz dele some.

— Por que você não a perdoa? — Maria sussurra.

— Não quero mais falar sobre isso — levanta-se abruptamente e uma expressão de soberba toma o lugar da cara de adoração.

Ela sonha que está dançando. As paredes do quarto transformaram-se em um prado dourado e ela está dançando lá. A grama é macia e felpuda como um tapete, o aroma das rosas de verão penetra pelos poros de sua pele, deixando-a doce e maleável como as pétalas caindo. Dança sozinha nesse espaço livre e aberto. Como é bom voltar a sentir o seu espírito voar! Seu corpo obedece a seus pensamentos e ela pode saltar bem alto pelo campo. Não há nada que possa entristecê-la neste lugar onde dança. Sua alegria é a sua liberação, mas ela sabe que está dançando no limite do campo e que há uma selva escura além dele. A selva se aproxima cada vez mais, como se as árvores estivessem se rastejando até ela. Suas sombras projetam-se sobre o campo dourado e ela para de dançar. Olha entre as árvores e vê um rosto, um rosto pálido, como um halo de estrela, que é o rosto de Matilde Leduc. Seus olhos expressam o amor por um homem

que a despreza. É muito doloroso olhar para o rosto dela. Vai embora, mas, antes, escuta a mulher dizer: “O amor e o ódio dormem juntos”.

Maria senta-se na cama com o coração em disparada. Olha para a janela aberta e pode ver que ainda é noite, está longe do amanhecer. Deve ter dormido só um pouco. Puxa o lençol até o queixo e, agora, deseja que não tivesse expulsado Félix mais cedo. Queria que ele estivesse consigo, envolvendo-a com seus braços, acalmando-a. Por que eles não podem continuar como antes? Ele disse que, em alguns anos, poderia se divorciar de Matilde. Disse que a amava — Maria.

Empurra a colcha e sai da cama. Ainda está usando o mesmo vestido de noite. Vai até ele. Precisa dele: é sua única certeza.

Não faz ideia de qual poderia ser o quarto de Félix. Anda na ponta dos pés, abrindo porta por porta. A maioria dos quartos está vazia. Abre um deles e vê os óculos de René na mesinha de cabeceira e um leve ronco saindo do monte por baixo da colcha. Fecha a porta. Tem que encontrar Félix. Quer ser envolvida pelos braços dele, derreter-se nele, senti-lo dentro de si de novo. Está vazia sem ele. Só assim se sentirá melhor.

Abre a última porta do corredor. A primeira coisa que vê é uma janela aberta e a luz da lua banhando o quarto, inundando-o de sombras azuis metálicas. Vê uma grande cama de quatro colunas à sua frente. Ela o encontrou, mas o que vê a deixa paralisada, sem palavras. Não é apenas Félix que está deitado na cama, mas Matilde também, a esposa que achou que ele odiasse. Os dois estão dormindo, enroscados um no outro na cama. Parecem tão inocentes, tão perfeitos juntos. Isso dilacera o seu coração. Ouve novamente as palavras que Matilde disse no sonho: “O amor e o ódio dormem juntos”.

Maria se vira e sai correndo do quarto. Não pode ficar ali. Não pode suportar aquilo. Seu coração está ruindo e ela vai morrer se passar mais um minuto nesse pesadelo de *château*. Invade o quarto de René e chacoalha o baixinho até acordá-lo.

— René! Você tem que me levar de volta para Paris *agora* — está em prantos, quase histérica com a imagem do homem que ama em paz nos braços da esposa.

THÉO É UM homem do espaço, um visitante de outra galáxia. Está totalmente vestido com sua roupa intergaláctica prateada e sua cabeça está protegida dos beijos de Valentina por um capacete. Não consegue ver os olhos dele, apenas os seus próprios refletidos no visor. No terraço do apartamento, dá a mão para ela e aponta para o céu. Sabe que tem que pular e que não deve ter medo de cair e se espatifar no chão da rua. Tem que confiar nele. É mais fácil do que pensou que fosse. Tudo o que tem que fazer é suspender a mente e ouvir o coração.

Assim, juntos, saltam no céu de Londres. Caem por um segundo, as pontas de seus dedos dos pés raspam o alto de torres antigas na Tower Bridge, mas ela mantém a fé nele e, como não poderia deixar de ser, uma lufada de ar quente os impulsiona para cima. Começam a subir de novo, levados para a esquerda e acima do prédio modernoso, em formato de charuto, da Swiss Re. Estão flutuando, sem peso, nos céus londrinos, sendo levados para longe, muito longe da realidade, para outro universo. Valentina agora está observando as estrelas, o olhar fixo na constelação do amor de ambos, tão claramente mapeada para ela. Théo e ela são apenas uma minúscula partícula de perfeição em meio ao infinito. Todo esse amor que ela sente não pode pertencer só a eles dois.

* * *

Valentina acorda nos braços dele. A alegria que sente enche seus olhos de lágrimas. Não é um sonho. Está aqui na cama com o seu homem do espaço. Olha para o rosto adormecido de Théo. Para ela, ele é mais lindo do que qualquer ser celestial, mais irresistível do que qualquer outro homem com quem já esteve.

Sabe que nunca poderiam ser apenas bons amigos — não do jeito que é com Leonardo. Com Théo, tem que ser tudo ou nada. Quer tocá-lo, mas não quer que ele acorde, quebrando assim a perfeição da fantasia de que estariam juntos de novo. Não sabe o que ele vai dizer uma vez que acordar.

Ele tinha rejeitado Anita. A lembrança deste momento definitivo gira na cabeça de Valentina como se fosse uma bola de cristal na palma de sua mão. Ambas ainda estavam na jacuzzi, admirando a nudez resplandecente de Théo, quando ela percebeu que não conseguiria seguir adiante no *ménage*, que talvez fosse perdê-lo para sempre. Foi quando Théo disse a palavra mágica:

— Não.

— Tem certeza? — Anita disse, fazendo bico, por mais que, estranhamente, não parecesse chateada para Valentina. — Que pena — continuou, espirrando água, como que contrariada, ainda que seus olhos ainda estivessem sorrindo.

— Desculpe, Anita. Já te disse que agora sou homem de uma só mulher.

Anita cruzou os braços sobre os seios volumosos.

— Até certo ponto — disse. — Mas acho que podemos concordar que todos nós gostamos do banho que tomamos juntos. Você não gostou, Valentina?

— Sim — sussurrou, mal conseguindo falar, com o peito apertado de apreensão. O que Théo quis dizer quando falou que era homem de uma mulher só?

Valentina respondeu imediatamente quando Théo virou-se para ela e esticou a mão:

— Bom, você vem para casa?

Levantou-se imediatamente, derramando água.

— Acho que ela quer ir! — Anita comentou com sarcasmo. — Vão, pombinhos. Voem.

Valentina virou-se para Anita, momentaneamente preocupada de estarem sendo cruéis. Anita, porém, sorriu para ela.

— Não fique tão preocupada, querida. Estou bem. Sabia que não tinha como ganhar de você desde a primeira vez que te vi... Mas uma garota pode tentar, né? E, em todo caso, acho que gostei de você tanto quanto de Théo, para ser honesta.

— Sinto muito — Valentina disse.

— Não sinta. Tenho um monte de amigos que vão topa brincar comigo — Anita confortou-se.

Submergiu na água e Valentina sacou a deixa. Pegou a mão estendida de Théo e saiu da jacuzzi.

Ainda encharcados, os dois correram juntos pela manhã. A cor do céu era de um azul delicado, com toques de rosa, fúcsia e por vezes violeta, os tons do coração, transformando o horizonte urbano numa fronteira distante de uma cidade mágica. Correm pelas ruas de pedra, passam pelos prédios de antigos depósitos e pelo rio. Valentina não tinha ideia de onde estavam indo. Bastava apenas estar de mãos dadas com Théo. Estar com ele de novo era tudo o que ela queria.

Atravessaram uma avenida, desceram uma rua repleta de casas e cruzaram outra avenida, até que chegaram à entrada de um condomínio com prédios que pareciam decadentes.

— Moro num apartamento alugado neste conjunto habitacional antigo —

Théo explicou quando a conduziu pelas escadas de acesso ao segundo bloco de apartamentos.

Amassou a chave quando a encaixou na fechadura. Valentina quase pensou que ele fosse derrubar a porta, tamanha era a sua fúria para fazê-la entrar, tirá-la do mundo externo e trazê-la de volta aos seus braços. Atravessaram o apartamento direto para o quarto. Ele se jogou de costas na cama, puxando-a com ele. Seus corpos ainda estavam ensopados, seus poros continuavam abertos devido ao vapor da jacuzzi e seus pelos, arrepiados com a exposição ao frio da manhã.

Valentina nem prestou atenção no quarto. Tinha uma cama e era tudo o que precisava. Montou logo em Théo, que não hesitou em oferecer o pau a ela. Olharam-se, buscando uma resposta para aquilo que os atraía. A emoção ardeu entre eles como um rastro de pólvora. Ela segurou o pau duro com as mãos e o levou para dentro de si, abraçando-o com os lábios vaginais. Instantaneamente, estava de volta onde pararam em Veneza, na manhã em que o perdeu. Ela ansiava por isso desde que ele tinha saído de sua vida. Foi um sexo profundo e de alma, abrindo o caminho para sua essência mais íntima. Estavam em perfeita sincronia. Como uma entidade única, enraizaram-se um no outro, sugando-se cada vez mais. Não havia pressa. Foi como se tivessem todo o tempo do mundo. Na imensidão da cama, estavam no campo deles e, tudo além daquilo, mesmo Anita, no apartamento dela, foi esquecido.

— Oh, Valentina.

Sentiu angústia na forma como ele disse seu nome e isso atíçou seu amor por ele. Abaixou-se e beijou-o sobre os lábios. Ele abriu a boca, com fome de amor, algo que achou que nunca poderia ter.

Valentina nunca tinha se doado tanto na cama. Daí vinha seu êxtase. Anos e anos de autopreservação chegaram ao fim, podendo finalmente expor seu coração excitado e sua necessidade erótica para que seu amado a preenchesse incessantemente. Cada movimento esplendidamente calculado, cada estocada funda de Théo, cada vez que contraía sua pélvis e o sugava profundamente dentro de si, cada vez que ele a tocava, Valentina ficava na gangorra, no limite do seu desejo. Foi a glória. Ela chegou a dizer enquanto faziam amor:

— Eu te amo.

Suas palavras mexeram com ele, pôde perceber. Segurou-a com mais força, meteu ainda mais fundo dentro dela e, enfeitiçados pelo poder do amor, gozaram juntos, trocando gritos e arquejos.

Aquela primeira vez não foi o final para eles. Tamanha era a fome de um pelo outro que fizeram amor mais duas vezes até caírem exaustos. Nem por um momento, Valentina pensou em Anita... até agora. A ideia do *ménage* foi tão

bizarra. Mas gostou quando estavam todos juntos na jacuzzi...

Sai da cama, olhando para Théo, que continua dormindo. Vagueia pelo apartamento. Mais cedo, pareceu muito rústico por fora. Um antigo conjunto habitacional — foi o que Théo disse —, mas era muito simpático por dentro. Simples, mas de bom gosto: tão Théo. A sala de estar tem uma antiga poltrona de couro e estantes de livros. Nas paredes, há algumas impressões modernistas. Tem uma escrivaninha de imbuia no canto com a tampa aberta. Lá está o laptop dele e, para sua surpresa, há um porta-retratos com uma foto dos dois. Pega a foto e a revê com um sentimento de nostalgia. Lembra que Théo pediu a um turista que tirasse a foto. Estão na praia e ela está usando um biquíni não muito escandaloso, com os braços cruzados, olhando contra a luz e sorrindo como uma boba para a câmera. Olha para esta garota e é tão claro que ela está feliz e apaixonada. Por que negou isso durante tanto tempo? E por que Théo tem essa fotografia na escrivaninha dele? Isso significa que ele nunca desistiu dela?

Encontra o banheiro e se enrola no robe branco de Théo. Vai para a cozinha e enche a chaleira. Uma pequena janela dá para uma sacada melancólica e uma vista bem banal do conjunto de apartamentos, com um verde descuidado na frente, um balanço quebrado e uma gangorra abandonada. Mas o dia está claro e ensolarado, então Valentina acha a vista enternecedora. Imagina-se vivendo aqui em Londres com ele: uma nova vida e um novo começo para ambos. Olha para o relógio da cozinha, que marca pouco mais de meio-dia. Seu voo é às seis. Se for para Milão hoje, terá muito pouco tempo para voltar para a casa de Tia Isabella e arrumar a mala. Não faz a menor ideia de em que parte de Londres estão agora, nem do quão perto estão de Isabella. Prepara duas canecas de chá, ponderando as opções que tem. Não quer voltar para Milão — ainda não, não agora que ficou com Théo. Só ia querer voltar se ele fosse com ele.

Valentina anda pela sala com as duas canecas de chá e coloca-as sobre a mesinha de centro. Sua bolsa está jogada na poltrona. Abre e pega o celular. Há duas mensagens de Antonella.

- > Cadê você?
- > Indo para Moscou com Mikhail! Me liga.

Talvez Antonella finalmente tenha encontrado “o cara”. Deve gostar muito de Mikhail para ir para Rússia com ele. Deseja muito que dê certo, que Antonella não perca o interesse por ele. Há algo nesse russo taciturno que realmente agrada Valentina e que faz com que ache que ele é bom para sua amiga furacão.

— Aí está você.

Vira-se e vê Théo parado na porta, com o peito nu e uma calça de pijama de seda marcando sedutoramente a bunda.

— Estava com medo que você tivesse fugido de mim.

Agora, na frieza da luz do dia, será que consegue dizer como se sente?

— Eu nunca fugiria de você. Não agora.

— Sério? — Théo sorri de satisfação com as palavras dela. Essa não é a Valentina inexpressiva que ele conheceu.

Ela confirma, repentinamente temendo que a noite tenha sido uma ilusão e que ele vá dizer que foi só aquilo e nada mais.

— Que história é essa com Anita? — diz, instantaneamente, culpando-se por ter invocado o nome da rival.

— Como te disse no Tate, é complicado.

Valentina faz uma careta. Ele vem até ela e ajeita seus cabelos atrás da orelha.

— Não se preocupe. Nunca rolou nada romântico nem sexual... não até você estar envolvida, na verdade!

— Então por que ela diz ser a sua namorada?

Théo pega uma das canecas de chá, senta-se na poltrona e faz um sinal para que ela sente com ele.

— Foi tudo de fachada — explica. — Você pode até dizer que nós “saímos” por um tempo, mas eu logo expliquei pra ela por que queria conhecê-la.

— E por quê? — Valentina pergunta, ainda sem entender.

— Achei que você já tivesse sacado — Théo diz, espetando a barriga dela através do roupão. — Anita tinha um André Masson que eu estava buscando. Lembra que eu te falei sobre isso na Tate Gallery, no outro dia?

— Claro — Valentina pensa. Todas aquelas obras nas paredes do apartamento de Anita... de repente, lembra-se de algo. Tapa a boca com a mão. — Glen estava lá — diz. — Ontem à noite.

Vê uma contração de raiva no rosto de Théo.

— Céus, aquele cara é inacreditável — diz. — Quando o vi na exposição, disse para ficar longe de você. Bom, de qualquer forma, é tarde demais para ele roubar o desenho. Peguei ontem à noite. Está aqui comigo.

Levanta-se da poltrona, atravessa a sala e pega uma maleta de couro. Abre uma gavetinha da escrivaninha, pega uma chave e destranca a maleta. Tira um pequeno desenho emoldurado e passa para Valentina, voltando a se sentar ao lado dela.

— Chama-se *Mulheres malditas* e é de mil novecentos e vinte e dois.

Valentina examina o desenho. É um emaranhado de mulheres nuas, sendo difícil distinguir os corpos. Os seios e os pelos pubianos são mais definidos do que os rostos. Parecem uma massa serpentiforme de sexo.

— Como Anita conseguiu isso? — pergunta para Théo.

— Apesar de o avô dela ter lutado contra os nazistas, parece que ele não teve

o menor receio de comprar esse desenho de um colecionador conhecido por vender tesouros alheios em mil novecentos e cinquenta e três.

— Então, você roubou o desenho do apartamento de Anita ontem? É por isso que você fingia ser o namorado dela? — Valentina pergunta, intrigada com o fato de Théo ter conseguido roubar a obra debaixo do nariz de todos que estavam na festa.

— Esse era o plano original — diz, pegando o desenho e guardando-o de volta na maleta. — É por isso que te disse para confiar em mim e simplesmente esperar. Nunca tive interesse em ser o namorado de Anita. Sei que fui insensível, mas tinha que recuperar o desenho.

Valentina se lembra de algo que Anita disse na noite passada, logo antes de estarem todos juntos. Algo no sentido de que aquela seria sua última chance com Théo, como se soubesse que não o veria de novo.

— Acontece que Anita é uma boa pessoa — Théo continua a explicar. — Quando Glen começou a espreitar, tive receio de que ele invadisse o apartamento dela. Senti que precisava alertá-la, então contei a história toda. Fiquei tão impressionado com a reação dela. Foi o “roubo” mais fácil que já cometi.

— Por quê? O que aconteceu?

— Mostrei todas as provas e ela concordou em me dar. Simples assim! Acho que ela é tão podre de rica que pode se dar ao luxo de ter princípios.

— É um pouco estranho — agora Valentina se lembra de outra coisa que Anita disse quando estavam falando sobre sua avó e o filme erótico: “Descobrir os segredos de nossos ancestrais pode mudar quem somos”.

— Talvez, assim como você, ela queira corrigir os erros do próprio avô — Valentina sugere.

— Pode ser. Acho que não posso julgar ninguém depois do que meu avô fez, vendendo todos aqueles tesouros inestimáveis de pobres judeus aos nazistas por uma ninharia.

— Mas lembre-se de que ele não tinha muitas opções, Théo, e que passou o restante da vida tentando devolvê-las para seus verdadeiros donos.

Toda família tem seus segredos obscuros, seus corpos no armário. Valentina continua chocada com o fato de sua avó ter participado daqueles filmes eróticos, mas as evidências parecem indicar que é verdade. E também tem aquela mentira estrondosa sobre seu pai...

— Então, Valentina — Théo diz, cuidadosamente colocando a maleta de couro de volta no chão —, quando devolver este desenho minha carreira como “recuperador” de obras de arte terá chegado ao fim. Você vai continuar me achando atraente quando eu for apenas um velho acadêmico antiquado de novo?

— É claro que vou — diz, beijando-o na boca. — Na verdade, mal posso

esperar!

Afasta-se de repente, sentindo um aperto de ansiedade no estômago quando se lembra de algo.

— Théo, esqueci de te contar: tem mais sobre Glen.

Théo a puxa para perto de si. Ela coloca as mãos sobre o peito nu dele, passando os dedos entre os pelos macios.

— O que foi, querida?

— Ele me seguiu... — faz uma pausa, decidindo não contar para ele que Glen e ela se viram do lado de fora da casa de Philip Rembrandt. Ainda não se sente pronta para explicar tudo sobre seu pai. Precisa de um tempo só para os dois antes de descarregar nele a bagunça da sua família. — Ele disse que se você não devolvesse o dinheiro pelo quadro de Mrs. Kinder ou deixasse-o ficar com o Masson, ele me sequestraria.

— Como ele ousa?! — Théo reclama, enojado. — Tentou me assustar com isso na galeria e falei pra ele se mandar. Ele argumentou que já tinha feito um acordo com o filho de Giulio Borghetti antes de eu aparecer. Disse que se nos deixasse em paz, esta seria a última obra que eu pegaria. Depois de ontem à noite, todas as obras perdidas do tesouro nazista são dele se quiser. Achei que tivesse ficado satisfeito com isso.

— Bom, acho que não — Valentina conta.

— Já chega! — diz, bravo. — Não me importo com as consequências. Se ele aparecer de novo, vou denunciá-lo para a polícia — Théo parece tão determinado que ela não tem a menor dúvida de que ele fará isso.

— Mas você não pode se prejudicar?

— Não, na verdade, não. Agora já terminei tudo. Lembre-se de que nenhuma das obras que eu peguei foi oficialmente declarada como roubada, uma vez que sua posse não era lícita — ele a puxa ainda para mais perto, fazendo-a encostar no seu peito; tanto que Valentina pode sentir seu cheiro delicioso. — Além do que, não vou mais te perder de vista agora. Não até que eu devolva o quadro para o filho de Giulio Borghetti em Sorrento.

Valentina fica sem fôlego com o que ouviu. Théo não quer perdê-la de vista. Então, o reencontro deles não é apenas algo momentâneo: tem futuro. Ela se aconchega nele, pressionando os lábios contra seu peito, sentindo-se mais satisfeita e mais segura do que nunca em toda a vida.

— Théo? — sussurra — Quando você soube que me queria de volta?

— Nunca deixei de te querer, Valentina, embora eu só tenha percebido isso quando te vi de novo pela primeira vez na Lexington — dá um suspiro. — Meu Deus, queria te pegar em meus braços, mas Anita estava lá e eu estava em um estágio delicado de nossas negociações sobre o Masson...

Ela se vira e olha para ele.

— Por que você não me contou o que estava rolando com Anita quando nos encontramos no Tate? Por que você me deixou passar por tanta angústia?

— Porque eu já tinha aberto o coração pra você. Quem precisava ter certeza dos seus sentimentos era você, não eu. Eu te disse para confiar em mim. É isso que você tinha que fazer — continua a falar, acariciando o cabelo dela — De certa forma, ter Anita por perto foi providencial porque, por mais que eu nunca tivesse dito nada para você, talvez isso tenha te forçado a se abrir para mim... Você se sentiu ameaçada? — olha para ela interrogativamente.

Valentina fica vermelha.

— Estou surpresa comigo mesma — admite. — Achei que fosse uma verdadeira libertina, mas, quando chegou a hora, quis você só pra mim.

— Fico bem feliz com isso, Valentina, porque acho que não ia querer te dividir com mais ninguém — beija a testa dela.

— Então, estamos perdidos um pelo outro? — pergunta.

— Sim, nós dois demos um passo além naquele perigoso abismo chamado amor.

Ele começa a abrir o roupão dela e deixa-o cair. Ela monta no corpo sedoso dele e o admira, estudando seu rosto, guardando os detalhes no coração.

— Então, você vem comigo devolver o Masson para o Borghetti? Vou para Nápoles amanhã de manhã bem cedo.

— Mas eu deveria voltar para Milão hoje à tardinha — protesta sem força.

Ele a puxa para baixo e beija-a.

— Ah, não, Valentina, hoje à tarde você estará muito ocupada transando comigo. Acho que você vai perder o voo...

— Se você diz — nem tenta fingir.

Valentina se inclina e acaricia as bolas dele através do pijama de seda. Escorrega a mão por baixo do elástico da cintura e sente o pau dele crescer, a urgência dele estar dentro dela de novo. Ela o beija intensamente, sentindo o amor em seu coração como se fosse mel.

— Théo? — Valentina se afasta por um segundo, sentindo-se estranhamente acanhada. Ele olha para ela com expectativa. Valentina está tão nervosa com o que ele poderá responder que abaixa os olhos para perguntar, prestando atenção nas dobrinhas da própria barriga. — Quer nmorar comigo? — A voz dela é quase um sussurro.

— Não, claro que não — diz automaticamente, sem refletir.

Ela sente um nó na garganta. É difícil disfarçar a frustração. Então, ele não a perdoou.

— Valentina — ele diz, levantando o queixo dela com a ponta do dedo e

olhando-a dentro dos olhos.

Ela retribui o olhar, mirando um oceano azul de possibilidades.

— Eu não quero que você seja a minha namorada porque quero que você seja minha esposa.

MARIA

DE VOLTA AO hotel em Paris, Maria abre a mala que Félix lhe deu. Está cheia até a metade, com roupas e bugigangas que ganhou. Arranca a capa vermelha, rasga o vestido que estava usando e ajoelha-se, virando o conteúdo da mala. Meias, camisas de seda, luvas e echarpes voam pelo ar como um carnaval de cores. O frasco de *L'Heure Bleu* se choca contra o assoalho. O vidro se estilhaça em milhares de minúsculos cristais brilhosos. O perfume intenso a invade. As imagens que o aroma traz a fazem tremer. Enfim, após um silêncio sepulcral durante toda a sua volta a Paris, René ofereceu-se para ajudá-la e Maria rejeitou. Precisou de muito autocontrole para não berrar como um bebê e procurar consolo nos braços gorduchos dele. Depois de tudo isso, chora. Não é só uma garota que teve o coração partido pela primeira vez que está chorando, mas também uma mulher traída que derrama seu pranto visceral. As lágrimas escorrem pelo rosto e pelo queixo, rolando pelos seios nus e continuando até sua barriga trêmula e o meio das pernas. Esvazia a mala e, quando termina, entra dentro dela. Sente a frieza da seda vermelha do forro em contato com sua pele febril. Deita de lado e leva os joelhos até o peito, ficando em posição fetal. Encaixa-se na grande mala e fecha os olhos.

Em seus sonhos, vira uma minúscula fera em hibernação. De repente, a mala se fecha. Está na escuridão; o único som que escuta é a batida de seu coração. Mas não está assustada. É reconfortante estar invisível à luz do dia. Ela se segura com força quando sente que a mala é levantada. Quem a está carregando? Para onde está sendo levada? A mala balança para frente e para trás como se estivesse sendo ninada em um berço. O espaço é pequeno, mas sente-se confortável, como se se encaixasse perfeitamente nesse lugar. Fica surpresa com isso, pois nunca gostou de estar confinada em espaços exíguos. Mas é como se estar trancada em uma mala fosse o lugar ao qual ela pertence. Sente-se tão segura que o balançar a adormece.

Quando a mala é aberta, a primeira coisa que sente é um gosto salgado nos lábios. Abre os olhos com dificuldade, piscando sob o brilho da luz do dia. Olha para cima e vê um amplo céu com uma gaivota sobrevoando-a em círculos. Ouve o mar indo de encontro à orla, batendo nas rochas sem parar. Espera para que a maré a arraste com a mala. Ela se vê boiando no oceano até que é engolida

por ele. O choque do mar contra as pedras vai ficando mais furioso, mais urgente. Então, ela escuta uma voz:

— Maria!

Abre os olhos. Vivienne está lá, olhando para baixo e vendo-a daquele jeito. Nunca a viu com uma expressão tão séria.

— Maria, o que você está fazendo dentro dessa mala?

Balança a cabeça. Não tem forças nem vontade de falar. Quer apenas virar o nada, desaparecer.

— Venha — Vivienne diz, ajoelhando-se ao lado dela e pegando-a pelos braços, puxando-a. — Saia daí, assim, com cuidado — diz delicadamente. — Pronto, agora vamos vestir uma roupa.

Vivienne a acompanha para fora do pequeno quarto do hotel em Saint-Germain-des-Prés, segurando-a pelo cotovelo. Deixa a mala vazia para trás com todos os vestidos e joias, com todas as suas coisas de amante.

Sua amiga a guia pelas caóticas ruas de Paris até seu próprio apartamento no sétimo *arrondissement*. Maria está indiferente a tudo ao seu redor. Sente-se adormecida por dentro. É como se estivesse morta.

Uma vez dentro de seu pequeno apartamento, Vivienne se agita e pergunta:

— Você já comeu?

Maria balança a cabeça em negativa, mordendo o lábio e tentando não chorar de novo. Vivienne então prepara a mesa com pão e queijo e serve uma taça de vinho para cada uma.

— Vamos lá, tome isso — diz, passando uma taça de vinho para Maria. — Você vai se sentir melhor.

Maria dá um gole. É verdade, o vinho a fortifica um pouco, mas ainda não consegue falar. Está envergonhada demais.

Como se lesse seus pensamentos, Vivienne fala primeiro:

— Você não precisa me dizer o que aconteceu. René me contou — não olha para Maria, prestando atenção no pedaço de pão que está cortando. — Não posso acreditar que Félix esteja protegendo *aquela* mulher — Vivienne se revolta. — Ela é escória. Todas aquelas mulheres que dormiram com bastardos alemães são putas.

Maria percebe o ódio na voz de Vivienne.

— Mas e se algumas daquelas mulheres que vocês chamam de colaboracionistas horizontais se apaixonaram por alemães? — Maria arrisca. — Podemos escolher por quem nos apaixonamos? Além disso, Matilde não amava o alemão com quem dormiu. Fez isso para salvar a vida de Félix.

— Em tempos de guerra, acredito que você deva se manter fiel aos seus

princípios; tem que fazer sacrifícios, Maria — Vivienne diz com severidade. Inclina-se para frente e delicadamente tira um fio de cabelo de Maria do rosto dela. — Você é muito jovem e acha que o amor pode tomar conta de você. Se isso acontecer... Bem, nesse caso não é um amor saudável.

Maria pensa no que Vivienne diz. Seu amor por Félix a dominou completamente. Desistira de dançar, de Jacqueline e, até certo ponto, desistira até mesmo de suas mães por causa dele.

Pensa em Félix. Vê o rosto dele por um momento, quando diz que a ama e como se sente jovem novamente. E não é nada disso. Ele é um homem casado, com o dobro da sua idade. Agora, ela o vê como o viu na noite passada: dormindo nos braços de Matilde. Sente um calafrio e fecha os olhos.

— Ele me enganou — sussurra para Vivienne.

— Não, não, minha querida — Vivienne diz. — Félix te ama, tenho certeza disso, mas... sabe, ele ainda tem sentimentos por Matilde também.

— Ele disse que a desprezava.

— Sim, mas se ele realmente a desprezasse, já teria terminado com ela...

Maria não tinha contado a René por que fez com que a trouxesse de volta a Paris no meio da noite. Não sabe se ele percebeu, nem se contou para Vivienne. Tem muita vergonha de contar que viu Félix e Matilde na mesma cama. Espera que sua amiga não saiba.

— Você não sabe o que fizeram com ele — diz, encostando-se na cadeira e apertando a mão de Maria.

— Durante a guerra? — Maria pergunta.

— Todos nós pensamos que Félix tinha morrido — Vivienne continua a explicar. — Ele foi submetido à tortura pesada em Lyon. Ninguém tinha sobrevivido antes — Vivienne larga a mão dela e seus olhos se enchem de lágrimas. — Você sabe do meu Marcel, não?

Maria faz que sim.

— Sinto muito.

— Bom, agora você sabe por que eu odeio a Matilde... embora eu não fosse ser responsável caso ela se machucasse — Vivienne se senta de volta e apoia os braços na cintura. — Não sou assim. Não poderia fazer o que ela fez. Eu amava Marcel — chora, limpando as lágrimas dos olhos. — Matilde fez com que eu sentisse como se tivesse falhado com ele... odiei-a por isso.

— O problema não é quem ela é ou o fato de que ele é casado, mas sim que ele nunca me contou — Maria diz. — E ontem à noite... eu... vi...

Vivienne se inclina para frente e coloca o dedo sobre os lábios de Maria.

— Eu sei, imaginei que tivesse fugido por isso — suspira. — Porém, ainda acredito que é você quem Félix ama. A vida é diferente agora — Vivienne

oferece um cigarro para ela.

— Como assim?

— A guerra ridicularizou tudo o que considerávamos sagrado antes: vida... e amor. Não podemos mais querer viver de acordo com os mesmos códigos morais.

— Então você acha que eu deveria ser a amante dele? — Maria pergunta, chocada por Vivienne aceitar tal ideia.

— Isso depende de você, minha querida — diz com suavidade. — Mas eu não te julgaria por isso. O amor e a paixão que você e Félix sentem um pelo outro são muito raros para que desistam tão facilmente, ainda que existam outras complicações.

— Mas... mas... e se tivéssemos um filho? — Maria sabe o que é crescer sem um pai de verdade. Não quer que seus filhos sejam vistos como diferentes, como ilegítimos.

Vivienne solta a fumaça do cigarro.

— Você daria um jeito. Valeria a pena.

Maria pensa nas duas filhas mortas de Vivienne. Sente compaixão pela amiga. Como pode ser tão egoísta e falar de si mesma quando foi Vivienne quem passou por tudo aquilo?

— Sinto muito — diz, colocando a mão sobre o braço de Vivienne — pelas suas meninas.

Vivienne olha para ela por um momento e Maria vê uma dor tão profunda nos olhos dessa mulher que perde o ar.

— Achei que pudesse voltar a viver em Paris — Vivienne diz baixinho. — Sabe, é a cidade dos escritores, sobretudo das escritoras. Mas acho que deveria ter partido quando Félix partiu. Não sei por que ele voltou — dá uma longa tragada no cigarro. — Maria, lembre-se de que toda essa tragédia não tem nada a ver com você. Nada. Você trouxe esperança para nossa vida.

Maria balança o cigarro entre seus dedos trêmulos.

— Sou apenas uma garota comum.

— E é justamente por isso que você é tão especial — sua amiga diz, acariciando seu cabelo carinhosamente enquanto lágrimas escorrem de seus olhos.

— Como se chamavam?

Vivienne não precisa perguntar a quem Maria se refere.

— Lucille e Tina — diz, escondendo o rosto entre as mãos.

Maria envolve seus braços em volta da amiga mais velha.

Do lado de fora, Paris está fervendo sob o sol do meio-dia enquanto o apartamento de Vivienne reverbera em um silêncio obscuro e as duas mulheres

choram uma nos braços da outra por tudo o que perderam.

Mais tarde, depois de terem secado as lágrimas e recobrado a sobriedade com café, Vivienne pergunta se Maria quer sair. Poderiam ir a um clube de jazz ouvir um pouco de música, ficar bêbadas e afogar as mágoas, mas Maria recusa. Quer dormir agora, precisa fazer esse sofrimento parar.

— Por que você não vem para os Estados Unidos comigo? — Vivienne sugere enquanto passa batom, olhando-se no espelhinho do seu pó compacto.

— Estados Unidos?

— Sim, estou de mudança para Nova York. Me ofereceram um trabalho como escritora na *Harper's Bazaar* e acho que devo aceitar. Preciso dizer adeus a Paris por um tempo, deixar alguns fantasmas descansarem... — faz uma pausa, tapando o batom e colocando-o de volta na bolsa. — Então? — Vivienne pergunta, virando-se para ela com olhos simuladamente brilhosos. — Você vem pra Nova York comigo?

— Não conheço ninguém lá. O que vou fazer?

— Você me conhece... E não fez alguns amigos americanos desde que veio para Paris? Há tantos deles aqui. É praticamente impossível não ter alguns admiradores ianques, ainda mais uma garota linda como você.

Pensa em Richard e ruboresce ao lembrar-se do que quase aconteceu entre Félix, aquele homem e ela.

— Não — responde para Vivienne. — Não quero saber de nenhum americano.

— Bem, pense nisso — Vivienne sugere. — Pode ser um novo começo para nós duas.

Naquela noite, quando Vivienne volta e deita na cama com ela, Maria abraça sua amiga e sente o cheiro de uma longa noite na rua: Chanel, álcool e tabaco. Promete a si mesma que irá cortar todos os laços de sua curta temporada em Paris e ir com Vivienne para Nova York. Quer começar tudo de novo. Vai deixar Félix e seu amor por ele para trás na França. Seu coração está partido, mas tem que sobreviver. Suas mães não esperariam nada menos do que isso dela.

VALENTINA DISSE SIM. Mal pode acreditar que isso vai acontecer; que o homem ao lado dela no carro será seu marido em breve. O Mercedes *cabriolet* que alugaram percorre a Costa Amalfitana e ela olha para o azul-safira do Mar Mediterrâneo. Apesar dos óculos escuros e do lenço que amarrou em volta da cabeça, sente o sol bater forte, brilhando implacavelmente. Sente-se como uma lagarta, contente de absorver o calor e sentir a brisa quente enquanto Théo dirige até Sorrento. Como é bom voltar para casa na Itália, o país ao qual pertencem. Théo pode não ser italiano de nascença, mas é um italiano por natureza. Assim como ela, o negócio dele é viver o momento e provar a doçura da vida no presente.

O hotel em Sorrento supera todas as suas expectativas. Fica no centro da cidade, escondido atrás de um luxuoso pomar de laranjeiras e limoeiros. Dentro do hotel, tudo é em grande estilo. Andam por salões e mais salões até chegarem a um terraço com vista para a baía de Nápoles e para a Ilha de Capri.

Ela e Théo olham um para o outro. Sabe que ele está pensando na mesma coisa: que lugar perfeito para a lua de mel.

Sentam-se em silêncio, saboreando uma taça de Prosecco enquanto assistem ao sol se pondo lentamente, vendo o céu ficar cor rosa-alaranjado quando o dia acaba. Está feliz. É quase impossível acreditar que esse sentimento vai durar. Não consegue evitar o pensamento de que algo vai dar errado. Valentina se culpa pelo seu lado pessimista: é a voz de sua mãe ou, talvez, seja a voz de seu pai misterioso, Karel, o violoncelista tcheco. Ainda não contou para Théo sobre ele.

— Você quer vir comigo amanhã quando eu for entregar a obra? — Théo pousa as mãos sobre ela.

— Pode ser. Você quer que eu vá?

Quem sabe durante a viagem ela possa contar a história sobre seu pai. Pergunta-se o que Théo vai pensar de tudo isso, se ele irá encorajá-la a procurar o seu pai biológico, por mais que não tenha a menor ideia de como fazer isso.

No entanto, Théo diz:

— Acho que seria melhor se você não viesse — leva as mãos dela até os lábios e dá um beijo. — Ricardo Borghetti, o filho de Giulio, é um pouco neurótico com o sigilo de tudo, ainda que Anita tenha me dado o desenho sem

que eu precisasse roubá-lo.

— Ok — diz, um pouco desapontada. — Bom, nesse caso, vou para Pompeia. Nunca estive lá e sempre quis conhecer.

Depois do jantar, dão uma volta pelos jardins e pela piscina. Não está acesa; a temporada acabou de começar e as pessoas ainda não nadam à noite. Porém, para Valentina, mesmo a essa hora, a temperatura continua agradável, sobretudo se comparada à primavera úmida de Londres.

Théo está segurando a mão dela, prendendo os dedos com força. Finalmente, está pronta para assumir um compromisso. Achou que fosse sentir como se tivesse sido sentenciada, mas não: parece que foi, enfim, libertada. Mais uma vez, pensa em contar sobre seu pai, mas está gostando tanto da companhia silenciosa de Théo que resolve se calar.

— Quer um pouco de sexo no limite? — Théo quase sussurra por trás de Valentina.

— Oi? — pergunta, pega de surpresa.

— Acho que agora que vamos ser marido e mulher, temos que fazer um voto solene de termos o máximo possível de sexo casual, em tantos lugares inapropriados quanto for possível... sem sermos pegos, é claro — Théo lança um olhar malicioso.

— Entendi — diz, fingindo estar séria. — Então, o que vem a ser sexo “no limite”?

— Tem que se molhar um pouco — explica — Para tanto, precisamos de uma piscina.

— E se nos pegarem?

— Simplesmente fingiremos que gostamos de nadar nus — começa a desabotoar a camisa.

— Não está um pouco frio para ficar pelado a essa hora da noite? —disfarça.

— Venha — ele a seduz. — Lembre-me de minha intrépida Valentina, a garota por quem me apaixonei — abaixa as calças, anda em volta da piscina e mergulha.

Ela não hesita, abrindo o zíper de seu vestido curtinho e tirando-o pela cabeça. Anda até a piscina usando apenas sua lingerie.

— Não entre.

— Você quer que eu tire tudo e fique parada aqui, pelada? — pergunta, incrédula.

— Não, também não fique aí. Quero que tire a sua lingerie e sente-se na beira da piscina, bem na minha frente.

Faz como ele diz, curiosa para descobrir o que está planejando.

— Ok — diz, de frente para ela na piscina, com as mãos na cintura dela,

quando senta com as pernas balançando na água. — Deite-se e levante as pernas para o alto, em formato de L.

Olha para ele com desconfiança. — O que você vai fazer exatamente?

— Eu já falei: sexo no limite.

Sorri para Théo e ele espirra um pouco de água nela.

— Eu amo quando você sorri, Valentina. É tão raro.

Valentina deita e levanta as pernas, repousando os pés nos ombros de Théo. Ela a puxa para ele, segurando sua bunda, mas deixando a água tocá-la. A água fria dá uma lambida nela e ela sente dois dedos de Théo pressionado seu clitóris muito delicadamente. A pressão é muito leve, mas vai aumentando, ondulando para dentro e para fora dela. Pergunta-se por que ele não a penetra. É como se ele estivesse esperando que ela atingisse o limite, literal e metaforicamente.

Em vez de fechar os olhos, Valentina olha para cima. É uma noite sem lua, negra, mas com centenas e centenas de vagalumes efervescentes como bolas de luz. Estão cheios de energia, como ela, explodindo de vida. Começa a acariciar os próprios seios, passar a mão pela barriga quente, sentindo a intensidade aumentar no toque de Théo. Está pulsando por dentro da vagina. Como se sentisse a necessidade dela ser preenchida, Théo a penetra fundo. Tira o pau repentinamente e, subitamente, Valentina sente a boceta ser invadida por água fria, causando um espasmo. Théo enfia de novo, vagarosamente, mas com certeza mais fundo, e sai dela rapidamente outra vez. É uma experiência incrivelmente excitante. Sabe que não é só porque estão tão expostos, pelo risco de serem vistos, mas também pela profundidade dos sentimentos de um pelo outro. Théo entra e sai, aumentando a pressão dentro dela. A água fria a deixa com mais tesão ainda. Valentina sente o corpo tremendo de prazer por dentro. Leva as mãos acima da cabeça, soltando os braços enquanto se entrega para que ele goze dentro de si. Recebe o sêmen eufórica, gozando também, derretendo-se em delírio pelo seu amor por ele.

Valentina está na Villa dos Mistérios, em Pompeia, olhando afrescos. Considerando que ficaram soterrados pelas cinzas durante centenas de anos, estão em excelente condição. Circula pelo Quarto de Iniciação, intrigada pelo que vê. Leu que há várias interpretações do que está acontecendo nessas imagens estranhas. Uma delas diz que os afrescos descrevem a iniciação da mulher em um culto sexual especial de Baco. A segunda teoria — e também a mais popular — diz que eles mostram a noiva prestes a se casar passando por uma série de sacramentos misteriosos, paralelos à união sagrada de Baco e Ariane, terminando com uma confrontação com Eros, o Deus do amor.

Olha para a imagem de uma jovem ajoelhada repousando a cabeça no colo de

um homem, com suas costas expostas, enquanto uma mulher próxima está segurando um ramo comprido com folhas na ponta e outra dança selvagemmente, exibindo as costas também. Tudo está pintado sobre um fundo vermelho escarlate, como se a própria cor da pintura fosse uma indicação do seu conteúdo apaixonado. Vermelho, a cor do sexo. Valentina acha que esse afresco poderia ser um tipo de descrição vanguardista não apenas do sadomasoquismo, mas do ato orgíaco de três mulheres com um homem. Os cultos bacanais e, sobretudo, a prática de orgias eram famosos pela popularidade com jovens mulheres na Roma do século I. Mesmo naquela época, era algo secreto; o culto foi condenando como sendo perverso. Pensa no fato de que, quando algo é proibido, torna-se mais atraente. A sociedade em geral rotula a prática de orgias como depravação. Nunca quis participar de uma... O mais próximo que chegou foi quando ela, Théo, Leonardo e Célia transaram no ano passado. Mas foi com dois homens que ela conhecia e em quem confiava. Não sabe se toparia uma orgia com estranhos.

Valentina volta para o sol. Agora que vai se casar com Théo, não tem interesse em fazer sexo com nenhum outro homem ou mulher. Pensa que seus dias de explorações eróticas vão acabar. Quase se desaponta, mas logo se anima ao pensar que, depois de estarem juntos por alguns anos, talvez queiram investigar outras aventuras sexuais juntos, como *ménages* ou clubes de fetiche. As necessidades eróticas do homem sempre existiram. Pergunta-se quando o sexo se tornou mais do que simples instinto e adentrou o mundo do espírito e do prazer.

Valentina vagueia pelas ruínas de Pompeia. Não há sombras e ela começa a sentir o sol da manhã queimar o seu rosto pálido. Deveria ter trazido um chapéu. “É um lugar muito triste”, pensa. Toda essa vida foi aprisionada dentro de um segundo. Olha para a silhueta distante do Vesúvio. Com o dia ensolarado como pano de fundo, a figura parece ainda mais obscura e sinistra. Tenta se livrar da sensação de mau pressentimento, mas não consegue. Não quer nenhuma nuvem no céu puro de seu amor. É nesse momento que decide deixar a história do seu pai de lado. Já encontrou Philip Rembrandt, afinal de contas. Ele foi seu pai muito mais do que o seu pai verdadeiro. Claro que lamenta que ele a tenha abandonado há tantos anos, mas ele quer conhecê-la agora. Não pode fingir que ele é o seu pai, exatamente como sua mãe fez durante anos? Não é uma história fácil de acreditar? Sente um certo alívio com sua decisão. Não vai mais ficar vasculhando o passado. Chega de fantasmas, promete a si mesma. Porém, mesmo assim, sente a presença de um vulcão negro a puxando, como um cachorro mordendo o seu calcanhar com os dentes afiados. Não consegue afastar essa sensação de mau agouro. Na verdade, essa angústia cresce quando entra no trem para voltar para Sorrento. É como se estivesse sendo seguida, observada,

ainda que, quando olhe para trás, não veja ninguém.

MARIA

MARIA QUER OS seus gerânios vermelhos. É a primeira coisa que pensa quando acorda, no dia seguinte, ao lado de Vivienne. Imagina as três flores espremidas no gargalo da garrafa de vinho que pôs no parapeito da janela do hotel onde vive em Paris. Em sua memória visual, o vermelho intenso de outrora está morto, tendendo para o marrom. Não quer nenhuma das joias ou roupas chiques que Félix comprou-lhe. Quer apenas aqueles gerânios mortos.

Ela desliza para fora da cama e dá um beijo carinhoso na testa da adormecida Vivienne. Veste-se e sai pela porta sem sequer preparar um café antes. Anda apressadamente pelos largos *boulevards*; as folhas dos plátanos brilham verdes e saudáveis. Já é fim de agosto e, finalmente, a temperatura diminuiu um pouco. A energia da cidade está diferente: menos ardente, mais calma. Passa pela Catedral de Notre Dame e atravessa o Sena, voltando para as ruas estreitas de Saint-Germain-des-Prés.

Madame Paget não está na recepção. Há duas novas hóspedes no lobby, tocando a campainha: duas jovens que parecem ter a mesma idade de Maria, empolgadas com o começo de uma aventura parisiense. Quer alertá-las: “Não percam o coração no tumulto dessa cidade, pois nunca o encontrarão novamente”. Mas passa por elas de cabeça baixa. Não quer ser notada.

Maria sobe pela escada. Não pode pegar o elevador porque ele a lembra as noites de entrega, do quanto ela ainda ama Félix.

O quarto está destrancado e, mesmo antes de abrir a porta, antes de entrar, Maria sabe que ele está lá, esperando por ela.

Ficam parados olhando um para o outro. Ele está com o chapéu nas mãos e olhando-a seriamente. Maria vagueia o olhar pelos traços do rosto dele, devagar, olhando para aqueles olhos castanhos se derretendo, o cabelo preto e grisalho. Tenta gravar na memória.

— Maria — ele fala primeiro. — Onde você estava? Por que fugiu?

— Vi vocês juntos, Félix — responde sem titubear e agarra a bolsa contra o seu peito, como se fosse proteger o coração. — Vocês estavam dormindo nos braços um do outro — dá um pequeno soluço de sofrimento. Quer manter-se calma, controlada, porém suas emoções lutam para serem extravasadas. Não quer que ele veja o quanto está machucada.

— Mas, minha querida, estávamos apenas dormindo — ele assegura.

— Sim, mas vocês estavam na mesma cama.

— Matilde teve um pesadelo. Deitei ao lado dela para que adormecesse, mas devo ter caído no sono também.

— Você estava debaixo das cobertas com ela, Félix.

— Bem, entrei na cama, então — diz, parecendo quase um pouco irritado com ela. — Estava cansado.

Ela não diz nada, encarando-o impetuosamente.

— Nada aconteceu — Félix disse enfaticamente. — Você tem que acreditar em mim.

Ela acredita. Mas continua incomodada. Não pode suportar a ideia de que ele tenha dividido a cama com Matilde.

— Achei que você a odiasse. Por que foi para a cama confortá-la? — insiste.

Ele desvia o olhar, colocando a cabeça para fora da janela.

— Eu a odeio... às vezes... — hesita. — Queria que ela tivesse me deixado morrer...

— Porque você também a ama — Maria termina a frase dele com a voz monótona e resignada.

Vira-se para ela com os olhos inflamados.

— Quando ela dormiu com o alemão para salvar a minha vida, isso me matou por dentro na verdade. Senti muita vergonha pelo que ela fez. E isso partiu meu coração, Maria... Isso corrompeu o meu amor e transformou-o em um sentimento ambíguo. Não consigo me desvencilhar completamente dela, mas também a desprezo... Eu... — para de repente, examinando a expressão no rosto de Maria, como ela se afastou, retraindo-se para trás da porta. — Mas, quando eu te conheci, Maria... tudo mudou para mim; voltei a ter sentimentos. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer, que eu pudesse amar de novo... mas você tornou isso possível. E mais...

— Como você pode me amar se ainda ama a sua esposa? — sua voz treme de emoção.

— Porque os sentimentos que tenho por Matilde são diferentes. É como se eu tivesse que cuidar dela. É um dever. Não há mais paixão entre nós. Mas com você... — faz uma pausa, passando a mão pelos cabelos grossos. O cabelo dele volta a cair sobre a testa: nunca esteve tão lindo quanto neste momento. — Oh, minha querida — se emociona —, você me inspirou tanto. Apesar da sua inocência, você me abriu de um jeito que nunca esperei...

Tenta puxá-la para si, mas Maria fica firme, com o coração em turbilhão. Entende o que ele quer dizer: um simples toque em seu rosto, um beijo bastaria para tornar flagrante a paixão, incendiando-os nesse exato instante. Lembra-se

das palavras que Vivienne disse na noite anterior: “O amor e a paixão que você e Félix sentem um pelo outro são muito raros para desistirem tão facilmente”. Talvez ela esteja certa. Talvez o amor de ambos seja tão grande que ela não deva abandoná-lo. Conseguiria ser a amante de Félix?

— Maria — Félix implora — por favor, não me deixe.

Mas Maria sabe que é o tipo de mulher que não consegue dividir. Félix a ama, mas ele também ama Matilde. O ódio explícito que sente pela esposa prova isso.

A distância entre Félix e Matilde na frente dos outros, a incapacidade dele em perdoá-la pelo que fez — a mulher se sacrificou por amor a ele —, a paixão que ele divide entre as duas mulheres, todos esses aspectos a assustam. Maria viverá para agradá-lo, temendo que ele se canse dela, que a deixe de lado. Tem medo de que esse amor se transforme em ódio, exatamente como aconteceu em relação a Matilde. E o que seria dela? Uma bailarina fracassada e uma mulher arruinada?

De alguma forma, ela consegue sair de lá. Agora, tudo o que quer é voltar para Veneza. Promete para Vivienne que vai para Nova York um dia, mas que agora precisa de suas mães.

Naquela noite, Maria embarca em um trem para Milão. Chora durante todo o percurso, encaracolada em seu assento, como uma criança perdida na selva. Não consegue esquecer o rosto de Félix quando a viu ir embora. Ficou gravado em seu coração. A incompreensão seguida da devastação. Achou que fosse tão completamente dele. Porém, ele não correu atrás dela. O fato de Félix a ter deixado sair do quarto de hotel e descido as escadas sem tentar impedi-la confirmam que estava certa. Ele a ama, mas não o suficiente. Ele era o centro do mundo dela, mas ela nunca foi o centro do mundo dele.

Maria volta para Veneza com a roupa do corpo. Guarda o segredo de seu amor por Félix como uma cicatriz no coração. Nunca contou a ninguém o quão perto chegou de se tornar a amante dele. Nem para sua mãe, Belle, nem para sua querida Pina e, nos anos seguintes, nem para o seu marido e nem para a sua filha. Não contou a ninguém que, um dia, foi uma bailarina que trocou sua vocação pelo amor de um homem casado. Ela jogou com o próprio coração e perdeu.

Maria permanece em Veneza. Duas semanas depois de sua volta, Jacqueline escreve para ela contando que Lempert a tinha convidado para retomar seus estudos de dança, mas Maria escreve de volta, recusando. Nunca mais poderia voltar para Londres, imagina se encontrasse Félix novamente? Não poderia nunca confiar em si mesma se estivesse na presença dele mais uma vez, pois, lá no fundo, chega a se arrepender da decisão que tomou. Pior do que isso, não suportaria se ele não a amasse mais. Será que um dia ela deixaria de amá-lo?

No entanto, às vezes o amor volta da forma mais inesperada. Seis semanas depois de ter voltado da França, no mesmo dia em que teve certeza de que estava grávida, Guido Rosselli reapareceu em sua vida. Soube por Jacqueline que ela estava de volta a Veneza. Nunca a esquecerá, pois apaixonara-se por ela no mesmo dia em que chegou a Londres, quando preparou café para ela com as mãos tremendo. Nunca deixou de amá-la, apesar dela ter fugido com Félix. Ele culpa o francês por tê-la corrompido, mas não julga Maria porque vê o quanto ela é pura e é essa pureza que a faz tão linda para ele. Seu amor por Maria é tão grande que não se importa que ela tenha amado outro homem.

Guido corteja Maria de forma cuidadosa. No início, ela fica indiferente. Com o tempo, começa a se habituar à companhia dele. Ele parece feliz por simplesmente flutuar pelo Canal Grande em um barco com ela, sem dizerem nada. Ele não a toca, nem tenta conquistar o seu amor com palavras bonitas. Ele espera.

Em um desses dias, cerca de três semanas após a chegada de Guido em Veneza, Maria sente que deveria dizer para ele que suas tentativas de aproximação não surtiriam efeito.

— Guido — ela diz, enquanto deslizam pelo canal, atenta ao movimento do cais e com o coração, como sempre, inquieto. — Tenho que te dizer uma coisa.

— Certo — ele diz. Para de remar e acomoda os remos dentro do barco.

Vira-se para olhá-lo e fica surpresa em perceber que ele não parece mais tão ridículo para ela. Constatou que seus olhos são grandes e, também, muito gentis. E, se raspasse o bigode, poderia ficar mais charmoso. Afasta esse pensamento de sua mente e se poupa de observar a reação dele ao que vai comunicar.

— Preciso te contar que estou esperando um bebê. — Ela aperta os olhos e inclina a cabeça em direção ao céu. — Então, como você pode ver, está perdendo o seu tempo. Sou uma mercadoria com defeito.

Por um momento, Guido fica em silêncio. Maria escuta os sons de Veneza: o grito dos vendedores, o *splash* dos remos de outros barcos no canal, o marulhar das ondas e, à distância, o toque de um sino de igreja.

— Maria — Guido diz. — Maria, olhe para mim.

Ela abaixa a cabeça e abre os olhos. Está olhando para ela com uma expressão tão cuidadosa que realmente deve amá-la. Pela primeira vez desde que deixou Paris, sente uma pequena agitação em seu coração. Guido é um bom amigo, sabe que ele não irá abandoná-la, apesar das circunstâncias. Quer que o filho dela tenha um pai e, por isso, as palavras dele não a surpreendem, pois já decidiu que irá aceitar. Não suporta ficar sozinha nem mais um dia.

— Casa comigo?

Depois do casamento, entre lágrimas e beijos de suas queridas mães, Maria e Guido dizem adeus e mudam-se para Milão. Torna-se uma esposa leal e uma mãe dedicada. Até começa a tricotar, dedicando a vida a cozinhar e alimentar marido e filha. Essa é a avó a respeito da qual Valentina ouviu falar: uma mulher gentil, de muita fé, que buscava uma vida tranquila.

Maria nunca deixou Milão, a não ser vinte e cinco anos depois, quando surpreendeu seu marido ao dizer que gostaria de ir para Nova York visitar uma velha amiga do tempo em que viveu em Paris: uma mulher chamada Vivienne, que era a editora da revista *Harper's Bazaar*. Sua filha Tina sempre ficou intrigada com essa informação. Como sua mãe poderia conhecer uma mulher como aquela? Contudo, nunca teve a chance de perguntar isso para ela, pois seus pais nunca voltaram da viagem para os Estados Unidos. O avião em que voavam caiu no meio do Oceano Atlântico e os segredos de Maria, aparentemente, estariam enterrados para sempre. Isso até Théo encontrar o filme de sua dança e Anita descobrir os seus filmes eróticos e usá-los em sua própria criação artística. E, assim, ela continua a viver: Maria, a amante sensual e dócil, a jovem de alma selvagem, aquela que acreditava no poder do amor. Ela vive em seus filmes e, agora, também em Valentina.

Apenas uma vez durante todo o casamento — na verdade, foi na própria noite da cerimônia de casamento —, Guido pediu que Maria dançasse para ele. Maria continuou sentada, com as mãos discretamente cruzadas sobre o ventre, com uma leve saliência na barriga visível por baixo do vestido branco.

— Nunca mais me peça para dançar — ela o repreendeu. E ele nunca mais pediu.

Porém, naquela mesma noite, ela revelou sua persona erótica para seu marido. Isso intensificou e aumentou o amor dele por ela. Guido permaneceu fiel a Maria até o dia em que morreram. E Maria... Bem, Maria chegou perto, muito perto, do sentimento que teve por Félix...

UM DIA ANTES de deixarem Sorrento, Valentina e Théo pegam o ferry para a Ilha de Capri. Nem da primeira vez que ficaram juntos em Milão Valentina viu Théo tão animado. Deve ser o alívio pelo fim dos seus dias como ladrão de quadros — ou “recuperador de obras de arte”, como ele diria. Sua família finalmente corrigiu seus erros. Está livre das obrigações do passado.

Sentam no deque da embarcação e conversam sobre os planos para o casamento. Veneza é o lugar perfeito — só os dois. Théo quer levá-la para os Estados Unidos para conhecer os pais dele. Ela se vê concordando, quase empolgada com a perspectiva. Quer ouvir histórias de quando seu namorado ainda era um menininho, quer ver fotos e ser levada a todos os lugares que marcaram a infância dele. Quer conhecer Nova York tão bem como conhece Milão. Até pensa em mencionar a possibilidade de visitar sua mãe e Mattia.

Assim que atracam em Capri, Théo a leva para um emaranhado de barcos no cais, todos anunciando viagens para a famosa gruta azul.

— Vamos? — pergunta. — Parece que é impressionante.

— Claro — diz, embora Valentina esteja se sentindo relutante.

Sentam-se em um pequeno barco de pesca de motor barulhento. O capitão mostra a cordilheira de pedras de onde o imperador Tibério atirava seus inimigos no oceano. Ele os conduz pela fenda da Rocha dos Amantes e diz para se beijarem, pois, fazendo isso naquele local, ficariam juntos para sempre. Théo e Valentina não precisam de estímulo para enroscar-se um no outro. O beijo é tão demorado que o capitão tem que os avisar de que já terminaram de passar pelo local faz tempo.

Valentina e Théo sentam-se lado a lado em perfeito silêncio, ouvindo o barco subir as ondas e olhando para o azul do mar. Valentina se imagina dançando sobre a água, girando na luz. Pensa em sua avó, Maria. Queria muito tê-la conhecido — mesmo quando era criança. Sempre acreditou que Maria fosse diferente das outras — de sua mãe, de sua bisavó Belle e de si própria —, mas parece que Maria também era uma mulher de espírito livre como todas elas. Por que então ela negou sua essência? Por que nunca mais dançou? Valentina fica profundamente triste em saber que Maria viveu o restante da vida sem ser quem ela realmente era. Prometeu a si mesma que o casamento nunca mudaria sua

natureza, que seu amor por Théo só fortaleceria o seu ser, pois, afinal, encontrou um homem que a conhece de trás para frente; que conhece todos os seus defeitos e todo o seu coração.

O capitão desliga o motor barulhento, e o barco segue flutuando lentamente ao sabor das ondas. Ele se oferece para levar Valentina e Théo no pequeno barco a remo até a gruta azul, mas com uma piscada e uma cotovelada, Théo a convence a irem remando sozinhos. Valentina sobe no barquinho, senta na proa e Théo vai remando até a ilha.

— Dizem que o fundo do mar é tão branco que reflete a cor do mar no teto da gruta, daí o nome — Théo conta. — Seria o azul mais puro que já foi visto.

Chegam à gruta, mas a entrada é tão baixa que os dois têm que deitar no barco para passar. Ficam deitados olhando para as paredes da gruta. Théo não estava exagerando. Estão envelopados pelo azul — um azul de Virgem Maria, um azul de esperança. É como música para a sua alma e, quando se vira para o outro lado para olhar para o seu amor, Valentina vê que os olhos de Théo são do mesmo azul. Sem palavras, comunicam-se através da linguagem de seus corpos:

Eu te amo de toda alma e coração.

Eu te amo para sempre.

O mar faz com que o barco balance delicadamente, embalando-os também. Fecha os olhos e imagina que estão fazendo amor no fundo do mar, entrelaçados como algas dançantes; o gozo dele preenchendo-a com pérolas luminescentes. Valentina se vê desejando ter um bebê. Eles se abraçam e rolam pelo barco. Théo fica em cima dela e a penetra, metendo com movimentos suaves. Giram de novo e, agora, ela é que está em cima dele. Valentina tira o pau de Théo de dentro de si e se vira, deitando de costas sobre o abdômen sarado dele. Arqueia as costas, os joelhos, apoia os pés sobre as coxas dele e, com a mão, guia o pau novamente para dentro de si. A outra mão aperta a mão dele enquanto levanta o corpo, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados. Théo também se dobra e as fronteiras de ambos se tocam, como se estivessem abençoando um ao outro. Ele cresce dentro dela, que o cavalga com cada vez mais ímpeto, balançando ainda mais o barco na água. Está bem fundo dentro dela. Valentina sente a força e o poder que tem quando o faz querer ir cada vez mais. Quer transar com ele para sempre. Ele é o coração dela. Valentina grita, certa de que ninguém pode ouvi-la. Estão no centro da gruta quando gozam juntos e ela cai sobre ele, fundindo seus corpos à paz daquele azul puro e infinito.

Valentina está agora nos braços dele, ainda se recuperando da sensação de êxtase, ouvindo o bater da água nas laterais do barco. O casal deixa seus olhares perderem-se na extensão infinita do Mar Mediterrâneo, visto através da

minúscula entrada da gruta. Não precisam falar. O momento é perfeito, a alegria é plena.

* * *

Quando estão prestes passar com o barco para fora da gruta, Valentina vê outro barco do lado de fora, querendo entrar.

— Espere! — Théo grita. — Temos que sair primeiro.

A pessoa deve ser surda, porque continua a deslizar pela entrada minúscula. Não conseguem ver quem é porque a pessoa está, obviamente, deitada.

Quando os barcos inevitavelmente se chocam, Valentina fica horrorizada, com a boca seca de pavor. Instintivamente, cerra os punhos. Quem está no outro barco é Glen.

— O que é que você está fazendo aqui? — Théo fala primeiro.

— Você não retornava meus telefonemas e, obviamente, a gatinha aí não te deu nenhum dos meus recados, ou vocês decidiram ignorá-los. Muito imprudentes — Glen diz, sentando-se.

— Glen, estou de saco cheio disso. — Théo diz — Acabou, ok? O Masson foi a última obra que devolvi. Nunca mais vou cruzar o seu caminho de novo.

Glen fica de pé no barco, apontando o dedo para Valentina. — Eu disse para ela que isso não era suficiente para mim. Você me deve muito dinheiro, Théo. Quero algum tipo de compensação. Quero o desenho.

— Tarde demais. Já está com Ricardo Borghetti. Entreguei para ele ontem.

Glen fica furioso.

Valentina não gosta disso: os dois barcos se batendo no interior da pequena Gruta Azul.

— Vamos embora — diz para Théo, sentindo-se claustrofóbica.

— Saia do nosso caminho — Théo ameaça Glen e joga o barco agressivamente contra o dele, desequilibrando-o e fazendo-o cair na água.

— Merda! — Théo exclama, indo com o barco até ele e esticando a mão para ajudá-lo. — Pegue minha mão — diz para ele.

Porém, em vez de pegar a mão estendida de Théo, Glen nada para o lado de Valentina. Por um instante, olha bem nos olhos dela. Ela lê a ameaça nos olhos dele, o ódio que sente pela rejeição, e tenta empurrá-lo. Ele a segura pelo braço e a puxa para água., levando-a cada vez mais para baixo. Como a gruta é profunda!

Valentina sente como se os braços e as pernas de Glen fossem os tentáculos de um polvo. Ela está se afogando e luta para se soltar, mas parece que ele quer tanto matá-la que não se importa nem mesmo com a própria vida. Tenta falar e acaba engolindo água, o que só piora. Precisa desesperadamente ser salva.

De repente, ele a solta. Valentina vê Théo na água, lutando para tirar Glen de cima dela. Está tentando falar com ela debaixo da água. Sabe que está dizendo para ela subir. Uma força sobrenatural — seria o amor? — a empurra para cima e ela emerge, cuspidando água quase até o teto da Gruta Azul. Segura-se na lateral do barco, tremendo. Finalmente consegue respirar. Inclina-se para olhar dentro da água e, quando faz o movimento, Théo e Glen emergem, espirrando água para todos os lados.

Os dois sobem no outro barco, tossindo, incapazes de falar ou lutar.

Fica sentada, paralisada de medo.

Théo consegue recuperar o fôlego.

— Valentina — ordena —, volte para o barco lá fora e me espere lá. Glen e eu iremos em seguida.

— Não — ela diz. — Não quero que você fique sozinho aí com esse crápula.

Glen continua tossindo. Seu rosto está vermelho, seus olhos azuis estão vermelhos de sangue e seu peito está arquejando.

— Olhe pra ele — Théo diz. — Está acabado. Vá. AGORA! — ele ordena.

Mas seu instinto a diz para não o deixar.

— Prometa que você vai estar logo comigo — implora.

— Eu prometo, Valentina.

Olha seriamente para Théo, então olha para Glen, que ainda está passando mal. Provavelmente, terá que ser levado para o hospital.

— E aí? Vai acusá-lo por agressão? — Valentina olha de volta para Théo.

Ele balança a cabeça afirmativamente. Seus olhos transmitem confiança.

— Vá, Valentina. Eu não vou te deixar em apuros.

Relutando, ela pega os remos e usa um deles para empurrar o barco onde está deitada para fora da gruta. Já no mar aberto, Valentina rema o mais rápido que pode para o pequeno barco de pesca. O capitão a ajuda e pergunta onde está seu marido.

— Ele já está vindo — conta. — Há outro homem lá e ele caiu no mar.

— Você também caiu? — o capitão pergunta, passando-lhe uma toalha para que se seque.

Esperam pacientemente. Valentina fica de pé na proa do barco, como uma sentinela. Olha para a entrada da Gruta Azul, mas nenhum dos dois sai.

Depois de muito esperar, o capitão decide ir com ela até lá para ver por que estão demorando tanto. Porém, quando entram na gruta, não veem nem Théo, nem Glen. Não estão em lugar algum. O barco de Glen continua lá — vazio. Valentina vasculha a água transparente, mas não vê ninguém, só a alvura do fundo. Quer fugir desse momento horrível. Tem que ser um pesadelo. Porém, quando se belisca, as unhas tiram sangue do braço. Os dois sumiram. Parece

impossível. Não podem ter desaparecido, mas é inegável. Não há uma alma viva na Gruta Azul.

Valentina perdeu Théo de novo. Talvez para sempre.



Valentina seduziu você?

Não perca suas novas aventuras
no próximo livro da série.

Em breve, pela Editora Europa
www.europanet.com.br

AGRADECIMENTOS

MEU MAIS PROFUNDO agradecimento às minhas agentes, Marianne Gunn O'Connor e Vicki Satlow, pelo apoio, fé e encorajamento; e a Pat Lynch por estar sempre disponível para me ouvir. Agradeço à minha editora, Leah Woodburn, que, mais uma vez, me orientou tão habilmente, e a toda sua equipe da Headline Publishers pelo trabalho árduo. Obrigada a Suzy e Robert Wilson por me proporcionarem um santuário para escrever e a Kate Pengelly por ser a perfeita companheira de escrita.

Na história de Maria, o Ballets Jooss é real, embora Jacqueline, Lempert e sua escola sejam fictícios. Obrigada à amiga de minha mãe, Claire Warner, por me mostrar suas anotações do período em que estudaram na Ballets Jooss.

A passagem que descreve a videoinstalação de Anita Chappell é uma homenagem ao livro *História de O*, de Pauline Réage. Obrigada a Clara e Manoushka Gold por me levarem à casa de Réage tantos anos atrás. Também menciono o conto erótico de Anaïs Nin, *O aventureiro húngaro*, da coletânea *Delta de Vênus*. O trabalho fotográfico de Anita Chappell foi inspirado nas fotos eróticas da artista alemã Nora Ness.

Obrigada a Monica McInerney, Katrine Tilrem, Carol O'Connor, Donna Ansley, Tracey Ann Skjaeråsen, Bernie McGrath e todas as minhas outras amigas maravilhosas que me ajudaram tanto. Obrigada a Clara Rose por me autorizar a citar as letras de sua música *Girl*, do álbum *A Portfolio*. Agradeço ao meu irmão, Fintan, e à sua esposa, Eimear; a meus irmãos recém-encontrados Jane, Paul e Jed; à minha tia Joyce, à minha prima Maria, e à minha sogra, Mary Ansley. Obrigada a minhas duas joias, Corey e Helena, e a meu querido Barry, que, claro, é meu único e definitivo S. L.